

Oswald de Andrade

MARCO ZERO

I

A Revolução Melancólica



LIVRARIA

Jose Olympio

EDITORIA

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

50.00
2

MARCO ZERO

MUITO EM BREVE

os novos romances de

JOSÉ LINS DO REGO
DIONELIO MACHADO
LUCIO CARDOSO
RACHEL DE QUEIROZ
OTAVIO DE FARIA
AMANDO FONTES
REINALDO MOURA
GRACILIANO RAMOS
CORDEIRO DE ANDRADE
LUCIA MIGUEL PEREIRA
JOSÉ VIEIRA
TASSO DA SILVEIRA
CIRO DOS ANJOS
ARAUJO JORGE

E EM ESTRÉIA

romances de

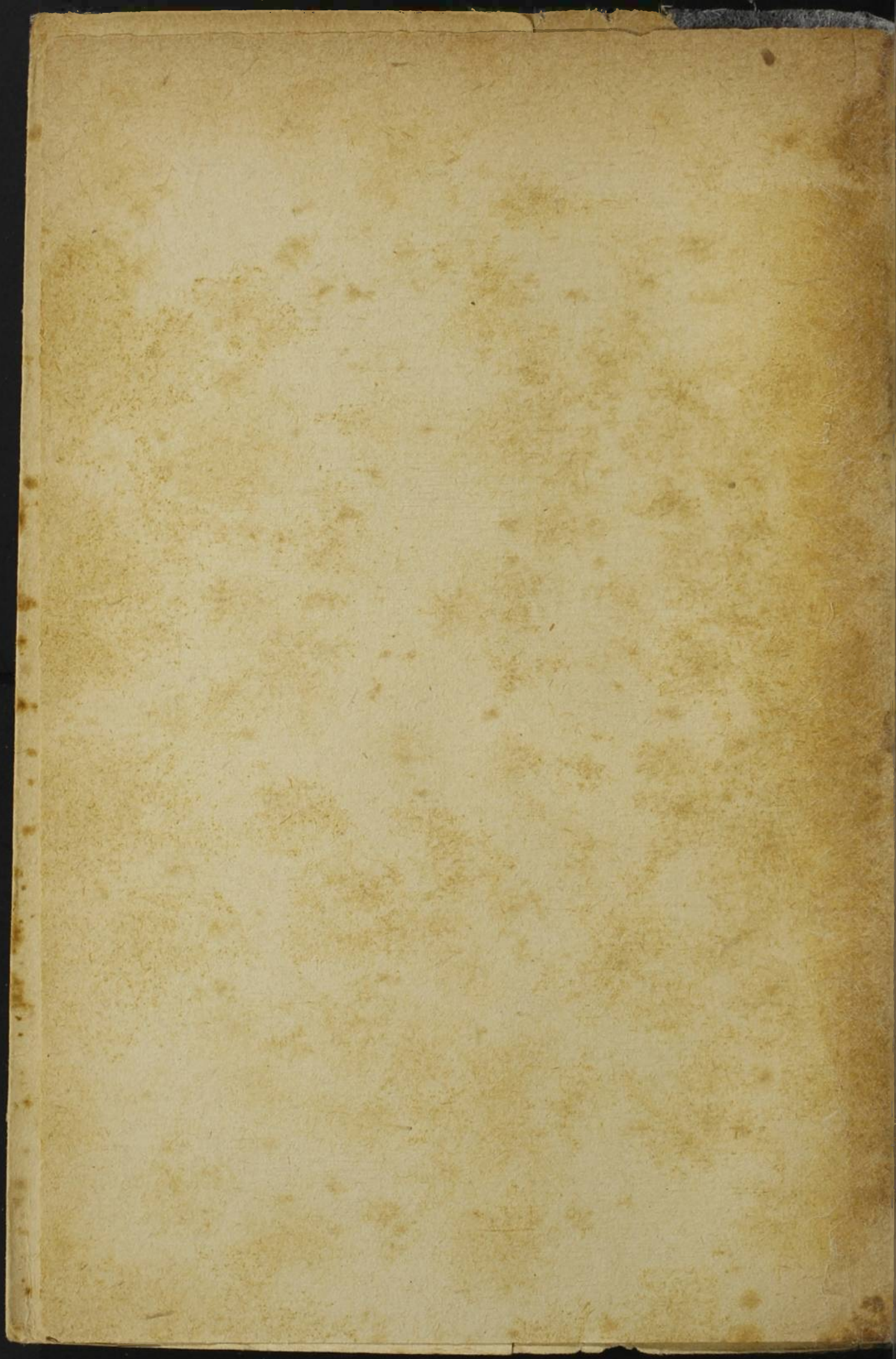
ALMIR DE ANDRADE
ROSARIO FUSCO
ALFREDO MESQUITA
CAIO JARDIM
FLORIANO GONÇALVES
XAVIER PLACER
LUIS JARDIM
CLAUDIO DE ARAUJO LIMA
FERNANDO SABINO



LIVRARIA
JOSÉ OLYMPIO
EDITORIA

50.00
2

MARCO ZERO



OSWALD DE ANDRADE

MARCO ZERO

I

A REVOLUÇÃO MELANCOLICA



1943

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

Rua do Ouvidor, 110 — Rio de Janeiro

DO AUTOR

POESIA

Pau Brasil
Primeiro Caderno do Aluno de Poesia

Em preparo:
Livro de poesia

ROMANCE

Os Condenados (Trilogia do Exílio)
Memórias sentimentaes de João Miramar
Serafim Ponte Grande

Em preparo:
Marco Zero II — Chão
Marco Zero III — Beco do Escarro
Marco Zero IV — Os caminhos de Hollywood
Marco Zero V — A presença do mar

TEATRO

O Homem e o Cavalo
A morta
O rei da vela

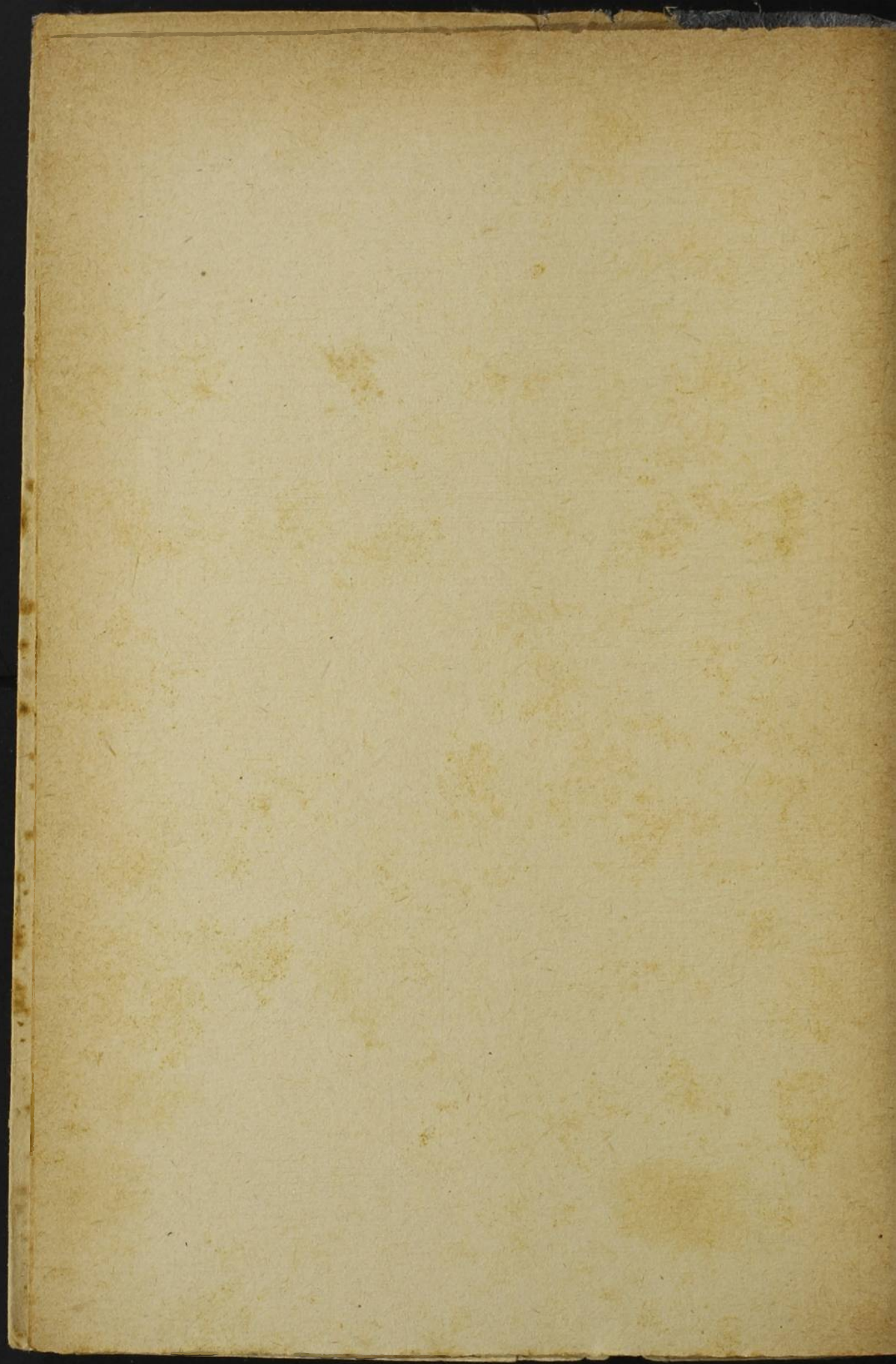
POLEMICA

Em preparo
Historia social do Brasil
Mataburro
Aqui foi o Sul que venceu (cronicas atuais)

PARA MEUS FILHOS
OSWALD E RUDÁ

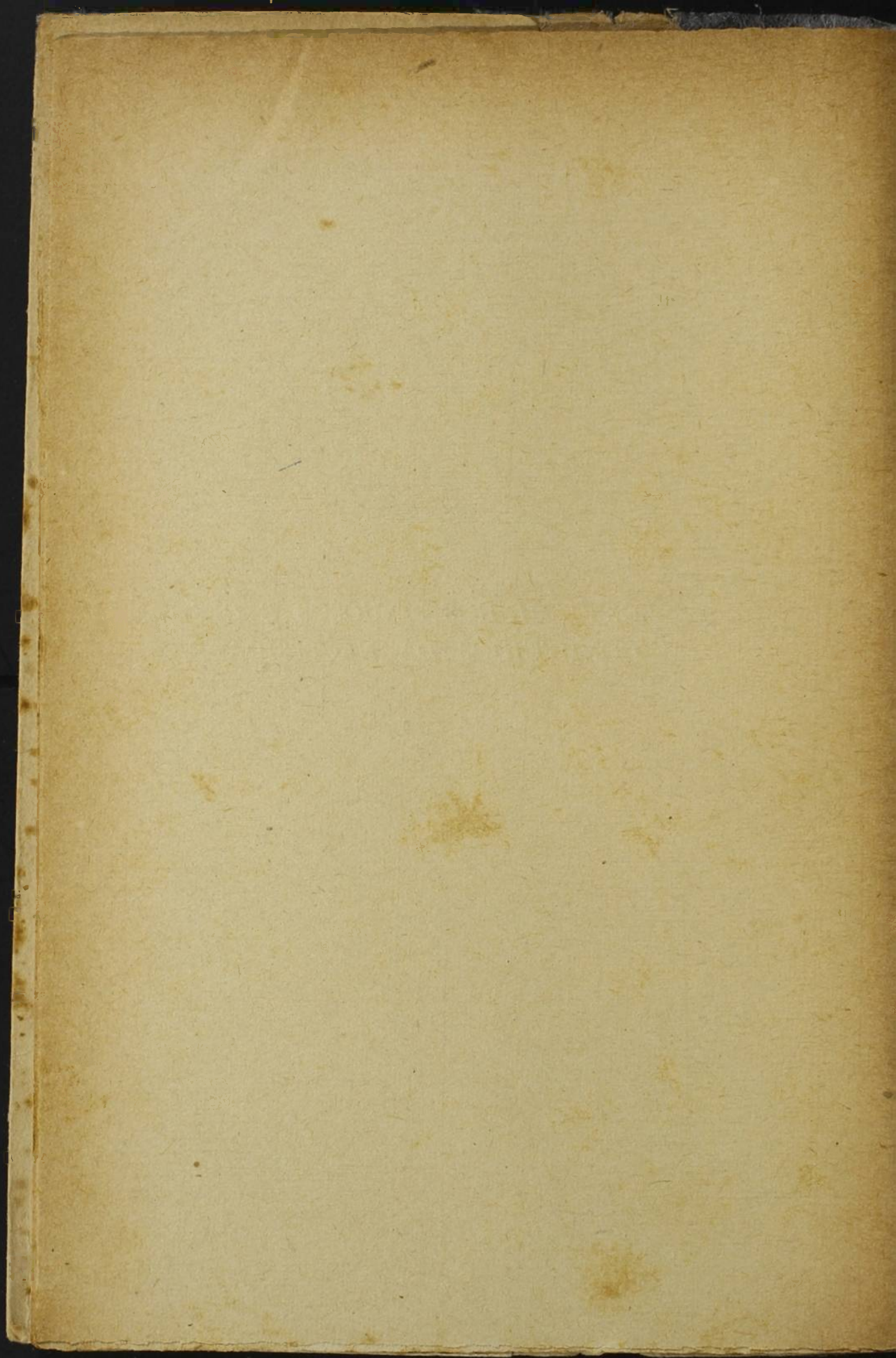
PARA MINHA NETA
INEZ ADELAIDE

PARA
MARIA ANTONIETA D'ALKMIN



OS CAMINHOS SINUÓDOS E DES-
CONHECIDOS DA NECESSIDADE.

PECQUEUR



Exemplar de
Astrogilde

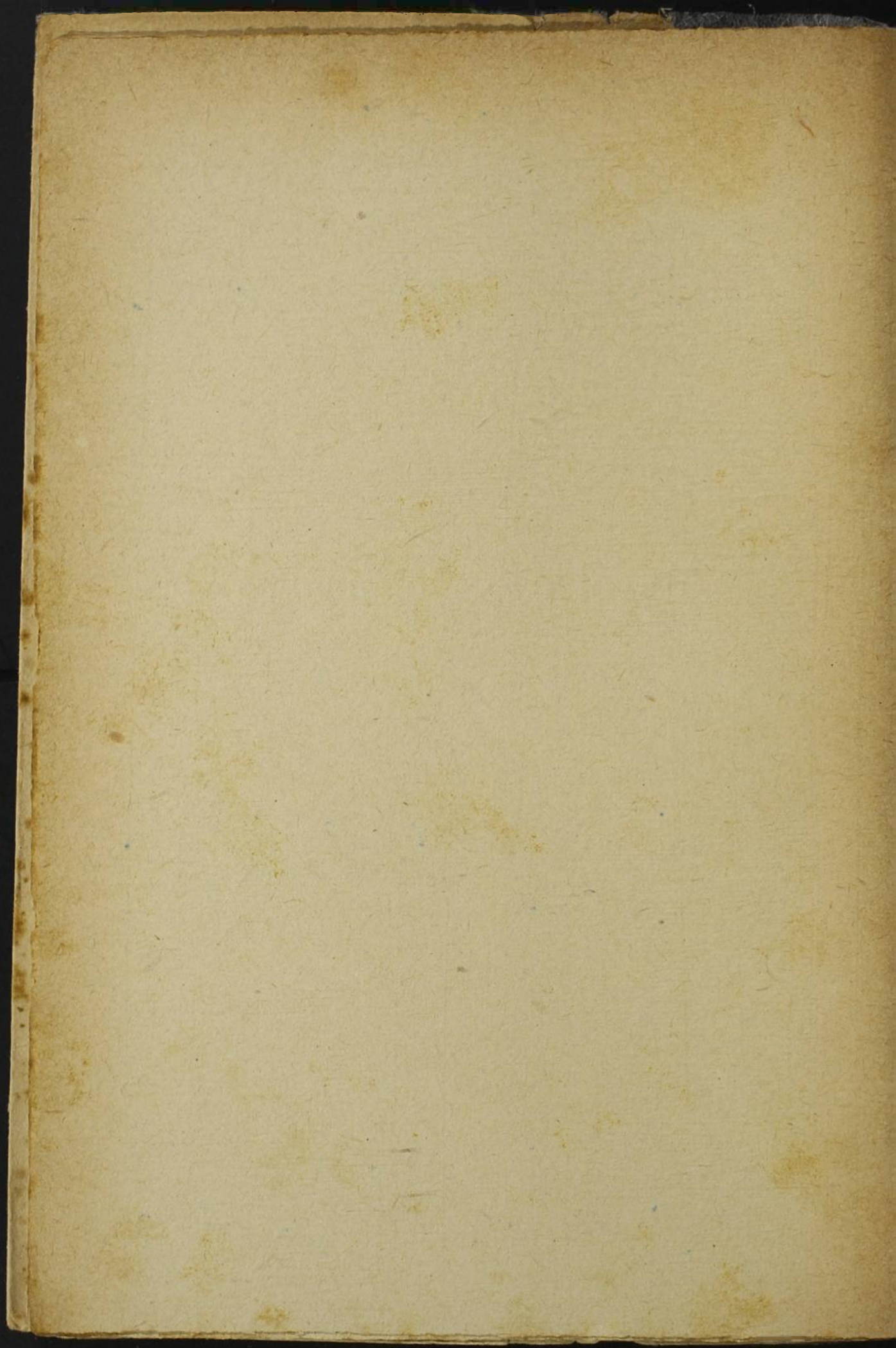
I

A Revolução Melancólica

humanagem

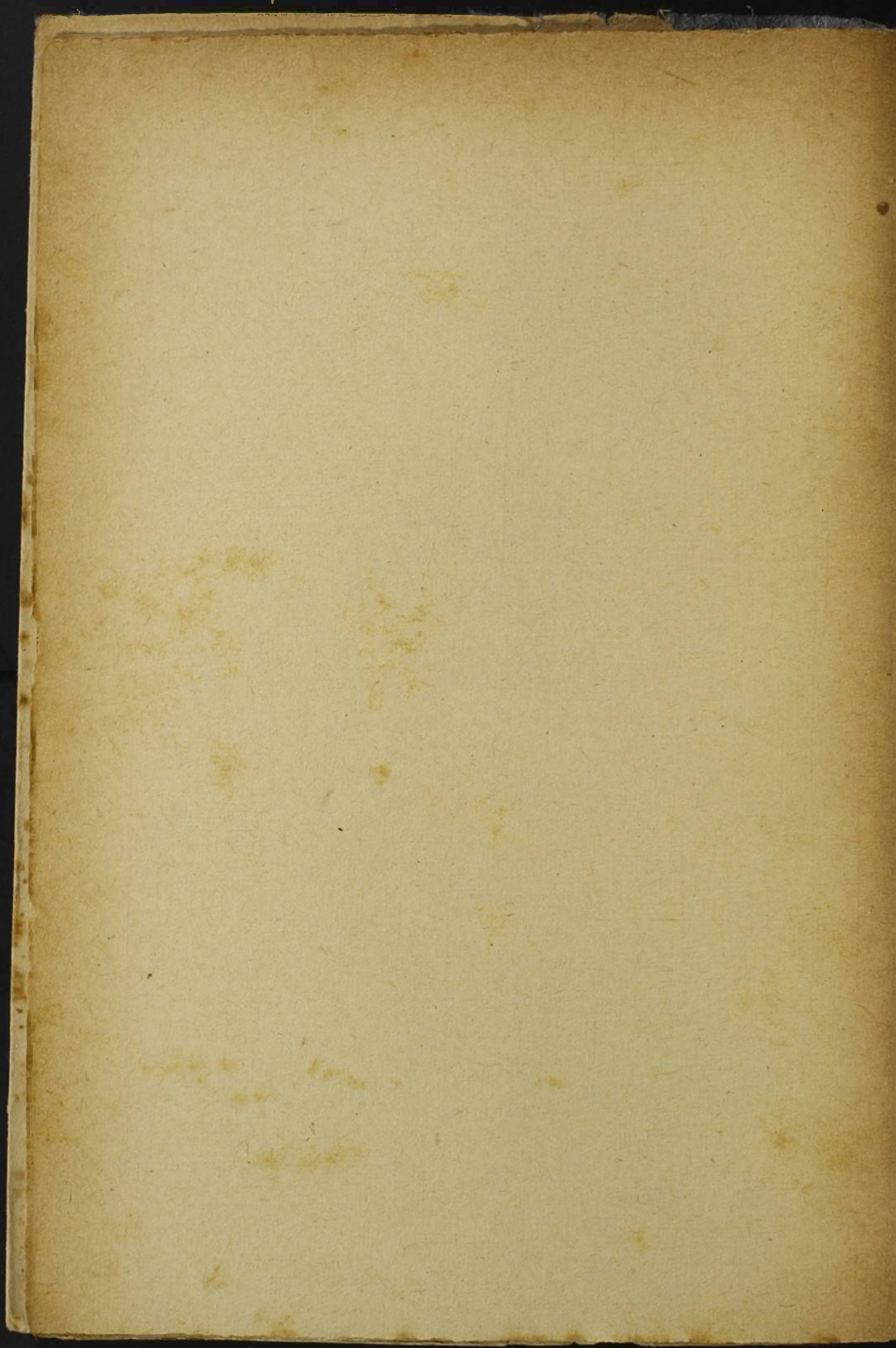
à

probidade



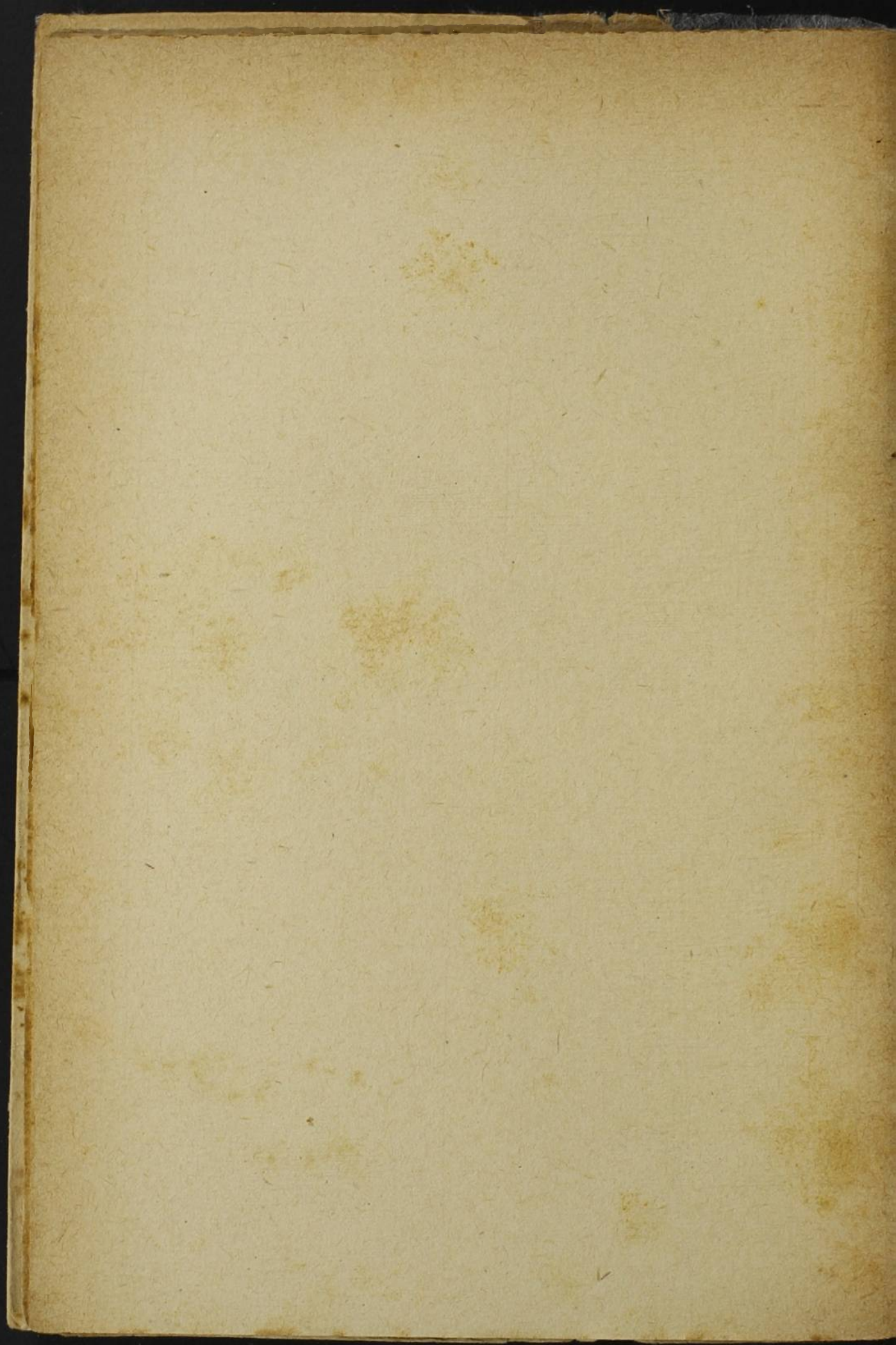
CRIANÇA...
... NUNCA, NUNCA VERAS NENHUM
PAIZ COMO ESTE.

OLAVO BILAC



CAPÍTULO I

A Posse Contra a Propriedade



A aurora de um novo dia corava de roxo os rios e a orla dos morros escuros. Miguelona Senofin parou na estrada junto a um homem que estaqueava a cêrca rebentada àquela noite.

O homem magro, de botas, pixado na cara, na camisa desabotoada, nos braços nodosos, deixou o trabalho para fazer com a mão suja um cigarro de palha. Tinha um perfil de abutre.

— Garra a terra, Pedrão!

— Não largo não!

— Tá arresorvido entrá pro nosso bando?

— Mecê é o Lampeão do Sur...

O primeiro sol doirou os óculos da velha esquelética, num pulover marron, justo sôbre a cintura de vespa.

— Tô cheia de chumbo nas perna.

— Como vai lá na serra?

— Tô prantando. Às veis dô um tirro pra espantá argun ladron.

— Aquí é a poliça que juda robá.

Sacudiram as cabeças obstinadas de disputadores da terra contra os senhores que tinham o papel selado com o sêlo do império.

OSWALD DE ANDRADE

— Bão. Té logo! Vô sabê do risurtado da vistoria. Vô do divogado.

A velha recomeçara a marcha. Gritou já de longe.

— Defende a terra, Pedrão!

O homem que erguera da estrada uma estaca arrancada por mãos inimigas, onde se via ainda o pixe recente, murmurou:

— O capitar empregado aquí não se perde. Prefiro saí aos pedaço...

Um tiro, vindo da baixada, estalou na moita de bananeiras.

O enterro do Pedrão fôra marcado para as nove horas. Gente em grupos, juntava-se ante a casa tornada fatídica. Apareceu primeiro o padre, de óculos, numa capa preta. Seguia-o a fieira roxo-branca dos homens de opa e tocha. Depois, nas mãos apressadas de seis caboclos, avultou o caixão negro com frisos de ouro. E logo atrás, ladeadas por carpideiras, duas meninas longas e descabeladas vieram soluçando. A viuva surgiu.

O sino de Bartira feria sinistramente a manhã dos morros. E um chôro em ritmo de marcha, subiu a en-

MARCO ZERO

costa, rodeado de poucos amigos, em preto, em branco, em kaki. Tudo se aglomerou à porta da igreja espigada, ao fundo do largo. O choro das mulheres ficou um piar lúgubre de pássaro, alternando com o sino. O sol varava as nuvens da chuva, contrastando de cores a serra.

Um português, troncado e baixo, penetrou na sala do Posto Territorial, sem tirar o chapéu de aba larga. Vestia uma camiseta sobre o corpo peludo e as calças sujas debruçavam-se sobre os tenis largos, cobertos de barro.

A Miguelona enfrentou-o:

— Assassino! Grilêro! Cafetô!

Um guarda-terra conteve o homem. Outro correu:

— Desce o chicote na véia, vá! Ocês só serve pra dá o dôbro do capitar pros capitaliste!

— Vagabunda!

— Eu sô uma trabaiadêra. Minhas mão tá cheia de calo de trabaiá. Puxando guatambú...

Um italiano magro, corado sob a careca que cabelos ralos e compridos aureolavam, exclamou:

— Essa véia tem de saí lá da serra, sinô ninguê véve...

Dentro de um terno novo, um advogado surdo colocava a mão em concha sobre a orelha. Era o patrono

da Miguelona e dos posseiros da serra. Berrou de repente:

— Nos Estados Unidos, dão as devolutas antes de griladas...

As figuras robustas e morenas dos dois guardaterras impunham respeito em meio dos litigantes.

O “sherife” Idílio Moscovão estava sentado, de botas. Tinha a barba mal feita, a cabeça suja, de leão. Pôs a perna sôbre a secretária.

— Quero só saberl quem foi que começou a briga...

— Ôtro dia, nós tava trabaiano na banana. O Anjolete mandô o caréco enrecá.

O velho de cabelo ao vento, sentindo-se olhado exclamou:

— Ió quero justícia!

— Ocê falô que eu era chupadera de sangue humano. Mas inda não comecei de matá!

Moscovão fitava a caipira que sempre lhe recusára os ovos e a verdura reclamados dos sitiantes. Lembrou-se da acusação feita à velha de ter atirado um boi morto no córrego.

— E o boi podre?

— Ela imbenenou a iagua de bebeire!

— Ela tê de i no xadrese!

— Isso que ocês qué! saltou a mulher óssea, faís-cando nos óculos doirados. — Porque tem uma cascavela no burraco do soalho da cadêa!

— Se tu bulir no rancho do Major êle te derruba!

MARCO ZERO

No barulho, a Miguelona imprecava.

— Pobre devia desaparecê do mundo!

Dizia ao advogado, calmo:

— É inutile! Eu queria só cabá o rancho, dexá qui nem um bijú e morrê co'a casa limpia!

A voz arenósa do "sherife" inquiriu:

— Quem comprou primeiro as terra?

— Nós todos!

— Mas quem foi que passou as escritura primero?

— Foi no mesmo dia.

— Quem fêz a casa?

— Foi eu, insistia enérgica a mulher. C'o meu muque!

— O careca era sócio dessa jiraraca!

— Nós fumo inludido dessa atôa!

— Atôa é sua fia! Tudos trompa nela! O Anjo-lete levô ela primero pro Majó!

Um guarda interpusera-se empurrando a Miguelona para fora da sala. Ela enxugava os lábios arroxeados. O advogado saíra também e fazia esforços para tranquilizá-la. Falava nos seus direitos. A velha clamava aos céus.

— A fía do caréco é qui nem arçapão. Di manhã e di noite gosta di pigá passarrinho!

OSWALD DE ANDRADE

A serra bateu-lhe nos olhos quieta, estática, como uma sanfona de pedra.

Ela ficou olhando através dos óculos o rio próximo, o pasto e a mata. A vida parava no silêncio da caudal.

Miguelona Senofin queria ficar para sempre alí. O mundo rodava de mais do outro lado.

“No criado, no chofer, no lavrador, no jardineiro, no comerciante, no pescador ou no burocrata... ou no milionário, enfim em qualquer ramo em que se desenvolva sua aparente atividade, está o técnico, o militar, o sociólogo, o polígrafo, o informante e o reporter a estudar, a inquirir, a observar e a transmitir memórias, relatórios e estatísticas para a sede dêsse formidável quartel-general que em Tóquio, prepara a maior guerra de conquista de que a história humana jamais teve idéia”.

O mulato colocou a caneta sôbre a mesa atravancada de papéis, onde escrevia um artigo para a “Voz de Jurema”. Assinou: Lírio Rebouças do Vale de Piratininga. Depois riscou o Vale. Riscou o Rebouças. Piratininga nunca fôra vale, nem êle Rebouças. Passaria a assinar nos jornais: Lírio do Vale. — Não sou romance de Balzac!

MARCO ZERO

Ainda não tivera tempo de colocar as estantes do seu novo gabinete de trabalho, nos fundos da casa que dava de um lado para a farmácia e abria sôbre o largo. Alguns livros empilhados subiam em desordem pela parede de cal branca. Por sôbre a porta mandara atravessar uma espada do Império. Em frente à mesa, uma flexa de índio e o retrato de D. Pedro II.

Um velho brônzeo apontou em farrapos, à janela aberta para o azul.

— Como vai, Elesbão?

— Sua bênção...

— Cheio de doenças?

— Sim sinhô.

— De dôres, de dificuldades?

— Sim sinhô.

— De desgraças...

O farmacêutico riu como um tímpano desmesurado.

— Você é o Brasil.

Depois indagou:

— O que você quer Elesbão?

— Tô percisano duns dinheirinho e duns gênor. Meu arroizinho tá bão, tá encanando bem. Perciso duns mantimento pra coiêta. O sinhô pode me arranjá com Nhô Salim. Depois eu vendo o arroiz pra êle mermo.

— Você é serio, Elesbão?

— Sô sim sinhô!

— Quanto é que você deve pro Nhô Salim?

— Um tiquinho.

OSWALD DE ANDRADE

- E porque você negociou com o japonês?
- Foi Nhô Muraóka que foi lá em casa...

Em tôrno do rancho de barro, o vento alisava o meio alqueire verde no silêncio. O arroz estava cacheando.

Muraóka sabia que o negociante sírio suprira o caboclo na plantação. Aparecera já duas vêzes, delicado, sorrindo.

— Sinhô arroiz tem bastante... vende paga sinhô...

O caboclo a princípio repelira.

— Inda não coí tudo, não batí.

— Pressa no tem, sinhô. Vem aquí buscá.

— Mas inda demora. Tem que fazê roça de mío antes de batê.

O amarelo insistia:

— Mal no faz, sinhô, nô? Dêxa saco, dêxa dinheiro poco...

Elesbão hesitava pensando no compromisso tomado com o turco.

— Passa ricibi...

Notas faiscavam nas mãos do caipira.

MARCO ZERO

A Casa Damasco, de Salim Abara, era venda de um lado, armarinho do outro, casa de armas do outro. No fundo das paredes, baús empilhavam-se entre arreios e queijos. As estantes coloriam-se de fazendas. O atacado ocupava quartos, com algodão, cereais e café que o negociante trocava por mercadoria.

O turco pôs o chapéu na cabeça grossa, picada de uma antiga varíola, enfiou o paletó. Deixou o negócio, alcançou o leito da via férrea, atravessou o campo de futebol com dois gols armados e procurou o caminho do sítio de Elesbão.

A estrada cortava a serra, afundando estreita, angusta, à sombra dos barrancos vermelhos, sob o pêso secular da produção. O sulco dos carros de bois abaulava-lhe o centro terroso. O calor cáustico do verão tornava-a sêca, empedernida, empinada, quebrando-se em torrões. Nas chuvas era um lamaçal perdido. Por todo o interior em caminhos assim, mascateara com uma lata pesada nos ombros, uma matraca na mão. Parava nas fazendas e nas povoações. Era o primeiro comércio. Vinha cobrar na volta das viagens. Chamavam-no de turco. Inútil êle dizer: — Minha rolojão é armênio! Ninguém sabia o que isso significava. A religião do Brasil era uma festa de procissões, altares vistosos e novenas. Êle viera de um sentimento tribal semítico, onde uma série de máximas constituía a moral. Com isso trazia a bestialidade milenária do negócio. Abriu venda de pinga numa encruzilhada. Coito de assassinos, pouso de morféticos, fiado de colonos e sitiantes.

Engordara, chegara à Bartira. Naquele lugarejo do litoral sul, tinha tido anos atrás a primeira noite da terra desconhecida. No colchão emprestado, consultara minuciosamente todos os barulhos, passos lá fora, entradas tardias nas casas vizinhas, baratas enormes como cigarras voejando no escuro quente das telhas vãs. No país em formação, fôra o turco que pede 70 para deixar por 40. Conheciam-no nas fazendas e nas vilas. Pensava no longo oceano. A mulher tinha ficado em Beirute, onde havia camelos nas ruas. Quando D. Zilé surgiu, afogou a beleza oriental na fartura da terra. Se abrasileiraram. Vieram os filhos. Cresceram e estudaram. Ela permanecia no balcão. Descabelada, matinê, sapatos folgados e uma barriga flácida balançando no vestido, os dedos gordos cheios de anéis.

— Traga café brá Nhonhô!

Sua loja era uma caravela ancorada. Tinha desde o brinquedo colorido da criança e o rôlo de arame para cercar a terra, até o fio de linha, a cartilha e a faca de mato. Nas romarias armavam barraca.

O homem baixo e atarracado parou diante de uma Santa Cruz, branca de calça. Trepou a barranqueira. Entrou com o chapéu na mão. Sobre um altar rústico assentava uma cruz de madeira. Havia uma coroa murcha entre tocos de vela e o retrato do posseiro assassinado. Na memória de Salim Abara, passou uma briga feroz que tivera com Idílio Moscovão.

MARCO ZERO

O japonês chegara também pelo mar, percorrera as mesmas estradas penosas e desertas. Mas trazia a cooperação, e o dumping. Enkistava-se na terra do caboclo. Salim avisara:

— Lasbão! Non béga mizade coésa raça! Deus te livre!

— Eu disse pra Nhô Salim que o arroiz faiô tudo, deu pouquinho! Percisava pra comê. Quano chegasse o novo prantio... Dinheiro não tenho...

A caçarola velha fervia sôbre um braseiro.

— Ele tá brabo! Não qué mais fornecê. Percisamo de í se empregá, trabaiá pros otro.

A cabocla côr de rapadura calava cozinhando. As crianças rolavam no pastinho.

— Nhô Muraóka qué fazê um negocinho cum nós. Ele compra a nossa terra. Dá pra mórde í na festa do Bom Jesús batizá a Ditinha, pagá a promessa...

— Que promessa esse?

— Do arroiz que nasceu...

— Adonde a gente vai achá trabáio?

OSWALD DE ANDRADE

— Aquí mermo. Nhô Muraóka paga treis mirréis a sêco. Miliquinhento coá bóia. As criançada ganha a bóia...

O fim do mundo é sempre um charco. Era assim Bartira, fim de linha e fim do mundo. O rio rolava lentas massas de água parda, côr de malária, por entre margens baixas e hirsutas. Para lá do capinzal ficava a estação da via férrea. Na noite inundada, ninguém chegaria à Bartira se não fôssem os trilhos retos e luzentes, sob os sinais baços, onde uma composição parava. Um homem gordo, de ponche, atravessou, seguiu num andar lento, até a venda do japonês Muraóka.

Por debaixo da estalagem, era o empório japonês. A luz violenta de um Petromax deixava na sombra as prateleiras cheias da venda de interior. Dobrado sobre um pinho minúsculo, um caboclo bordava. A seu lado, sentado numa saca de feijão, um rapaz de bigodes aparados, abria e fechava uma safona rica de sopros e de teclas. Parecia um menestral, envolto numa capa branca. Absorto, captava a alma do instrumento.

MARCO ZERO

— Tá pereceando, xirife?

— Gosto muito de música, Muraóka. Inté assopro alguns instrumento. Fui trombone da Força Pubrica. Sou pai de fias inducada que toca piano, a Linda e a Sarita... fias que fala difícir... Depois que a primeira quis formá de professora, inducação entrô em casa. Aquilo foi um inferlno. Não se podia guspí mais no chão!

Idílio Moscovão escarrou grosso de lado.

— Ando cumas dor nas junta!

A assistência sentava-se em caixotes, sacos de cereais e cadeiras de ferro, colocadas ante pequenas mesas de reclame. Era constituída de caboclos, japoneses e negros. Tôda ela parecia sensível à música. As cabeças dos continentes mais diversos dobravam-se escutando.

— Tão brigando por causa duma porcaria de terra. Eu já disse pro Anjo Leite largá mão dos Formoso. O Majó tem chão demais e não aporveita. E inda qué tirá tudo dos possêro. O gôsto dele é dizê: — Mecê tá veno aquela montanha lá em baixo? Aquela azur...

OSWALD DE ANDRADE

Pos por detraiz inda é meu. — E o que mecê pranta?
— Carrapato!

A mesa negra de jôgo, recortada de corações, nomes e datas talhados a canivete, reunia em tórno de um baralho desbotado e sujo, Idílio Moscovão, o farmacêutico Piratininga, dois sírios e um viajante nacional.

Era um quarto de paredes brancas de cal, um chão de cimento escarrado sob um teto de telhas escuras, pesadas de fuligem e de teias de aranha. A fumaça ardida dos cigarros de palha subia dos cantos da mesa onde fichas pardas tilintavam. O sub-delegado pediu cerveja e prosseguiu.

— Quando eu deixei a administração da fazenda Formosa puz venda de sar e toucinho na estrada. Porque que só oceis turlco de melrda há de ficá rico no Brasil? Depois que lidei cuns torpedera, quaji perdi tudo. A curpa foi minha. Gostei de uma loira. Quem gosta sem regra, morre sem honra. No comêço eu achava ela feia. Era só um gostarl de simpatia. Depois garrei comprá tudo pr'ela. Vestido, jóia, casa. Ela percisava de cem, eu emprestava quinhento. Té já desanimei de esperá minha véia morrê, pr'eu casá coela! Tá me de-veno corenta conto!

De repente uma gritaria selvagem agitava a mesa.

— Na frente e atraz!

— Truco sem vê!

— Ocê num póde co meus queixo.

MARCO ZERO

O vendeiro japonês veio encher os copos da cerveja morna do sertão. O jogo prosseguiu entre os parceiros.

— Corlte!

— Corlte a sua morlte!

— Sua raça não me basta!

— Reboque de igreja véia...

O mulato de grande estatura fixou os olhos em papuçados no sherife e parou de distribuir as cartas.

— Tem gente roubando!

Moscovão emborcou o copo de cerveja enquanto o parceiro desconfiado gritava:

— Sapicuá de lazarento!...

Houve um balanço geral da mesa atirada contra o mulato que se levantara no sobretudo claro.

— Ladrão! Assassino! T'a enganado comigo!

— Fia da puta!

Duas garrafas tinham estourado no chão. Gente gritava e corria. Lírio de Piratininga saiu para a rua escura e chuvosa enquanto o sherife tirava de sob o ponche o parabelo. O farmaceutico voltou. Apartaram.

— Tá cum sôdade da senzala? desgraçado!

A calça pintada do quarto da pensão Muraóka, vacilava na luz da vela.

— O Brasil é um farturão. Farturão de terra, farturão de pinga, farturão de muié...

Na cama estreita, o velho Ercole Fiorelo disse:

— Ói! Quando nós se encontrá em S. Paulo, eu pago uma bruta farra, eu levo ocê num bordéle! Vô lá pra consurtá os óio e comprá uns óculo novo.

A voz rouca de Moscovão respondeu da outra cama num bafo de pinga.

— Bordé em S. Paulo só dá galiquera. O Benedito foi lá no Piques na casa duma intaliana e morreu de tanto cranco sifilítico.

Fazia um silêncio de quarto de hóspedes.

— Não perciso de bordé prá tê muié. Elas abre as perlna. Já tive mais de quinhenta. Primeiro eu desflorei uma negrinha, depois uma hungaresa... Depois no canaviá, eu peguei uma colônia moça... Chamava Claudina. Ela não queria... Home, rolemo junto, aremo meio arquere de terra... Fiquemo tudo sujo, mais ela saiu furada.

O italiano dormia, ressonando fracamente. Moscovão falou:

— Tenho treis segrêdo...

A vela estinguiu-se no castiçal de lata sôbre a cadeira.

— Uma vez eu ia buscá uns pesco numa casa da colônia e encontrei na cama a irmã co irmão... Depois eu peguei ela no quintá e disse: — Ocê tá dando prô seu irmão, tem qui dá prá mim, sinão eu conto... Lá na Formosa tinha uma porcada boa... Começou a nascê leitão com cara de gente. Home, demo tanta ri-

MARCO ZERO

sada... E galinha aparecia tudo morto, ia prá panela... Uma veis eu ageitei uma égua na estrada...

Virou o resto do copo. A risada desconexa fêz o italiano suspirar na outra cama. Na noite da pensão, passadas se ouviram. O silêncio restituira-se.

— Meu pai me pegô cô'a minha irmã debaixo da cama. Quaji me aleijô!

Uma barata saltou no cheiro de tinta do quarto apagado.

— Tenho mais um segredo... Mais esse eu num conto!

Uma árvore imensa lacrimejava orvalho na estrada. Elesbão encontrou o índio Belarmino que também havia vendido a terra ao japonês. Estava vestido de preto, descalço, com os dentes enormes para fóra, um bordão na mão.

— Andei precurando uma casinha aí no Brasil prá entrá.

— Onde mecê é?

— De Registo.

— Tem muito japoneis lá?

— Lá num tem otra nação de gente.

— Tem serviço?

— Trabaiei. Carpí mais de duzentos pé. Japoneis num quís me pagá.

— Porquê?

— Diz que eu bebo.

— Porque mecê perdeu a terra?

— Mar cabeça...

Pássaros brancos voavam sôbre o pasto. Elesbão falou:

— Eu tô lá mermo... Tô por ano... Ordenado baxo mais veve...

— Trabaiano pro amarelo?

— Mecê sabe. A gente tem amô na terra que foi da gente. Já quisemo vivê fora, andemo batendo a cabeça coa famía. Não se acostumemo. Mió vivê aquí de camarada. Se índa tivesse o chão...

— Mecê sabe pra que lado fica a Rússia?

— Não sei. Só se é lá pras banda de Cananéia...

— Diz que na Rússia tão dando terra pros trabaiaadô...

O outro velho parecia interessar-se.

— Mecê qué me levá inté lá?

— Num sei adonde é...

Noite encarvoadá da mata litorânea. O trem ia, parava, arrancava gôndolas repletas de madeira, de banana, de arroz, dos escuros desvios das gares mal acesas. Perdia ferragens, portas, ganchos, partia de novo em demanda do entreposto de Santos.

MARCO ZERO

Na segunda classe desiluminada, com escarros, fumaças e conversas em tôdas as línguas, iam tôdas as raças humanas. Chamavam-no o "Expresso de Shangai".

O primitivismo da técnica conduzia a locomotiva tempestuosa. O imperialismo japonês disciplinava a alma dos amarelos, pequenos, retacos, dissimulados. O empreendimento colonizador capitalista ia nos grandes grileiros e nos empreendedores da morte do sertão. O homem dos pastéis passou como o Brasil. Um preto chamado Cananéa era a pinga interrogante e sentada. A mulata Rosalina com um bebê no braço ia ver a mãe, como nos romances de bons sentimentos. Ao seu lado, a bôca voluntariosa e primitiva do marido, o capitão Jango, da Fôrça Pública de S. Paulo. Rosalina sorriu nos dentes alvos e grandes.

— Me pergutaram se você era filho do Major da Formosa. Vê lá se eu ia casá co'outro Jango! Eu respondi que você é o Jango da Fôrça e que não é de fãmia de louco.

Um espanhol caolho era um nobre a mais. Húngaros atléticos jogavam-se sôbre a madeira dura dos bancos em posições de luta e de cópula.

Súbito, uma moça franzina e despercebida que ia só no último banco, à aproximação de uma cidade, abriu com energia a janela entravada e atirou em manifestos, para a noite, o sonho militante da Terceira Internacional.

Para lá do núcleo urbano de São Vicente, permanecia no azul o paredão da descoberta — a Serra do Mar. As caravelas de Martim Afonso haviam aportado ali trinta anos depois do acaso cabralino. Um intervalo de trinta anos entre os primeiros contactos do europeu com a terra silenciosa. Êsses espaços enchiam de claros a evolução humana. O companheiro Fabrício dizia que a escala histórica não era a da vida de um homem. Talvez êle mesmo que adotara o nome de Rioja, estivesse destinado a morrer pela causa comunista, como um marujo europeu ficado para sempre ali numa manhã portuguesa do século XVI. As caravelas sumidas tinham voltado depois para trazer roupetas e donatários. Por aquele mar tinha vindo o Zumbi dos Palmares no fundo de um navio negreiro. E tinha ido o ouro das minas. Viera depois o motor, a indústria e o capitalismo. E tinham ido a Moscou os primeiros camaradas brasileiros. Leonardo Mesa deixou a amurada.

O transatlântico recebera o piloto e penetrara no canal. Agora aproximava-se matematicamente do cais de Santos. Uma âncora rolou do paredão da prôa. Guindastes se deslocavam com um barulho de ferros. O tombadilho apinhava-se de mãos agitadas. Gente do cais respondia com gritos de reconhecimento. Ninguém esperava o agitador brasileiro. Talvez a polícia. Êle havia dissimulado na mala brochuras de propaganda marxista que trazia de Buenos-Aires. A alfândega deixava passar para os japoneses de Registro-Gô, até aeroplanos desmontados e metralhadoras, como máquinas

MARCO ZERO

agrícolas. Veiu-lhe subitamente à lembrança a imagem pequena do Capitão Prestes, despedindo-se dêle numa rua noturna de Montevidéu.

Fora, entre um armazém e outro do cais, junto às grades fechadas ainda para o serviço de carga, os trabalhadores da estiva tumultuavam de paletó azul de brim e palheta.

Leonardo Mesa instalara-se numa pensão do Gonzaga, em frente à praia, e não havia encontrado imediatamente os companheiros cujos endereços trazia do Sul. Voltava ao país sem pensar em colocação. Tinha deixado para sempre o jornalismo. Ninguém mais tomaria conta de seus dias a não ser a causa comunista. Que pena não ter conhecido antes o seu verdadeiro caminho! Passara um tempo idiota de desperdício gastando com uma mulher tudo o que havia acumulado.

Santos sempre o impressionara agradavelmente, com sua atividade de entreposto cheirando a café, agitado de trabalho. Caminhões atravessavam bulhentemente as ruas, carregadores suavam nas camisas de meia, a crise punha gente vadia nos botequins e nas esquinas. A manhã de sol animava as ruas da Bolsa. Corretores em linho branco cruzavam homens ativos, levando latinhas de grãos para amostra. Grupos graves discutiam a queima do café ordenada pelo govêrno.

OSWALD DE ANDRADE

Seria melhor queimar logo tudo, os reguladores, também!

— Isso é malandragem da boa!

— Os afilhados dos políticos estão tirando os *mild* e os *soft* da fogueira...

Um ajuntamento de grandes comissários cercava um velho baixo de bigodes aparados no focinho de animal. Era o milionário Agripa. Dizia para os outros, com a voz sonante: — Estamos pobres!

O camarada Rioja dirigiu-se para o lado popular das docas e sentou-se a um café onde trabalhadores de calça e camisa, conversavam na fresca e na sombra. Atacava-se a política sindical.

— Temos um vagabundo como nosso chefe...

— Deixem-no trabalhar, depois critiquem!

Um homem de palheta apertava nos dentes um cigarro de palha.

— Si você se sente prejudicado, pruteste!

Saíam e entravam trabalhadores desempenados e fortes. Leonardo deu atenção a uma mesa do centro, onde um homem cômico de azeitona, de olhos parados conversava com um velhote magrela.

— Chama-se Seu Josefino. Só age na luz e nas fôrças...

— Eu te levo lá, homem. Eu tenho passado muito ápice e sei que a gente deve acreditar em tôdas as coisas. Às vezes basta um copo d'água com a luz divina para curar.

MARCO ZERO

— Minha mulher morreu no bonde, seu Sirra. As bichas saíram pelos olhos. Nunca mais procurei doutores. Bruto! Não via que ela estava cheia de micróbios?

— Hai finómenos, exclamou Sirra passando a mão grossa nos cabelos negros de árabe. A Iza ficou muda quatro dias, levei no seu Josefino, sarou. Só com as sugestões dele. Se fôsse ao médico, ia para a faca. A gente fica pateta. Seu Josefino nem fala. Só benze. A meopatia que êle applicale são de raízes do mato, conforme o padecimento do indibíduo!

Um pretinho, com um maço de jornais sob o braço, penetrou atropeladamente no ladrilho, correu por entre as mesas cheias. Um marinheiro loiro perseguia-o, bêbado, frouxo nas pernas. Antes que o garçon o tocasse, o jornaleiro saiu gritando um palavrão.

O marinheiro oscilava.

— Macaco vai parra Amazona!

O camarada Rioja pagou o café que tomara. Na calçada um japonês baixinho procurava contratar dois negros como carroceiros para uma fazenda do litoral.

— Garantido, paga fim de meis. Tá tarabaiando cabecera de mato, mais cinco ariquere. Japuneis non dexa mato bruto pra outro... Companhia já aranjô maise cinco ariquere!

Leonardo seguiu. Em Buenos-Aires, numa reunião de comitê da 3.^a Internacional, haviam-lhe mostrado um mapa da ocupação estratégica do Brasil pelo imigrante amarelo. Só o govêrno ignorava. Havia até um almirante na localidade de Sete Barras. Espiões educados,

OSWALD DE ANDRADE

outros transformados em pescadores ou em peritos de agricultura, penetravam nos escritórios e nas casas, levantavam mapas do litoral e do interior.

Bateram às costas do rapaz. Ele voltou-se precipitadamente.

— Vamos almoçar?

Leonardo pensou em recusar, mas aceitou... Era um “tenente” ou melhor, um oficial do exército que viera na revolução vitoriosa de 30. Tivera com ele um pega a bordo. Tratava-se de um antigo participante da Coluna Prestes que havia ido buscar a mulher deixada em Buenos-Aires.

— O senhor é primo de um amigo meu, Jango, João Lucas Klag Formoso... o Jango da Formosa...

— Não sou. Fui educado por eles, pelos Formoso. Meu nome é Pancrácio Fortes. Mas eu não vou muito com aquela família. São uns shakespereanos!

— E o senhor é um soldado da Coluna que promove sessões espíritas a bordo de um transatlântico moderno.

No restaurante onde se sentaram, lia-se em letras de cal: “Fígado à lisboeta — Camarão à baiana — Língua do Rio Grande”.

O oficial puxou de dentro do dólman, uma medalha do Bom Jesús de Jurema, presa a uma correntinha de prata.

— Olhe, veja esta lembrança de minha mãe!

— Mas o senhor é espírita ou católico?

MARCO ZERO

— É tudo a mesma coisa. Só não acredito nos padres. Nem que há inferno... O senhor acha que pode haver inferno?

— O Brasil é realmente uma maravilha. O senhor sai pelo mato no maior raide de cavalaria da América, toma depois o poder com o dr. Getúlio Vargas, para oferecer fantasmas ao povo?

O garçon serviu nos dois pratos talharim fumegante com molho de tomate. O Tenente pediu uma garrafa de cerveja.

— Eu me casei contra a vontade da gente que me criou. Eu tenho um ideal — trabalhar no cinema. Já tomei parte num concurso da Fox, em Buenos Aires.

— Compreendo porque o senhor abandonou o Capitão Prestes. A finalidade dele não é Hollywood.

Leonardo prestava atenção na cabeça loira do rapaz pequeno e entroncado, mas com traços visíveis de um sofrimento longo, os dentes estragados.

— O Capitão Prestes, com êste negócio de comunismo, deixou de ser o Cavaleiro da Esperança. Eu admito o comunismo mas em termo. Esse negócio de obedecer Moscou nunca. Eu nunca obedeci ninguém!

O camarada Rioja enguliu garfadas, quieto. O outro fêz vir mais cerveja. Naquela confusão tôda havia pouco fermento. Seria difícil vencer. Os trabalhadores acreditando nas curas mágicas! Era o assombro ainda onde o Brasil mergulhava, com as proximidades geográficas da floresta, as proximidades étnicas do preto, do índio e do imigrante medieval...

OSWALD DE ANDRADE

O tenente Pancrácio pediu sobremesa ao garçon e perguntou:

— O senhor não acredita em nada?

— Acredito no proletariado.

— Pois nós estamos com o proletariado...

— Os sindicatos passaram para as mãos da polícia...

O garçon que servia goiabada e queijo interveiu. Era um rapaz pálido de cabelo crespo.

— Eu sou da sociedade do sindicato. E' a polícia que manda lá dentro.

— O Ministério do Trabalho que vocês criaram, é uma mistificação. Só serve aos patrões. A arbitragem é um bléfe!

— Inclue o proletariado, concluiu o garçon, deixando a mesa com as travessas na mão.

— Nós não queremos que o nosso trabalhador venha a sofrer o inferno da Rússia.

— O senhor chegou ao Rio de Janeiro de lenço vermelho no pescoço, pensando que estava num estádio de cinema.

— Eu estudava na escola de Aprendizes Marinheiros em Santos quando veio a revolução de 24. Meu padrinho é o Major Dinamérico Klag, um sujeito original... Ele tinha me posto para fora de casa. Está escrevendo um livro há mais de dez anos em cima da serra. Quer tirar o prêmio Nobel. O Graça Aranha que era amigo dele chamava-o de Iluminado. A mulher morreu de um ataque de estupidez, estupidez dele...

MARCO ZERO

— E' o pai de Jango?

— É, mas é muito mais gozado do que Jango. Estudou em Oxford, na Inglaterra, tirou o curso de filosofia, mas aquí ninguém o compreende. Então matou a mulher e caíu na pinga.

Leonardo interrompeu-o.

— Dois caminhos abriram-se para o Brasil: ou o bolchevismo, falo no sentido terrorista da ditadura proletária, ou o gangsterismo. Que é a sociedade burguesa? O massacre sádico e ao mesmo tempo científico da massa trabalhadora, levado a cabo legalmente nos escritórios dos advogados, nos conclaves dos bancos, nos corredores da política. Tudo às ordens do imperialismo estrangeiro. Os senhores que fizeram o movimento de 30 nem sequer tocaram no latifúndio. Isso só pode ter uma resposta — Lenine! Há também Al Capone. Eu ópto por Lenine. Neste regime, cada máquina de escrever e de calcular desgraça mais famílias que um avião de bombardeio na guerra... O senhor não conhece o drama do trabalhador. Ha famílias tuberculosas que no fim do mês ficam com cinco mil reis na mão!

— Nós fizemos a revolução para salvar o Brasil, disse o moço pagando a conta.

Levantaram-se tomando os chapéus e perderam-se na rua barulhenta.

OSWALD DE ANDRADE

O camarada Rioja deixou a casa comprimida entre outras, ao lado de uma igreja. A noite quente conduzia milhões de estrêlas. Colares de luzes urbanas perdiam-se longe, acompanhando o mar. Criadas vigiando meninos, namoravam nos portões tropicais. Gente elegante passeava em toaletes leves, rodava de branco. O militante contornou o recanto folhudo do Parque Balneário, onde luzes mortas indicavam mesinhas animadas. Ele combinara encontrar-se no Gonzaga com dois companheiros. Era preferível mostrarem-se assim, sem sinal de ilegalidade, na praia cheia de gente. A polícia que vigiava os comunistas, talvez os tomasse por desocupados ou torcedores de futebol. O camarada Fabrício, baixo e calvo, esperava-o ao lado de um proletário típico, magro e chupado apesar de moço.

— Eu e o Pacova estávamos fazendo a caveira daquele time.

Indicava o terraço de um café, onde numa indiferença lavada, garotas tomavam sorvetes espetaculares, em cadeiras de vime, ao lado de rapazes esportivos na camisa diáfana, calças de linho. Um velho manco esmolava inutilmente, de chapéu estendido para as mesas alegres e repletas. Estrangeiros falavam e riam alto.

O operário, as mãos nos bolsos, exclamou:

— São uns parasitas. Nós temos que trabalhar para êles, enquanto a revolução não vem!

— Aquele alí, apontou Leonardo, é o Melo Araujo. Provocou um suicídio, passando para diante o café nas

MARCO ZERO

vésperas da quebra. Conhecia os segredos do govêrno, era sócio. Agora anda por aí cheio da grana!

Separaram-se do operário para se encontrar na casa do camarada Modília. Não convinha chegarem juntos para não alertar a atenção dos vizinhos e da polícia. Tinha descido de um bonde que os levara a um bairro próximo. Havia gente esperando atrás de uma porta, apenas cerrada.

Sentados em tórno de uma mesa, começaram sem perda de tempo, a reunião do Partido. O electricista Plaumburn expôs a preparação da revolta paulista, que estava na ordem do dia. Era um teuto bochechudo e calvo.

— Os paulistas contam com Fôrça Pública e alguns guarniçon de ezzército. Esperram auxílio de Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

O rapaz magro e chupado sugeriu que o Partido Comunista fizesse uma revolução paralela.

— Nong temos forza, camarada! O proletariado prasileiro non está organizado. Non teng conciência de luta de classe. Estamos muito atrasado. No campo, permanece regime feudal de latifúndio...

— Mas a hora histórica se reflete aquí, disse Leonardo, a cabeça grande emergindo de uma capa de borracha escura. Afirmava com segurança acentuando sua aparição de intelectual entre operários.

— Está glarro! Eu tambeng xá sabia!

— Com a crise os lucros se concentram nas mãos de alguns. Por outro lado, a proletarização se produz. Os

latifundiários do café estão arruinados. E por isso vão levar o povo à guerra. A indústria os segue. E' a ligação dos dois partidos de uma só classe. O P. R. P. e o P. C. Discutimos êsse casamento nas reuniões em Buenos Aires. Mas é bom que estoure o movimento paulista. Carlos Marx falou que as revoluções são a locomotiva da História.

— Está glarro! Eu xá sabia!

Pacova, membro do Antimil, relatou o que poudo do movimento. Um cabo do Forte de Itaipús lhe denunciara a propaganda que se fazia no meio da tropa. Todos olhavam a dificultosa exposição do operário. Êle expunha a realidade imediata da convulsão.

— O povo topa. Nós devemos falar, contar para êles, ir no meio da revolução falando... baratinando...

Leonardo Mesa ficou para receber material de propaganda destinado aos bananeiros do litoral. Os dois outros, incumbidos do trabalho prático na cidade, dirigiram-se de bonde para as docas. Ainda era cedo. Dissimulavam em embrulhos, volantes e prospectos, para serem distribuídos aos companheiros dos navios ancorados, aos embarcadigos e marinheiros.

Na Praça da República deserta, a estátua de Braz Cubas, fundador de Santos, dormia. Atingiram a zona dos armazens do pôrto. Na noite de calor e de estrêlas,

MARCO ZERO

ao longo da calçada marítima, três homens de barba mal feita, camisa e calça, conversavam em voz baixa. Paco-va adiantou-se e deu-lhes um maço dobrado de manifestos.

Fabrício, baixo e gordo, estacou diante do mar. Havia uma concentração naquele cais da noite. As distâncias acabavam no barulho sossegado da água parada. Num comício de mastros, para alí afluía o trabalho de todo o mundo. Dois estivadores sentavam-se junto a um prego de atracação. Uma sanfona cantava na terra. O camarada não os conhecia mas parou e deu-lhes um punhado de prospectos. A sanfona cantava no mar.

O “Expresso de Shangai” deixara para trás numa parada deserta um telheiro novo de zinco.

Um italiano velho, de óculos dizia:

— Prá podê co um japonese precisa sete brasileiro, dois turco, cinco italiano e meia duza de portuguese...

— Os japonese quiere engulí o mundo inteirinho. Um dia vai vê, exclamou um vizinho.

Em frente a êle no banco de madeira da segunda classe, um nipão sorria satisfeito. Era Muraóka.

— Non enxergo mesmo coa catarata, mas isso io vejo!

O trem rachava a floresta, entreaberta ao lado do rio. No banco de traz, um padre moço e franzino

OSWALD DE ANDRADE

recolhia-se ao breviário, os óculos faiscantes e duros, um guarda-chuva ao lado.

O combôio que descia para Santos na direção contrária, cruzou atrasado. Puxava uma imensidade de galeras de cacheta. Folhas de bananeira saíam das frestas das gôndolas entupidas de cachos.

Um preto tomou nas mãos uma sanfona enorme. Tinha os beigos, entreabertos, deixando ver dentes perfeitos e alvos engastados na romã das gengivas. As orelhas mínimas fugiam sob o cabelo rente, invisível. Ele e a sanfona pareciam constituir um instrumento só. Em frente, um índio manso, esguedelhado e adolescente, de gravata e perneiras sôbre grossas botinas de futebol, berrou de repente.

— Viva Getúlio, pai dos pobre!

Era o Antônio Cristo agregado da fazenda Formosa. Ao lado, num vestido novo de etamine, ia sentada a Ciana.

— É minha mãe. Tem corenta e cinco ano!

Ela olhou o sanfonista sorrindo n'um dente, cobreada no vestido amarelo. Chupava um palito como se houvesse descoberto um brinquedo.

O farmacêutico Piratininga levantou-se. Achou delicadamente que devia fazer uma quete para o sanfonista. Tinha uma gravata côr de maravilha e uma pochete igual no terno claro. O trem parou de novo num choque de ferragens. O preto musicista que chamavam de Chiba exclamou:

— Japonesa não dá berada!

MARCO ZERO

O italiano velho aproximou-se do sacerdote apresentando-se:

— Eu sou compradore de arroiz na zona. Ércole Fiorelo. Cum licença...

— Padre José Beato, vigário de Jurema.

— Me dissero que o senhore chama de bugre os japoneses e quere convertê êles na relijô católica. E' bestera! Non adianta! Nem se fôsse Giuseppe de Anchieta em pessoa!

O vigário que fechara o livro, estava longe no tempo, perdido num sonho que tinha quatro séculos. Pensava no apóstolo Anchieta diante do mar que batia as pedras lascadas de Peruíbe.

O italiano discutiu banana e cacheta.

— O dinheiro istá muito caro. O govêrno non presta. Está escangaiando com São Paulo.

Padre Beato pensava no mameluco quinhentista, no burgo de João Ramalho, no vil Jagoanharo e na batizada Bartíra.

O Chiba falou de novo dos japoneses.

— No bolo êles é corajoso.

Os amarelos indiferentes, miúdos, descalçavam as botinas, arrancavam as meias imundas, encolhiam-se nos bancos de pau, merendando. Passavam entre si um frango, um pastelão, uma garrafa.

O sanfonista ia recomeçar, cuspiu pela janela.

— Putanhero nós tudo tem que sê!

Para o lado do mar, havia silhuetas minúsculas de trabalhadores, entre morros lavrados.

A tarde roxa prosseguia lá fora. A sanfona emocional tomava conta do trem. A quete promovida pelo farmacêutico animou-se. O primeiro que deu duzentos réis foi um português sofredor e pequenino que estava de luto. Era o Casação, trabalhador da Miguelona na serra. Um madeireiro generosamente ofereceu dez tostões. Por detrás do grupo musical, refastelava-se num banco, feio e gordo, os olhos mal abertos, o latifundiário Merelão. O farmacêutico acercou-se cerimoniosamente e pediu:

— Duzentos réis para o sanfonista...

O velho olhou bem, tomou conhecimento do assalto e abanou a cabeça alva, negativamente. O farmacêutico então disse:

— O senhor é um pão duro! Todos sabem.

Pelo quadrângulo das janelas, palmeiras esguias adejavam palmas eretas para o céu azul pálido. Bananeiras ilustravam o canto da sanfona. Uma saudade arrastante passou na paisagem e na gente. Lírio de Piratininga exclamou alto:

— Nem parece que está no Brasil!

A sanfona parou. O português pequenino pediu ao preto que continuasse. Numa sucessão nervosa, sugeriu:

— A Maria da Fonte! O Hino Gaucho! O Vira!

— Ah! não sei.

O trem corria. O Chiba distendeu o instrumento, num sopro cáldo, a bôca aberta, a cabeça baixa, escutando.

MARCO ZERO

Debaixo de seu chapéu furado, o negro alto e magro parou de roçar e olhou a japonesa que cavocava forte a seu lado.

— Mecê é desinfeliz?

— Patirício munto judia no serevício...

Tomé olhou rasgado. A mulher continuava a roçar. Aquela cara redonda, com olhinhos de pássaro, bulia com êle.

— Nhô Fusiko bate mecê?

— Munto bebe Fusiko.

A tarde arroxeara os morros devastados para a plantação.

Tomé parou. Estava brilhante de suor. Fitava a japonesa alagada a seu lado.

— Porque que mecê não casô com brasileiro?

— Cônsul não dá orde munto non gosta.

A mulher tinha estacado. Murmurou:

— Quano casa mais trobáia ainda.

O arroz espetava de verde a terra fresca. Tomé disse baixinho:

— Ocê mi dá?

— Na minha contage, era dezenove mir. Mas êle só pagou dezmirréis e eu pirei.

— O que que você fêz com a japonesa? perguntou Leonardo, rindo, numa curva da estrada silvestre que bambús sombreavam.

— Fiz nada! Não quero mais sabê de mosca amarela! Êles queria capá o nêgo. Verdade que êle rolou com a japonesa na estrada. O homem dela vinha vindo num burro branco, ergueu a foice pra cima dele. O Chiba largou a japonesa, pegou num pau de goiaba que tava no chão e tacou no bicho. O japoneis quis fazê o burro andá mas o burro empacou e o Chiba desceu a lenha sem dó. Foi aquela marmelada. Foi burro, foi japonesa, foi tudo!

— Como é que pegaram êle?

— Pois ajunta que nem formiga. E' covarde japoneis. Nunca aparece sozinho. Êles queria capá o nêgo. Mas os baiano não dexaro, pegaro cavalo no pasto e foram sortá o preto. Êle meteu a cara na serra e eu atrais!

— Mas não há autoridade por aquí? Delegado?

— Não serve pra nada! Quando o xirife pede algum reforço de Santos, depois de quinze dia, aparece um cabo pesteadado e um sordado magro.

— O japonês aquí faz o que quer?

— Manda inté nas autoridade. Tem o consur que ajuda.

— Mas você trepou na japonesa?

MARCO ZERO

— Tá loco! Não deu tempo. Quando eu sube da história do Chiba, fui pidí minha conta pra nhô Fusiko. Ele não queria dexá eu saí, inda desconfiei mais. Ele tava bêbado que nem uma cabra.

— Não chamou os outros pra te capar?

— Não. Ele disse que pidí pode. Eu não tinha feito nada. Só pidido.

— E pra onde você vai agora?

— Pra terra dos grilero, lá tem sempre trabaio. Quem chega, pode judá tirá madera. Lá não tem japoneis.

Passaram um lamaçal. Tomé dava a mão, auxiliava o rapaz. A estrada embrenhava-se na mata que subia em copas gigantescas. Num baixio esparramava-se abandonada uma plantação de abacaxís.

Na madrugada ainda noturna, o fogo pôs labaredas até o teto do rancho adormecido. A Miguelona lá fora fazia ecoar nas quebradas o som da primeira lenha rachada.

— O maise forte do mundo é o dinheiro!

Os óculos doiravam sob um largo chapéu de palha.

Tomando o café quente que ela lhe oferecera numa caneca de lata, Leonardo Mesa queria ver transformações na vida paulista. A Miguelona era uma mulher homem. Quebrara-se para sempre o gineceu, nas cida-

des e nas fazendas, suas restrições e encantos? Fôra-se o tempo das rótulas, dos paes que matavam, do casamento sacrificado ou continuava a existir ainda a fêmea esquiava da família do planalto? O povo trabalhador na sua ascensão, produzia novas formas. Êle encontrava no meio do mato uma bandeirante. A luta era a velha luta do pioneiro americano contra as leis da metrópole. A Miguelona era libertina, usurária, irreligiosa. Vinha de Bocácio, de Adam Smith e de Voltaire. Uma exceção.

O dia de trabalho havia terminado na mata. Os trabalhadores recolhiam para o rancho, onde o Mingo preparava o jantar.

— Ah! se fôsse verdade o espiritismo!

— Porque?

— Pra gente vortá traveis moça. Diz que contece mas a gente non sabe quin foi antes. Intó de que serve?

O camarada Rioja tratava de encaminhar a velha para as realidades do presente.

— Seria bom que viesse pra cá o comunismo. Cabava os capitalista, nois non brigava mais por causa da poss da terra.

Ficou pensativa no banco longo e estreito do rancho.

— Io só fiz uma bestera de boa fé. Trocá uns sobradinho da Rua dos Instudante co estas terra que o

MARCO ZERO

Majó diz que é dele mas non é! Desque mataro o Pedrão na estrada eu bandonei o bananá.

— Você tem propriedades em São Paulo?

— Uma vila hipotecada. Que serve? Trabaio pra potecária. Ela já tá tomano conta das casa! E' minha ermã. Chama Dona Europa. E' gorda que nem um carro restorante! Tá cheia da grana!

Houve um silêncio de mato.

— Mas estas terra que eu trabaio e que passei iscritura não pode caí nas unha do Majó. São gente da Formosa. Um fazendão. Não chega? Inda qué pigá as terra dos pobre. Se o comunismo não vem logo, eu mato um. Pronto! Vô na cadeia!

No silêncio vegetal, corria a água de um riacho. A velha fitava o chão, a cabeça enterrada no chapéu. Exclamou de repente:

— Manda preguntá lá na Rússia quando é que vem o comunismo!

Leonardo deu uma risada clara.

— Eu tenho pressa. Estô ficando na merda. Banana! Meu dinheiro foi suado, fio da puta! Io fiz a permuta de bôa fé, no tabelió. Agorra êles vem dizê que era do santo. Santo non precisa de terra, já tem o céu!

— Quem precisa do comunismo são êsses que derrubam a mata a trôco de feijão...

— Qué dizê que io explóro? Natorale que explóro. Que que qué? Que trato êles com lête de galinha? Por certo que nesta lei se vai mesmo procurando os troxa.

Pago treis e quinhento. Já paguei inté dois mirréis. Só se ganha dinheiro co trabaio dos otro. E' a lei. Tenho energia competente pra isfrutá os otro. Sô meio indiôta mas inda dá pra indiôtá os otro.

— No Brasil tambem há de apertar a barriga de todos! E' a necessidade que faz o mundo. Enquanto ninguém passa fome, custa. Você vira comunista quando perder a vila hipotecada e as terras. Se não ficar antes morta na estrada como o Pedrão.

Os trabalhadores subiam os atalhos lamacentos na direção do rancho. Vinham em passadas largas, suados e sujos.

A Miguelona foi aticar o fogo ao lado do cozinheiro. Sentaram-se todos em volta da mesa de pau sem toalha. O Mingo era o único descalço. Dizia que seu prazer depois de curado de bicho de pé, era ver a lama escorregar no vão dos dedos. Tinha-os enormes e chatos.

— E' gostoso rapais!

O português Casacão, sentado ao fundo, serviu-se no prato de fôlha. Foi a vez do Mingo. Fêz uma pirâmide de arroz, outra por cima de feijão.

— Tá com fome, sacana? perguntou a Miguelona. Assim ocê caba a bóia!

Todos riram.

— Não é, é que eu não gosto de prejudicá um trabaiaidô. Daquí eu só levo um prazê — é a comida.

— Ele é mugiano. Gosta das banda de lá.

MARCO ZERO

O preto Tomé que ia se engajar no serviço da mata, pôz-se a comer valentemente. Leonardo Mesa notou o pouco sal do feijão aguado. Perguntou ao Mingo:

— Como é a terra da Mogiana? E' como aquí?

— Lá é diferente. Lá tem cidade cada instante, não é mato ansim. Tem gente, tem criação.

— Hai caça como aquí? indagou o Casacão.

— Que o que! O sujeito passa o domingo na espingarda não encontra nem uma juriti. Só alguma co-dorna, mas precisa cachorro.

— Aquí se caça inté gente, disse a Miguelona.

— Prá isso é mió. Povo parece triste prestas banda porque é mais ralo. Tem muito divertimento, pega na espingarda, cai no mato, tem até onça...

— Onça?

— Decerto. Si não tivé nessa mata emendada até o Paraná, onde é que tem? No Rio de Janeiro?

Os trabalhadores quietos esvasiavam os pratos enormes em garfadas regulares e iguais. A Miguelona tirou de novo o caldeirão do fogo para servir.

— Qué mais Mingo?

— Não comí ainda.

Estava com o prato limpo. Encheu-o de novo.

— Não gosto de enxergá do outro lado. O prato é o único parente que nós tem. Quando farta, a gente põe luto.

— Lamparina!

A Miguelona pôs no chão a comida da cachorra preta que andava por alí.

Os camponeses tinham uma idéia assombrada de tudo. Quem não tinha no Brasil da Revolução de 30? O que importava, pensava Leonardo, era prepará-los para o futuro, dirigí-los nas convulsões que se anunciavam, radicalizá-los na crise. O camarada Rioja queria constituir uma célula comunista na mata. Provocou para isso uma reunião dos trabalhadores no rancho de baixo, onde havia plantações abandonadas. Renques de bananeiras ofertavam seus cachos inúteis. Um abacaxizal enorme abria-se em frutos e farpas.

O Mingo fêz um cigarro de palha e disse que o Brasil precisava de um Mussolini.

— Mas que te adianta um Mussolini? indagou Leonardo. Êle é um carrasco que manda prender e matar os trabalhadores que querem a revolução deles, dos que trabalham. Só uma revolução interessa aos trabalhadores. E' a revolução contra os patrões e o govêrno dos patrões.

Mingo retificou prontamente:

— Bom. Minha opinião não vale. Comí gambá errado.

— Vivem repetindo que o mundo foi sempre assim, que sempre há de ser assim, que haverá sempre pobres e ricos. Nem sempre foi assim nem sempre há de ser assim. Na Rússia são os trabalhadores que governam.

MARCO ZERO

A Miguelona exclamou que na Rússia havia muita miséria, o jornal tinha falado...

— Não é verdade. São os capitalistas que mentem, porque são egoístas e não querem que vocês tenham os mesmos direitos que eles têm. A Rússia melhora todos os dias a vida dos trabalhadores no campo e na cidade. E o Brasil deve ser de todos os brasileiros da mesma maneira que a Rússia é de todos os russos. A Inglaterra pertence à meia dúzia de famílias que exploram tudo. O povo inglês é bagaço.

O preto Tomé falou:

— Me dissero que lá na Rússia é muito ruim de vivê e trabaiá. Matam gente a torto e direito!

— Quem foi que falou?

— O japoneis.

— O tal nhô Fusiko?

— Não, eu vi Nhô Muraoka falando na venda.

— O que êle disse?

— Que lá na Rússia, gospe em quem tem botina.

O Mingo interveiu:

— Aquí gospe em quem não tem. Acho bão nós f prá lá.

O camarada Rioja explicou:

— O japonês diz isso da Rússia, mas não conta o que se passa na terra dele, onde a miséria do povo é peor que aquí. Um grupo pequeno de barões é dono de tudo!

— Aquí também, disse a Miguelona. Só que em veis de barão, é coroné!

— Sim, mas como os senhores de lá não querem repartir suas riquezas, inventaram de tomar conta do mundo, iludindo o povo com a conquista de outras terras e de outros países. Qualquer dia êles mandam o povo fazer a guerra lá fora e morrer para evitar a revolução dentro de casa. Vocês hão de ver o que vai acontecer!

— Mais aquí vai tê a revolução, informou a Miguelona.

— Isto é outra coisa. São os fazendeiros arruinados que querem derrubar o Getúlio. Enquanto isso, o que êsses amarelos preparam é a conquista do Brasil. Vocês não vêm que êle só se casam com outros japoneses? Vão chegando, tomando a terra dos nossos caboclos. Não temos um govêrno capaz de defender o país. E os paulistas se ganharem a revolução, também não são capazes. Só os trabalhadores podem fazer uma revolução de verdade. Não devemos nos esquecer de que os fazendeiros querem conservar como antes de 30, as suas grandes fazendas, as suas terras.

— Coitado de São Paulo! Fez o Mingo. Só vendo os cafezá de Ribeirão praca! Aquilo era um presepe. Agora anda tudo largado na mão da broca.

— Dizem que mudando de govêrno acaba a miséria. Acaba para êles mas é o povo que vai dar duro e morrer nas trincheiras. O povo continua cada vez mais miserável se não lutar a favor do partido Comunista. É preciso separar a revolução dos trabalhadores de toda a parte do mundo, dessa revolução de ricos arrui-

MARCO ZERO

nados que procuram os seus próprios interesses. Mas o trabalhador tem um dia que se libertar da exploração dos capitalistas. A revolução comunista não se sabe quando triunfará aqui e nos outros países. Vocês mesmos deviam procurar o seu bem e o de todos os brasileiros que trabalham, entrando para o Partido Comunista.

— Devia di sê giá! Concluíu a Miguelona. Sinó nois tem que arranjá também um cônsole...

— Um cônsul?...

— Por certo! precisa um cônsole pros brasileiro. Só japoneis que há de tê?

A Miguelona lhe indicara o caminho agreste da mata virgem que conduzia às terras do personagem que chamavam em tôda a zona de Major.

— Vai visitá aquele bêbido!

O camarada Rioja dispunha-se a conhecer o pai do Jango da Formosa. Do último rancho da serra, êle lutava nos tribunais contra os posseiros das terras devolutas, fechava as estradas, atacava os caminhões. Era filho do senhor do feudo mais rico do oitocentos paulista, cuja decadência Leonardo conhecia de perto. Diziam que era maluco e que tinha além de livros, muitas armas guardadas, inclusive uma metralhadora.

OSWALD DE ANDRADE

A caminhada fêz-se acidentada e longa. Pelos atalhos íngremes e limosos da floresta, acompanhado de Tomé, o militante atingiu enfim uma clareira. Um cachorro latiu e êle percebeu assomar à janela única de um casebre de pau, uma figura grave de homem, o bigode ruivo e esbranquiçado caído sôbre a bôca. Empunhava um mosquetão. Gritaram saudando-o. O homem apareceu à porta, numa velha camisa káki. Tinha culottes rotas e estava descalço com os pés muito brancos. Deixara a arma.

Como se não percebesse ninguém, prosseguiu nos trabalhos do terreiro. A casa cercava-se de uma agitação, de galinhas e de patos. Leonardo viu que os porcos se atropelavam para receber o milho que êle esbugalhara, ao longo da cêrca do chiqueirão. Agora gritava: Tchou! tchou! tchou!

Uma aza azul borboleteou sôbre a água murmurante do grotão. O homem voltou para êle os olhos negros e fixos.

Leonardo sentara-se fumando um cigarro, sôbre um tronco caído. Estava de botas emprestadas pela Miguelona.

— O que o senhor quer?

— Sou jornalista. Ando colhendo impressões do litoral e da serra. Conheço seu filho Jango... Sei que o senhor é filosofo, tem um livro...

O homem fitava-o sem dizer nada.

— Já trabalhei como secretário de seu cunhado... O conde Alberto de Melo.

MARCO ZERO

— E um mulato sabido! O senhor também é? Console-se com Machado de Assis! Nós somos brancos... temos por parte materna uma origem nebulosa, a Europa nórdica. Somos Klag. Eu assino Klag...

— Porque o senhor móra aquí?

— Qualquer dia meu pai acabará entregando as terras da Formosa aos usurários. Ficaré o Coronel, a casa e o horizonte. Um brasão.

Falava num tom literário e enfático mas com uma gravidade impetuosa que seduzia, os olhos querendo pular sôbre o interlocutor, os dentes podres que o bigode procurava encobrir.

— Conhecí nestes dias um seu afilhado: o Fortes... Panerácio...

— Tôdas as fôrças da estupidez tomaram conta dê-se rapazinho. Chegou a ser tenente. Tenente do Izidoro! Sentou-se ao lado do militante.

— Sou um escravo do universo increado que é o espírito. Sou teósofo.

O preto Tomé havia se afastado para ver uma plantação de batata.

— Lê muito?

— Li muito São Paulo e Frederico Nietzsche. Passei a ponte e encontrei Alan Kardec. O porco, o cachorro, a galinha foram anunciados por São Paulo e compreendidos por Nietzsche. São hoje completamente humanos. O homem está igualado com êles à entrada da ponte. São cristãos na Arca de Noé motorizada... À espera do Dilúvio! O senhor não acha que São

Paulo e Nietzsche são a mesma pessoa em séculos diferentes?

O Major parára de falar. Seguia o preto com os olhos, Leonardo perguntou:

— Eu queria saber o que rendem estas terras...

— Eu sou o maior criador de formiga da zona... Tenho também muita cascavel...

— E galinha de Angola?

— A galinha de Angola! Não se trata nem de felino nem do vira-bosta. É o homem médio, é o igual que sabe repetir sempre a mesma coisa, tocar o mesmo motor ou o mesmo bombo de jazz, fazer a mesma contabilidade, sem trauma nem surpresa, enfim o homem standard.

Parecia refletir.

— O que rende... A vida é uma equação entre o que rende e o que poderia render. A formiga é uma grande equilibradora da vegetação. Sem a formiga nós não poderíamos ter cidades ou mesmo caminhos. Nem atravessar rios. Seria tudo mato, não acha?

— Porque o senhor não me dá uma entrevista? Tenho um título: "A opinião de Zaratustra".

— Zaratustra... O último fazendeiro! Boa besta! Não devia nunca ter deixado o latifúndio. Perdeu as suas verídicas coordenadas. A cidade é a multidão dos pequenos ônus aflitivos. Aquí eu me apodero do grande ônus cósmico que é a vida. E sinto o silêncio da vegetação. Moro num rancho furado porque quero mergu-

MARCO ZERO

lhar sempre no oceano atmosférico. A casa afasta o homem da terra para outro planeta.

— Que planeta?

— A família... Aquí eu vivo da luz das estrêlas, sem as perturbações que as noites artificiais trazem. Na minha cama durmo nú. Acordo no negativo fotográfico das madrugadas. Sou um contra-produto de Lenine. Os vermelhos querem fazer a humanidade inteira transpor a ponte, êsse limiar da evolução biológica. Mas ela estacionará eternamente, sem transpor, pregada à sua gagueira como as minhas galinhas e os meus porcos. Só os escolhidos passarão porque êles enxergam além da ponte e possuem o horizonte do espírito.

Leonardo fitava em silêncio aquele cabotino delirante. Pensava que a revolução comunista era uma mancha de óleo que se alastrava pelo mundo e um dia havia de chegar à floresta brasileira.

— Possuo a terra e a lei. Quando tenho uma discussão de tipo conjugal com uma galinha, como-a. Torturo os porcos. Ninguém sabe gozar e sofrer humanamente como um porco. São personagens de Balzac. As galinhas pertencem à literatura nacional.

Houve uma pausa cheia de cacarejos. Leonardo perguntou:

— Nesta solidão, como o senhor encara os problemas do amor?

O homem teve um acesso de tosse.

— O senhor ignora que Kant se masturbava na cátedra? E deu ao mundo o presente das Antíteses!

Em tôdas as horas, nos palácios ou nos tugúrios, o homem espera. E como nada vem, êle só possui o remédio solitário para dar pasto à besta... que ele é! — O senhor já leu Proust? — Tenho um filho, não é o Jango, é o menor, que me fez conhecer esse grande asmático. O homem de hoje está reduzido a um ser proustiano que vive da memória. E' um exilado entre máquinas e que só se realiza na memória. Às vêzes no mesmo leito, ao lado do outro conjuge que dorme, o ladrão que existe dentro de cada um de nós, faz a ligação cautelosa do cérebro, do sexo e da mão. Só assim se realizam os roteiros noturnos do maravilhoso...

— Quando acaba, levanta-se e manda matar os que o incomodam...

— O que é a morte? A morte não existe; é uma integração, uma passagem para o destino de cada um. Todos nós habitamos a morte...

— É a realidade brasileira!... exclamou Leonardo.

— No Brasil, vivemos na idade da pedrada.

— Da pedra?

— Não. Da pedrada... do bacamarte...

— Evoluiremos um dia.

— Temos que ter ainda Napoleão, Luiz XVIII, Carlos X,...

— E depois?

— Luiz Felipe. Depois eu morri. Dentre todos os bichos da mata ou do quintal, do carnívoro ao réptil, o homem é o mais desanimado e o mais infeliz porque so-

MARCO ZERO

nha em viver em estado tribal. Por isso eu resido aqui, longe de minha taba urbana.

O Major apanhára uma vara de marmeleiro.

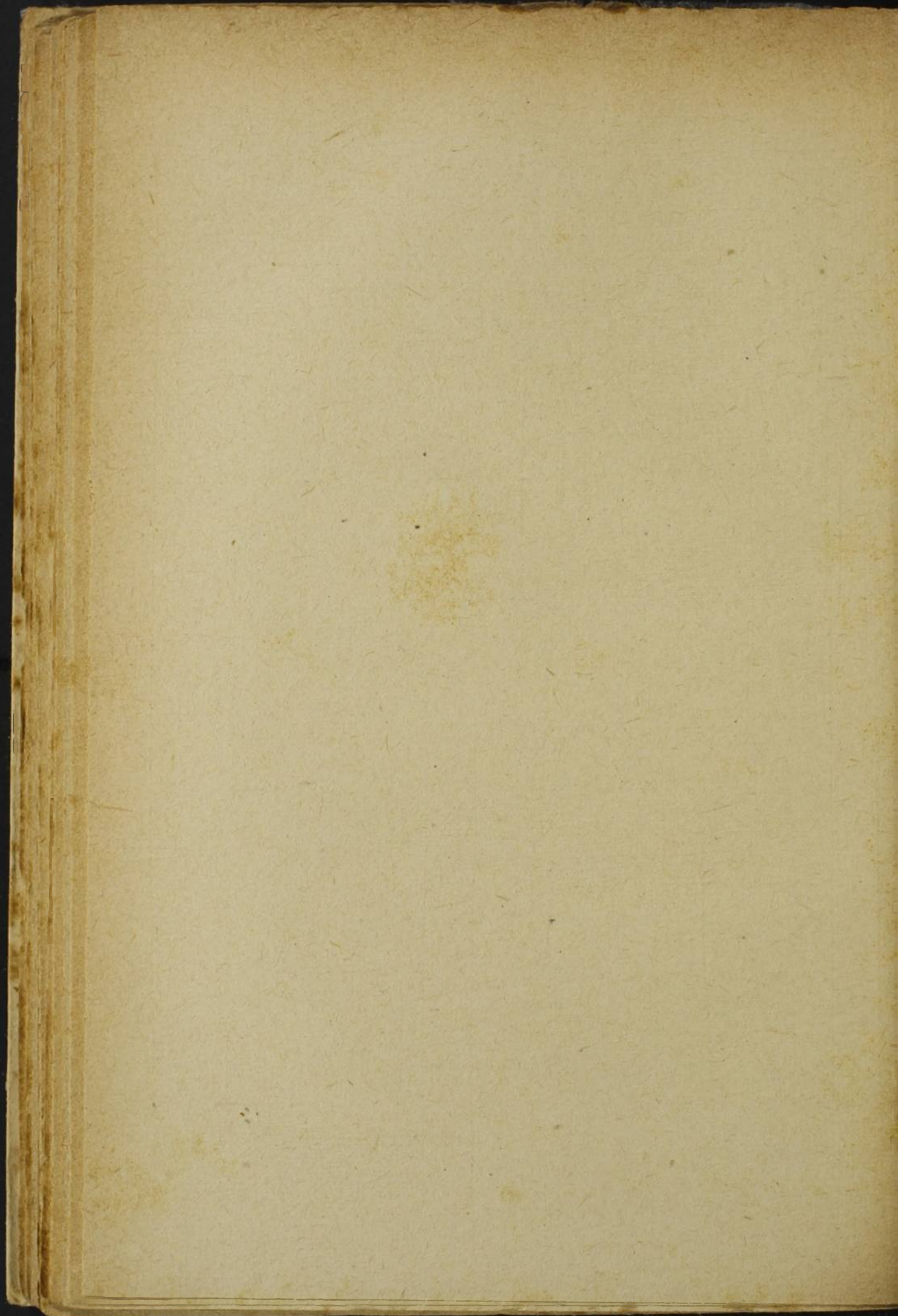
Tomé aproximava-se. O comunista havia se levantado, pensando que contra certas exaltações da burguesia, só se pode conversar com uma metralhadora na mão.

O latifundiário gritou solenemente para o preto:

— Cante o hino nacional, crioulo. Cante!

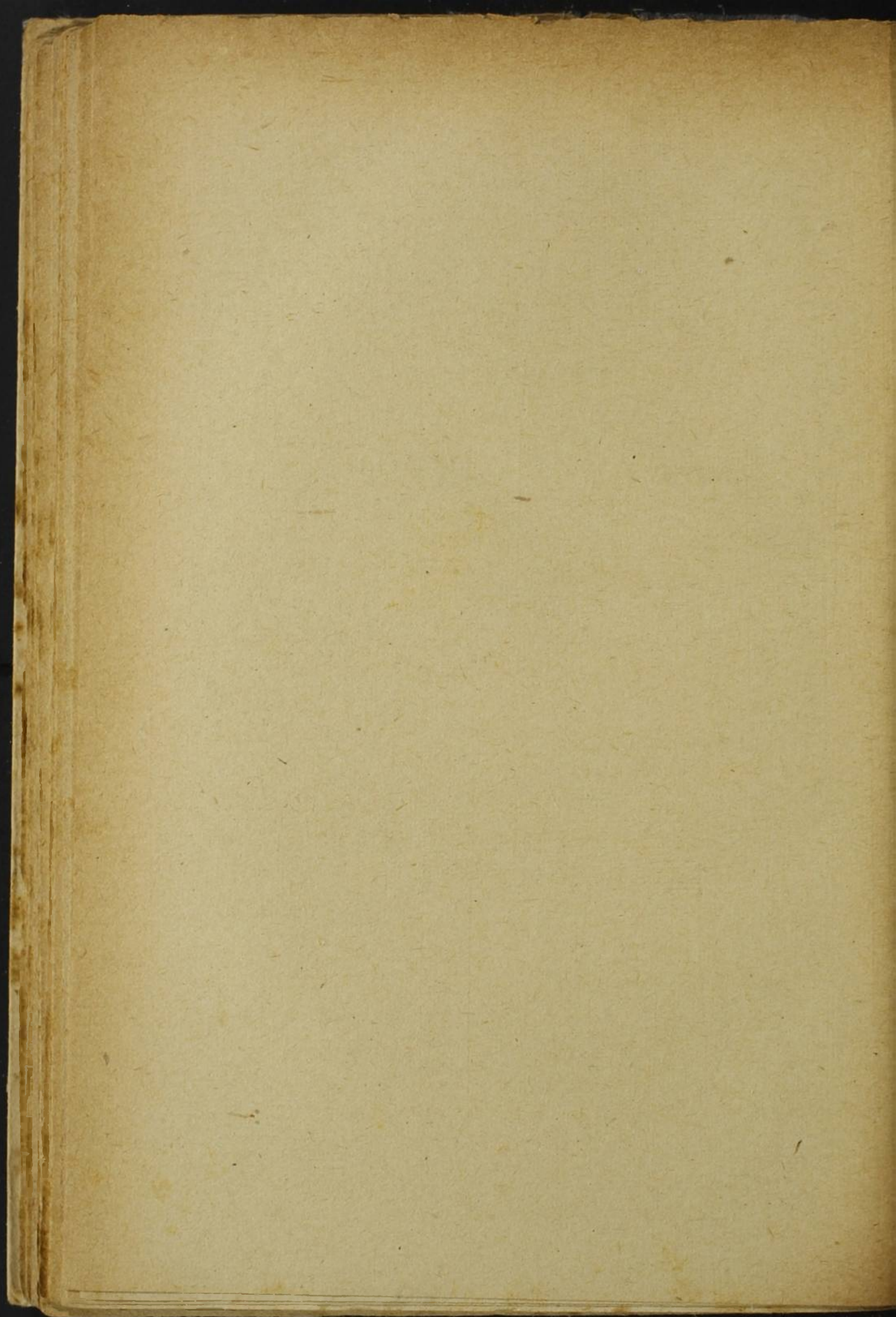
Tomé abriu a bôca.

— Eu não sei. Só sei os pedaço...



CAPÍTULO II

A Escola do Cavalo Azul



Nosso céu tem mais estrêlas
Nossos campos tem mais flores
Nossa vida mais amores.

A morena parada num capote cinza, cortado de alamares que botões metálicos fechavam, tinha na mão algumas tiras amarelas de papel.

As crianças festivas, divididas em filas desiguais, estacavam no solo enlameado. Por cima delas, uma chuvinha farinhava no dia claro.

— Comemorar São Paulo é falar de São Paulo das Bandeiras! E' cantar os feitos heróicos dêsses homens que vararam os rios desconhecidos e misteriosos. Êles avançavam numa terra onde só havia, como disse Bilac, um tropel de índios e de feras!

A gripe mal curada da diretora tossia de dentro da porta, ladeada por duas bandeiras diferentes. Filas de meninas com grandes laçarotes verdes nos cabelos e gravatas brancas de papel, escutavam inteiriçadas e quietas.

— Todos os sacrifícios hão de florir um dia!

A diretora oxigenada tinha um nariz de bico e a gordura alviçareira enfaixada em preto. A chuva lavava as cabecinhas descobertas. Ecoou de novo o canto infantil. E como seu Barnabé a fitasse, com seus dentes de ouro, Dona Anastácia Puper exacerbou-se:

OSWALD DE ANDRADE

— Então, porque o senhor perdeu o apito, professor, as crianças ficam na chuva sem fazer ginástica? Bata palmas, vamos! Só haverá a parte literária. Vamos Dona Eufrásia!

Barnabé de um lado com os meninos, a oradora de capote com as meninas, movimentaram-se, batendo as mãos, ritmando os passos. As teorias cadenciadas penetraram na sala baixa da escola, entupida de carteiras, onde nas paredes, sobre os quadros negros, pendiam mapas e gráficos.

Fora, na chuva ficaram apenas as duas bandeiras, a do Brasil com grandes remendos desbotados e a do Japão, luzente como o sol que nascia do outro lado do planeta.

Contrairam-se as rugas da velha.

— Mecê me discurpe, mas mostrará...

O farmacêutico Piratininga suspendeu o algodão embebido em álcool.

— Mas você quer sarar ou não, Tita?

— Não mostro, Deus o livre... Já disse inté pro médico... Que vá da injeção em quem gosta de mostrar!

A risada do mulato encheu o laboratório.

— Nunca nenhum home me levantou o vistido.

MARCO ZERO

— Mecê mesmo levanta...

A velha saiu.

— Onde é que mecê vai coessa pressa?

— Diz que o Bispo vem na Jurema...

O farmacêutico, no avental branco, chegou à porta, gritou na rua deserta:

— Cuidado, nha Tita, o Bispo te dá cristé!

O Grupo Escolar havia sido salão de baile nos tempos idos, quando o imigrante japonês invadira o litoral sul do Estado, encaminhando-se para a formação de seus quistos raciais.

As salas abriam janelas no edifício chato, alongado. Pela estrada passava o atropêlo das culturas sertanejas, conduzidas em carroças por pretos ativos. A diretora afirmara em reunião que o professorado primário era uma tropa de choque da nacionalidade. E sugeria que se fizesse uma chamada patriótica, indicativa da origem de cada aluno. Eufrasia Beato estava de pé, num corpinho branco:

— Kioto Nassura...

— Sou basirera...

— Sakueto Sakuragi.

— Sou basirero...

— Jesué dos Santos.

— Sou piracicabano!

OSWALD DE ANDRADE

— Josefa Antunes.

— Sou brasileira.

— Massau Muraoka...

O pequenino bonzo de gravura fitava a professora com olhos entreabertos e longos.

— Massau, você sabe que também é brasileiro? Você é paulista, diga, vamos! Diga só para contentar a Dona Eufrásia.

O menino estourou em lágrimas ante a sala surpresa. A professora deixou a chamada e começou a aula de Instrução Moral e Cívica.

— Como morre um brasileiro, Jesué dos Santos?

O negrinho bojudado hesitava de pé, na carteira, mostrando os dentes brancos. Pensou no Federico carroceiro, que tinha ficado debaixo do caminhão do japonês. Ia falar, mas um garoto ativo, de côco pelado, agitou os dedos.

— Diga, Adelino!

— Na guerra do Paraguai, coberto de louros!

No primeiro banco, um caboclinho esbranquiçado estava descalço e vestia uma camisa em trapos.

— Idalício, você apareceu?

A classe agora fixava o nacional que tinha a bôca prognata, imóvel.

— Porque você falta tanto assim?

— Judando vó fazê farinha.

— Porque não faz de tarde? a aula é de manhã. Você podia vir...

MARCO ZERO

O caboclinho desceu a cabeça. Disse baixinho: — Não tinha carga...

— Vá para a pedra e escreva.

O corpo estreito levantou-se sôbre os pés sujos, duros de bichos.

Eufrasia começou a ditar.

— “O Brasil é o país mais belo e mais rico do mundo”...

Idalício Diadermino apertava o giz sem poder escrever. Houve um grito na classe. A professora correu. Ele estava estendido no soalho, com os olhos vidrados.

Um garoto amarelo explicou:

— Japonese non cái porque trazê lanchi...

Eufrasia falava à D. Anastacia:

— Essas crianças fazem três quilômetros a pé, sem comer nada! Corta o coração!

A professora deu a Idalício um pedaço de queijo de seu farnel. No recreio, dois meninos atiraram-se sôbre êle. Pôs tudo na bôca, antes que os outros tomassem. Encheram-no de sopapos.

Idalício saíu. Tinha o chapéu furado e a Cartilha. Viu uma vaca na estrada. Podia se chamar Estrelinha ou Barrosa. Escrevia va-ca. Podia ser qualquer vaca, de qualquer sítio. Ele voltava para perto da avó no casebre. A Cartilha transportava-o, desligava-o daquele mundo longinquo de barro junto ao rio maleitoso. Gritou para o céu:

— Va-ca!

O pano do circo descorava em ondas sob a iluminação de muitas luzes. A assistência era de imigrantes e nativos, sobretudo de crianças, muitas nascidas nos charcos ribeirinhos, outras vindas de terras distantes. Uma algazarra furiosa saudou o primeiro sinal dado numa lata.

— Eh! Manézinho!

João Lucas Formoso caminhou sólido e lento nas perneiras, o chapelão de "cow-boy", sentou-se na primeira fila ao lado da professora que o esperava.

Os japoneses limpos contrastavam com a imensa população dos Deadermino que enchia o circo. Eram os bera-corgo, caídos nos paúes de Bartira. Caras desvairadas, outras disformes, marcadas por tics nervosos, línguas de fora, bochechas inchadas, gengivas expostas. As mulheres grávidas quase tôdas, trazendo crianças es-

quálidas ao colo, pela mão garotos lombrigais e espantados.

— Só falta o padre!

Uma banda de música improvisada metalizou a noite. O circo estava repleto. A Miguelona surgiu, fuzilando nos óculos doirados, à procura de lugar. Foi para o meio da criançada, na galeria.

— Non tenho medo que argum espie as minhas perna!

Os músicos tocavam a melopéia rachada dos circos. Era uma banda de amadores com um perna-de-pau, um triste de cara vermelha e o bombo ritmico. Afastado do núcleo sonoro, como não querendo se misturar, o “sherife” Idílio, tocava um bombardão. Vestido de branco, despejava notas de seu mágico caracol. Cães cheiravam baleiros improvisados.

Quando o palhaço, de chapéu de padre, de cara de padre, de pijama de padre, fêz um salamaleque, o negrinho Jesué dos Santos despencou de emoção da galeria. A música era triste como um canto vindo do fundo da exploração humana. A ginástica coleante dos artistas desenvolvia-se em câmara lenta.

Eufrasia Beato Moncorvino ao lado do moço fazendeiro estacava numa quietude de estampa. Que se passaria dentro dela?

Um cachorro de focinho preto investiu inesperadamente contra o palhaço. O professor Barnabé saiu de sua imobilidade admirativa, gritou ameaçando espancar

o animal com uma bengala. A voz de Eufrásia Beato ressoou como um gongo para o moço junto dela.

— Você não olha, Jango?

A música tornara-se um canto sentimental de trombone, seguido de perto por um acompanhamento rápido e igual, onde o bombo ladrava.

Dois acrobatas deram algumas cambalhotas forçadas, fazendo as mulheres gritarem pelo Bom Jesús de Jurema. Um atleta ergueu um pêso enorme de papelão. A função terminava. Apagaram-se as luzes para dar lugar a um número fantasmal. Num luar de artifício, surgiram maiôs brancos. A criançada confraternizava num susto efusivo.

A Miguelona gritou que tinha sido “um bonito serviço”. O palhaço pulou nos pés, nas mãos. Barnabé empolgado contou alto os pulos “oito, nove...” Eufrásia indicava agora uma mulher monstro se equilibrando numa esfera.

A música rebolou furiosa. Os artistas esvairam-se. O circo apagou-se como uma aparição para nunca mais. A professora no capote de botões metálicos saiu com o moço fazendeiro. Ao lado deles, Idalício Deadernino, a roupa rasgada, os pés descalços sustendo o esqueleto de dez anos, passou deslumbrado, sem ver ninguém.

MARCO ZERO

Amores dadivosos dos doze anos de quem pensa que não sabem que pede esmola, que na casa mísera faltava comida e era preciso buscar o prato estranho, o pão da caridade para as crianças chorosas, assustadas. Eufrásia fôra-se plasmando naquela luta ingrata e desigual. Diante dela apontava o castelo da Formosa de onde poderia vir tudo. O desamparo, o castigo ou a generosidade salvadora.

A velha fazendeira que fizera o seu irmão mais velho seminarista, tivera uma idéia: — Essa menina precisa ir pro colégio! Isso fôra antes da derrocada da Veva.

Transportaram-na para uma cidade grande que não conhecia. São Paulo. Um homem grisalho com uma roupa poida a conduziu para um escritório, onde uma moça morena lhe perguntara se sabia escovar os dentes e tomar banho. Ela não sabia nada... A tia Licórnea que vestira todos em criança e a pusera no grupo escolar, não ensinara nada.

Uma pancada rija de sino, depois outra, mais outra. As pancadas foram se amiudando, ficando uma musicalidade atropelada, atingiram um paroxismo unido, esmoreceram, enfim, espaçaram-se de novo. Cessaram sôbre a fazenda paulista.

Os ganchos da rêde gemeram no terraço que beirava a noite da casa colonial. João Lucas acendeu um cigarro.

Seria preciso esvaziar a Formosa, até o último colono. Que importava, se as porteiras da fazenda fechavam o vazio sem ela? Estradas, campos, estábulos e carregadores ficava tudo vazio sem ela. Se o Major, não estivesse nas devolutas, levá-la-ia para lá. Se resistisse, ensacava-a à saída da escola e punha-a dentro do forde. Mas o pai ocupava as terras em luta com os posseiros.

Se ainda tivessem a Jangada, era aí, na sua fazenda da Noroeste, que êle queria tê-la. Mas seu avô vendera-a justamente agora na baixa, para salvar a Formosa. Burrada!

Cinco anos atrás, construira êle mesmo o primeiro rancho da Jangada, entre coqueirais e restos possantes de mata. Tocos negros balisavam a queimada, quando êle plantara o café bem faciado. Onças e queixadas rondavam à noite os primeiros ranchos. Tinha sómente três famílias de colonos. E formara logo a fortuna de arbustos verdes, pujantes, pulados do chão da mata virgem. Havia determinado a carpa e o enleiramento no sentido das águas, afim de que não se desviasse a riqueza da terra para os ribeirões. E tivera logo os horizontes penteados de cafezais. Pelos carregadores passava a condução mecânica, tratores, fordes, caminhões. Enchiam-se os secadores, as tulhas debordavam. A máquina de beneficiar café socava de barulho a sede. A

MARCO ZERO

eletrificação havia animado o deserto. Era a abertura de zonas novas. Nas cidades não se sabia se o que se levantava do chão era ouro ou poeira. Os japoneses organizavam-se em meetings amarelos que se transformavam em municípios no dia seguinte. Não havia tempo para destocar as ruas e as praças. Tôda essa aventura perecera no desastre mundial de 1929. A crise viera como a quebra de um mundo. O crédito cessara. Cessara a defesa artificial do produto, mantida pelos exploradores da City. Na derrocada o imperialismo americano se apossava da miséria brasileira. O café bloqueava o pôrto de Santos, entupia os armazens reguladores. A gente das plantações andava terrificada.

— Puta que pariu! Que tinha que ver a Formosa com Nova-York? Os comunistas têm razão. O mundo é um só!

João Lucas Klag Formoso olhou a noite opaca que pendia das estrêlas por sôbre as terras cultivadas da fazenda. Poderia levá-la para a Jangada. Alguma coisa de infantil germinava nos seus vinte e oito anos adultos. Despejaria tôda a carga do revolver Colt se não fôsse sua. Estava como um burro prêso a um moinho. Nas noites de cigarro desenvolvia-se aquele parafuso. Um galo cantou na colônia noturna. Outro respondeu longe, outro mais longe. Cinco horas. A rêde ficou balançando nos ganchos. O sino ressoou de novo no extremo do terraço. Um trecho da mata contornava o pomar. O céu por cima das árvores estava copado de estrêlas. Elas ligavam-se à alta folhagem dos jequitibás.

Silhuetas de palmeiras suspendiam fachos tropicais na noite. Uma canjarana estorcegava-se para o alto. Jango escutou gemidos surdos, um e outro grito teimoso e o assovio do Sem-Fim. Acendeu outro cigarro.

Ninguém compreenderia o amor do moço fazendeiro por aquela borralheira. Era amor de sombra de cafezal nas horas solares quando descia do cavalo suado. Era amor de casar! A casta paulista obstaria. Mesmo na ruína! Os preconceitos se haviam de erigar. Ela era filha de um bêbado! Jeremias Moncorvino. Talvez a avó Umbelina compreendesse, talvez fôsse a única. Ela fôra a glória da Formosa na expansão latifundiária, a flor da Sempre-Viva, em Campinas. Seu avô se casara por amor como êle se casaria com a Beato. Burrada como êle queria fazer. Haviam abandonado a Sempre-Viva. Suas terras estavam mortas, seus cafesais secos. Era uma louça ao sol da sua infância. Dentro dela jazia sepulto um drama de família. A Maria-Aeroplano lhe contara. Umbelina chorava alto num quarto. Monsenhor Luna acorrera de Campinas. Ela era estrangeira de origem, colona. Uma Klag. O casamento do avô tinha sido uma imprudência com a qual a família não pactuara, como agora êle ia fazer com Eufrasia Beato. O carreiro italiano que tocava música na colônia aparecera estendido morto a tiro, numa capoeira e o capanga Idílio Moscovão fôra levado a júri. Os filhos tinham crescido sem crença. Felicidade Branca. Aquele Major que era seu pai. Tratara-o sempre como um cão. Perdera a mãe cedo. Não fumava perto dele. Ouvia-

MARCO ZERO

lhe a voz persuasiva e forte. — Desencoste-se dessa mesa! Perfile-se menino! Pusera-o no colégio interno em São Paulo.

Depois dos longos anos de internato com as férias na casa de S. Paulo, tivera a primeira impressão da fazenda. Viera ansioso, encontrara na estrada a avó num trole puxado por dois cavalos. Aproximara-se reverente para lhe beijar a mão e ela lhe perguntara: — Você já viu seu pai? Ele está na cocheira, castrando os animais. Encontrara dois potros amarrados pelas pernas, deitados no chão. Sofriam a operação que o Major, em mangas de camisa, executava acompanhado por dois peões. Perto havia um ferro em brasa.

Pouco a pouco integrara-se naquela rudeza cultivada da Formosa. Viera a iniciação sexual adolescente na bestialidade dos contactos do campo. Era o senhorzinho. A negra desdentada sorria na cozinha.

— Não conto nada. Mecê pode forgá!

Seu irmão mais moço, muito mais moço, crescera diferente. Quindin... Bonito, com aquele seu ar viciado. Fôra tratado com todos os mimos. Tratado melhor que a irmã. Um dia começaram a desaparecer coisas da casa. As jóias da avó foram encontradas desmanchadas num Prêgo da capital.

Moveu a rêde, olhou para fora do terraço. A manhã pardeava. A cerração subia do soluço dos ribeirões, apagava as estrêlas. Não eram mais elas que falavam. Um saracuí assoviou longe. O gemido das suindáras confundia-se com a dor das rôlas. Um sabiá

OSWALD DE ANDRADE

dobrou. A ironia dos guáches estendeu-se à mata, ao pomar, às plantações. Galhos impunham-se pálidos, mas precisos. As arvores tomavam forma na forja das grotas.

Uma araponga tiniu. João Lucas encaminhou-se para a cozinha negra onde Armida Spin acendera um grande fogo. Viu-a de costas, o cabelo esvoaçando em tórno da nuca no pescoço ereto.

— Ha quinze dias que não sei o que é mulher, já estou achando até a besta bonita.

— Pois vai co'a besta...

— Prefiro você...

— Depois de casada, graças a Deus não faço isso.

— A besta faz.

— A besta é pagã!

Armida juntara as saias, as nádegas em relêvo, para tirar o pão do forno. Veio servir o leite grosso e fumegante, o café cheiroso. Tinha os braços nús, os seios balançando na blusa verde sôbre um corpinho estreito.

— O coroné vem aí!...

O moço fazendeiro enlaçara-a. E violentamente a foi conduzindo em silêncio para o quarto dos arreios.

Uma linha de casas iguais enfrentava o terraço da Formosa. Armida vinha chegando para ver a filha que ficara doente. A família Spin preparava-se

MARCO ZERO

para sair na direção dos talhões de café que tratava. Crianças de pés grossos e sujos, despertadas nas mesmas roupas do dia, cobriam-se de velhos chales, tossiam no meio da criação.

Levavam o almoço feito. O enxadão e a foice escoteiros abriam a marcha. O velho Ferruccio Spin, encanecido sob um chapéu de palha rasgado, ia no meio de mulheres e balaies. A manhã enfarruscava quente nos carregadores, onde a viração dividia os cafezais lustrosos. Sozinhos, em grupos ou com as famílias, passavam os colonos para o trabalho. Espanhóis, italianos, húngaros e pretos.

— Bom dia, signore!

João Lucas na égua baia bem arreada, abriu a porteira ladeando o mata-burro. Ante uma casa de calça, com flores de São João trepando pelo terraço de madeira, chamou pela Ciana.

— Desapeie, Seu Jango. O cafézinho tá pronto. O Cristo foi arreá o Benteví.

A mulher desleixada, tendo uma criança ao colo, sorria com um dente. O moço penetrou na sala de jantar repleta de santos de todos os tamanhos, enquadrados nas paredes. Uma carabina Winchester alongava seus canos luzidios por sob um relógio parado.

Os dois homens montados subiram a encosta na brisa persistente do verão. Nenhuma árvore de horizonte a horizonte. A primeira vestimenta da terra desaparecera com a primeira gente. Tinha morrido nas mãos latifundiárias do café sob o lençol de chumbo da monocultura. Deitados jequitibás e perobeiras, na derrubada e no incêndio, a fôrça da terra creara o café licoroso. Só agora, com a crise, os valados começavam a ver o plantio da cana de açúcar, dos cereais carbo-hidratados, do tungue oleaginoso. O maior esforço agrícola do mundo!

Em 1930 homens armados tinham acorrido do Norte e do Sul, em exércitos, com um lenço vermelho no pescoço. Mas depois de tomar o poder, o novo governo abandonava o produto capaz de sustentar a balança comercial exterior. E ordenava a destruição, a queima de dois bilhões de arbustos em produção. Como a velha vestimenta florestal, como a antiga gente da América, o café paulista tinha que desaparecer.

João Lucas chicoteou o animal na manhã salubre. Nuvens engrossavam sôbre o mar de rubi plantado.

O moço, na besta marchadeira, gritou para o índio Cristo:

— Que a broca coma esta merda! Mas eu não ponho fogo no cafezal. A Formosa é o coração do mundo!

A estrada quebrou a paisagem para deixar ver o ribeirão lamacento e cheio. Abriam-se alí as invernadas de capim gordura. João Lucas e o índio Cristo ladearam o mata-burro, passaram a porteira. O céu acumu-

MARCO ZERO

lava carvões brancos e fechava o sol nos taboleiros e nos vales. O gado pontilhava o campo. Iluminavam-se de repente as sombras no azul. Uma silhueta de zebú acamelava o horizonte.

Os trabalhos do campo pereciam. O rebanho não era mais o orgulho da Formosa. Espalhava-se amarelo e branco, fosco e barroso.

Fôra-se o tempo em que a fazenda possuira trinta touros dentro dos seus currais. As dificuldades aumentavam de todo lado, obrigando os donos a vender o gado sem o pouso das invernadas. O administrador deixara de fazer seleção, de usar os banheiros sanitários e carrapaticidas.

Ao encontro dos dois homens, vinham campeiros a cavalo, botas curtas sob ponches escuros, chapéus ao vento. Tinham arreios vistosos e flores nas esporas. Pararam ante a floresta de chifres.

— Precisa castigá o exemplo. A coloniada tá fugindo pras terra da Miguelona. Pregaro um tiro no Pedrão. Ficô lá estendido. Não adianta!

O índio Cristo esporeou o Benteví. Tinham fechado a transação com os gauchos. João Lucas passou num galope. O camarada seguiu-o, um bigode aparado no focinho, um chapéu de cow-boy donde escapava um fogaréu de cabelos descorados.

— Nhô Idílio, gostou do Rio de Janeiro?

— Ho! Ho! Diz que quem não conhece o Rio pensa que o Brasil é só êsse campestre. Ficou bobo. Diz que parece ôtro mundo. Diz que foi consurtá o médico pras doença dele, mas virô, mexeu foi pará no Mangue. O moço do hoter é que levou êle. Cada mulata de beijo pintado, com bosta de galinha nos oio, chamano êle! Pois num deu trabaio nenhum. Inda disse pr'êle vortá. Non é qui nem aquí essas jécas que a gente joga no chão, leva meia hora pra abrí as perna, meia hora pra tirá a mão, depois quando a gente não pôde mais de cansado, decrára: mecê num presta mermo.

— O que êle viu mais no Rio?

— As muierada tomano banho na praia. Ota gente sem cerimônia!! Cada mamicão dependurado! E dizê que não liga pra gente oiá. Eu, neste São João que vem, sumo se Deus quizê, vô dá cos costado lá, nem que seja perciso vendê a leitoa da Ciana.

A uma volta da estrada, atingiram a porteira de cima. O vento balançava os arbustos. Cafezais penteavam as encostas suaves da Formosa. As invernadas, para traz, matizavam-se de tôdas as côres, do avermelhado ao ocre e ao verde fosco. Os açudes fixavam o céu como espelhos. Renques de casas brancas indicavam as

colônias. O terreiro de café, cercado de lavadouros, parecia um estádio negro e monumental. E os pomares, unidos à mata, frondeavam escuros. No casarão ao sol, dez janelas punham vida na calça sôbre os pilares gigantes. Rótulas lembravam os gineceus da escravidão.

Jango escreveria no túmulo de seu avô: “Lavrou e amou a terra”. Bento Formoso tinha mais de meio século de café. Vira abotoamentos e floradas, contrastos, grãos caídos no sujo, ventos gelados de setembro, talhões opulentos transformados num dia em desertos de varas queimadas. Começara a puxar café com escravos na adolescência. Mas nem mesmo na geada grande do ano 18, sentira-se como agora. E se o procurassem para comprar a Formosa, responderia: — Pátria não se vende.

João Lucas esporeou a besta e gritou para o agregado:

— Nós iremos juntos ao Rio com cincoenta mil paulistas, plantar um pé de café na Avenida Rio Branco!

Eufrasia chegou atrasada à escola.

— Tá pegando fogo, meninada?

A classe produzia um só grito, permanente e confuso. Na ausência da mestra, as crianças rumorejavam indisciplinadas. Pequenos diabos deixavam os seus lu-

gares intervindo nas outras carteiras espancando-se, berrando. A professora tinha fechado a porta.

— Em seus lugares!

Deu grandes reguadas sôbre a mesa. Meninos e meninas procuraram atabalhoadamente sentar-se. Houve um silêncio de expectativa. Moscas voejavam sôbre a cabeça de uma menina feridentia.

— O hino!

Vozes claras e iguais, ergueram o canto nacional a princípio vacilante, depois forte, vibrando nos estribilhos.

Ou ficar a pátria li-vre
Ou morrer pe-lo Brasil!

Japoneses, negros e caboclinhos gritavam entusiasmados as mesmas afirmações. O hino terminou numa medida musical. Ficou o silêncio ressoando na sala de muitas janelas.

— Hoje é dia...

As crianças interromperam:

— Conte uma história! Uma história, fessora!

Eufrasia fixou o japonês Zenken que destacava seu busto reverente na primeira carteira.

— Que é que você quer, Zenken?

— Xiênxia, respondeu o garoto, levantando-se num movimento respeitoso.

Hoje é "Lição de Coisas". Vamos falar sôbre os produtos locais... A banana! Mas antes eu quero saber do que vocês gostaram mais no Circo. Diga, Jesué dos Santos... Vocês viram como é assombração?

MARCO ZERO

O negrinho gordo espiava uma caboclinha que baixara sob a carteira a cabeça de cabelos amarelos.

— Assombração não existe. É gente que faz...

O Adelino murmurou:

— No mato tem!

Eufrásia dirigiu-se aos japoneses:

— Vocês também acreditam?

Zenken exclamou:

— É obáka! Vijão!

— Você, Harú, a primeira da classe, você acredita em assombração?

— Chama obaka em japuneis.

— Na escola japonesa não ensinam que não existe?

A pequena boneca limpa estampou um sorriso paralítico.

— Murié cumpirida no ceremitero...

— É natural que vocês acreditem em tudo. O Idalício escreveu no caderno de linguagem: "O cavalo é azul". — Cadê o Idalício? Faltou outra vez! — Silêncio! — Vamos, Filomena Felisbino, fale sobre a banana!

As crianças excitadas esperavam o momento de emendar, de dizer que sabiam. De pé, a italianinha era só sardas e tranças. Estava num vestido de quadradinhos.

— A banana é um alimento ótimo.

— Muito bem. Para onde mandam a banana?

— Santos! gritaram dez vozes estridentes.

— Silêncio! Quem está falando é a Filomena!

A escola era um centro de interêsse rural. A produção agrícola da zona pendia nos mapas coloridos da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, indicando estatísticas, propondo processos de plantio, ilustrando fases da cultura, a embalagem e o transporte.

— Harú, você! Fale sôbre a banana.

A japonesinha levantara-se sôbre a carteira, o cabelo preto terminando em franja sôbre a testa.

— A banana é um arimento muito bom.

Eufrásia Beato, fitava Zenken, taludo e contrafeito.

— Vocês, japoneses, têm mania de trocar o “l” pelo “r”. Veja isto no seu caderno, Kioto...

A classe antes de tomar conhecimento, ria com exagero.

— “Era uma vez um itariano que vendia fuluta”.

— E’ “um italiano que vendia fruta”. Pode sentar-se Harú!

O aluno grande mexia nervosamente as pernas, fitando a mestra numa adesão silenciosa.

— Leia você, Zenken!

O rapazinho levantou-se com o livro de leitura na mão. Estava calçado. Era ossudo e alto. Tinha uma compleição diversa da do japonês comum e uma cara de carrasco mongol.

— Na pirimavela o vigelinho...

— Bezerrinho!

— Vigelinho...

A classe desmanchava-se num riso bulhento, desastrado. No mapa, onde as fases da produção da ba-

MARCO ZERO

nana se sucediam em cenas de campo, a moça viu pintados em ouro os frutos roliços.

— Fale sôbre a banana!

— A banana é um arimento gulande.

— Burro! Grande, não é gulande.

Estava em frente dêle. Deu-lhe um puxão instintivo no cabelo curto e sedoso. O macho nascente sentiu a carícia obscura, no meio da classe distraída. Moscas cobriam a cabeça da menina feridenta. O sol faiscava na janela do fundo.

A italiana gorda dava pensão, lavava roupa, fazia pão no forninho do quintal e cozinhava de lenço amarrado na cabeça. A casa estava vazia. A professora levantou-se com fome. Abriu a porta, desceu a escada. No quarto principal, em baixo, erguia-se a cama alta de d. Idalina. Nas paredes, havia pequenas fotografias enquadradas e cromos de folhinhas. A um canto uma máquina de costura de mão. Os sapatos estavam suspensos nos pregos para cobra não entrar. Foi ao armário, partiu o pão com a faca da cozinha e encontrou uma barata dentro.

A máxima condenação de sua família havia sido carpir café. Conheceria o Jango da Formosa, que agora se voltava para ela com aquela decisão, a crônica de Jeremias Moncorvino e de seu grupo familiar? Não podia deixar de saber. A Veva, a matriarca dos Junquillo, a tia dos Formoso, creara a Rosalina, primeira filha do casal. Os Moncorvino também tinham sido ricos. Os pais de Jeremias haviam perdido a fazenda, mas êle afizera-se a todos os labores do campo. Muito moço e já casado com a Josefa Beato. Vestindo sempre de cow-boy, franzino mas forte. No cabelo encrespado e curto, nos olhos verdes e magnéticos, na boca entreaberta, trazia um ar cavalino de desafio. A família, caída na miséria, fôra se criando entre desempregos, bebedeiras e ciúmes. Ninguém explicava o pixaim da Rosalina, a mulatinha de estimação da Veva. Sempre ajudava com um dinheirinho, um presente. Cagoava e ria, dizendo que a Veva tinha ido para o hospício por ela a ter abandonado depois dos vinte anos. Até uma casa no Bosque da Saúde, a fazendeira lhe oferecera para que não se casasse com um oficial da Fôrça que agora comandava o destacamento de Pôrto Litoral. Era o capitão Jango. Êle e a tia Licornea é que ajudavam os Moncorvino em São Paulo. O Mateus ganhava pouco na casa Agripa Junquillo em Santos. O José, o mais velho, tinha conseguido a posição mais alta e bemquista, — vigário de Jurema. Tinha sido o seu companheiro de brinquedos, ia com ele para a primeira fila dos cinemas. Depois a Veva o puzera no Seminário e a ela dera o di-

MARCO ZERO

ploma de professora. Tinha pago a educação de ambos. E êles e os outros juntavam-se numa defesa titânica do grupo familiar desarvorado pelo pai. Saberia o Jango, da Formosa, do drama? Fôra antes, muito antes quando carpiam café na fazenda de um turco. Aquilo tinha ficado tabú. Ninguém esclarecia. Ninguém falava. Não houvera sanções ou castigos. A Josefa, a segunda filha, ficara uma chorona inútil, destinada aos serviços da casa.

Um dia já em São Paulo, aparecera o Seu Alfredo com aqueles olhos de carneiro e a pedia em casamento. Havia dois anos que o noivado rolava pelas cadeiras tristes do casebre. Apesar do pai berrar, cambaleante, os olhos esgazeados, um resto de almôço no beijo úmido:

— Eu não quero! Abertamente!

Ela lembrava-se que no trabalho do café com a Josefa, ficava cuspiendo terra no fim do dia. Jeremias dizia sempre às filhas: — Vocês não deve usá carça no cafesá. Prende o sangue!

Ela pensava que aquilo era safadeza do pai. A Josefa já tinha dezesseis anos. Nesse dia, ela não fôra carpir, estava resfriada. Também aquele chão duro de terra da casa da colônia! O Zézinho contara que com o chuveiro, tinham armado a tenda para se abrigar e guardar a ferramenta. Vendo aquele brinquedo de tapa da mais velha com o pai, o menino dissera: — Eu vou embora! — Pois vá! isso mesmo que eu quero!

OSWALD DE ANDRADE

Em casa, o pequeno fôra direito à mãe: — Eu acho que aconteceu qualquer coisa pra Josefa.

Jeremias opuzera-se longamente aos namoros da filha preferida. Bêbado, olhos saltados, exclamava: — Você é minha, não tem de namorá!

Uma noite, voltavam as duas dum baile da fazenda. O pai as retirará cedo da festa sem deixar ninguém dançar com elas. Na estrada, Eufrasia correrá para não apanhar.

— Feche os olhos se não quizer vê!

Chegara só e ansiosa, com vontade de dizer à mãe: — Ele fez tudo que quis com ela na estrada. Mas calara. Depois quisera que a mãe fôsse falar com o patrão. O dono da fazenda podia tudo.

— Porque a senhora não dá co machado na cabeça dêle?

O pai um dia as levava para os lados da Formosa.

— Vamo prantá argodão. Porque só japoneis há de sabê prantá argodão?

Tudo se sabia neste mundo!

Eufrásia deixou o pente, foi subir a vidraça. A tarde esfriava encastelando nuvens pesadas de água sobre o olho amarelo de um sol de mudança de tempo. Os campos cheiravam a terra. Pássaros punham assovios líquidos nas árvores. — Urutau, seu pai morreu! Que

MARCO ZERO

m'importa lá! — Urutau, seu amor morreu! Ai! Ai! Ai! Que deslumbramento fôra a sua festa de formatura. E a emoção da primeira escola. Queria alfabetizar o Brasil. Na sala miserável, a criança roxa de frio, sem roupa e sem comida, avançava com ela até soletrar. Lia, contava, para depois pegar para sempre no cabo da enxada. Os inspetores apareciam de vez em quando melosos, censurando-a porque fumava. Ela agora fumava só no seu quartinho. A escola era a descoberta. Naquela casa de muitas janelas uma minúscula humanidade avançava penosamente. Eufrásia perguntava a si mesma de que servia aquela chave do mundo. Ensinau tantos Idalícios a ler. Êles não saíam do charco. Faltavam diariamente às aulas. Ajudavam nos serviços de casa e da lavoura. Vinham e voltavam da escola sem comer. As mães detestavam-na porque lhes roubava os filhos, seus arrimos caseiros. O japonês tirava a terra do caboclo, cercava os núcleos agonizantes do trabalho nacional e dizia: — Aquí tudo cavalo azur, no? Menino já falou pra porifessora... Govêrno cavalo azur. Justiça também cavalo azur, nó? Lágrimas inundaram-na. A Zéfa estava cardíaca. Jeremias chegava cada vez pior. Ameaçava tomar os dois pequenos, pô-los no Asilo, o Genuca e a Geralda de cabelinho louro. Ela mentira para Jango. Era a mentira da miséria. Saberá êle o que era a sua casa? O Jango da Formosa a namorava. Que sonho! Seus braços vigorosos a tinham enlaçado. Como ela gostava de ser beijada por uma bôca de ho-

mem! A finalidade da vida era essa — a mulher para o homem, o homem para a mulher!

Um rosário branco pendia da cabeceira da cama que o pano estampado coloria. De cima do caixote que lhe servia de armário, tomou o jarro d'água, lavou bem as mãos com sabonete. Cerrou a janela com os dedos úmidos. Enxugou-se bem na toalha alva. Descalçara os sapatos. Deitou-se na combinação. Retirou as calças godê. Afrouxou as ligas que ficaram balançando nos pés. Quem se casaria com ela? Jango vinha... um gigante. Primeiro acariciava-lhe o seio assim, as coxas suaves como agora... os pelos eriçados... Fixava atenciosamente a parede branca. Uma velocidade de êxtase aposara-se dela. Ficou ouvindo numa modorra a voz do pai: — Cadeluda! D. Idalina gritara do quintal... ou fôra ela que gritara?

Um homem baixo e mal vestido estacou a lata velha de um forde diante da sede da Formosa. Armida, que areava os talheres, espiou pela janela da cosinha e informou que era o turco de Bartira.

O índio Cristo sentado num caixote, esvaziava um prato de cará com melado.

— Lá na estação tão dizem que prá cobrá o Coroné percisa gastá treis par de sapato, um atomover e dois cavalo e não arrecebe!

MARCO ZERO

O negociante sírio não tendo sido atendido ensaiou uns passos na direção do portão lateral que conduzia ao pomar. Estava no jardim. Ladeando a alea de pedregulhos brancos, canteiros silvestres estouravam de folhagem decorativa, empinando nos caules hasteados florezinhas espevitadas, grossas mãos vermelhas, cipós descomuns e bouquês imprevistos. Um muro velho cobria-se de trepadeiras. O turco passou, penetrou no vinhedo da fazenda. Pelo chão a água brotava, borbulhava, dividia-se em regos claros. A voz do mascate ressoou:

— Eu venho ferecê mais marcadoria brá ocê. Misade é a mesma!

Mangueiras seculares perdiam-se de vista. Sob uma arvore copada, o coronel Bento Formoso fitava o intruso. A seu seu lado, um menino do campo segurava uma lata. Antigamente quando um porco penetrava no pomar, o Coronel dizia ao feitor Idilio — Mate o porco! — Mas o colono arrecrama! — Mate o colono!

O vigário de Jurema fechou o volume preto das orações de Santo Ignácio, retirou os óculos. Pareceu-lhe que alguém bolia no portãozinho do jardim. Foi à janela. O vento caía das árvores noturnas, do céu enfarruscado, onde havia lua. Perguntou quem era.

— Seu vigáro, quero que mecê vá vê meu netinho...

— O que é que êle tem?

OSWALD DE ANDRADE

— O Idalício tá ruim, tá gritano...

O padre desceu ao jardim.

— É maleita, Tita Deadermino?

— Não é. Já tá costumado coa tar. Démo um chá de erva. Não sabemo mais o que fazê. Êle tá rino, tá chorano...

— Vá buscar o dr. Abramonte, mulher. É o filho do Prefeito que está passeando aquí. Está naquela casa amarela alí defronte, no largo.

A velha enrolada num chale não se movia.

— Eu lê trago uma melancia... seu vigáro...

— O médico é que cura doença. Êle faz muita caridade.

— Ai, Ai! Meu Deus do céu me acuda!

O luar debandava numa cinza úmida que cobria as matas e envolvia o céu. O forde da Prefeitura parou. Um grito elevou-se do casebre abandonado. O doutorando numa capa longa, entrou com a mulher.

— Me dê uma vela...

— Não tenho.

— Um candieiro, uma lamparina...

Tirou um tição do braseiro que se apagava no outro quarto. O pé de Idalício escorchado da pele estava sujo de carvão e de poeira. O esqueleto já se denunciava pa-

MARCO ZERO

ralisado. A ferida era cartilaginosa, e aberta. A face tinha o rictus do tétano. O Dr. Abramonte voltou para o automóvel.

Na sombra, ficaram pelegos, esteiras e sacos rotos.

A senhora da Formosa, num roupão lilaz, apareceu no terraço da fazenda. O preto velho que tinha os pés côm de estrada, a capa furada côm de estrada, esperava sentado aos degraus de madeira que desciam para o jardim. Erguera os olhos brancos, titubeava e numa arrancada do corpo bambo, pôs-se de pé, seguro ao bordão.

— Abença sia dona!

— Você anda fazendo feitiçaria, Roque? Que negócio é êsse de se ajuntá na sexta-feira a meia-noite lá nas pedras?

— Não senhora.

— Eu não quero feitiçaria na fazenda. Você precisa é de ir na igreja! Para que Deus tenha pena de sua alma.

A cabeça de Umbelina era um amontoado de papelotes matinais. Uma vaca mugia no estábulo próximo.

— Você já está caduco, precisa cuidar de sua alma. Onde é que você mora?

Roque esboçou um gesto indefinido.

— Você quer sofrer depois da morte? Não sofreu bastante no tempo de escravidão?

— Nêgo véio cotumou...

OSWALD DE ANDRADE

— Acostumou... Você não sabe que existe o inferno? Roque, você está pecando. Você precisa ir se confessar com o padre de Jurema. Senão, você vai ver o que é bom. Você não sabe que o pecador que morre sem confissão, paga caro? Lá no inferno é só fogo...

O escravo centenário olhou a fazendeira. Seus cabelos de algodão ralo contornavam a cabeça murcha.

— Nêgo véio cotuma...

O escritório da fazenda tinha um sofá colonial e um relógio do Império. Mesas altas, pesos antigos, livros negros. À janela, Jango enfrentava um grupo de colonos apinhados no terraço.

— Vocês sabem que a broca comeu metade dos cafezais. Tivemos que fazer repasse e expurgo. Não dão mais financiamento para o café. Os comissários de Santos não aceitam saques de ninguém. Os bancos, piorou. Não podemos ter dias certos de pagamento como dantes. Tudo isso veio de repente.

No silêncio geral, Jango continuou:

— Dormimos ricos e acordamos pobres...

Sem dizer nada, espanhóis, italianos, húngaros e pretos fixavam o moço fazendeiro.

— Os que tiverem plantação, podem ficar. Para os que quiserem sair, as porteiras da Formosa estão abertas...

MARCO ZERO

Ferrúcio Spin pensava no tempo em que o café do sertão dava 200 arrobas por mil pés. Tinha a cabeça num chapéu centenário de palha.

— Nos otro logare é a mesma coisa!

Perto dêles estava o negro Rocha, da Baía, alto e curvado.

— Nois queremos sofrê junto cós patrão da Formosa!

O grupo desmanchava-se, descia pela escada. Um espanhol magricela, o cabelo rente e grisalho, gritou da boca desdentada para a plantação.

— Café puta de tu madre!

O pequeno avião roncou no céu da fazenda. O Pavuna lustroso como o carro que limpava na garage, perguntou a João Lucas se queria ir até o campo de aviação.

— Seu Conde t'aí!

Partiu só, veloz, para lá das matas, na direção do gramado longínquo que nos limites de Jurema, ocupava um altiplano com seu hangar de calça e o biruta têsso de vento.

Tudo para João Lucas aparecia em ondas de pessimismo ou em ondas de otimismo. Via aquele sol do terraço, olhando morrerem no horizonte as linhas escuras do velho café da Formosa. Que pensaria seu avô?

E seus irmãos? Bem tarde, é que tinha caído sobre eles a durêsa das coisas. Seu pai feroz, fraco e sensacional. Seu avô impassível e autoritário... E êle... e Eufrasia? Afundaria com ela, para sempre, no sertão?

Vôos, piquês, raides arriscados, records de velocidade ilustraram o comêço do almôço na larga sala de jantar da fazenda onde pratos azues suspendiam entre aparadores pesados, louçanias chinesas. As janelas abriam sôbre o jardim.

— Fomos nós que fundamos o Aéro-Clube. Controlamos até aviões intercontinentais.

O Conde Alberto de Melo desaparecido na cadeira colonial, serviu-se de mais tutú de feijão e indagou da saúde da sogra.

— Vovó anda achacada, como sempre.

— Num país de distâncias enormes como o Brasil que faremos sem a aviação?

A pergunta misturou-se às notícias sôbre a saúde da fazendeira e de Felicidade Branca, sua filha, casada com o Conde.

— E' o fígado, disse Jango. Mal de família.

O outro prosseguiu fixado em seu tema progressista, querendo interessar o Coronel, à cabeceira da mesa.

— Em certas zonas o avião e o rádio chegam antes do trem...

MARCO ZERO

João Lucas, disse:

— Meu avô é do tempo do rojão. Na capital, a sua casa de residência era na rua São Bento. E vovó e êle esperavam as procissões na sacada.

A conversa passou para a terra e chegou à crise do café.

— O pior foi a praça de Santos, aquela jóia. Agora os comissários só têm uma função; reformar, reformar...

— E o que vocês querem?

— Que se aumentem as entradas do café retido.

— Para acabar de uma vez com a lavoura...

— Não, a quantidade supre a qualidade.

— O êrro foi sempre do govêrno. Onde já se viu, disse Jango, em menos de um mês, abandonar o produto e deixar o preço cair de cinquenta por cento? Um corpo que se contrai violentamente rebenta... E' claro...

— Vocês queriam continuar como antes? Dinheiro na mão do fazendeiro... De repente veio aquela safra de 29, uma safra de escacha. E Wall Street quebrou inteira. Não podíamos sustentar...

— Vocês se serviram da desgraça para fazer o movimento de 30. Iam salvar o café... e agora? Só nós somos taxados em ouro!

O Conde parecia um perdigueiro inquieto. Parou de comer, fitou os outros com marcada insolência.

— Não temos culpa no cartório. A revolução se faria de qualquer modo. O verdadeiro motivo da revolução de 30 foi um baile. Sim senhor. Êsse tal sr. Antônio Carlos, de Minas, não foi convidado para o baile

no Palácio Guanabara e jurou vingar-se. Olhe, Coronel, no caos do Outubrismo, só o General Flôres se salva e êle hoje está com os paulistas.

— Acusam os políticos antigos, e os de hoje? perguntou Jango. O jôgo campeia... a farra...

— Isso é verdade. O jôgo do bicho é um flagelo que arruina o povo.

— E sustenta os políticos...

— Quando eu fôr govêrno outra vez, só haverá duas loterias, por ano, Natal e São João. Serei govêrno. São Paulo não ficará sob a bota dos interventores!

Veiu à conversa a Usina Modêlo, em que o Conde transformara a Fazenda Anica.

— Agora é Adeantadópolis. Vai ser uma estação hidro-mineral de primeira ordem.

— Que nome gozado!

O Conde voltou-se num ar de quem toma satisfações.

— Gozado porque? O sufixo polis significa cidade. Você chegou a cursar a Faculdade de Direito...

— Mas não me formei...

— Petrópolis... Cidade de Pedro II, Higienópolis nosso velho bairro aristocrático, cidade da higiene. Sendo eu um modesto industrial mas um homem em todo o caso...

— E' claro. Adeantadópolis!

— Aquilo está se transformando em cidade. Possui o terceiro campo de aviação do Estado. Vai ser município...

João Lucas pensava no ano de tramóias com que o marido de sua tia soubera fazer esquecer o seu pequeno e cauteloso passado oposicionista.

— Que fim levou seu secretário Leonardo Mesa?

O Conde irritara-se com a indagação. Jogou o guardanapo sôbre a mesa, afastou o prato de bananas fritas que o Higino, vestido de garçon, colocara diante dêle.

— Sei lá dêsse comunista! Olhe seu Jango, berço é berço. Só berço dá nobreza e portanto cria direitos. Além de comunista é ingrato. Chegou a reclamar uma bonificação que alega eu ter prometido quando fiz parte do gabinete dos 40 dias. Que se dirija ao Ministério do Trabalho! Vai ver! O que êle está pensando?

O coronel saboreava atento as talhadas finas de banana frita, polvilhadas de açúcar e canela. Um chanchan chamava nas árvores do pomar. Alberto recompos-se e atacou o prato de sobremesa. João Lucas pensava no cearense condiscípulo seu, risonho, da Faculdade, que conhecera numa manhã de trote e que a vida levava para o comunismo. O Conde acusava-o de não ter berço. Mas era êle quem sustentava com seu esforço uma irmã tuberculosa em Campos de Jordão. O Conde tinha um berço onde cabiam tôdas as raças prehistóricas imigradas para a América. Com razão Leonardo dissera dêle uma vez que era um paulista não de quatrocentos anos, mas de quatrocentos e cinquenta, pois a avó residia antes da descoberta em São Paulo... de Loanda.

Um barulho de risadas estrugiu lá dentro, na cozinha. Alguém entrara e fazia uma roda viva de exclama-

ções e de piadas com a cozinheira Maria-Aeroplano. Higinio apareceu sorrindo nas covas do rosto de criança.

— É nhô Idílio que chegou.

O bom humor se fez na mesa da fazenda, enquanto entrava um homem desleixado, de branco e botas de couro escuro, rindo por dentes amarelos, numa cara grossa onde os olhos se aninhavam em olheiras.

— Alô senhor sherife, fêz Jango.

— Tive matando saúva a sumana inteira e cheguei na Formosa, encontrei na cozinha a malhor de tôdas!

— Apareceu na horinha do café.

— Ah! o café aquí não se arrejeita!

Aboletou-se ao fundo da mesa, enquanto o Conde repetia a frase conhecida:

— Ou o Brasil mata a saúva ou a saúva mata o Brasil.

— Para matar São Paulo, basta o Getúlio, exclamou Jango.

— O quem-quem é muito pelhor que a saúva, disse o recém-chegado.

— O que é o quem-quem?

— E' uma saúvinha pequeninha ansin...

— E' formiga também?

— A saúva vem num bandinho e vai dando conta do recado, tan, tan, tan... sobe na árve bem no pique, tec... corta a folhinha. Em baixo outras estão esperando para carregar. As vês desenquibra e cai com a folha que nem paraquedista russo... Como eu lí no jorná... Não se machuca, põe a folhinha no ômbro,

MARCO ZERO

entra na carreira... tan... tan... tan... O quem-quem, não. Vem aos milhões, corta tudo, tréc, tréc, tréc. No fim do dia é um deserto. Não há meio de acabá co'essa praga!

— Só entrando no formigueiro com enxadão.

— Entrá no formigueiro ninguém qué.

— E' o que se fazia aquí, afirmou Jango, antes da formicida.

— E'. Mas é preciso bota de alumínio. Encontra um ôlho, remexe aquêla ovada bem, toca sapé em cima e põe fôgo. Chega no outro ôlho, enxadão, sapé, fôgo. Leva uma sumana.

O café forte, licoroso e cálido passou em cascas de porcelana inglesa.

— Eu já pensei em fazê um cêrco em tôrno das muda, continuou o antigo administrador dos Formoso. Uma espécie de linha Maginô. Que nada! Saúva é que nem exército chineis. Uma vez num pomá cerquei as fruita com sarrafo, em cima do sarrafo pus graxa, daquela graxa mole, grossa de automove. Pois vieram duas, depois quatro, depois vinte, depois mirl... foram ficando um bolo, uma em cima da outra. Daquí a pouco o bolo, pan... Virô por cima da ponte viva. Morreu umas déis agrudada!

O fazendeiro levantara-se seguido do genro e do neto. O Conde disse a Idílio que fizera o pedido de remoção da sua cunhada, diretora do Grupo Escolar de Bartira.

— A Anastácia vai ser removida? Lhe agradeço demais. Ela percisa morá em São Paulo co'a minha

gente. Ela tem uma casinha comprada a prestação na Móca.

— Você quer ver a capivara que eu cacei? propôs João Lucas, dando um tapa nas costas do sherife.

— Não bata aí seu Jango. Tô cheio de rumatismo. Já fiz marimbondo mordê treis veiz. Tô cada veiz pelhor...

— O que é que você tem?

— Já consurtei meia dúzia de médico. Já desani-me de sará. Eles não dão conta desta mardita doença.

O avô o incumbira de ir aos bancos, de cuidar dos negócios na derrocada. De repente Jango encontrava-se com tôda a boa fé idílica da civilização agrária em meio de homens gelados e duros como varas de ferro. Eram os usurários que esraçalhavam a fortuna laboriosa do café. Chamou de lado o Conde.

— Precisamos tratar daquela letra... reformar com os juro.

— E' impossível fazer qualquer desconto mais na casa comissária. Quero avisar você. Não reformo.

A sala da Formosa abria-se raramente para as visitas. Móveis pesados de jacarandá, antigos consoles negros, onde mangas altas de vidro cobriam flôres artificiais. Sôbre um tapete desbotado jazia uma escarradeira azul com cabeças douradas de leão. Na parede, ladeando

MARCO ZERO

o sofá colonial, retratos antigos dos fundadores da Formosa.

Sairam para o terraço. O moço latifundiário com a mão no bolso do paletó cintado de brim, olhou o horizonte claro, ondulado da Formosa na tarde que descia.

Em frente, na garage aberta, o preto Pavuna preparava o carro para conduzir o viajante ao campo de Jurema.

O Bata W. P. 125 levantou vôo às cinco horas. Naqueles primórdios da aviação civil, o piloto Kana prometia fazer pousar o Conde Alberto de Melo antes da noite nos gramados irregulares do Campo de Marte, em São Paulo.

Luminosa e brusca, cortada de descargas no horizonte, a tarde pareceu crivada de pressentimentos ao passageiro isolado.

— Que céu triste!

Encolhera-se quieto no banco de trás enquanto a hélice se pusera em movimento e o aparelho alçara vôo. Em baixo a paisagem da Formosa geometrizou-se. O verde vivo do milho, o verde escuro da cana, o verde sulfatado da batata. As extensões rasteiras do algodão plantado à-meia. Aquilo tudo iria para o inferno. O velho não havia de tirar mais um níquel da casa comissária de Santos. Outras fazendas emendavam culturas

na direção da metrópole. Às vêzes uma casa feudal marcava sua sede, com seu secador imenso, sua tulha e seu pomar. O gado nativo espalhava-se nos campos. O motor batia vitoriosamente o céu brasileiro do outono. Passaram uma cidade, um rio, um vilarejo. A visibilidade era boa apesar-do tempo brusco. A seiscentos metros distinguiam-se até as janelinhas das casas. A viagem prolongava-se. O ruído do motor era igual e contínuo. De repente, o piloto fez subir o aparelho. Uma escuridão murava o horizonte da capital. Gritou para o Conde.

— Tempestade... nó?

O Bata W. P. 125 tentava inutilmente galgar a barreira de nuvens. O altímetro marcou 1.200 metros, 1.500, passou a 2.000. Vendo-se agredido de frente pela chuva, o piloto estersou o avião, procurando contornar a borrasca. Mas já haviam penetrado no meteoro. Saltos abalaram o aparelho, convulsões tiraram-lhe a linha mecânica, em súbitas elevações e súbitas quedas. As asas de repente encontravam o vácuo, caíam em trombadas duras, esburacavam o ar, batiam como um casco de barco.

O homem de marfim, encorujado no seu banco, sentiu-se tomado duma consciência espetacular do perigo. Uma idéia o obsedava. Fitou em sua frente o vulto impassível do piloto japonês. Queria fugir da idéia. A tempestade aumentava. O pequeno aparelho tcheco talvez não resistisse. O céu turvo afogara tudo em neblina molhada. Só a calma do piloto imóvel não preci-

MARCO ZERO

pitava a catástrofe. Mas aquela silhueta inteiriçada restituía-lhe a obsessão. O antigo criado da casa do Jardim América, era hoje o piloto Kana. Só a sua fleugma detinha o cataclisma. A visibilidade era nula. Kana servia o café matinal à Felicidade Branca no quarto. E viera aquela idéia de espioná-los. Nenhuma intimidade se estabelecera entre a patrôa e o japonês. Êle se tornara um obsedado em segui-los até que um dia tinha-o visto entrar sem bater. O japonês podia suicidar-se com êle. — Talvez amasse a sua mulher!

— Poca gasolina, nó?

Uma tromba parecia apoderar-se do aparêlho. Alberto de Melo segurou os óculos e teve de repente uma contração muscular de todo o corpo que se seguiu de um relaxamento inelutável. Não continha mais o pavor físico. O avião baixava aos saltos de encontro ao solo onde se espedaçaria. Se vivesse... da alma de um amarelo podia-se esperar tudo. O avião deu um tranco no vácuo. Quem sabe? Se propuzesse o que pensava. O aparêlho estabilizara-se a cem metros do solo. E uma desesperada ânsia de salvação afligiu o homem agarrado à correia do assento. Tinham atingido as primeiras luzes da capital. Os bairros de São Paulo espraíavam-se encarvoados sob a chuva. Assaltou o homem encolhido a idéia de se esborrachar contra uma casa ou sôbre os fios elétricos de uma rua, onde o aparêlho se incendiaria. Quis viver. O avião procurava o campo, atravessando a noite em reta. O motor espirrava em sêco. Alberto de Melo distendia-se empur-

rando o assento. Deshonrado ou não, preferia viver. Duas lanternas marcaram o escuro de amarelo. O aparelho executou um círculo fechado sôbre os focos que indicavam a direção da pista.

O sol matinal invadia a porta larga da farmacia São Galeno, em Jurema. Entre duas jarras coloridas, punha um retângulo amarelo no chão ladrilhado. Havia um relógio comprido na parede e um anúncio, onde se desenhava em côres vivas, um mosquito gigantesco e repelente. O advogado surdo de Bartira, estava sentado ao lado de um velho magro que permanecia imóvel num banco de jardim.

— Napoleão dominou a Europa inteira. Ele possuía um poder magnético!

Um menino interrompeu o farmacêutico para pedir um tostão de pó-de-matá-rato.

Lírio, punha o peito para frente gesticulando no avental branco.

— Napoleão tinha no olhar um brilho metálico. Até prendeu o Papa. Tacou no xadrez o Papa!

Um automóvel businou na poeira da rua. Correrias de crianças passaram atrás. O farmacêutico riu gostosamente.

— O Papa?, indagou o velho, despegando dos lábios um cigarro de palha.

MARCO ZERO

— Uma vez êle ia tomar a ponte de Arcóle, sob a metralha terrível dos austríacos. Quando Napoleão ia ordenar o assalto... Pegou a bandeira...

O forde choferado pelo filho do Prefeito Abramonte estacou diante da porta.

— Você tem injeção anti-tetânica, Lírío?

— Nem prá cherá!, Luizinho.

O velho parecia agitado. Deixara de fumar.

— Na farmácia do Moura também não tem... Nem em Bartira...

— Vocês só compram camisa-de-Venus.

O farmacêutico disse.

— O remédio contra o tétano você não encontra em tôda a redondeza. O Coronel Merelão adquiriu todo o estoque desde que teve um caso na família. E êle não dá pra ninguém... Os japoneses têm e também não dão.

O médico hesitava em seguir.

— Cliente seu?

— E' um menino do brejo...

Houve um pequeno pasmo. O velho agitava-se. Pusera o chapéu para trás, descobrindo o rosto chupado, entre pontas brancas de bigodes sôbre o colarinho duro. Parecia querer dizer qualquer coisa. Permaneceu quieto, vendo o doutorando partir. Depois sua voz tomou fôrça, indagou de Lírío:

— Mas S.S. o Papa não foi muito incomodado?

Sob o telheiro de zinco, o pátio da estação atropelava-se de cachos de banana e sacos de arroz. Caiçáras brancos e “cow-boys” botados aguardavam o trem como um acontecimento.

Antes da chegada dos jornais, prenunciavam-se desgraças imensas para o orbe. Falava-se em guerra, câmbio-negro e doença. Vindos de um povoado do brejo, apareceram sôbre as pernas moles, descarnadas e brancas, duas lombrigas humanas. Seus ante-braços pulavam como cordas das camisas velhas, onde os músculos minguavam. Cheiravam pinga. Tinham vindo fazer assento de uma criança no cartório. Haviam andado a pé a noite inteira. Pensavam em dormir um bom sono na estação, no meio das bananas e do arroz trazidos pelos japoneses. Mas de repente um não quis, afirmou que tinha opinião.

— Ói! Nós chegemo primeiro que o trem!

Um grupo de colonos japoneses rodeava de atenções e reverências um compatriota baixo, de óculos e capa de borracha. Apresentaram-no à professora que aparecera matinal num casaco felpudo e azul claro. Era uma notabilidade nipônica em viagem de inspeção pelas colônias da América. Os seus seis meses de Brasil já davam para se fazer compreender em português.

MARCO ZERO

— Queria saber da porifessora como está o menino japonese na escola do Burasil...

— Os japoneses são os alunos mais adiantados. Mas outro dia eu estava explicando na classe que não existe assombração...

— Como, senhora? Non xábe dirêto muito...

— Fantasma... em japonês parece que é obaka.

— Ah! Obaka... si senhora...

— Expliquei aos alunos que não existe...

— Obaka? Aquí non xabe... Japão tem...

O trem apareceu saído das árvores próximas. O cachimbo cabeçudo da locomotiva fumegava como se fôsse o Orient-Express, invadindo quilômetros de matas, com um farol de bombardeio acêso em plena manhã.

O Coronel Merelão, desceu, baixo, pausado, de cabeça branca. Todos o cumprimentaram. Um negociante falou:

— E' preciso convencer o pessoal que quem tem, tem e quem não tem, não tem.

— O pai já tinha morrido de picada de cobra...

A mãe foi-se embora coá febre do parto... Me dê remédio pro meu netinho!

No laboratório, Lírio, no avental de linho, encheu um vidro de água destilada.

Tita Deadermino esperava junto à porta.

— O Idalício quando não ia na escola judava-ensacá arrois na casa do japoneis. Prá ganhá um prato de comida...

— O medico cura êle... leve isso...

O chevrolé estacou em frente à firma Agripa Junquillo, na rua 15 de Novembro, em Santos. Era um velho casarão recoberto de ladrilhos portugueses. João Lucas subiu a escada larga do primeiro andar e encontrou a um guichê um rapaz que lia.

— O Conde está em conferência...

— Avise o gerente.

— Seu Ferrol não está...

— Eu espero...

O meninote magro fechou uma brochura policial e levantou-se com um ar cansado. Voltou para fazer o recém-chegado entrar.

Seria quase meio-dia. Na sala espaçosa as secretárias estavam tôdas cerradas, bem como as máquinas de escrever e contar. Um rapaz levantou-se efusivo.

— Você sempre aquí, Mateus Beato?

— Sou substituto do caixa. Êle saiu para o almoço. Tinha a voz adolescente em mudança.

MARCO ZERO

— Como vai sua irmã?

— Eufrásia está de licença em São Paulo.

— Vocês ainda moram em Sant'Ana?

— Moramos atrás da Avenida...

Outras salas abriam-se desertas, com livros comerciais, armários e mesas.

— Seu Ferrol não veio hoje. E seu Agripa subiu de manhã para São Paulo.

— Quem está com o Conde?

João Lucas apontava para a sala contígua fechada, de onde vinham vozes confusas através da porta.

— A senhora dêle... Dona Felicidade Branca... Seu Ubaldo Junquillo também.

As vozes chegavam claras no silêncio: — Mentira! Mentira de você!

A mulher afirmava: — E' inútil discutir. E' um caso público! Quero acabar com isso.

João Lucas voltou-se para o rapaz:

— Telefone aí para dentro e diga que eu estou aqui!

As vozes não se ouviam mais. Uma porta estalou no corredor e o visitante percebeu que uma pessoa se retirava. Foi verificar. Felicidade Branca ia perto da escada. Estava tôda de preto e tinha os olhos vermelhos.

— Nada Jango, apareça no Guarujá...

O moço fitava-a interessado. O rapaz do guichê saiu mancando, passou por êles, cumprimentou. A senhora despediu-se do sobrinho. Ele voltou para junto de Mateus Beato. Um rapaz loiro e espigado, de olhos

redondos e azues deixava o escritório do Conde, agora escancarado.

— Você quer falar com o Alberto? Entre...

— Como vai sua mãe, Junquilha?

Sumido a uma grande mesa metálica, o comissário de café parecia absorver-se num maço de papéis, sôbre o qual fungava. Levantou os óculos.

— Estou aquí verificando êste borderô, Jango.

O moço tomou a cadeira. Mateus Beato avisou da porta que ia almoçar e saiu. O silêncio se fez.

— Você vinha ver seu Agripa?

— Não. E' com você que eu quero falar.

Alberto de Melo parecia perder-se no exame que fazia, mas tinha a atenção voltada para a casa silente. Os empregados haviam saído todos aquela hora. Conhecia o crédito sangrento dos latifundiários paulistas. Os limites da Formosa tinham sido feitos a tiro e a rebenque.

— Estou com um trabalho louco!

Procurava apreender se alguém entrava. Parecia que passos subiam a escada. Enganara-se. Disse afinal:

— A's suas ordens, Jango!

O moço sacou do bolso interior do paletó uma carteira de couro de porco e tirou de dentro uma letra estampilhada.

— Eu vim trazer este título de meu avô para você endossar e descontar.

Alberto de Melo tentou sorrir irônico, mas teve uma nuvem de água nos olhos claros.

MARCO ZERO

— Você sabe que eu estou na merda, Jango?

— Os paulistas estão todos na merda. Por isso vão brigar.

Levantara-se, passeou.

— Os fazendeiros estão arruinados porque houve uma quadrilha que jogou na quebra do café com as cartas marcadas. Você não acha? Faça o favor de assinar esta letra do coronel Bento Formoso...

A extrema delicadeza de Jango, era procurada, contrastava com a firmeza de sua voz. O Conde tomou um estilô.

— Não se briga por isso. Eu nunca neguei o meu credito a vocês...

Sozinho de novo, Alberto de Melo abriu uma gaveta que estava diante dele e viu reluzir o Schmith Wesson que guardava sempre ali. Beijou distraidamente um santinho de metal que permanecia ao lado. Bandeirantes de quatrocentas mortes! Haviam-lhe contado o juri do administrador Idílio. Vergonhas do regime de caciquismo que caíra. Gangsters rurais! Pediu ao telefone uma ligação para São Paulo. Pensou em almoçar na cidade. No Marreiro. Peixe à brasileira, com pirão e mólho de manteiga. A ligação completara-se:

— E' você Leô? Dormindo ainda? *Mon oiseau des iles!* Meu sobrinho esteve aqui agora. Aquele bandi-

do... E'... Eu explico a você, querida! Quasi que saía uma carnificina... Trouxe a letra... Fiquei com dó da família! Mas xinguei ele de tudo. Ele não reagiu, acovardou-se! Eu disse tudo... Ladrão! Parasita! Ouviu calado!

A francesa, antes de bater o telefone, gritou nitidamente do outro lado: — *Couillon!*

O automovel beirou a praia faiscante entre pedras no azul do Guarujá. Felicidade Branca procurou inutilmente a filha no chalé de madeira. Chodó morenava ao sol dos mares salgados. Uma ternura maior veio à mulher que o marido abandonava. A filha também não era sua. Fôra educada caprichosa e temível. Desde criança aprendera a destratá-la. A voz da menina voltava no silêncio da evocação: — Mentirosa. Sem educação! Mentir que me levava ao baile!

Retirou o chapéu pequeno deante do espelho. Estava uma velha. O silêncio da casa penetrava-a. Ela também era uma casa vazia.

A governante alemã entrou alta, loira, engomada.

— Tona Xodó, está na zinema me deu um tapa na narriz! Com namorado que não conhece...

MARCO ZERO

Na farmácia fechada, a sombra de Napoleão vinha, voltava, passava em cavalgadas, pelos frascos, pelas seringas, pelos boiões enquanto lá fora a noite brasileira dobrava sob o pêso das estrêlas. Um homem passou mancando, entrou no rancho dos Deadermino, veio outro... Gente acorrera de todo o campo. A Miguelona, de óculos, puxava a reza.

Colonos e naturais investiram na jaculatória. Uma cachorra preta atravessou no meio dos grupos. Pisou bulhentemente uma esteira entre flôres de papel, cheirou.

Um antigo escravo benzeu-se vacilante nas pernas dobradas. Um homem em trapos levantou um cântico. A luz fumarenta da entrada vacilava nas sombras da voz. O velho Roque numa capa, estava ajoelhado por detrás de Miguelona. A capa escancarada de buracos, cobria-o até os pés côm de estrada. Êle deu a segunda voz. Outro preto de bigodes eriçados, pôs o tom grave na ladainha.

— O' viva Maria! Sant'Ana e São Jóquim. O' viva mãe do céu que nos criou-ou-ou... São Pedro coá chave e coá balância nos espera!

Prá lá da caudal a serra subia repleta de grilos e de cobras. A noite era um funil de estrêlas.

Na praça central de Santos o carro empoeirado que Jango conduzia, estacara junto a um homem forte e bem vestido sob um chapéu desabado de palha do Chile.

— Vamos para São Paulo?

— Eu ia tomar o trem...

Rumaram para a estrada de rodagem.

— Como vai a devoluta, Anjo Leite?

— Sossegou!

— Quem matou o Pedrão?

— Quem tem boa pontaria...

O português suspirou.

— Deus só me dá desgosto... Estou quase a abrir um "rendez-vous" aquí nessa zona. Se tivesse filhas!

Passaram o Cubatão. Os primeiros degraus frondosos da serra empinavam-se. O caminho asfaltado era o velho trilho da conquista que entregara ao Europeu o planalto de Piratininga.

— O primeiro português subiu isto aquí a pé. Você vai de carro.

— Quase que não voltava nem... Seu Jango... Deram-me uma trepada!...

— A noiva?

— Não. A senhora dona Tadéa ainda quer se casar. Apesar do genro dela ter tirado os mil contos na loteria... Ele é que não quer...

— Porque?

— Ingratidão do mundo. Quando êles tinham tôdas as contas espetadas... Era eu que pagava... E o litro de graça para a família inteira... E pode crêr que eu nunca tentei seduzir a senhora dona Tadéa... E casava porque ela se parece coa defunta... Sou viúvo ela também. Me receberam com fuguetes. Mas o raio

MARCO ZERO

do bilhete de Natal foi saí pro pronto do genro... Tinha um empreguinho, agora é da alta sociedade.

— E você que ficou um pronto...

— Deu-me um desgosto que até fechei a leitaria e vim pro mato. Andei lá com seu pai. E a Ciana.

— Bôa farra! E a fabrica de doce?

— Fechei tudo.

O carro parou no alto da Serra do Mar, entre outros ao lado do pouso de Paranapiacaba. A casa comemorativa erguia-se como um azulejo. Os dois homens foram tomar um aperitivo. Chegaram ao terraço panoramico. Em baixo, abria-se o gigantesco mapa em relevo do litoral santista. Uma poeira de oxigênio envolvia em ouro aquela miniatura do próprio globo, com matas, rios, estradas de ferro, docas e navios.

No Grupo Escolar de Bartira, a professora do capote cinza fez a classe levantar-se:

— O cavalo azul levou o Idalicio para o céu!

Na pedra por detraz dela, estava escrito: "O Brasil é o país mais rico do mundo. Seus cursos d'água, seus minérios, suas imensas florestas fazem dêle o paraíso na terra".

CAPÍTULO III

A namorada do céu

Ao contrário das cidades precocemente defloradas por onde transitavam as populações do interior para a capital, buscando nesta a camelote e os costumes fáceis, onde os grandes aracnídios da eletrificação substituíam por apitos curtos, mecânicos, a saudade dos apitos sentimentais dos trens a carvão e lenha que fagulhavam na noite como pistolões acesos, Jurema era um fundo de saco, onde a existência se arrastava na ergologia dos primeiros moradores — a igreja, a cana de açúcar, o passarinho, o monjolo de água e o êxtase das pescarias sôbre o rio. Mal urbanizada, terrosa e quieta, chamavam-na a Namorada do Céu. Refletia a vida da caudal, espelhando o azul transparente, entregue às estações e aos acasos econômicos. Só a maledicência a comovia e a intriga a agitava, interior e oculta como a própria vida do rio. Dos seus latifúndios emanava o poder político e de sua igreja colonial a conformação e o milagre.

— Um negro na família! Dio me n'escante e libere! Stá mata!

— E' isso mesmo! berrava a garota esquelética, fixada numa manqueira recente. E' Vale de Piratininga: Melhor que a nossa...

Aquele nome achatava os imigrantes enriquecidos na oficina de fundo de quintal, no café e na cana.

Fôra lindo o casamento do mestiço briguento e entrão, com a filha dos imigrantes abastados de Jurema. Num sobretudo côr de doce de leite, Lírio Rebouças do Vale de Piratininga, apparecera expulso da Capital pelas hostes políticas vitoriosas em 30, nas ruas barrentas de Jurema.

Ao som da marcha nupcial, entre flôres e pasmos, levou pelo braço musculoso aquela tábua virginal de lavar roupa, manquitolando nos véus, com um topete pálido de "clown" na cabeça e os dentes sujos saltando dos sorrisos, Ludovica Abramonte. Numa palinódia de abraços, a boa vontade local prometia-lhe confôrto e prestígio. Êle queria emprêgo. Ser diretor da Escola de Veterinária. Disputava-lhe o passo o sobrinho caôlho do Bispo de Santos — Dom Luna. Com a desgraça definitiva do P. R. P. (Partido Republicano Paulista), vira-se preterido.

Nicolau Abramonte quisera conservar a filha mais velha e doente em casa. A segunda, andava longe com o Rocha, marido boiadeiro, o filho, único homem, estudava medicina em São Paulo e Fúlvia vivia trêze anos de pés enormes no chão enorme da chácara. Ofereceu ao novo genro a parte da casa que dava sôbre o largo, para

MARCO ZERO

que abrisse, fazendo das janelas portas sôbre a rua, a Farmácia São Galeno, com duas jarras coloridas na entrada.

De vez em quando, uma badalada de sinos. E a música sentimental. Um estouro de foguetes na manhã luminosa. Era a festa de Jurema. O 6 de agosto. De quatro em quatro anos, o Bom Jesús flagelado saía da igreja no silêncio respeitoso. Acendiam-se luzes em escada. O santo no andor, tinha um esgar na barba velha, sob a coroa de espetáculo. As asas dos anjos flutuavam no meio da poeira. Padres de breviário. Gente de fitão. Bandeiras. De todo o Brasil, em caminhão e lancha, de automóvel e a pé, de cima, das serras, de baixo, dos vales, afluíam peregrinos. Lírio de Piratininga, ladeado pelas jarras coloridas da farmácia, empinava o peito no linho do avental. — Cidade de romaria não progride. Nossa desgraça é essa igreja velha! A cabocrada gasta um ano de enxada em três dias. Depois quer fazer fiado. Até iodo fiado! E entrega a terra que tem ao japonês. O Bom Jesús ajuda!

Padre Beato passava nos óculos sob o pálio, barbeado como um Don Juan, cadavérico como um Cristo. Atrás ia um tapete de povo, colorido e imenso. Mulheres grávidas carregando os sapatos nas mãos. Vestidos

azues, côr-de-rosa, amarelos, côr de maravilha. Roupas pretas e severas.

O turco restaurava os seus processos triunfais na barraca vistosa de Salim Abara.

— Madalha. Compra madalha! Bronto!

Alfinetou no peito do caboclo um broche de tesou-
rinha. A música ia longe, o vento do mar cortava.

— Vamo fazê negócio! Leva de graça! Non custa nada.

Enfiava o têrço na mão desprevenida do serra-
gumano.

— Conhece ocê... leva! Caro? Quem fabrica isso por destão? dá duas dessa bra criança! Menos não bode. Tem brajuizo! Capa de borracha? Tá partado? Usa ansim!

O serraçumano não podia se mexer.

— Leva êsse, é bonito!

— Quaji que fede!

— Fede dia de calor. Tudo fede dia de calor.

O vento do mar cortava. A música ia longe.

— Bronto Nhonhô! Cabô crise no Brasil.

Um pente vermelho ficava no bolso exterior do pa-
letó do caigara como um enfeite.

Uma cabrocha e uma criança deslumbravam-se ante
uma bexiga colorida.

— Rebenta!

— Non rebenta. Êsse pode ficá dois ano!

MARCO ZERO

A mulher sentia-se fascinada em todo o corpo. Queria levar o brinquedo tanto para ela como para a criança. Os olhos só viam o desejo interior. Um impulso.

— Dá aí!

O dinheiro saía socado, de dentro de um lenço imundo. Era a economia de um ano.

— Dá aí, desgraçado!

Uma senhora grávida comprou uma sombrinha de Paris.

A tripeça do fotógrafo ambulante apresentava nas quatro faces da caixa, grupos heterogêneos, mulheres sós num jardim, devotos espantados, moças de maiô numa praia.

— Mais junto! Mais junto!

A mulher empinava-se. Os homens de chapéu na cabeça tinham os braços hirtos.

Outro grupo parava.

— Vamo tirá retrato?

— Já saiu fora, muié!

O fotógrafo estava fora do orçamento, mas o sino tocava, influía.

— Farta o principá...

— Vamo tirá?

Atropelavam-se diante da máquina.

— Queremo tirá oiando prá igreja!

O fotógrafo orientava-se pelo sol.

— Não semo atentado prá virá as costa prá igreja!

O país do milagre. A terra livre. Apenas explorada a orla econômica da mata virgem. O japonês ca-

goava mostrando o cipoal: — Prantação basirera! As professoras contavam histórias de gente que vira bicho. Cantos na igreja. Milagres na terra. País do cavalo azul. O padre italiano que tinha um bar, pregava depois da comunhão: — Agora os meus caríssimos irmãos, pode ir comê a sua sanduichinha e tomá quem uma gasosa, quem uma guaraná, quem uma cerveja geladinha... Havia subido de posto. Era Monsenhor Palude na capital. O radio de repente abria-se em marchas militares. São Paulo. Uma devota dizia cheia de horror: — Se os comunista vié aquí, arromba o cofre, credo! O cofre tinha quatorze metros de fundura, todo o tamanho do altar mor. Enchia-se. O país do espanto. Tudo possível. Os rios e as matas exaltavam a imaginação. As mulheres contavam histórias de velas viajantes. — Vem pelo mar. Até carta vem!

— Tô vendo o milagre!

A pérola da tarde abria-se nas aberturas do mato cheio. As estrelas caíam verticalmente sôbre Jurema.

Nicolau Abramonte, a barriga sacudindo no colete de berloques, andava de chapéu na cabeça, dentro de casa. Comia finóquio e blasfemava. Nas oficinas nascentes, como no campo antigo donde viera, explorava até os ossos os parentes pobres, os compadres, o próximo em geral.

MARCO ZERO

Era inimigo da sociedade.

— Non gosto de pôsa!

Tinha um retrato de Mussolini e uma ceia de Cristo na sala de jantar e admirava vagamente a Rússia soviética.

Afirmava cuspindo:

— Sempre fui socialista, putana la madona!

E como socialista, apresentou-se em Jurema a sua candidatura a Prefeito, cargo que vagava desde as transformações políticas de 30. O Nicolauzinho? diziam. — Ninguém sabe cortá um porco como êle!

— Senhor Prefeito! saudavam.

A mão gorda parava no ar. Num sorriso modesto, o italiano baixote respondia:

— Imperfeito, imperfeito...

A cada filha que D. Filomena punha no mundo, comentava:

— Ista fessa foi saíre molhere!

Era a única contrariedade que o tinha surpreendido na pátria adotiva. Quando com os pais saíra pequeno de um porto da Itália meridional, prospectos anunciavam que na nova Canaan, davam logo à chegada vacas leiteiras, porcas com cria, cavalos e burros para o amanho da terra. Não fôra exatamente no comêço. Mas tudo viera.

OSWALD DE ANDRADE

Os espanhóis, atirados dos portos de Málaga, e Al-méria para os porões onde êle estava, cantavam nas guitarras:

“Mijares de familias
Se van a Buenos-Aires
Porque non tienen en su patria
Quien los ampare!”

Isso acentuava a opinião geral de que iam todos, italianos e espanhóis, para Buenos-Aires.

Um dia, os imigrantes aglomerados na amurada da proa chegavam à fedentina quente de um pôrto, num silêncio de mato e de febre amarela. Santos. — E' aquí! Buenos Aires é aquí! Tinham trocado o rótulo das bagagens. Desciam em fila. Faziam as suas necessidades nos trens de animais onde iam. Jogavam-nos num pavilhão comum em São Paulo. — Buenos Aires é aquí! Amontoados com trouxas, sanfonas e baús, num carro de bois, que pretos guiavam através do mato, por estradas esburacadas, chegavam uma tarde às senzalas donde acabava de sair o braço escravo. Formavam militarmente nas madrugadas do terreiro, homens e mulheres, ante feitores de espingarda ao ombro. Idílio Moscovão era moço, e olhava as colonas frescas descidas dos barcos da Europa.

— Toca pro cafezal! êsse talhão é seu, êsse é seu. Anda cachorrada!

Não sabiam falar a língua de Buenos Aires, mas pegavam na enxada e começavam a trabalhar.

Comprou um sítio. Café. Plantou cana. Fêz al-
cool e pinga. Comerciou. A cidade veio. E os filhos.
E os negócios ousados. E aquela primeira máquina ron-
cadeira na oficina rústica. De explorado passou a explo-
rador. Tinha um representante em Bartira. O turco
Salim Abara. Dona Filomena, de cabelos pretos repar-
tidos ao meio, engordara. Andava pela casa, dentro
de uma capa de borracha de Nicolau, dizendo:

— Porca la pipa!

Mas aprendera afinal a língua de Buenos Aires.

— Olha que limpeza que você fiz debaixo da cadera,
tiçon!

Zangava, varrendo outra vez, perseguindo a preti-
nha Esmeralda. A italiana era a alma doméstica e tute-
lar da família. Cozinha e lavadouro, quintal e berçário,
a tudo presidia a sua atividade muscular e vigilante. Lá
fora não punha os pés. Seu mundo terminava na es-
quina. Somente as missas da madrugada a viam no chale
preto dos domingos.

Os primeiros crentes nipônicos tinham começado a
aparecer no templo cristão, com a notícia do guarda-sol

de forma oriental que resguardava o sacerdote, condutor do Santíssimo, como no Japão o Imperador. O bonzo budista de Pôrto Litoral tinha querido impedir e protestar. Mas o negociante Muraoka repetira as palavras de um educador amarelo: — A religião é como o chá. Tem verde, tem preto, mas Deus está sempre a serviço de S. Majestade o Imperador.

Um cachorro grande e mole, manchado de café com leite, assistia habitualmente ao têrço, espaçado na passarela central da Igreja. No fim da ladainha, Padre José Beato cantava como o grande Anchieta, fundador do teatro brasileiro. Adorava a música. E como na missa, na novena e na bênção calcava no acento tônico. Vocalizava um solo untuoso em louvor do Bom Jesús. A sua voz desagradável e efeminada, voluteava sem nenhum pudor pelas abóbadas caiadas do templo. Cessava de repente o canto espantoso. Padre Beato levantava-se seguido do sacristão para buscar nos mistérios da sacristia a Santa Custódia. Surgia o guarda-sol que o homem gordo de opa mantinha sôbre a cabeça ereta do sacerdote. Ante o altar, no meio do incenso, o padre despia-se, vestia-se como um transformista. Aproximava-se a hora suprema da bênção. O sino do alto da torre badalava, anunciando a presença pessoal de Deus em Jurema.

Perante a massa curvada de fiéis, o padre cresceu, demorou os gestos em cruz, a Custódia alta como um canhão de bombardeio. Homens e mulheres dobravam-se de joelhos, ante tanta fumaça e tanto silêncio. A

MARCO ZERO

campainha ressoou como o tambor nas horas perigosas do circo. Deus executava o Salto da Morte.

A procissão ia na direção da igreja. Uma fieira de meninos sujos e descalços apareceu caminhando em torno de um estandarte minúsculo que um caipira carregava. Crianças feridentas e trôpegas sonambulavam como se viessem para um concurso de sub-alimentação e de doença. Desenrolavam-se em seguida teorias de meninas, iguais e obedientes, num uniforme de orfanato. Debaixo do pálio, Padre José Beato passou rijo, hostil, mostrando o cordão da ceroula. Cercavam-no encaveirados irmãos do Santíssimo, em opa carmezim. Vinha atrás uma turba de remendados, rotos e descalços. Roupas arlequinais de miséria, caras encovadas de fome, olhares brilhantes de loucura. Eram os batalhões de Deus que o sacerdote conduzia. Vozes oscilaram. E a malta tangida de flagelados cantou. Foi quando Lírio percebeu, fugindo para dentro da farmácia, que no grupo que finalizava o cortêjo, sua mulher berrava mancando e batendo compasso com a mão.

— E' mentira! Não caçoei da procissão. Não. Fiquei com vergonha. Onde já se viu você se exhibir no meio de alienados?

A pretinha Esmeralda mexia na cozinha, areava as panelas. De repente o farmacêutico percebeu a ausência da gaiola nova que comprara no mercado com um passarinho.

— Quedê o azulão?

Ludovica replicou, os dentes saltando da bôca salivosa:

— Aquí não é museu de bicho!

— O azulão era meu, tinha que ficar aquí.

— Pois eu vendí e está muito bem vendido. Não quero passarinho aquí. Deus fez passarinho para andar sôlto no ar.

— Pois eu vou comprar dois pichochós e uma araponga. Será possível? Só o divórcio! Terra desgraçada que não tem divórcio. Eu sou um sacrificado! Só no Brasil e no Congo que não tem divorcio!

Fechou-se na saleta do escritório onde se isolava de janela aberta para ler e escrever os artigos do jornal. Continuava sua campanha tenaz contra o japonês. Releu uma tira que deixara sôbre a escrivaninha.

“Sem amparo, endividado e desmoralizado, o caboclo tem que alugar o braço ao amarelo”.

Ludovica rebentou na porta:

— Si você comprar mais bicho, eu digo pro meu pai fazer uma lei que não pode ter jardim zoológico em casa.

MARCO ZERO

A Farmácia São Galeno ficava repleta de maleitosos.

O mosquito palustre esperava o sono para picar. Aquela população de trincheira recebia a sua contribuição de cada ano.

— Já começô a peste.

— Tem um cabocro doente!

— Tá dano por lá!

E lá ia a febre de casebre em casebre produzindo, às vezes em três dias, o coma palúdico.

— Do calô! Morre mermo!

O farmacêutico Piratininga, no avental branco, decidia:

— E' ultra-gastro-interite, já disse!

O Prefeito gostava era de finóquio e salada.

— Mi dá capim!

Mas, diante das macarronadas vermelhas e fumegantes que o farmacêutico Piratininga introduzira nos seus cardápios de Casa Grande, sôbre os quais aliás, Nicolauzinho deitava sempre um olho policial — a velha fome do colono se acendia. Atrás de Lírio, ia na galinha de mólho pardo, na torta e no Perú dos aniversários.

Dizia que engordava e dava o estrilo com D. Filomena por causa da despesa:

— Mi dá capim! Tudos dia!

A cozinheira negra tinha os cabelos espantados, os dentes em cacos e a côr do borralho do fogão.

Lírio saudava com beijos as galinhas estranguladas que ela trazia do quintal.

— Ôi, dois quilo!

Nicolau Abramonte saía da cozinha guloso, blasfemando pela casa.

— Mi dá capim! Só capim! Sinó engordo!

A manqueira trouxera-lhe um complexo de inferioridade tão grande que a deixara neurastênica. Ludovica não implicava somente com o marido, no qual tinha confiança cega. Perseguia Fúlvia e beliscava Esmeralda.

— Onde está a chave do armário, sua tratante? Negrinha!

A criança respondia espaçadamente:

— A Fúlvia que abriu pa tirá pé-de-moleque.

— Diga Dona Fúlvia!

Saía pé aquí, pé lá, atrás da irmã. Voltava em estado de choque.

— Parece uma cabra! Está trepada em cima da jaboticabeira! Não tem vergonha! Passa gente e vê. Com essa idade! Uma moça mostrando as pernas!

MARCO ZERO

Aquele catolicismo de Ludovica Abramonte começara com a operação da perna. Primeiro apareceu uma espécie de reumatismo. A menina de doze anos não podia andar. O médico local não deu solução ao caso. O pai levou-a a Pôrto Litoral, depois a Santos. Com um ano de tratamento, a perna direita definhara. Foi preciso operá-la em São Paulo. Dona Filomena agitou-se, saiu em lágrimas de sua remansosa gordura, fez promessa, deu esmolas. Da Casa de Saúde Matarazzo a menina saiu manca e a família católica.

Em Ludovica porém, a vizinhança da adolescência fôra coroada pela prosperidade do industrial que nascia do plantador de cana e de café. Tinham-se mudado de casa. Morava agora no bairro alto de Jurema, onde as residências aristocráticas e quietas se alinhavam entre palmeiras e jardins. Apenas a dêle era sôbre a rua, achatada e irregular, dando uma parte para o largo. Aí Lírio estabelecera depois sua moradia e negócio.

A senhora do promotor interpelara a menina doente uma tarde: — Você ainda não fez a primeira comunhão? Com êsse tamanho! Foi filha de Maria, adoradora do Sagrado Coração, zeladora da capela do Santíssimo e professora de catecismo dos meninos japoneses convertidos pelos pais. Quando surgiu em Jurema, aquele bode sensacional que ninguém considerava preto, pois era des-

cedente dos imperiais Rebouças — a família de côr que se impusera pelo seu saber e pelos seus serviços ao reinado de Pedro II — o seu coração de dezoito anos palpitou sonhadoramente. Lírio era um produto lateral da fortuna agrária. Fôra educado por três solteironas centenárias que viviam da renda de apólices num casarão da Rua Vitória, em São Paulo. A fortuna das “três meninas” passaria intacta para o fula magnífico, constava. Os Abramonte não se sentiam diminuídos naquella aliança com um ramo espurio da Casa Grande. No seu braço poder-se-iam inscrever um pé de café e uma carroça de fazenda. Lírio de Piratininga era recebido na sociedade local, frequentava o Clube, o Juiz, o Promotor e a pensão da Maria Vermelha. Vinha do jornalismo militante da Capital e aí participara das agitações que precederam a derrocada do P. R. P. Escrevera artigos políticos e chegara a fazer versos que recitava um pouco trêmulo. O seu definido ateísmo não fôra suficiente para embargar o casamento, na Matriz, com música, corbeilles rústicas, damas de honra e sermão.

— Cumé? Não dexe ela gorda? perguntava o Prefeito.

Lírio, em vez de conseguir a prole anunciada á família italiana, aproveitava-se da nova situação para cair na leitura. Continuava a escrever artigos contra os

japoneses que constituíam o problema da região. Mandava-os para a "Voz de Jurema" e tentava publicá-los em São Paulo e no Rio. Um professor alemão, gordo e careca, da Escola de Veterinária, pôs à sua disposição uma misturada biblioteca onde havia anarquistas franceses e russos, Goethe, o futurista italiano Marinetti, Proudhon e um volume resumido d' "O Capital" de Carlos Marx. Com êles fazia roda o Godói, o poeta Godói, uma caveira gloriosa da literatura nacional que, depois de um desquite se refugiara para morrer na casa de parentes antigos em Jurema. Saíam para a praça discutindo o mundo, para fazer a digestão sob as árvores. O resto do dia Lírio trabalhava, o professor lecionava e o Godói passava no quarto que dava para a rua, sentado na cama larga e vazia, o chapéu na cabeça, o bico pensativo.

O novo vigário vinha encontrar uma tradição de esquecimento e decadência dos deveres religiosos dos próprios padres naquele sertão triste e guapo. Tentou primeiro um raide evangélico. Procurou sozinho como Anchieta embrenhar-se no sertão litorâneo. Atiugira uma tarde, um aldeamento de índios a cem quilômetros de Cananéa e a cinquenta de Jurema. Mas o capitão recebera-o entre índias vestidas de chita das Casas Pernambucanas. Ele mesmo estava de palheta e calça branca e perguntou-lhe se podia dar um jeito de comprar à prestação uma boa máquina Singer, nova, de costura. A

indolencia, o alcoolismo e a doença venérea completavam a paisagem sacrílega da colonização.

Voltou a acomodar-se em Jurema onde queria desmanchar a impressão deixada pelos sacerdotes que o haviam precedido.

Emquanto o padre italiano só cuidava de enriquecer, tomando parte em negócios de cacheta e arroz e montando bar no largo da Matriz, outro, o sertanejo Basílio, tinha sido o escândalo pitoresco e facinoroso da região. Tratava mais de saber onde havia minas de ouro e diamantes do que de rezar.

Por ocasião da primeira visita pastoral de Don Luna, bispo de Santos, que fôra raspar pelas montanhas e valados, os últimos tostões dos serraçumanos e dos “bêracorgo”, padre Basílio não se pejou ante o velho casarão do hotel, onde se hospedara o prelado, de fazer em pessoa uma serenata de violão que se prolongou pela noite adentro, terminando na Brasserie Litoral com frango e vinhaça. Suas lutas contra a heresia tinham o aspecto de justas medievais. Tendo namorado a mulher de um negociante, êste peitou um sertanejo para que abatesse o sacerdote gigantesco no próprio ato da missa. O tiro falhou o alvo. E padre Basílio voando para detrás do altar, voltou de carabina em punho, ante a igreja alvo-roçada na perseguição do bandido. Dizia para quem quizesse ouvir: — O meu Anjo da Guarda é êste 38! Fazia saltar do bolso da batina a massa de uma pistola de precisão. Tantas fês e tantas arranjou, bebendo pinga no próprio cálice consagrado, tomando parte em

MARCO ZERO

desafios, cateretês e sururús que um dia veio da arquidiocese a sua suspensão de ordens. Jogou fora a batina e partiu para os garimpos de Mato-Grosso.

— Aquí só achei ouro na bôca das professoras!

O pastoreio das almas desanimadas de Jurema, ficara então entregue à agiotagem de Padre Palude. Em Pôrto Litoral, êle oficiava às pressas, na hora da passagem do trem de Bartira, indagando do sacristão durante a missa, de seus negócios e afazeres, se tinha vendido a cacheta, cobrado o madeireiro. Se uma família mulambenta e descorada aparecesse na sacristia pedindo o batismo de uma criança do sertão, êle berrava trocando as vestes.

— Deus qu'ajude! Deus qu'ajude! Tá batisada, cristiano! Corria para o combóio sertanejo que apitava. Comunhão dava pouca e apressada. Contava-se que certa vez, como visse a hóstia ameaçada pela fome das mãos duma criança de dois anos que berrava no colo da mãe comungante, dissera: — Nó, Nó, é titica!

A crônica de Padre Basílio e a tradição avarenta de Padre Palude tinham aberto um caminho perfumado para a vinda do moço José Beato, que prometia seguir naquelas paragens de tristeza e de mar as pegadas de Anchieta. Ninguém sabia que êle era o produto do incesto paterno e do salitre do Seminario.

As relações do novo vigário com o provedor da Santa Casa, o Prefeito Abramonte e sua família, deveram-se a um incidente provocado com as freiras. Êle tivera uma entrada de leão na cidade morta entre latifúndios. Baldeara logo em alguns meses de missão alucinada, duas meninas das melhores famílias para um convento em São Paulo. Entres elas uma filha do capitalista Merelão, que de raiva, suspendeu o miserável subsídio que dava à enfermaria desgraçada de Jurema. As freiras reclamavam acusando o sacerdote de falta de diplomacia. Êle voltou-se contra elas. Retirou o Santíssimo da capela. Aquela casa ficou sem Deus, a caridade sem alimento. Parecia que a maldição se abatera sobre a enfermaria onde o vento gemia mais temeroso nas árvores da entrada. As freiras tonteavam pelos corredores. Esperava-se um cataclisma. Os doentes nem mais gemiam, como se temessem a aproximação do inferno. Foi quando se pediu a intervenção do provedor.

Na sacristia, o Prefeito Abramonte deu tôda razão ao padre e assim conseguiu que fôsse restituída a graça à Santa Casa desarvorada. Ao jantar disse:

— Padrinho besta. Pensa que manda em cima do Santíssimo. Putana la madona !

Ludovica levantou-se da mesa scandalizada.

— Credo !

Lirio largou o pescoço de frango que chupava para aprovar com sua risada monumental de timpano.

MARCO ZERO

José Beato começara no Seminário com aquela amizade particular pelo Antônio Pinto. Amável, alegre, terno. Surgiu a visão do erotismo. Trese anos. Transferira então na música. Não tinha voz. Cantava mal, porem aqueles berros de cabra acompanhados do órgão glorificavam o Senhor. Vinte anos. Saiu padre. Levava três slogans de Deus: Amor Eterno, Justiça Perfeita e Caridade Ampla. Encontrara Monsenhor Palude. Encontrara os Abramonte. Encontrara o Major Dinamerico Klag. Gente de primeira ordem.

Palmas frequentes se ouviam no corredor da entrada da casa do Prefeito.

— Padre Beato está aí!

Lírio abandonava o café com leite, saía para a farmácia, levando no bolso do avental um pedaço de bolo.

Primeiro as valsas estouradas no piano, encheram longas horas a rua terrosa ou lamacenta. Depois foi aquela invenção diabólica — a voz. Abramonte, Prefeito socialista, consentiu que a filha casada estudasse com a professora italiana de Pôrto Litoral.

Estalidos da garganta enchiam a sala:

— Cá-cá-cá-cá-cá-cá-cá-cá...

A voz de Ludovica resolvia-se em escalas nítidas, perfurava o silêncio da farmácia.

— Há-há-há-há-há-há-há...

Lírio reclamava:

— Você acorda o gato, dá febre nos empaludados! Estou aplicando uma injeção numa velha, fazendo uma pequena operação numa criança e você não pára!

— Passarinho pode cantar!

— Você não é nem corruira!

Saía para a rua com aquilo grudado nos ouvidos como cêra.

— Vou requerer divórcio...

— Há-há-há-há-há-há-há...

Na farmácia vazia, o ajudante espigado sentava-se no banco e olhava as jarras coloridas.

— Parece lobishome!

A soprano ensaiava em casa, ensaiava na igreja.

Na noite conjugal, afirmava tirando as meias:

— Um dia hei de cantar ópera!

MARCO ZERO

— Boa noite seu Nenê!

A redação d' "A Voz de Jurema" tinha duas salas. Na primeira um homem grande lia um jornal, sentado à mesa. Na outra ficava a tipografia. Um operário de cigarro na bôca, compunha ante a caixa de tipos. Um tapa-ôlhos estorvante defendia-o contra a fraca lâmpada que pendia de um fio triste.

— Lírio, preciso de umas injeções de tonofosfan.

Era o trôco que o homem do jornal exigia pelo espaço concedido aos artigos rompantes do mulato.

— Tem notícias?

— Não, bocejava seu Nenê.

— Foi debelada a greve...

— O que?

— A greve dos Estados Unidos...

Lírio prosseguia alarmista:

— Êste mundo de hoje!... não sei...

Silêncio do outro que parecia interessar-se cada vez mais pela leitura.

— Que jornal é êsse?

— A Voz...

Aquela pelo menos era uma voz quieta.

— Em Belo-Horizonte também houve uma greve.

Perguntava pela greve em Cuba, em Bruxelas, em Singapura. Ouvira pelo rádio na Brasserie...

O diretor nem respondia.

— Há uma tremenda crise na Alemanha.

— Qual!

OSWALD DE ANDRADE

O farmacêutico desejava que caísse chuva de fogo e aço sobre a displicência de Jurema.

— Se houver uma guerra quero ver!

— Não há.

Ameaçava:

— Se vier o comunismo!

— Não vem!

Era seu Nenê quem se levantava, bocejando pelo corpo inteiro. Dava-lhe a mão ossuda e enorme.

— Vou descansar.

Na cidade medíocre, uma ausência de vida encostava gente nas portas, unia os poucos estudantes no jardim folhudo. O sol esturricava a terra avermelhada das ruas. Crianças esfomeadas pelos pais, mulheres batidas pelos maridos bêbados. Defloramentos de amor na sombra dos cafezais. O Prefeito na calçada — Imperfeito! Imperfeito!

No meio da noite batiam imprudentemente à janela do quarto do boticário.

— Injeção.

O mestiço suava devotado entre os destemperos das crianças, as caimbras das mulheres, largadas nos sítios

MARCO ZERO

distantes e inhóspitos; corria entre as cólicas, os vômitos e as fezes. Os médicos o chamavam “Lírio de Hipocrates”. A mulher “lírio de hipocrisia”.

O Godoi, sucessor remoto de Fagundes Varela, o visitava diariamente na Farmácia. Lírio animava-o a sair daquela sepultura de Jurema:

— Você devia voltar para a Capital. Publicar o seu livro de versos!

— Qual!

— Você é grande!

— Qual!

— Você é grande como Paulo Eiró! Só que não é compreendido.

Agora, nove pintasilgos barulhavam na botica matinal.

— Não quero que você frequente aquele antro!

De pé, a tábua do peito rasa e levantada, Ludovica tomava um ar excomungante para falar do jornal.

Lírio revidava:

— Vou fazer uma campanha em prol do negro.

— O que que o negro te dá?

— E' da minha raça.

— E' do branco que você vive. Preto não paga remédio...

— Não tem dinheiro.

— O branco é que te dá o pão de cada dia.

Ele saía casmurro, muitas vêzes andando na direção dos ocasos, um choro convulso tomava conta de seu peito forte. Ia encontrar o Godói que dormia na cama, sentado, o chapéu na cabeça.

— Papai, o senhor deve mandar fechar o jornal porque o diretor é ateu.

— Ele non si incomoda de nada! Qué só dinhêro.

— O padre me disse que são todos maçons.

— Se tiro a ocupação dêles... Deus te livre.

— Que morram de fome...

— Cai tudo em cima do Prefeito. Não chega as briga que eu tenho? E tê di dá emprêgo? Um prá destampá a litrina, otro prá puxá a descarga, otro prá cherá...

Na farmácia barulhavam os pintasilgos. Nas tardes de passeio, Lírio falava ao professor de Veterinária:

— Cidade pequena é isto. Esmaga a gente. E' o padre, o confissionário. A metralhadora das comadres...

Lestas, cosinheiras, lavadeiras. Em tórno dêle a maledicência crescia sútil como o vento que ramalhava na praça.

MARCO ZERO

— Você já visitou o padre Beato?

— E' a cara de Rodolfo Valentino. Dizem que êle dorme de óculos, guarda-chuva e chapéu...

— Tem covinha... é lindo... perfumado!

— Perfumado é... o confissionário estava rescendendo a loção de barbeiro.

— A hóstia dêle é Narcise Vert!

— Sabe? o farmacêutico não quer que D. Ludovica cante na igreja. Que horror! Coitada de D. Ludovica!

O grupo de professoras estava tomando sorvete de copinho na Brasserie Litoral quando o mulato enfunado no sobretudo côr de doce de leite, passou em companhia do professor. Voltaram-lhe as costas.

— Vou amanhã a São Paulo. Lá sim eu tenho ambiente. A turma é boa. Sou compreendido. Depois, tenho um caso antigo...

Daquele ser desgracioso e avaro brotava a vida D. Filomena inutilmente protestava contra os gastos com a professora, as músicas, o piano novo.

— Pensa que nós ganhemo dinheiro fincando ansin?

Cruzava os braços gordos no vestido preto sôbre as chinelas folgadas.

Inutilmente o Prefeito ribombava:

— Prá voceis tudo é facir; dinheiro cai do céu...

Na casa do Juiz, do Promotor, do Delegado, do Nico do Cartório soube-se que D. Ludovica ia cantar a Ave-Maria na grande missa da festa de Jurema.

— Êste ano não sei se canto. No ano que vem, se Deus quizer!

Os dentes descarnavam-se nas gengivas descoradas. Um riso de falsete tirava sons da garganta como se estivesse já nos êxtases da música. Dizia ao padre:

— Perto de gente eu fico tão nervosa...

— O bom Deus há de ajudá-la!

Na casa do Juiz, do Promotor, do Delegado, no Nico do Cartório, soube-se que D. Ludovica cantaria também o "Bendito Louvado seja"!

— Se tiver tempo de ensaiar...

As brigas com Fúlvia aumentavam. Sete anos de diferença de idade. Uns beijos caídos de chupar, uns olhos de matar, o corpo precoce criado nos mimos da riqueza nova. Vivendo nas árvores. Gritando nas portas, tocando as campainhas e correndo.

— Você é uma desordeira!

— Gata sêca!

MARCO ZERO

— Menina, tem vergonha.

— Você não tem vergonha de namorar...

Fúlvia ia dizer "o padre". Mas conteve-se, os grandes olhos mudos na irmã.

Do fundo de sua clorose um prenúncio de rubor acendeu as faces ósseas. Ludovica abriu a dentuça.

— Se eu quizesse... mas meu namorado é o céu!

— Me dá um nervoso!

— O Bom Jesús há de ajudá-la... Ele quer ouvir na sua festa a melhor soprano ligeiro de Jurema...

A existência era árida como o deserto de Sinai. Mas a voz de Ludovica enchia a rua terrosa... a voz de Ludovica enchia a rua lodosa...

O mundo era aquele açougue monstruoso, aquela desconsolada planície! Mas a voz de Ludovica significava descanso e sombra. Ele nada esperava e nada queria da mulher...

Antes de ouvi-la Padre Beato tocara o fundo da matéria. A mulher fôra o muro contra o qual estacara a sua vontade de conhecer. A mulher era um animal e mais nada. Nada mais que uma cabra ou uma gata.

Daí viera o seu recuo ascético, e seu horror à fêmea, ao corpo, a criação, o seu asco a todo fluido seminal, e o caminho delirante do espírito. O Seminário, a deformação pela comida mortificadora, o homem que passa a não saber ser mais nada. Tôda curiosidade fôra dirigida para o espírito. Fôra o mundo, os atropelos, e as festas. Lá dentro a sacristia o apaziguava. Quizera ser padre para limpar-se do pecado da criação.

Daquela cena primeva de caverna em que o pai subjugara a irmã menor, sobrava um imenso cheiro de excremento. Esse sinal fétido o acompanhava até na missa.

De modo que não era senão insinuação sórdida do Demônio o sentimento de culpa que o deixava inquieto nas noites solitárias de oração e exame de consciência, e que mesmo às vezes o assaltava no pleno rendimento do ofício divino. Não podia haver sombra de romance ou resquício de pecado naqueles apertos repentinos de mão, naquelas adesões de olhar. Só havia vontade de servir o Senhor na mudez dos encontros rápidos que tinham na sacristia ou no côro quando iam ensaiar a glória das aleluias.

No entanto, Padre Beato andava oprimido e nervoso. Cantava atoa velhas desafinações. Compunha pequenas melodias místicas. Passou a ter excessos de gentileza

MARCO ZERO

na pensão de Dona Maricota às refeições. E de repente, onde estivesse, na sacristia, na rua, no quarto e no próprio altar um nome acendia e apagava como um enorme e fatídico cartaz luminoso. “LUDOVICA”.

Justamente para que não houvesse equívoco da carne, êle dera as suas atenções à cantora que se formara num ser desgracioso, aleijado e distante. Pela situação legal, Ludovica era mais que respeitável se bem que seu marido fôsse um pedreiro-livre. Deus que se apiedasse de sua sorte! Mas que era a religião do Cristo senão milagre? Tudo nela era transubstanciação. Sim! Daquela semente podre da vida, saíam cânticos. Aquele ramo podado por êle daria frutos para a glória do Senhor. Bem unido ao cepo.

Era melhor deixar de vê-la. Passaria a telefonar.

O côro estava vazio e escuro.

Um sôpro do harmônio afazico, outro, mais outro. Padre Beato pedalava. Junto, Ludovica diáfana. A música fungava soluçando, afinal. E a voz esclarecia a igreja deserta e antiga.

— Ave-Maria, gratiae plena!

Depois, os passinhos meudos de tôda uma orquestra de querubins sustentando a voz que chorava.

Em baixo, na nave, Tita Deadermino, de pé no chão, olhava o altar apagado.

Ludovica estava nos mais melodiosos cá-cá-cá-cá... ao piano, quando um papel escuro e dobradinho caiu do bolso do avental do farmacêutico, agachado em frente à estante.

— Você não viu onde eu pus “a Relíquia”, de Eça de Queiroz?

Ela estacara, as mãos no teclado, os olhos nele.

— Não.

— Diabo! não se acha mais nada nesta casa.

Saíu. O papel ficara no chão.

O piano deixou de resoar. O canto também. Ludovica fechara-se no banheiro para receber a punhalada.

Releu:

“Talvez essa missiva o encontre sempre o mesmo. Quando de novo satisfarei o desejo de segurar as suas mãos amigas e carinhosas e mergulhar nos seus olhos minh'alma desencorajada?! Não fôsse uma pobre mulher!

Minervina”

Fúlvia comentava:

— Amarrou o burro! Que culpa eu tenho?

Estava cadavérica. Estava jogada num sofá. Estava de cama. Estava esperando a morte.

Nicolau Abramonte, sem paletó, o chapéu na cabeça, estourou:

— Eu me fiz do nada. Ele é inhorante! Non sabe como se fabrica banha. Diga prá êle dizê como se põe uma parmilia no zapato!

A barriga sacudia no colete de berloques, o chapéu enterrado:

— Farmácia! E' só água de tornera, um poco de açúcar e tinta! Se non é veneno puro!

Ela esperava a morte. Ao lado, Dona Filomena dava razão aos seus soluços — E' marido! Justificava — Home é home! Sugería — Decerto dero alguma cosa prele bebê!

— A carta é de um médico casado. Eu não conto o nome por causa do segredo profissional.

O vestido que definhava na cadeira de balanço decidiu:

— Não tem desculpa, não tem desculpa!

Depois daquele forrobodó às cinco da manhã, Lírio mudara de quarto. Dormia só no divã do laboratório. A sogra contava à lavadeira interessada:

— Queria pigá ela pro piscoço. Disaforo!

Ludovica deixara o canto, a igreja e o pente que armava o topete. Fôra inútil a intervenção do vigário. Era o seu demônio conjugal que desejava e amava. Por êle ardia de ciumes. Havia de saber quem era a outra. O vigário podia chamá-la até de cínica...

Padre Beato visitava sobrio os Abramonte. Mobilizava tôdas as filhas-de-Maria das relações da cantora. Viam-no por tôda a parte, de óculos, chapéu e guarda-chuva.

— Viu que aconteceu a D. Ludovica? Coitada! Uma mulher não póde passar por certas coisas. Credo! Não quero atçar... Deus me livre. E' preciso ela entregar-se a Deus. A êle é que se deve recorrer nessas ocasiões. Coitada!

Era uma caveira soluçante nas sombras do confessional.

MARCO ZERO

— Aquela carta estragou completamente a minha vida...

— Não! Minha filha! Jesús a chama para seu serviço. Ele precisa de querubins terrenos que cantem os seus ofícios. Quem canta não é desta terra, é anjo! E os anjos não podem conviver com o demonio!

Fazia tudo para distrair-se, esquecer. Mas nas noites pálidas passava o marido, perdido para sempre. Era êle que o seu ser desgraçoso desejava, o africano de voz rouca e pelos compridos. Fôra êle quem a tornara mulher.

José Beato latejava nos lençoes solteiros.

Na noite vocacional, o padre ouvia a voz de soprano cantar: — Quo vadis domine? — Um calor o agarrava na treva. O sacerdote virava inquieto no catre, assombrado de sono. O suor molhava os lençóis solteiros. A imagem demoníaca voltava. Era a mulher, inimiga da igreja. Do silêncio levantou-se um vento na escuridão e o teto da casa tremeu como uma floresta agitada. Na ventania tremenda a voz gritava: — Eu caio! E confundia-se com o barulho encrespado dos ramos no telhado. A própria casa ameaçava ruir empolgada pelas mãos da extrema tempestade. Estava de bôrco, o rosto enterrado no leito. Uma garra possante o retinha assim. O coração pulsava regular. Eu caio! — Um estalido de

galhos e o barulho sêco de fruto que desaba no chão. — Eu caio! Outro fruto rachou-se no solo. Era uma tibia: — Eu caio! O tronco! A cabeça! O vento acendia a casa escura. Portas batiam longe. Um milhão de esqueletos em vestidos diáfanos, cantavam hosanas. Galos traziam o amanhecer com os pássaros que silvavam nos arvoredos e nas cumieiras.

Saiu escornado para celebrar o officio divino. No portão esbarrou com a velha Deadermino, no chale roto, pés no chão, inchados e grossos.

— Rese por mim! Rese por mim, nha Tita!

Sinos bimbalhavam a vitória do Senhor. Ludovica comungara chorando na missa do domingo. Ia voltar aos ensaios do côro. Estava pura de todo pecado da carne, de todo desejo imundo. Como um gavião espiritual, Padre José Beato levantara nas garras apostólicas o pelêgo canoro.

— Amanhã bem cedo, dona Ludovica, no côro!

Enrubeceu.

— Vou lhe dar para ensaiar uma composição nova... é minha. Não vale nada sinão pela intenção.

MARCO ZERO

Ela sorriu salivosamente:

— Deve ser linda...

O desânimo caía na farmácia com a noite de chuva lá fora. Lírio de Piratininga sozinho contava as caixas de injeção.

— Boa noite. Tem escova de dente?

— Não, na venda tem.

Para que tanto esforço, para que tanta camouflagem? Sua vida havia de ser lamacenta como a noite chuvosa lá fora. Era um negro. No entanto uma energia brotava não sabia de que fundo de estratificações ancestrais... Seu caminho em Jurema estava trancado... Ergueria a luva de desprezo atirada pela família branca. Os negros tinham derrubado matas, aberto estradas, construído currais, e fazendas para serem entregues na terra feita ao imigrante. Os negros pereciam de frio e de fome. Um soluço veio, engrossou o peito solitário.

— Ingratos!

Saíu. Foi visitar o Godoy. A casa estava fechada.

A manhã penetrando em varas de fogo pelas rachaduras da velha janela, pôs uma onda de otimis-

mo no peito do macho que dominava a mulher. Permaneceu imóvel sôbre ela, auscultando o silêncio da hora. Ludovica compoz-se voltou-se para o canto. As primeiras conversas do burgo madrugavam na rua. Um cacarejar de crianças estourou sob a janela. E a animação para a luta voltou, essa animação que volta como o esperma, fatal e boa, favorável e ativa. O mulato olhou a espôsa que empalidecia na penumbra como uma barata descascada. Na distância a oficina mecânica de Nicolau Abramonte abriu o seu trabalho diário. Um motor fungava. A circular estridente assustou o céu cheio de passarinhos.

Mas os sogros não concordavam mais.

Ele ouvira nitidamente através dô tabique da farmacia, o prefeito gritar:

— Toma o divogado e bota para fora êsse moleque. Io pago a despesa!

E sentiu que estava despegado da casa. Sem aqueles cuidados de dona Filomêna. O arroz-doce e os cabritos itálicos. Nunca mais lhe ofereceriam bolo nem pão-de-minuto. Fôra-se aquele gôsto inicial pela comida, pelas festas de aniversario e de fim de ano. Aliás a guerra de religião desenhava-se nítida e sem tréguas. O socialista Nicolau arvorava o estandarte de Cristo para massacrar o infiel:

• MARCO ZERO

— Mi vô comungá!

Depois de muito cochicho de Ludovica com D. Filomena, suprimiram a manteiga no café matinal. Agora o queijo de Minas deixou de aparecer... Vinha só o parmesão ralado num pires para o brodo aquoso que êle detestava. Depois foi a própria sobremesa — os doces de abóbora, a batata, as bananas de São Tomé assadas que êle gostava de melear com manteiga no açúcar. Lírio Rebouças de Piratininga sentiu n'alma o desamparo e o frio. Estava tudo acabado. Nada podia atingir tanto a sua concepção da família.

— Diabo de sabotage!

— Êsse negócio de cinema, de beijos e abraços é que perde o mundo. Foi o comunismo que inventou o cinema. Porque o comunismo é a destruição das famílias e o Demônio se utiliza de todos os meios para infelicitar as criaturas de Deus.

Padre Beato falava para um grupo de senhoras da sociedade, na sacristia espaçosa. A mulher do Juiz perguntou:

— Seu vigário, que se deve fazer quando pessoas da família estão trilhando o mau caminho devido às más leituras?

— Procurar convencê-las de seu êrro.

— E quando é impossível?

— Orar e servir a Deus. Cantar no côro. Ensinar o catecismo às crianças. Deus compensa os que sabem fugir do pecado.

Ludovica, em pé entre as outras, ouvia massacrada.

— Corno de padre!

Lírio passara a cerca que separava a casa da chácara plantada. Na paz vegetal, sentiu o labor construtivo da mão imigrante. O brasileiro era uma vítima do latifúndio. Nunca aprendera ofício nenhum. A fazenda era um núcleo de vida autônoma que dispensava a própria cidade.

Sôbre o solo terroso e vermelho, abria-se nítida e negra a sombra das laranjeiras pequenas, carregadas de frutos prematuros nas precocidades de Abril, quando já a luz equinoxial enviesava nas manhãs enxutas. De um ninho oculto, partiu de repente um ruflar de asas. Eucaliptos esguios indicavam o ribeirão que ia desaguar longe nos pântanos de Bartira. O horizonte alinhava-se de mangueiras preguiçosas. O negro teve uma vontade ancestral de ficar alí, deitado à sombra da gigantesca árvore e deixar tudo correr — o sogro, o padre, o japonês e os agudos de Ludovica.

MARCO ZERO

No domingo de Jurema, cavalos espichavam caras murchas amarrados nas árvores. Porcas maternais conduziam para o lixo bacurís espertos. Cachorros lambiam jeitosamente cadelinhas brancas. A crise conjugal amainara. A princípio um recrudesimento pareceu entornar tudo definitivamente. — Chamou ela de megera. Megera! — o farmacêutico explicava que falara da política. Mas então seria pior. A política colocara Nicolauzinho na Prefeitura. — Porca l'ostia! Dona Filomena, na capa de borracha, os cabelos negros repartidos sobre a cara velha, uma trança curta, era agora contra qualquer reconciliação. Ficara por conta porque tinham passado de novo a dormir juntos: — Não é que nem no meu tempo! Juventú não si pode mais governá! Ludovica vocalizava manquejando pela casa, de saia branca, fantasmal e distraída na sua vitoriosa felicidade. Só se lembrava do mundo quando Esmeralda surgia. Deu um beliscão súbito.

— Um dia te ponho a tesoura quente na língua, Tição! Deixou o ferro aceso!

Mas o sogro reagia contra o mestiço na medida de sua fortuna industrial. As pochetes coloridas de Lírio andavam agora no bolso paisano do prefeito. De propósito! Usava as meias finas do genro.

— Não ponho as cueca dêle porque uso cerola cumprida.

Ludovica num vestido verde justo, os cabelos repuchados para traz e uma concessão de vermelho nos lábios murchos ia partir para a aula de catecismo. Esmeralda emergia esquelética e preta do vestido remendado.

— Te limpei o corpo. Agora quero te limpar a alma.

Estacou de repente, já longe, depois de chegar ao largo da Matriz.

— Cadê o têço? Esqueceu o têço!

Um beliscão interrompeu a marcha da criança. Esmeralda seguiu mais depressa em frente da manca.

— Quer ir sem têço? Vamos voltar. Anda! Você precisa conhecer Jesús.

Exclamou:

— Quem reza muito, vale muito, quem reza pouco, vale pouco, e quem reza nada, vale nada!

Lírio arrastava as chinelas pela casa vazia do domingo. O sogro tinha ido visitar a família do madeireiro. Foi até a cozinha ver o fogão. Nem um café requentado

— Quando eu morrer hei de ser enterrado de pé, que nem o Tigre!

Recitou a “Mosca Azul” de Machado de Assiz.

O jardinzinho que dava para a praça tinha dois canteiros de terra sem nenhuma flor. Uma mulher atravessou, êle mediu-lhe o trazeiro, auscultou-lhe o ba-

MARCO ZERO

lanço das pernas, examinou-lhe o ventre. Uma moça vinha na sua direção. Era a filha do turco Salim Abarra. Os seios nasciam sob a blusa.

— Como vai Latife?

Por causa do turco é que tinha brigado com os japoneses. Imitou o sirio:

— Essa raça non bresta Lírio! Juga brá falência nogociante nacional.

Uma menina correu debaixo das árvores. Ele acompanhou-lhe sob a saia flutuante e o redondo das coxas. Ela achegou-se.

— Você quer lição agora, Joanninha?

A menina entrou. Estava de pé no chão.

No domingo da casa deserta, os 14 anos de Joanninha. Inventara dar aquelas lições gratuitas à filha do sapateiro. Sentava-se a seu lado. Freud classificaria a Joanninha de exibicionista. Tôda vez que passava à tarde pela casa do sapateiro, entrava para dar dois dedos de prosa. O homem batia sola e conversava política. Fôra anarquista na Itália. Notara que, enquanto na sala vizinha, Joanninha não mostrasse um pouco de coxa, depois a nádega rosada, até as tiras estreitas das calças, não sossegava nas figurações da cadeira de balanço, do sofá, da janela. O pai consentira que ela fôsse estudar português com o farmacêutico. No silêncio grande do laboratório, começaram os conctatos da mão grossa na epiderme quente, sob a saia leve.

— É gerúndio, chama gerundio!

— Gerundio...

— Você está sem calças?

Voltou-se, ouvindo uma exclamação.

Um vestido verde parecia estacado num cabide em meio da sala.

Gritos finos num choro que parecia riso. Os braços esqueléticos de Ludovica agitaram-se desordenadamente. Caíu primeiro no divã, depois no sofá. Ficou chorando. A menina saiu correndo debaixo da injúria:

— Puta, putinha!

Lírio enfrentando a mulher dizia que era mentira.

— Absolutamente... E' calúnia!

Mas o escândalo cresceu pela casa, parou na autoridade oportuna de Nicolau Abramonte. Lírio sentindo o irremediável, declarou:

— Vou servir a causa de São Paulo. São Paulo vai se levantar. Assim morro de uma vez, acaba tudo.

Procurou o professor de Veterinária. Procurou o Godoy.

— Tinha que me separar. Casei com gente que vive mergulhada nas trevas da Idade Média!

MARCO ZERO

A preta da cozinha falou:

— Isso tudo foi mar feito!

Dona Filomena chorava:

— Cachorron!

Na sacristia, Padre Beato abraçou a devota soluçante. Sorria indisfarçavelmente:

— É a salvação de sua alma, minha filha! Negro quando não suja na entrada...

— Não casei com juiz de futebol!

A porta da casa fechou-se violentamente atirando para fóra o sobretudo comprido côr de doce de leite. Lírio levava uma valise mole na mão.

Berrou o que quizeria dizer lá dentro:

— Vou herdar mil e seiscentos contos, em apólices. Não preciso de dinheiro de carcamano. Dou de esmola o sapato burzeguim! Enfie no rabo a farmacia!

Ludovica no sofá voltava do desmaio. Padre Beato fôra convocado. Nicolau Abramonte exclamou:

— Negro se dá di chicote na bôca. Se dá!

A cozinheira contara: — Uma noite um tropero tava dormindo no rancho. Sací enfiou o rabo por uma fresta. O tropero acordô e segurô o rabo. O sací ber-rava, esfolou tudo o rabo dêle!

Esmeralda, com nove anos, punha a mão no queixo e esperava sentada à porta da rua. Os patrões queriam que ela ficasse lá dentro para guardar a casa. Mas ela temia as sombras noturnas e os estalidos do madeiramento. Descalça, imunda, ranhenta, tinha trancinhas de arame no cabelo cinzento de poeira.

Quem já não viu uma negrinha sem pai nem mãe guardando a casa dos patrões?

O mar próximo encarvoava o céu de estrêlas e inundava de neblina a cidade de Debret.

CAPÍTULO IV

Vésperas Paulistas

Febres dormiam no estuário ao sol do Brasil. Um leme enorme de galera fixava o navio entre paus no pôrto fluvial de Jurema. Raros passageiros atravessavam a prancha, embarcavam. O vigário sentou-se a um banco da coberta, colocando a seu lado, o guarda-chuva, a maleta e a capa. O barco depois de avisar algumas vezes que partia, por meio de apitos, dispos-se a iniciar a viagem demorada na direção da correspondência do trem de Santos. Para desgarrar da margem terrosa, a pequena embarcação fazia maiores esforços que um transatlântico deixando as docas de um pôrto. Uma campanha de comando soou. A voz do maquinista berrou de baixo:

— Qual foi a orde que mecê deu aí?

— Tôda fôrça, sua besta!

O comandante era um velho caboclo de chapéu de palha. O calor asfixiava a paisagem nos baixios. Um porco grunia no porão. Padre Beato ia abrir o seu livro preto de orações, quando viu uma japonesa sentar-se ao seu lado.

— É casada?

— Sim, precisa tê doze...

— O que?

— Doze filho.

— Porque?

— Govêrno japuneis manda... munto perecoisa.

Uma fralda branca de camisa manchou a margem desolada. O navio manobrou como uma nau de Colombo. Encostava agora para receber um boi que haviam amarrado a um pau de cêrca. O maquinista apitou. O boi atordado rebentou a corda e fugiu pelo campo. O navio esperava. Diversos homens tinham partido para laçar o animal fugitivo. A japonesa reapareceu com um compatriota baixo, de óculos e perneira. O sacerdote conhecia-o. Era o engenheiro que fixava os colonos trazidos pela Companhia de Imigração.

— Me diga uma coisa, dr. Sakura, porque os senhores mandam tanto japonês para o Brasil?

— Patirício sabe munto trabaiá. Lá sófere munto, non? Operário, camponês, artejão, cada vez piore. Munto luta. Distribuição fortuna desefavorável.

O padre indagou se no Japão havia muito progresso.

— Sim, mas só treis mile pessoa de automove particular non? População aluga, também anda a pé... Munto pobreza. Govêrno non pode dá saída de produção em mercado interno. Munto imposto, munto empréstimo, non?

— Empréstimos externos como aquí?

— Non. Gente rica emperesta prá govêrno, ganha juro. Outro paíse melhor situação pobreza. Depois perecoisa imigrá prá Burasil. Tôdas nação proíbe en-

MARCO ZERO

trada de produto japoneis. Disque é *dumping*, mas não é porque pobreza perecisa de comê, vende mais barato. Armamento também govêrno munto gasta. Mais de vinte por cento de renda nacional.

— E porque gasta tanto?

— Non pode pará se otro não para. Por isso que guerra vem, nó? Porque se continua comprando armamento, ruina país. Tem que gastá bala munto, avião também.

O navio que se pusera de novo a descer o rio parou em frente a um casebre. Era a moradia do capitão. Apitou para chamar. A mulher veio correndo com um lenço amarrado na cabeça e pediu-lhe que trouxesse uma dúzia de ovos.

Em baixo no porão, o porco pos-se a lambar o casco do boi que o escouceou. Houve uma gritaria humana, todos riram. O maquinista distraiu-se e a embarcação deu sem fôrça na outra margem.

— A correnteza leva essa casca de noz cum nós tudo!

A noite envolvia o rio brasileiro numa impressão de perigo silencioso. Do outro lado da coberta dois homens conversavam baixo:

— Qual é o paulista que não quer mandar pro inferno o Getúlio? Eu quero! Traíu São Paulo! Não salvou o café...

— Antes de ser paulista, você é negro, respondeu Leonardo Mesa, a cabeça grande emergindo da capa escura. Você parece um latifundiário. Não quero te

ofender. Ser negro é credencial no mundo de amanhã. No Brasil êle foi tudo. A bandeira fixou-se nos engenhos e nas fazendas com a chegada do negro africano. Êle foi quem fêz a primeira colonização.

O farmacêutico Piratininga espiava de longe o padre, aparentemente absorto no breviário.

— O negro tomou parte na bandeira...

— Isso é literatura que nós fazíamos quando trabalhávamos no mesmo jornal antes de 30, Lírio! O negro livre e digno faz parte do Conto do Planalto... O ouro de Pascoal Moreira, os tesouros existentes num Cuiabá inatingível. A nossa realidade foi sempre outra. A democracia com força do século XVIII e a marmelada que foi a primeira indústria. Sem o negro não teríamos café. Isso sim. Depois é que veio o imigrante. No começo dêste século uma companhia canadense entendeu de explorar o planalto. Taxa de juros melhor que em qualquer parte. Veio a guerra de 14, o paulista comprava manteiga da Dinamarca, bebia cerveja alemã, usava papel higiênico inglês e pensava em latim. A campanha submarina fêz tudo isso naufragar. Luz, força e tração deram o nosso parque industrial. Os imigrantes tinham a tradição do artesanato e da economia, fizeram as primeiras fábricas e os primeiros palácios. Sírios raspavam a barba sôbre terrinas e Sévres legítimos. Judeus rezaram em jddish perante garçons de casaca. Puseram chalés normandos nos trópicos. Nossa indústria encontrou uma grande sobra de famintos no campo para explorar, criou bairros ur-

MARCO ZERO

banos. Havia mercados por tôda a parte. A Light pôde escrever nos seus bondes: "São Paulo é o maior parque industrial da América Latina".

Padre Beato cessara de ler, no seu banco. O farmacêutico teve vontade de arrumar uma tacapada naquela figura de corvo recém-nascido que fingia não o conhecer. Disse:

— Tôda essa prosperidade foi por água abaixo, por causa do Getúlio.

— As causas são muito mais profundas. Primeiro o monocultura. O café fornecendo tôdas as letras de exportação. Fazia a finança do país. Dêle dependia o câmbio. O fazendeiro diferenciava-se do industrial como classe. Era o pioneiro, mas também era o delapidador. Abriu novas terras, a Noroeste, a Alta Sorocabana. Mas queria o bom preço do produto, por artificial que fôsse. Entregava-se economicamente. Hipotecava as terras ao imperialismo inglês e vendia o produto ao imperialismo americano, êsses dois anjos... Contanto que bebesse champanhe nas pensões e andasse de automóvel cheio de francesas. E' claro que o movimento de 30 que se fêz contra a hegemonia paulista não ia salvar São Paulo...

A caudal parecia engulir tudo. As matas negras caíam de bruços nas últimas lâminas de claridade. A escuridão subia do fundo das águas. Os dois homens calaram-se.

— Mas o que há fora da revolução paulista?

— A revolução mundial.

A figura franzina de Padre Beato levantou-se medrosa na tolda. Era o índio convertido, o índio das reduções, o nômade da mata tornado místico pelo jesuita, aniquilado em Cristo. Uma constante o fazia a molécula tribal a serviço de Deus. O farmacêutico Piratininga sentiu-se desarmado em frente ao homem de batina. Era o escravo castigado no tronco, o quilombola da liberdade que o outro expulsára dos remansos da vida. Entre ambos estava o agitador branco, a alma inquieta da Europa. Tomou a valise mole do banco.

Sombras de homem no tombadilho acariciavam sombras imóveis de mulher. Um fósforo iluminou corpos imprevistos. Um marinheiro trouxe um lampeão aceso.

O návio fluvial aproximava-se das luzes de um pôrto. Era Registo-Gô, a capital amarela do sul. Sôbre a barranca saneada os japoneses haviam erguido hangares e chaminés e dali se irradiavam estrategicamente por estradas de cem léguas.

Em frente a uma venda que tinha letreiros orientais, um grupo de crianças brincava de pular corda na hora do sol descambar. Duas meninas de olhos oblíquos seguravam as pontas trazendo ambas nas costas dois bebês de mama, presos habilmente em faixas. Nos socos ambas se movimentavam fazendo pular no ritmo igual, os dois bebês distraídos.

MARCO ZERO

— Entra!

— Agora eu!

— Deixa eu...

Um garoto que vinha da escola, entrou também, saltou, saiu. Mulheres de quimono atravessavam as ruas, entravam nas cooperativas. Ao lado do hotel, dois japoneses retácos e moços distanciavam-se em camisa de esporte. Um lançava uma bola violenta que o outro cientificamente aparava. Numa agilidade felina a bola ia, voltava, num treino vitorioso de "base-ball".

Lírio viu por tôda a parte o amarelo esgueirando-se, construindo, organizando, controlando. Até a arquitetura das casas de pau era oriental naquele mundo oriental. Um japonês o seguia.

Havia uma fotografia ampliada de Rui Barbosa sobre a secretária onde o dr. Marialva Guimarães reunia os dossiers de seu escritório de Santos.

— Depois da vitória, está cláro que arranjamos para você um emprêgo.

— Na Capital? perguntou o farmacêutico de Jurema com as mãos metidas nos bolsos do sobretudo.

— É possível. Conforme os soldados negros que você nos arranjar.

Levantou-se fechou a secretária. Era um homem alto que olhava friamente através do pince-nez.

Lírio sentiu uma vontade de gritar. Era a sua raça que êles queriam conduzir para a guerra paulista! Saiu quieto com o outro que desceu as escadas. Despediu-se. Ia perguntando pela rua:

— Negro só serve de carne para canhão? Vocês hão de ver!

Ter sido escorraçado pelo Abramonte! — Vocês me pagam! Penetrou num café popular das docas. Aquela capa de Dona Filomena era um símbolo. Êle conhecera a impermeabilidade da raça branca no contacto conjugal. Quando chegara a Jurema, Nicolau Abramonte usava sapatos vermelhos de búfalo e Ludovica, calças compridas com crochê. O sobretudo claro, o jaquetão impecável, as pochetes da mesma côr das gravatas tinham imposto à família uma preocupação nova na indumentária, e até na higiene. Era negro mas negro da Casa Grande que ensinara o imigrante a tomar banho. Ludovica passara a ter costureiras em Pôrto Litoral. Fúlvia colocara os pés escarrapachados em sandálias de pulseirinha. Sem êle, que seria no Natal a chegada triste do boiadeiro Rocha casado com a Miquelina? Nicolau fechava-o no escritório para fazer contas. Vivia fazendo contas. Cobrava as pastagens e exigia comissão sôbre o sal que lhe vendia para o gado. Era negro mas fôra êle que

MARCO ZERO

dera uma alma dinâmica e eufórica à família imigrante. Era alguém. Seu esforço no socorro do próximo, tornara-o querido em Jurema e nas redondezas. No entanto, tudo se havia evaporado num dia. O italiano se pudesse, esfolava-o magnificamente como se fôsse um dos seus porcos do sítio. Não se diria que aquela casa gélida fôra animada pelo seu entusiasmo. — Sou marginal! Emborcou um martelo de pinga. Uma desgraça exagerada o engulia. Seria o preto de botequim, o preto da liberdade e da cachaça. Mas seu verbo levantaria as pedras da calçada contra o branco. Lembrou-se do pince-nez do dr. Marialva Guimarães. — Cínico! 5:000\$000 por um batalhão revoltoso! Pagou a bebida e saiu. Não tinha destino. De repente achou-se no escritório do advogado.

— Meu programa vocês já sabe... É na cú de patrão.

Quem falava, no grupo parado da calçada, em frente à sede do Sindicato de construção Civil de Santos, era um homem alto e louro que tinha uma face de lobo, expulso das estepes européias. Entraram no edifício iluminado. O húngaro Ladislau deixou-os no alto da escada, adiantou-se para os trabalhadores que o esperavam. Lírio de Piratininga acompanhava Leonardo Mesa.

Numa grande sala a multidão sentava-se em bancos de madeira como numa nave de igreja pobre. O camarada Rioja tocou o braço evasivo de Lírio e foi sentar-se ao lado dêle numa das filas da frente onde ainda havia lugar.

Ladeado por alguns homens de aparência modesta, Ladislau assumiu a presidência da assembléa. Diante dele, sôbre uma mesinha estavam papéis, caneta e tinta. Fez imediatamente soar a campainha para conter os sussurros da sala.

Agora, dentre os bancos, um operário das docas tomara a palavra e discorria sôbre a organização dos portuários. Um outro interrompia-o vivamente.

— Companheiros! Os capitalista nos explora. Só organizando a luta se pode lutá!

Por detrás de Lírio um homem azinhavrado e pequeno comentava:

— Isto não pode sê! Não tem rico que tenha pena dos pobre!

Um português condutor de bondes rechonchudo e róseo, respondeu:

— Deixa estáire homem. Quanto mais se mexe mais piore fica.

Pondo-se em destaque na mesa, Ladislau bradava:

— Nossa fôrça é o sandacato!

Do meio do público que se apinhava à porta da entrada, uma voz forte interrompeu-o:

— Qual é o programa? Queremos programa!

MARCO ZERO

Leonardo avisou o farmacêutico de que o aparteador era um policial disfarçado em operário.

Houve gritos e assovios.

— Companheiros, disse o presidente. Nois ganha só com união. Só greve traz união!

Houve protestos, aplausos e gritos. Um italiano roliço que estava ao lado do mulato parecia alarmado no meio do tumulto. Era um barbeiro em São Paulo. Apresentou-se: — Rafael Stronzo.

— Ouviu? Na rua... eu acho que é a cavalaria!

Lírio prestou atenção vaga aos barulhos distantes. Rodas de carroça batiam as pedras. O mulato azinha-vrado afirmou:

— Se sordado vié aquí, apanha!

Ladislau procurava retomar o fio de seu discurso mas um trabalhador nordestino gritou:

— Se fô prá metê o pé na barriga do patrão eu mêto, mas greve eu nun faço!

Entre vaias e gritos iniciou-se uma troca de palavras.

— Cala a bôca, traidor!

Afirmavam:

— E' um policial!

— Fora traidor!

O vozerio cresceu. O barbeiro berrava nervoso ao lado de Lírio.

— Precisa rispetá!

No barulho crescido, haviam todos se levantado. Lírio achava-se junto à porta. Perdera o amigo nos en-

contrões. Saiu às pressas para a escada, enquanto um delegado de polícia cercado de inspetores encerrava violentamente a assembléia.

As primeiras pontas industriais de São Paulo fôram alcançadas pelo combóio. No veranico de maio, a Estação da Luz escaldava às duas e meia da tarde. O vigário de Jurema desembarcou-se do roldão de passageiros subidos de Santos. Do outro lado da rua, flôres rastejavam cobrindo o chão. O velho Jardim Público em frente, estendia-se entre árvores e repuxos, numa vegetação convidativa e fresca.

A brutalidade desordenada dos veículos conteve os passos provincianos do padre, desembarcado de um ônibus no centro.

O calor carbonizava a carpintagem dos arranhacéus. Ele ia lento com seus óculos e seu guarda-chuva.

Em frente ao edifício de pedra da Cúria Metropolitana, de um caminhão da Antártica, retiravam caixas de dúzias de cerveja que passavam para o interior.

Entrando, o sacerdote deparou com flôres e corbeilles amontoadas numa sala. Ao centro cintilava em linho belga, uma mesa de doces onde havia duas garrafas de champanhe nacional. No chão da portaria juntavam-se garrafinhas de guaraná e um barril de chôpe.

MARCO ZERO

Contrastando com as flôres e as bebidas, a gente que se movia na sede do Arcebispado, beatas e sacerdotes, tinham um ar pulha e inocente. A alta estatura do bispo de Santos vinha descendo a escada de mármore. Com uma bôca de bagre, o prelado dizia rindo a um moço gordo e atencioso:

— O devoto que vai hoje à igreja é porque está com muita dôr de barriga.

Padre Beato sorriu nas covas, aproximou-se reverente e confuso, beijou o anel episcopal.

— Fez muito bem em comparecer a homenagem que vai ser hoje prestada ao monsenhor Palude!

— Sei... é o novo ecônomo!

Haviam penetrado na sala dos conclaves. Cadeiras severas e altas rodeavam uma estampa enorme do Crucificado.

— Podemos dizer com orgulho que São Paulo é a mais bem organizada Caixa Econômica de Cristo... afirmou o bispo.

O rapaz gordo e o padre haviam se sentado com êle.

— O resultado da enquete feita por dois peritos contadores em tôdas as dioceses do orbe católico, colocou São Paulo em primeiro plano, como renda. Monsenhor Palude, seguindo as orientações arquipiscopais decidiu que tôdas as espórtulas fossem diretamente enviadas ao Arcebispado. Voltara-se para o vigário de Jurema.

— Precisamos liquidar o narcisismo das promessas, o paganismo dos leilões de prendas que desviam com as

festas populares, os óbulos para fora das mãos de Deus. A sua paróquia está no index.

Padre Beato erguera os óculos. Teve vontade de dizer: — Não parece a V. Excia. Revma. que num país que ainda conserva o aldeamento de índios e onde as águas do Dilúvio se escoam nos rios, o papel da igreja deve ser eminentemente primitivo e popular? O grande Anchieta utilizou-se até do teatro para a conversão dos aborígenes... Mas permanecia calado, olhando.

Decidiu falar dos preparativos da festa do Bom Jesús de Jurema, mas o bispo cortou-lhe o discurso mental com a mão anelada e gorda:

— A igreja perdeu o poder político, só pode viver através do poder financeiro.

Palmas e vivas reboaram no hall. O prelado levantara-se. Moças perfumadas, com o colo escondido, os braços recobertos, vieram beijar-lhe a ametista. Ele as encaminhou para a mesa.

— Eu só quero ser servido de champanhe por vocês...

Padre Beato mal conseguiu ver de longe o sacerdote festejado. Reconheceu o nariz de Cyrano de Bergerac sobre a boca pequena. Estava numa batina apertada e nova. Um desconhecido convidou o vigário do interior a acercar-se da mesa. Ele agradeceu e saiu para a rua.

MARCO ZERO

— A melhor soprano ligeiro de Jurema! Devia ter dito isso ao Bispo. Parou sustendo o guarda-chuva.

Um sujeito apressado deu-lhe um encontrão.

Para lá dos morros verde-negros, o sol deixara a terra num ocaso violáceo. Sôbre o homem de batina desabou uma tristeza, caída do céu distante azul e frio. Subia uma rua agreste. Caminhava em direção do seu aglomerado familiar, para lá de Sant'Ana. Em sua frente cresciam nuvens estáticas como preságios. Ouvia a voz da mãe: — Não quero que ôces seja eguar de seu pai!

Ele não amava D. Ludovica...

Um ruído de avião fê-lo voltar-se. Parecia um pássaro quebrado. Evoluía sôbre a cidade côr de chumbo. A metrópole esticava-se em baixo no casario dos bairros, bramia cortada de planos gigantescos, ofuscada de fumaças do inferno fabril. Blocos severos de arranha-céus coroavam-se de anúncios luminosos. Procurou inutilmente divisar uma igreja.

Segurava o guarda-chuva. A noite pesada desceu sôbre o turbilhonamento de milhões de luzes.

— E' a Babilonia do capital!

Saídas de fábricas coloriam de fitas humanas as calçadas onde muros fechavam gigantescas chaminés encardindo o azul. Uma população suja de crianças vestia-se pitorescamente de remendos e concertos feitos de roupas velhas dos maiores. Homens duros e limpos deixavam os escritórios. Aquilinos uns, outros gordos e prósperos, todos atentos como rafeiros, tinham um ar de oficiais em batalha. Fordes novos passavam conduzindo os mandatários da indústria.

O boxeur Zico Venâncio e sua nova inquilina haviam estacado na Avenida Rangel Pestana diante das porteiras fechadas da São Paulo Railway, para onde gente afluía e onde paravam veículos esperando a passagem do trem. Caminhões possantes conduzindo toneladas de trabalho. Guardas com capacetes urbanos presidiam o trânsito. A moça de cabelos frouxos falou:

— E' aquí que os capitalistas vêm buscar a mais valia e sugar o suor de vocês...

O rapaz atlético e meudo olhou para os lados.

— Você tem escrúpulo devido a sua origem pequeno-burguesa. Não ligue, você é uma proletária naturalizada.

Um combóio atravessou violentamente a rua, desimpedindo o trânsito. As porteiras fecharam-se sôbre os trilhos. Linda Moscovão despediu-se do rapaz e se encaminhou para a Moóca onde morava com Anastácia, a mãe e a irmã. Chegaria tarde para o jantar.

MARCO ZERO

Cinco e meia. O apito demorado da fábrica acordou-a. Linda mexeu-se na cama diferente. Estava no quartinho que alugára na casa do boxeur. Agora aquele som representava para ela mais que a paisagem habitual do trabalho vista de longe. Era o relho que a apartaria do mundo antigo. Era o pão e era a luta social. Deu um salto, calçou os sapatos velhos.

O Jardim América começava em ruas híbridas. As casas davam frente para as calçadas. Eram feias e antigas. Mas de repente abriam-se peluses com repousos de pequenos terraços. Grupos familiares conversavam em cadeiras coloridas, na noite suave. E o quarteirão novo-rico, punha tumultos de estilos arquitetônicos na arborização cheia das avenidas. Havia casas de praia, cotages ingleses, vilas florentinas e chalés normandos. Geometrias brancas indicavam um ou outro modernismo. No asfalto liso e negro, autos flanavam silentes nos faróis acesos.

João Lucas Formoso apertou a campainha do portão residencial. Era uma grande casa estilizada em Renascença italiana. No jardim a lua sentava sôbre um

cipreste. Dentro da garage apagada e aberta, dois carros dormiam. Numa sala empapelada e soturna, pesados moveis estatelavam-se sôbre tapetes turcos. Bandejas enormes de metal prendiam a luz amarela de um abajur, no ambiente de persianas fechadas.

— Mamã comprou tanta coisa nessa viagem, Jango! Entre, venha ver!

Uma mocinha inexpressiva, no vestido tênue, os cabelos claros em tranças, estava diante dêle.

— Maria da Graça, você gostou da Europa?

Passaram o hall encerado e central onde jaziam no chão entre poltronas, uma mala aberta e duas valises de couro de porco rotuladas de etiquetas de hotéis e de bordo.

No quarto atapetado, a viuva Junquillo colocava entre espelhos, num armário largo, os vestidos vaporosos e as saias cintilantes, as raposas azues e as echarpes multicores. Sentada a uma banquetta florentina, num tailleur escuro, uma mulher bonita fumava um cigarri-lho esguio saído de uma piteira de âmbar. Um chapéu ligeiro, terminava-lhe bem o amendoado dos olhos.

— Você, Felicidade Branca, na minha opinião não deve desfazer o seu lar... Na minha opinião! E' verdade que dizem que o mundo mudou. Mas eu gosto das coisas direitas. Uma mulher casada se impõe.

MARCO ZERO

— Que devo fazer?

— Suportar.

A fita que enfaixava fortemente os cabelos grisalhos de dona Guiomar fazia ressaltar o seu perfil de lebre. Tinha o colo alvo no vestido preto de sêda e a boca sensual mal pintada.

Num mundo de sequilhos e de bolos, a mesa refulgia entre pratas e cristais. Salvas antigas enobreciam vidros caros da Boêmia. Em contraste com os linhos e as porcelanas, das paredes da sala de jantar pendiam escuras tristezas oleográficas. Felicidade Branca acoitara-se a um canto discreto conversando com Mary de Barros Ferguson que estava de luto recente.

— Coitada de sua mãe!

— Nem creio que se levante mais. E' sempre assim... Quando começa... Apesar de papai ser velho ninguém esperava que êle morresse em sete dias!

Um rapaz magro e recurvo, também todo de preto, acercou-se, lançou timidamente um madrigal, entregando à senhora uma chávena fumegante. Maria da Graça sentada ao lado da mãe pediu um suspiro. D. Guiomar exclamou: — Não, Maria da Graça.

— Este meu irmão só fala em você, disse Mary. Com seu desquite, vou sofrer.

— Vamos fundar uma revista de heráldica. Você não acha interessante Felicidade Branca?

— Muito bem... zelar pelas tradições da família paulista...

— No pandemônio de raças que invadiu esta terra!

Ubaldo Junquillo achegou-se rindo nos olhos azues:

— Sabe como chamaram você na academia? Jazigo perpétuo.

Fez-se um silêncio incômodo. Ele notou o luto do outro e disse:

— Desculpe Henrique.

Maria da Graça, tôda tranças, indagou de Chodó.

— Está no Guarujá. Não quer mais saber de estudar. Tinha tanta vocação! Eu queria que ela acabasse o curso...

— Em que ano estava? perguntou distraidamente um senhor de óculos pretos que comia bolo.

— Ia começar o "grand-écart", seu Nunes. Já fazia ponta magnificamente.

A mocinha de tranças servia a uma poltrona do canto, um velho de alta estatura e rosto enérgico, os bigodes aparados. Ia chupar uma bala quando ouviu a voz da mãe: — Não, Maria da Graça.

João Lucas Formoso aproximou-se dirigindo-se ao velho:

— O que é que você está resmungando aí sozinho, seu Carmo?

MARCO ZERO

— O Parque Industrial de São Paulo só dá dansarinas... São as freiras atuais das grandes famílias. E os rapazes são bêbados, veados ou comunistas...

Lina Machado num vestido rosa tênue, falava de uma sociedade de artistas que fundara!

— Passei a tarde lá com a condessa Tolstoi...

A Junquilha fechou o focinho esbranquiçado.

— Não conheço.

— E' hoje Mme. da Silva Calheiros.

— Um dos velhos troncos paulistas!... disse Felicidade Branca.

— Não conheço nem quero conhecer. Sou sempre a mesma. Não mudo, me criei assim...

Vieram à conversa institutos de beleza, operações plásticas, tratamentos da pele...

— A Europa é só isso... Mas vamos falar daqui. Quando é que sai essa revolução? Estou doida para preparar o lanche pros soldados. E dar cachecol e cigarros.

Na copa, um homem quarentão abriu a geladeira monumental, espiou. A cozinheira aproximou-se:

— Tudo que tá aí é prá visita, já disse, seu Xavié!

— Cala a boca, bunda grande!

O pequeno escritório central tinha uma barra móvel que admitia a entrada exclusiva dos empregados.

Para lá do tabique envernizado, ficava o recinto onde Dona Paula fazia a escrita e geria a fortuna da família bandeirante. Numa placa de metal sôbre o balcão lia-se: "Administradora Junquillo". A uma mesa batia máquina, um moço magro, de bigodinho, que fôra despedido do Matarazzo mas continuava dizendo: "Nós comprávamos duas tonealdas de mica. Nós exportávamos algodão o ano todo. Nós íamos construir o novo edifício de doze andares". Dona Paula às vezes fazia uma aparição solar naquela penumbra sossegada onde a um canto, o homem quarentão de cabelo grisalho e aparado, passava as horas consultando a lista de telefones, tomando nota dos protestos de títulos, das falências e concordatas e raramente lendo um jornal. Um ou outro visitante punha a cara por sôbre a barra da entrada, procurando Dona Paula. O homem levantava-se invariavelmente e perguntava: — Quem quer falar? Ouvia o nome, respondia: — Vou comunicar... As suas passadas lentas dirigiam-se para o recinto onde a gerente da família Junquillo, a bôca entreaberta, os olhos vagos, escrevia. — Faça esperar seu Xavier. Voltava depois de um assentimento de cabeça, sentava-se de novo e de novo percorria a lista do telefone, as falências, os protestos. Pela manhã, Xavier trotava. Galado e prestimoso, saía no mesmo terno surrado e sem côr. A cidade o conhecia. Nas reparições pagava os impostos, vinha buscar apólices, dar recados, comprar passagens, levar minutas aos tabeliães. Nos bairros mais distantes e imprevistos, ia de

casa em casa, cobrar os alugueres que perfaziam a renda fabulosa dos Junquillo. Nos bancos depositava, retirava. Era o homem de confiança do escritório.

— Seu Xavier, o senhor é torcida de que clube?

— Não gosto de futebol.

Houve um silêncio. O moço magro que interrompera a conta que copiava, fitou-o surpreendido.

— Já gostei... quando futebol era futebol. Não havia profissionalismo. Era só amadores. Gente de boa família...

O homem falava aos arrancos como se as idéias acudissem sem ligação ao seu cérebro. O rapaz riu baixinho e ia prosseguir, quando um corretor amigo da casa espiou pela porta. Xavier disse sem se levantar.

— Dona Paula foi tomar chocolate na leiteria Campo-Belo.

O moço de bigodinho dirigiu-se ao recém-chegado com quem se encontrara no jogo da véspera, no campo do Palestra-Itália. E num minuto, o futebol paulista passou em palpites e comentários. Nomes de jogadores, gols, faltas. Ambos eram torcida do Corinthians e exultavam com as vitórias crescentes do clube popular.

— Seu Xavier esteve lá?

— Seu Xavier não gosta de futebol.

O homem debruçado à barra da entrada, calou-se esperando, com um cigarro na boca.

O moço começou a mover a máquina de calcular. Xavier impassível olhava pela janela. De repente, o moço perguntou:

— E de Carnaval? O senhor gosta seu Xavier?

— Gostei... do antigo.

Depois de um silêncio disse:

— O pessoal do Braz tomou conta e estragou tudo. Outro silêncio.

— As famílias não podem se divertir. Não há respeito.

O mundo para Xavier dividia-se perfeitamente em duas metades: as famílias e o pessoal do Braz.

O moço exclamou fazendo um sinal para o visitante:

— Seu Xavier gosta é de lamber...

Acrescentou vendo-o voltar a cabeça!

— Lamber sorvete...

Atrás de Severão Júnior e de Mário Ferguson, Ubaldo Junquilho penetrou por um corredor sombrio. Pôs os dedos no nariz, tapou as ventas:

— Êste bairro da Luz, é pior que o Braz! Que antro!

— A Academia funciona nos fundos.

Subiram as escadas de pedra e penetraram num pátio. De portas entreabertas vinham cheiros ativos de comida.

— Eu lanço! gritou Ubaldo.

— Espera gran-fino! São uns judeus que moram aí. Se você lança eles comem.

MARCO ZERO

Mario Ferguson ria, enfesado e pequeno, os olhos negros. Tinham passado a área e estavam num salão desmobilado. Em frente a êles, um homem troncado e semi-nú atirava os punhos recobertos contra um pesado saco de areia que pendia do teto.

No chão, sôbre um pano estendido, um outro, de calção preto, fungava executando movimentos musculares vivos, repetidos e iguais. Separados por uma corda, dois rapazes esmurravam-se ao fundo. Um tipo forte e pequeno, num pulover esportivo tinha os olhos atentos no round.

— São amadores.

— Aquele é o diretor da Academia de Box, o Zico Venâncio.

Os boxeurs aos pequenos pulos, haviam atingido o fim do ring improvisado. O mais baixo colocou um direto no estômago do outro que cambaleou ligeiramente.

— Foi no plexo solar! comentou Ubaldo.

Zico gritou em inglês: — *Time!* e os dois rapazes cessaram baixando os punhos enluvados. O suor corria dos corpos musculosos. O homem que enfrentava o sacco, mantinha-o penso num corpo a corpo violento. Saiu de repente. O sacco ficou oscilando.

Os três visitantes permaneciam numa reservada distância. Apenas Severão Júnior cumprimentou de longe o diretor.

— Vocês querem ser apresentados?

— Não vale a pena. É muito cafageste... decidiu Ubaldo. Eu não venho do Jardim América treinar aqui... Está louco! Vamos dar o fora...

O rapaz que os trouxera, ruivo e desajeitado, queria dar um aperto de mão ao Zico que olhava, mas resolveu acompanhar os amigos.

O Braz era o bairro da prole. Entre os ergástulos do trabalho que tomavam um quarteirão inteiro, as panificações, as vendas, as parteiras de placa ilustrada, mil casas eram iguais. Os mesmos tugúrios atravancavam-se das mesmas crianças. As áreas internas penetravam com seus cheiros, suas roupas estendidas e suas moscas pesadas, até a sala de jantar onde se passava roupa ao ferro elétrico. Chapéus de homem rolavam sobre as camas. Calças dobravam-se ao encosto das cadeiras. Atulhavam as mesas enxovais das que iam se casar com o rapaz da outra rua.

Carmela Venâncio guardava nas paredes gastas de seu coração de vinte anos, quatro retratos: — Zico, o dentista sírio Jamil, o dr. Torres e seu ídolo emocional da tela Ricardo Bartelmes. Casara com o primeiro mas

MARCO ZERO

quisera que o filhinho tivesse a elegância do segundo, a fortuna do terceiro e fôsse belo como o astro de cinema com quem nunca deixara de sonhar. Amamentara-o tanto quanto pudera. Dois anos. A miséria apertava o mundo. Mexia o dia inteiro. No descanso do tanque e do fogão, retirava o pequenito do caixote de sabão em que o sentava entre os travesseiros. — São zora de papá!

A noite vinha encontrá-la suarenta e suja. Lavava-se no tanque e punha o Doardo na cama grande, onde dormiam com o boxeur vindo tarde do ring. Êle às vêzes chegava depois de meia-noite, sensual e cheirando a pinga. Mas agora vinha cêdo porque queria encontrar acordada a moça a quem sublocara o quarto vizinho.

Linda, quieta, dobrava a cabeleira sôlta sôbre a mesa tósca de jantar. Em frente, um armário de vidro cintilava de louça. Na noite sobressaltada, a voz fina de Zico Venâncio expunha os quadros do mundo capitalista.

— Nesta rua só tem pobres. Se êles se juntassem...

Do fundo da noite, uma torneira parecia pingar infinitamente. A voz do rapaz perguntou:

— Como é que você vai se chamar na ilegalidade?

— Maria Parede.

No outro compartimento Carmela dormia agarrada ao pequenito. Ele foi espiar, voltou, sentou-se de novo.

Enregelado no inverno de suas altas salas, com seus porões habitáveis, o sem número de suas portas de vidro com papel colado fechando a mobília antiga, o sobrado dos Formoso era um solário no estio. Místico de palácio, de chalé e de prisão, aninhava no seu bojo o resíduo de três famílias. Afonsina dizia: — A turma de sorterão que tem nessa casa! Parece República! — o seu canto distraído vinha da cozinha. — Se eu pudesse agarrava carioca com nortista, cabeça com cabeça e batia inté morrer. Ôta gente ruim!

Afonsina era cozinheira, copeira e governante. Fizera o café e preparava o almôço.

— Esta casa não presta prá nada. Conserta torneira aquí, rebenta alí. A gente vive nadando quí nem pato. Não é pato! Inda bão que acharo um paião prá cozinhá de graça e inda ri por cima de tudo.

Contava vantagens:

— Se eu quisesse ia sê inté dama de cumpanhia da famia tar, da famia tar.

Enumerava nomes paulistas, sírios, calabreses.

— Lá serve à francesa. Num é quí nem aquí, quí nem êste museu do coroné!

Vivia em estado de guerra com dona Umbelina.

— Só tungando esta véia. Diz que eu tô com cem mirréis de recebido. Non tá contente? mi dá o ordenado quí eu fôfo já. Vivo aquí fazendo sujera, passando vergonha cos cadáver na porta. Otro dia fui na fêra robei dois maço de espinafre pro coroné ficá forte.

MARCO ZERO

Daquele mato não sai mais coêio. Por isso que a véia não acarma! Parece rojão de quem pega!

Mas, à menor ameaça dos fornecedores, seus cuidados pela defesa da casa redobravam. Muitas vêzes ao credor impertinente na porta, pagava do seu próprio ordenado. Se a cobrança vinha pelo telefone, dizia invariavelmente: — O Coroné viajô!

As viagens do coronel serviram até para uma tarde Afonsina aparecer correndo na venda e arranjar empréstados 30\$000 antes que cortassem o gás.

A preta Duviges que fôra requisitada da Formosa, movimentava mesas e cadeiras, recolocando-as sôbre o tapête.

Um plé-plé-plé dos passinhos cortava os corredores. Belica punha na cozinha seus olhos negros sob o cabelinho louro. Era a filha do Pancrácio Fortes. O telefone ressoava.

— É o padêro. Tá cobrano, vinha avisar a Duviges.

— Dexe está que eu abro o verbo. Vou já xingá a mãe dêle!

Ia. Voltava. Uma risada subia da cozinha.

— Vem cá, nêga!

A algaravia infantil passava. De novo o plé-plé-plé dos passinhos correndo. D. Vitória aparecia atrás inexpressiva, inexistente.

— Vem cá minha filha. Não!

— Mamã! Vovó! Papá! Dá! Pipio! Nenê!

OSWALD DE ANDRADE

No rádio do vizinho, uma marcha militar dava ritmo ao dia.

— Comé qui faiz o home lôco?

A criança viva erguia os bracinhos, fechava-os na cabeça loira.

— Hôôôôôôôô!...

— Que bicho deu?

— Pavão.

— Não posso com pavão! Basta não jogá, dá. Ante-onte matei cinquentão do Coroné no troco das conta atrasada. Prá que? Já foi quarenta...

João Lucas alcançou a pé o bairro antigo dos Campos Elíseos. Ia para a sua mansarda do solar urbano dos Formoso. Velhas residências isolavam jardins com árvores copadas, imensas. Que infelicidade demorada! Essa revolução não vinha! Deixara uma reunião de conspiradores. Os moços até 30 anos forçavam o movimento. E os estudantes de Direito. A Fôrça Pública aderira. Mas a velharada que Getúlio Vargas encurralara de chinelas nas casas ou jogando nos clubes, fóra de posições de prestígio, amortecia o choque, estragava

MARCO ZERO

tudo. Só sabiam dizer: — São Paulo não pode permanecer sob a bota dos interventores inimigos! Defrontava o palácio presidencial dos Campos Elíseos. Na esquina, um guarda de carabina o advertiu que passasse ao largo. Pensou que lá dentro um homem podia fazer a revolução.

No domingo limpo de São Paulo, gente parava diante dos cinemas. Nas proximidades da praça da Sé, uma fieira de bondes estacara anunciando a interrupção do trânsito. De um alto-falante vinham palavras desligadas: — escombros... poeira... glória.... higidez... civismo... tentacular... subreptícia... Iscariotes...

Cartazes e bandeiras com as cores regionais saíam da multidão compacta e calada. A voz precisou-se:

— Nesta arrancada de heroísmo, a luta se prepara entre enxovias e liberdades, entre o Direito e o pundo-nor de um lado, e do outro a fôrça hiante da Ditadura...

Janelas e sacadas estavam repletas. Súbito, dos lados do Braz, unido em tórno de um dístico, um grupo de gente mal vestida surgiu. Fêz um redemoinho, lateralmente na direção das escadarias. O boxeur Venâncio erguia o cartaz onde se lia a palavra: "Proletariado". Atráz dêle ia uma figura desajeitada e angulosa de homem do povo. Era o camarada Falcão. Junto dêle estava o operário Irmo Frelin numa camise-

ta colorida. O grupo estacou de repente. Uma moça de cabelos revoltos foi guindada aos ombros de dois companheiros. Suspendeu nos braços abertos uma bandeira vermelha, aberta também. Envolveu-se nela.

Na praça continuou o comício em torno das cores regionais: — Lágrimas... colheita... potência... anseio... bombardeio... maremoto... cratera... sementeira... sangue.... São Paulo!...

— Você sabe que eu sou Simbad. Simbad o marujo. Sem mulher, sem cachorro e sem emprêgo.

A risada de Leonardo Mesa encheu o ângulo da cantina.

— Onde é que você está morando?

— No Canindé.

Maria Parede fitou-o com os olhos parados.

— Eu só tenho uma coisa... emprêgo na fábrica.

— E passado?

— Vou te contar um dos meus casos. Foi nos arredores de Jurema. Eu andava lendo uma história das Cruzadas. Você conhece o caminho do rio? A avenida dos ingazeiros... Eu ia tôdas as tardes me envolver naquela natureza. Num crepúsculo, encontrei um cavaleiro... O Jango da Formosa...

— O filho do Major?

MARCO ZERO

— Meu pai soube e quíz me pegar pelos cabelos. Deixei o namorado e pretendia cursar a Escola Normal. Veja o meu destino. Vim para São Paulo com uma porção de sonhos. Fui morar no porão de tia Anastácia. Dona Felicidade Branca ia me ajudar. Hoje sou uma legítima lava-pratos. E mudei. Você sabe... Minha irmã ao contrário, Sarita continua com a vocação de noiva. Arranjou logo aquí um moço católico de boa família. Ia a missa com êle, engulindo todos os domingos aquele cheiro abafado de oxigênio gasto. Um dia apareceu com um conto de réis em casa para pagar a prestação atrasada. E eu disse: — que ligeireza! Depois brigamos a tapas, mas fizemos as pazes. Ela tinha desmanchado o noivado. Chegava sempre com novas roupas, combinações, vestidos e sapatos. Mamãe chorava. Doces não faltavam em casa. Ninguém comia. Tínhamos escrúpulos. Mas eu andava com uma fome louca. Uma noite não resistí. No outro dia papai chegava do interior. Eu estava certa que ia haver mais um assassinato feito pelo sherife Idílio. Mas, depois de dormir em cima com a minha tia, desceu e foi ao armário acabar de comer os doces. Me disse: — Isso é cousa inocente. Arguma amiga que presenteou. E Sarita continuou a sair para o cinema tôdas as noites.

— Você não come quase...

— Eu sou uma doente do estômago. Você já passou fome? Houve uma época em que quando eu arranjava uma cebola ou um pedaço de pão era um banquete. Uma vez passei dois dias inteiros sem achar o que pôr

na bôca. Só água, água de torneira. Quando me ofereceram um café sentí uma perfuração lá dentro. O meu estômago passou a ter vida própria dentro do meu ser. Uma vida descontente, tirânica, creio que está ulcerado.

O camarada Rioja pagou a despeza. Sairam na noite asmática do Braz. Êle tomou o braço da moça. Sentia o seu corpo limpo e desperfumado, a sua crina pura e violenta.

O portão do jardim permanecia fechado o cadeado. Abriu-se e o mulato alto foi conduzido pela criadinha japonesa para a sala de espera da residência. Ia afinal ser recebido por um chefe do movimento.

Sentado em uma poltrona, Lírio de Piratininga viu em sua frente o retrato futurista de Antônio Pádua Lopes. Tinha mesmo uma cara de deputado federal. Ouviu estalar uma porta, provavelmente a do gabinete de trabalho do líder paulista. Trazia-lhe uma carta do dr. Marialva Guimarães. Espiou pelas persianas fechadas. Um oficial do exército fardado e dois paisanos saíam conversando. Sentiu-se inquieto. Podiam prendê-lo.

A japonesa reapareceu para conduzí-lo a uma biblioteca iluminada. Estava repleta de livros nas estantes que se erguiam ao longo das paredes. Um ho-

MARCO ZERO

mem calvo batia apressadamente uma máquina de escrever.

— Como vai bamba? você também...

— Olá!

O farmacêutico de Jurema reconheceu um antigo colega verboso, originário da Baía, que se formara com êle mas deixara a profissão. Uma vergonha o envolveu. Aquele homem o conhecera no apogeu do casamento com Ludovica, em Jurema. Perguntou depressa:

— Como vai o movimento?

— Colosso!

— Está tudo pronto?

— Em três tempos organizamos tudo. Num relâmpago. Os transportes conjugados... E com uma perna nas costas. Você já ouviu os discursos pelo rádio? E a marcha Paris-Belfort? Que tal? E' a antiga marcha da nossa Fôrça Pública. Ela significa revolução! A região militar vai aderir em peso. Mato Grosso nos mandará cinco mil homens. E o ouro? E o trem blindado! Você verá! E até os veteranos da Grande Guerra vão organizar um batalhão.

— Quem é que comanda?

— Não sei quem é. Mas é um herói.

— E o Rio Grande do Sul?

— Vai entrar ao nosso lado. E Minas também!

Lírio no sobretudo côr de doce de leite entortava para o lado a cabeça de cabelos lisos, encostada ao espaldar da poltrona, sorrindo adesivo, importante.

— Temos tudo, ambulâncias, vitaminas, japoneses.

— Japones é traidor!

— Para a guerra serve. Êles nos oferecem dois mil homens armados. Um regimento da morte!

O telefone retiniu sôbre a mesa cheia de dossiers. O homem atendeu. Dizia: — Pois não!

Pádua Lopes entrava num roupão escuro. Tinha a fisionomia moça cansada e segurava um cigarro entre os dentes. Sem dar muita atenção ao visitante, sentara-se. Esticou as canelas secas até o fogo. Percorrera a carta que Lírio entregou. Atirou-a à lareira.

— Estou ficando louco. E' tudo em cima de mim. Polícia civil, transportes, hospitais de sangue, passes, munições... Agora os pretos.... Durmo às cinco horas, acordo às seis...

Cresceu no mulato uma vergonha totalizadora. Depois de um silêncio em que se ouviram os estalidos da máquina de escrever, o telefone ressoou. Pádua ergueu-se rápido. Voltara depois de uma longa demora. Felizmente o outro homem permanecia entretido na máquina.

— Onde é que você está?... “Como falava Cícero”... E' uma proclamação que eu redigí para ser mimeografada...

Ia sentar-se quando o telefone chamou de novo. A campainha tocou também.

— É o exército, a aviação, a Cruz Vermelha... Volte depois de amanhã...

MARCO ZERO

A tarde ensanguentava os teares da tecelagem Demétrio. O mestre da oficina parou de repente a máquina que fôra entregue à Linda Moscovão. Ela estava sentada naquele hangar rinchante onde centenas de sêres produziam.

— Veja! Bocê estraga pano! Dá brajuiso! Limpa escufinha, bota uleo!

A sua inaptidão era compensada por uma consciência exaltada do futuro. Murmurou:

— Vá, me deixa trabalhar!

Curvo, sem peito, sujo, com a barba crescida, um sobretudo velho jogado sôbre os ombros, o mestre esgueirava-se através dos teares, parando, examinando. Não admitia nem cânticos nem conversas. Queria corrigir aquelas vagabundas que faziam da fábrica uma “babalonia”.

Ela deixara de ser a filha do sherife de Bartira.

Era agora a operária Maria Parede. Fitou na porta fronteira um dístico: “O trabalho em harmonia com o capital sob a égide da Democracia”. Fora dali ninguém sabia o que era o trabalho. Suas mãos duras dirigiam os fios, movimentava a máquina. Estava de pé sôbre as chinelas rasgadas.

O mestre voltava. Examinava, ameaçava.

OSWALD DE ANDRADE

— Levo bocê bro gerente. Êle manda carta bro teu pai!

Maria Parede permanecia quieta. Os comunistas podiam ser perseguidos, presos, espancados e mortos. Moviam-se como ela nos subterrâneos da sociedade. A luta seria sangrenta como aquele sol que penetrava na tarde da oficina. Para substituir os que caíam, vinham outros de tôdas as partes. Eram os que tinham por teto o mundo. Aflorariam sempre aos cenários da produção. Sua família era o Partido.

A casa era úmida e o bairro enlameado. A mulata do vizinho, parede e meia, acusava o português com quem morava, de viver apaixonado pelas artistas de cinema.

— Só sabe lê rivista! Um dia ocê vai vê!

O correjo proximo, entupido e sinuoso espalhava miasmas até a rua. O velho Jácopo Frelin, despedido de duas casas comerciais não fixara emprêgo ainda em São Paulo. Formara as duas filhas na escola de corte e costura, estabelecera atelier no desvão de uma rua do Canindé. Coçando a cabeça de cabelos longos e alvos, dizia:

— Se houvesse união, nós ia capinar o correjo. Se houvesse união!

MARCO ZERO

Leonardo Mesa escutava, almoçando a sopa de feijão com arroz dos Frelín. Incoronata e Walkiria tinham montado a oficina na sala da frente, grudando estampas de figurinos nas janelas para chamar a freguezia. Irmo partia de madrugada para a fábrica. D. Idalina com caninos descarnados à mostra, preparava os garotos que saíam para o grupo escolar. Ficavam até tarde no futebol das várzeas.

— Êles não larga essa porcaria de bola. O lucro é só se estrangolá!

Uma noite o velho disse ao pensionista sentado a uma cadeira capenga.

— Isso aquí é um fundo de poço! Os homens que cai dentro vive mexendo pra podê saí.

— Uma virada do mundo acaba com isto! A Rússia...

— Eu sei... já lí... mas aquí é impossible.

— Porque não entra para o Partido Comunista?

— Sou velho...

Sorriu na bôca desdentada:

— Mas sou simpático dêle...

Um homem gordo e agitado dizia ao sacristão:

— O general veio, voltou... De que serviu? O povo perdeu o medo.

Padre Beato havia terminado suas orações na igreja vazia.

A Boa Morte conservava entreaberta a porta destinada aos fiéis da tarde. Até a Cúria estava fechada. O guarda-chuva, suspenso, de óculos e passos lentos, o sacerdote seguiu pelas ruas da Capital extranhamente mortas. Murmurava versículos de Davi. — *In die qua liberavit eum Dominus de manu Saul...*

A uma esquina, gente surgiu gritando:

— Aos quartéis! Aos quartéis!

Um moço, alto num sobretudo patricial, falou para um pequeno magote de gente:

— Vamos buscar o povo na Praça do Patriarca!

Padre Beato distanciara-se quando ouviu o tropel. O grupo que partira vinha correndo. Um menino atrás juntava os chapéus caídos.

— Aos quartéis!

De um largo desembocou um pelotão de cavalaria. Um tenente abria o trote com uma pistola na mão.

— Quem será o novo Amador Bueno? Indagou o padre a um transeunte que riu.

— A rua Amador Bueno está fechada!

O rapaz alto, de sobretudo subira a um degrau da porta, berrava para os poucos transeuntes:

— Atirai em meu peito. Atirai!

Na tarde caída, erguia-se um fumo de incêndio. O padre exclamou:

— Destruí a Babilonia do capital!

No café, onde nas mesas de mármore se aglomeravam fregueses, o Mendão, que era o contemplativo da turma, grande e de óculos, acabava de recitar um poema.

— Você Quindin...

— Não. Eu leio em casa.

O grupo de rapazes que a orientação modernista de Cláudio Manuel guiava através de arte e literatura, esperava. Quindin enrubeceu ligeiramente.

— Não. É uma dissertação sobre o tipo vaginal puro. Para a mulher não há os degraus da evolução humana, a mulher permanece. Ela tem a moral da célula. Ela é sempre a "mater", logo, toda a ligação humana é um incesto.

Cláudio Manuel interveio incisivo, o dedo longo para a frente:

— Toda a ligação entre o macho e a femea!

— Claro! Fora do uranismo não há salvação.

Riram bulhentemente. Iam pagar quando um grupo invadiu o café.

— Viva São Paulo! Viva São Paulo!

Rapazes exaltados tomavam conta das mesas. Os intelectuais olhavam. O Mendão disse com a voz arrastada:

— É a revolução. Eu vou também.

Cláudio Manuel enristou o dedo ósseo:

— Eu não vou porque sou antimilitarista.

— Por São Paulo eu vou, exclamou Quindin.

— Pique-pique! Pique-pique!

Um grito primitivo levantou-se do grupo adolescente.

Quindin sorriu vermelho daquele esforço pouco civilizado que punha outra vez nas arcadas seculares da Academia de Direito a flama estudantina.

— Pique-pique!

Um estudante trepou num velho banco. Tinha os cabelos revoltos, os óculos sem aro. Suas palavras chegavam entrecortadas, no tumulto dos colegas ajuntados.

Evocava as arcadas conventuais, o velho sino batendo os quartos de hora, as salas caiadas e enormes com os velhos bancos e na cátedra um homem que ensinava a defender a lei... Para que a sociedade plantada na bruteza dos trópicos se regesse pela experiência das sociedades colonizadoras. Para que o Direito Romano ligado à moral de Cristo plasmasse os aglomerados descidos do planalto e fixados nos limites políticos do Brasil.

— Pique-pique!

No Direito enroscava-se a poesia. Na regularidade a irregularidade. Na sizudez a boemia. Fôra sempre assim. A cidade atual, o vilarejo legalista de cem anos

MARCO ZERO

atrás, descido em casario bruto pelas ladeiras até às margens alagadas do Tamanduateí e às margens minúsculas do Anhangabaú.

— Não morreu o espírito da lei. São Paulo vai se bater pela constituição que a sanha fronteira espinha na ventania que tomou conta do mundo!

Sua voz clara e um pouco sibilada ecoava entre gritos e aplausos.

Quindin calado desenvolvia sua perplexidade. A manhã entrava pela janela aberta. Ele tinha um caderno sôbre a mesa de seu quarto. Escreveu o nome todo no papel fino: Joaquim Klag Formoso. Roia as unhas. O primeiro embate interessado e sério que tinha com a vida real trazia, antes mesmo da luta, o fracasso. Talvez tivesse lido e não atingido um ponto de vista próprio. A sua vida processara-se diferente das outras vidas de rapaz. Formara-se aquele casmurão no ginásio. Detestava os indecentes que o apalpavam e iam espiá-lo na privada. Nascera sob o signo do desastre, aos influxos da grande constelação invisível, da constelação de Édipo, de Hamlet e de Osvaldo Alving... Um aconchego silencioso nas casas familiares que se abriam efusivas quando o nome dos Formoso era uma chave mágica. A ligação terna com a irmã morena, já que não tinha mãe. Dulcina. Fôra ele quem a batizara de

Pichorra. Ela levava surras exemplares do pai. Ele chorava com ela, depois saíam. E aquela alegria de brincar com as primas, as amigas das primas nos halls encerados, nos jardins vistosos. A sua vida de menino processara-se entre tranças, tranças louras, tranças escuras. Quanta trança! Por onde andaria o Dráusio, o creado que lhe ensinara as coisas da vida?

A manhã subia do jardim em magnólias amassadas. O olfato fôra sempre o seu sentido, mais que a vista. Espiara o Dráusio no banho e impressionara-se mais que com a irmã nua. Uma manhã como essa, num domingo, tinha entrado no quarto do Dráusio, nos fundos do quintal. E a desordem da cama suja, a mesa com romances brochados, as ligas e o próprio cheiro do rapaz o haviam abafado de desejo. Dráusio prodigava atenções à Pichorra e isso tinha feito crear-se nele um sentimento de rivalidade. Odiou a irmã uma noite em que a surpreendeu levando doces para o creado. E contou tudo ao pai para que a espancasse.

Aqueles rapazes esportivos e bulhentos do Jardim América o aterravam. Nunca fizera esporte. Eles iam ao bordel. Ele fôra uma vez e fracassara.

Tinha conhecido Cláudio Manuel. Conversando sobre París como um parisiense. Não podendo viver lá. As imagens dos solitários tomaram vulto nas descobertas que ambos faziam na biblioteca do avô de Cláudio numa casa antiga da Avenida Paulista. Diante de Wilde, de Whitman, de Nietzsche e de Proust, a

MARCO ZERO

adolescência de ambos, não tivera namoros nem colóquios sombreados de árvores urbanas. Tinham procurado crear uma revista literária. A mulher deixara de ser o brinquedo favoravel da meninice. A mulher queria dêles alguma cousa de essencial e de íntimo. Não podia com cheiro de mulher.

— Se Deus quizer, depois da revolução, eu vou re-ler todo Proust, todo Nietzsche, todo Gide, todo Cocteau... E Mazoch! Hei de encontrar Mazoch!

A noite prolongava-se na biblioteca ancestral. Quindin cruzou as pernas. Tinha um ar de saude na pele fina e corada.

— Quero mostrar a você o que eu fiz.

— É o livro?...

— Não. Eu tenho apenas o plano.

Um rubor meninoeiro tomou conta do rosto adolescente, sob os cabelos sedosos, os dentes um tanto irregulares e grandes.

— Leia!

Cláudio Manuel tinha retirado o paletó. Sentou-se magro e curvo para escutar a voz meiga do amigo.

— Não sei que livro será. Uma série de considerações... De um Nietzsche... passivo... O super-homem é passivo. Não tem nada a engendrar...

Riram.

— Escute. É sôbre os nossos problemas.

— A mulher?

— Não. A mãe.

— A mãe sempre foi um grave problema... É um assunto! Sempre preocupou a literatura... Veja a Orestia.

— E Shakespeare!

— Sim, todo o drama de Hamlet...

No silêncio de lâmpadas acesas ficaram rememorando.

— Em Proust?

— Não. Em Proust a mãe já acabou.

— Ah! já sei foi! Em Proust, você vê a eliminação do adultério... logo a eliminação da mãe... Não ha mãe onde não ha adultério... Aliás só houve um grande adultério... O de Maupassant... com espartilho e meias negras de seda...

— Escute!

A voz elevou-se, leu desordenadamente. Mas parou de repente:

— Eu não sei escrever...

Um relógio bateu duas horas da madrugada da casa de Zico Venâncio.

Linda Moscovão estava deitada. Ao seu lado, um pires quebrado continha pontas de cigarros fumados. Leonardo Mesa, de pé, perguntou:

— Deram em você?

MARCO ZERO

— Não, mas a tecelã gordinha que estava ao meu lado gritou que elas queriam levar para a guerra os maridos e os filhos das operarias. Foi um escândalo. O homem do escritório e o mestre avançaram para nós, nos empurraram. Eu resisti mas eles ameaçaram de chamar a polícia. O trabalho parou. Se você visse como as granfinas urravam.

— São umas primitivas. São as velhas paulistas de bigode e relho na cintura. Podem se mascarar de girls e ir mostrar os seios e o resto em Copacabana ou no Guarujá. A mancha feudal persiste em São Paulo. É isso que produz a revolução. Nos modos e nos hábitos há progresso aqui. A civilização da máquina dilue e apaga as culturas. Mas a cultura campesina do planalto persiste. Carlos Marx já disse que vivemos na pré-história. Aqui é a mancha agrária oriunda do café que dá o tom. No nordeste, a mesma coisa, vinda da cana e dos currais. Tôda essa gente se veste pelo cinema mas tem a alma ainda na *selva selvaggia*...

Ficaram calados. Leonardo sentara-se, tocava o braço moreno e polido da moça.

Maria baixou a cabeça sôbre o travesseiro. Ele acariciou-lhe os cabelos soltos.

Uma lágrima correu, despencou sôbre o lençol.

— Vamos nos casar...

— É impossível, Leonardo, disse ela assoando o nariz.

A família rica que protegera o fogão dos Moncorvino esquecera tôda a caridade. O internamento de Veva como louca numa casa de saúde tornara indifferentes os que haviam ficado com sua fortuna.

Padre Beato não conseguira em duas visitas nenhuma promessa de emprêgo para seu pai. Sôbre o miserável rafeiro do P. R. P. caíra a senha dos vitoriosos de 30. Tinham-lhe arrancado o pão com banana que dava à família numerosa. — Somos nove, doutor! Insondáveis eram os desígnios de Deus. Que poderia fazer pelos seus de quem sempre se afastara? O pai insanável. — Ele garra de bebê! dizia a Zefa.

— Scio quia omnia potes!

O moço sacerdote olhava a serra onde se recolhiam as últimas luminosidades do dia, no panorama de miséria onde nascera. A Zefa dotara o mundo de uma dúzia de desgraçados. Aquela piolhada ia nascendo. A Josefa fôra infamada, a Lindáurea doente... Três haviam morrido. Eufrásia, a mais inteligente das irmãs, vivia fora como professora. Rosalina se casara com o capitão Jango da Fôrça. Os outros tinham somente encontrado além da fome, a esmola. A mãe tinha feito de cada trapo um coeiro, de cada roupa velha um lençol. Voltou à casa escancarada. Parou à porta sem ser visto. A Zefa tinha lavado o John Gilbert, que a Rosalina deixara aquela tarde.

— Toma Lindaurea... assegura êle.

O pequenino de meses ronronava, babava, sorria, enfaixado em trapos limpos.

MARCO ZERO

— Não deixa êle tortá. Vai buscá água no poço. Credo, aquele menino só sabe batê bola! Qué ficá perdido...

Da estrada vinham os gritos dos jogadores:

— Passa, chuta! O lôco! Dê lambuja!

— Foi fora! Foi fora!

— Fora nada!

— Trouxa!

— Ladrão!

Genuca era o Fumaça. Com quinze anos só sabia jogar futebol. Creara-se solto, atravessando na volada dos salames, o capinzal crescido dos campos improvisados, pulando os muros dos quintais para ir buscar a bola dos pequenos clubes. Fizera-se crak nos matchs da Várzea, entre assuadas e taponas. Uma energia ancestral guiava-o na ofensiva dos ataques. Era o centro-avante do Dalva Clube. Talvez fôsse êle, o caçula Eugênio, quem estivesse destinado a levantar pelos pés o grupo familiar dos Moncorvino.

— Insondáveis os destinos do Senhor!

No quintal de terra, o velho Jeremias, magro e pequeno, numas calças pretas descoradas, tinha a cara parecida com as ruas da cidade, arenosa e suja. Lavava uma chícara num balde. Um gato esfomeado olhava-o sob a árvore. Deixou a chícara na borda do poço, tomou o paletó lustroso do terno único que tinha e disse alto: — Se o Timóteo perguntá otra veiz se estô de luto, mando êle a puta que pariu...

— Porque chamam você de Aurora Boreal?

— De besteira!

A moça riu com dentes fortes onde se via ao fundo uma coroa de ouro. Os seus cabelos de palha punham um clarão no sofá escuro da saleta empapelada.

— Mostre as pernas!

Sem hesitar, ela levantou totalmente a saia de lã azul, e exibiu as coxas nuas e grossas, sem calça.

— Eu não sabia nada de putaria. Quando me puseram na pensão eu só tinha trepado com meu noivo. A dona veio me perguntar se eu fazia michê... Eu não sabia o que era. Era dormir com homem, só que êle pagava...

— Você conhece uma professora que vem aqui?

— Tem algumas...

— Chama-se Eufrásia...

— Elas trocam de nome.

A porta estalou e Licórnea apareceu magra com um chale espanhol sobre os ombros nus e acamelados.

Aurora Boreal retirou-se disciplinadamente. A cafetina sentara-se, e exclamou numa grossa risada:

— O que te acontece para você dar as cara outra vez aqui?

Jango olhava-a incomodado. Decidiu-se

— Vim buscar uma morena!

MARCO ZERO

— Quem é? A Lourdes? Boa família. Murmurou um nome paulista conhecido... Professora não tenho no momento... olhe está aí uma italianinha formidável! Dezenove anos. Foi deflorada há um mês...

Ele fitou-a e disse o nome da Beato.

A mulher riu.

— É minha sobrinha. Mas esta não frequenta ainda aqui!

— Me diga onde ela mora.

Felicidade Branca escutou com todos os sentidos. No quarto negro havia uma janela entreaberta. Nenhum vento agitava as árvores lá fora, mas, no jardim escorria água sobre uma lata. O barulho era da chuva, persistente e igual, monótono e acalentador. Dizia-lhe que dormisse. Trazia-lhe um resto de quentura do sonho. Envolvia-a, abraçava-a pelos ouvidos. Teve vontade de chorar. Que horas seriam? O casamento fôra uma página depressa rasgada! Anulara-se primeiro diante do homem que conhecera e amara, depois diante da filhinha nascida. Para ter um estranho nos lençóis. Ele podia estar ali, no pijama a seu lado, fungando forte nos travesseiros vizinhos dos seus. Mas estava para lá de uma parede grossa e imensa. Subsistia nela aquela necessidade de ternura dentro de suas decepções. Ternura para que? Para quem? A filha tinha tudo, fortuna

beleza, nome, a governante alemã impecável... Porque essa destruição definitiva de um tecido de vida comum que deveria ser eterno? Da união de suas carnes, de seus pensamentos, de seus interesses havia nascido uma filha. E agora? Restava um anão grotesco dormindo a seu lado.

A lata chorava lá fora pelos olhos da chuva. Súbito, daquele barulho subiu um rascar fanhoso de sereia distante. Noite ainda e já homens convocando homens para o trabalho. Homens que se levantavam nas casas geladas e escuras. E um clarim tocou notas claras sobre o apito que se extinguia. Homens acordavam para os exercícios da guerra. Eram caracóis de notas, laços de sons. Fora daqueles chamados, só reinava a solidão da noite que vinha da janela entreaberta.

— Esse apartamento é seu, Jango?

— Não. Foi Carlos de Jaert quem me emprestou para podermos conversar.

— Quem te deu o meu enderêço?

João Lucas calou-se. Estavam sentados num sofá diante de um leito de bronze, intacto, recoberto por uma colcha vermelha.

— Vem ver o sol!

No terraço minúsculo dos fundos, gerânios floriam. Por uma abertura de arranhacéus, um disco de fogo ofus-

MARCO ZERO

cava a tarde na fimbria dos montes finais de São Paulo. Ela recostou-se ao seu ombro forte.

— Eu nunca devia ter nascido, Jango.

— Porque?...

— Eu receberia de outro modo esta felicidade se ela viesse antes.

— Você gosta de sofrer, Eufrásia?

— Só poderei confiar na vida confiando em você. Só poderei viver através de alguém. Se você falhar...

Lá fora, a noite descera. A penumbra havia envolvido o quarto. As coxas de Eufrásia enroscaram-se nele. Aqueles trechos de nú quente transportavam o rapaz para um conhecimento inesperado do amor. Numa revelação de plenitude, tocava os seios, a pele cálida e cariciosa, os membros ardentes... No contacto arfante e religioso, ela murmurou:

— Não terei fôrças para afastar você! Será uma desgraça!

Felicidade Branca estacou junto aos elevadores do Edifício Arequipa, onde no 10.º andar, o escritório de advocacia do professor Robério Spin abria largas vi-

draças sôbre cubos de arranhacéus. Um menino que fazia reluzir uma pastinha irrepreensível no cabelo tu-fudo atendeu a cliente desconhecida e fê-la passar para uma sala clara onde livros se alinhavam até o teto. A um canto, um bronze de mulher sorria sôbre um pedestal. Entre janelas, havia uma ampliação fotográfica duma turma de estudantes, secundando professores, nas arcadas seculares da Faculdade de Direito. De outro lado, uma aquarela representando um índio.

A senhora paulista procurava constatar a origem imigrante do grande advogado. Em vez do retrato de um italiano meridional de brincos e cachimbo como ela conhecera tantos em sua meninice na Formosa, encontrava alí na parede um padrão nhambiquara da nacionalidade. Diziam que o pai de Robério era um antigo colono napolitano que enviuvara cedo. Morrera ainda moço numa caçada, deixando dois filhos sob os cuidados do avô.

Moreno, alto e distinto, Robério Spin parecia, no entanto, revelar uma velha civilização herdada. Felicidade Branca o conhecia como advogado de seu pai. Sabia que êle se candidatara a catedrático da Faculdade de Direito e que o P. R. P. o preterira; que fôra convidado para reger uma cátedra na Faculdade carioca mas preferira abrir sua banca de advocacia em S. Paulo. Vira-o ainda na véspera, no hall do Esplanada Hotel. Dir-se-ia mais um fakir vestido de lorde do que qualquer produto da massa meridional que fizera florir com seus braços, os cafezais de São Paulo. Duma carreira

modesta de delegado de polícia, de súbito vira-se guindado à Secretaria da Fazenda, pelos primeiros interven-tores aparecidos com a mudança de 30. Apontavam-no como um técnico de finanças. Com outros paulistas creara a oposição ao govêrno Vargas.

A porta abriu-se e deu entrada a um homem baixo, de óculos que veio cumprimentá-la.

— O professor Spin pede para esperar um instan-tinho por obséquo. Está atendendo aos herdeiros Fer-guson.

Voltou-se para a biblioteca, procurando um livro.

Felicidade Branca estava num tailleur ferrugem, o chapéu alto e pequeno terminando a cabeça clara num véu. Considerava aquele homem, quase calvo de costas, um advogado incapaz como os outros, de obter o divórcio. O casamento devia ser indissolúvel. As francesas tam-bém deviam deixar de existir. Fôra sempre contra o divórcio! Não sentia em seu ânimo nenhuma vocação para a deshonestidade. Um caso de família firmara nela a noção de recato e de responsabilidade social. Mas não poderia se casar mais, enquanto o marido podia afrontar a sociedade em companhia de uma criatura de bordel. Cachorro! Estava de calças, uma manhã, quando o copeiro japonês entrara sem avisar no quarto para lhe servir o café. O advogado fez uma mesura e saiu sobra-çando um volume grosso. Kana, em vez de ser despe-dido, passara a chofer e agora era o pilôto do avião particular do Conde. Era um japonês fino, educado na Inglaterra. Mas isso não justificava a atitude do ma-

rido. Da sala vizinha vinham vozes. Dois formigões de luto apontaram. Um outro, pequeno e musculoso, acompanhava Mary Ferguson.

— Como vai Henrique?

— Coisa pau êsse negócio de inventário!

— Contanto que o advogado me deixe nadar todos os dias no Paulistano, em assino tudo que êle quiser.

Mary despediu-se beijando na face Felicidade Branca. O menino piloso e bem penteado abriu uma porta dissimulada por um reposteiro e fê-la cair abruptamente na penumbra de uma sala atapetada e rica.

Em frente à secretária um homem estava de pé num fraque bem posto. Ela percebeu, afundado numa poltrona, à distância, a figura do marido. Cumprimen-
tou-o vagamente, sentando-se à cadeira cômoda que do outro lado, o advogado indicava.

— Não sabia que eu estava acompanhado. Mas êste encontro, fui eu mesmo que promoví e assumo dêle tôda a responsabilidade.

O Conde Alberto de Melo fumava, mexendo as pernas. O advogado prosseguia:

— São Paulo exige que vocês reflitam melhor. Sei perfeitamente que a senhora veio aquí para assinar os papéis de desquite, parecendo que nada mais se pode fazer no caso senão promover a separação do casal e o destino da filha. Mas há fatos que escapam ao exame de uma senhora da alta sociedade. Neste momento de união dos paulistas eu sou contra o desquite...

Ela interveio com firmeza...

MARCO ZERO

— Mas não pode ser. Meu marido vive publicamente com uma mulher de vida fácil.

Alberto pulou da sombra.

— Quer que lhe diga que foi a senhora quem começou a riscar fora da caixa? Aliás...

Ia fazer uma referência grosseira à tradição dos Formosos.

O advogado ergueu a palma da mão óssea. Felicidade Branca sentia um rubor indignado. Ele disse:

— Isto aqui não é a Sociedade das Nações...

Sorria finamente. Acendeu um charuto, pedindo vênia.

— As acusações são recíprocas.

Felicidade Branca exclamou:

— Eu não vim aqui para ser baixamente caluniada.

— O seu sobrinho é um gangster! Mas eu o processo e o ponho na cadeia! Hoje mesmo!

O advogado parecia impacientar-se.

— Seus próprios negócios estão ligados aos interesses da Formosa, Alberto...

Robério Spin elevava a voz, quebrando o silencio.

— Você não faz nada disso. Você vai reconciliar-se com sua distintíssima espôsa. Interêsses mais nobres o exigem. São Paulo precisa da solidariedade de todos os seus filhos neste instante decisivo.

— Eu faço isso por São Paulo. Fica bem claro.

— Vocês voltam a constituir um lar bandeirante, disse o advogado.

Então a Condessa falou:

— Mas eu não fui ouvida, doutor! Como poderei continuar casada com um homem que vive publicamente?... E o caso da creada?

O Conde gesticulou da poltrona.

— Mulheres públicas são vestais perto das senhoras da alta...

Robério interrompeu para falar da causa do Coronel que defendia no Tribunal. O telefone chamou. O Conde pusera-se a dar passadas pelo tapete. O advogado ao aparêlho respondia monossilabicamente.

— E' um telefonema cifrado. Quer dizer que a revolução está marcada. Estoura no mesmo dia aqui e no Rio Grande do Sul.

Pelo elevador, saíram juntos a Condessa e o marido. Em baixo, a Packard brilhante aproximou-se pelas mãos de Bonifácio. O chofêr francês numa farda nova, perfilou-se abrindo o carro. Como antigamente, rumaram para a residência faustosa da Avenida Paulista.

A porta senhorial abriu-se e ante êles, Kana curvou-se numa reverência impecável, dentro de sua jaqueta de criado. Tinha um rosto impassível de menino.

MARCO ZERO

— Toquei pela primeira vez a realidade, a realidade maravilhosa que você é. Agora sei o que é essa coisa insondável, o amor...

Ela saltou sobre o tapete. Estava sem sapatos e ria com o vestido amarrotado. Ele a perseguiu no pijama azul. Enfrásia atirou-se de novo sobre o leito, os ombros largos na sêda estampada que escapava em flôres do corpinho negro, justo. As coxas delineavam-se fortes sob a saia.

— De que serve a vida se não fôr assim?

Ela disse com a voz quente, subitamente grave:

— Tenho medo do futuro, Jango.

Ele ia gritar que agora podia morrer, ser fuzilado porque era feliz, quando a campainha da porta ressoou. Foi abrir. Falava com alguém entre silêncios. Deitou-se sem dizer nada. Eufrásia jogou-se sobre ele. Os joelhos redondos nas meias esticadas procuravam dominar o peito vigoroso.

— Conte! Conte!

O rapaz respirou fortemente. A vida total tomou-os de novo, num torvelinho. Estavam exaustos.

— Você viu ontem os soldados de arma embalada pararem o nosso automóvel para revista? A revolução está na rua.

Foi ao banheiro vestir-se.

A voz da moça falou do leito.

— Eu não queria ficar só, Jango!

Ele veio beijá-la. Eufrásia permanecia silenciosa e amuada.

OSWALD DE ANDRADE

— Eu tenho que ir buscar soldados na fazenda. Conduzí-los. Como é possível?

A moça recusava-se a falar. Ficara de bruços sobre o leito. Êle então fingiu que saía. Ao transpor a porta ouviu um grito:

— Estou grávida, Jango!

O camarada Rioja levantou-se tarde. Foi até o poço do quintal lavar o rosto. Na rua, junto à cerca viu um ajuntamento.

— Aconteceu um desastre, explicou Jacopo Frelin.

Correra, pelo bairro a notícia de que o carroceiro de uma grande companhia tinha ficado debaixo das rodas do caminhão.

Encostada a um poste a filha do morto, despenteada, os lábios grossos e pálidos, contou que o tinham levado para o necrotério, donde sairia o entêrro. Os irmãos estavam aterrados. Era um rapazelho de casquete, outro de chapéu preto sobre os olhos.

— Tem montepio? indagou Frelin.

— Dissero que não recebemo nada porque a culpa é dêle.

MARCO ZERO

Jôgo fraco no Automóvel Clube. Ao contrário, a saleta de espera enchia-se, esvaziava-se. Gente despejava-se dos elevadores. O barbeiro estava repleto e animado. No bar, o professor Robério Spin centralizava uma mesa agitada. Pádua Lopes entrou nervoso, um cigarro nos dentes. No hall penumbroso, o relógio alto batia as sete horas. Carmo Agripa afundava sua estatura numa poltrona de couro. A um sofá, dois fazendeiros conversavam sôbre geada.

— Então seu Carmo, vamos ao Rio?

— Eu não saio daqui. Quero ver você ser enforcado...

— Vamos plantar um pé de café no Obelisco...
Um pé de café francano!

A vizinhança juntara-se no pátio da casa de Zico Venâncio.

— Que foi? Que foi?

— O Doardo comeu um pedaço de goiaba verde!

— Quem deu?

— Arruma uma lavaje!

O menino ardia em febre. Suarenta do tanque e do fogão, a mãe vinha vê-lo, estreitá-lo nos braços nervosos. Êle chorava fracamente, parecia cansado. Estava reduzido a um feixe de ossos franzinos donde ca-

belos incultos e desiguais espirravam como um maço rebelde de capim.

— Doardo! Meu filho! Doardinho!

A vizinhança aglomerava-se.

— Tá virando os óio!

— Veste êle de Santo Antônio!

O estandarte da Faculdade saíra para a rua. Circundavam-no peitos atléticos, rostos adolescentes, vozes ativas. Haviam estacado no território livre de São Francisco, o largo da Faculdade. Rodeado pelos colegas, o moço de óculos sem aro orava no silêncio. Era o Direito que passava, o Direito trazido para a bruteza da América de homens nús, pela censura longínqua nascida na cidade grega, florida no Império Romano onde se enlaçara na cruz de Cristo. Aquele estandarte elevado sôbre as cabeças ao vento das ruas, era a Europa da descoberta. Êle significava o homem vestido para as relações da sociedade, nutrido pela higiene, desenvolvido pela máquina. A velha Faculdade do planalto tinha um século de florões que haviam ligado nas suas lianas a construção do Brasil legal. Nela se ajustara o bandeirismo pioneiro. Dêle saíra a pátria independente e viril. Era a lei que passava, a lei ameaçada pelos tempos irriquietos e movediços. Às senhas de morte que a revolução prenunciava, uma resposta

MARCO ZERO

adesiva, calçada de martiriologios, respondia, ecoava nas aclamações, no ruído estrepitoso das passeatas cívicas. Era um século de Direito que a Ditadura ameaçava! Uma multidão fakirisada escutava.

— Taunay já dizia...

— Ora, você com Taunay...

Em torno à mesa lavrada e longa, onde se realizavam as reuniões da diretoria do Banco, uma dúzia de personagens diferentes circundava a figura solene e obesa do Desembargador Círo de São Cristovam.

— As revoluções se desenvolvem no plano econômico e no plano militar... No primeiro reside o êxito... é o abastecimento. São as armas, munições de campanha e de bôca, os serviços precisam de numerário... e o numerário de lastro... Cessa automaticamente o lastro-valor nacional.

— Temos que emitir...

Todos escutavam a dissertação do banqueiro.

— Emitir dinheiro nosso. Com o lastro-valor nosso. São Paulo é a locomotiva que puxa os vagões velhos e estragados da Federação... São Paulo pode emitir...

— Sôbre o crédito da vitória...

— Faremos dinheiro paulista.

— E' um êrro. Temos que emitir bônus sôbre o dinheiro nacional, que nada sofrerá com isso no reajustamento...

— Aliás a campanha do ouro que se esboça, só ela poderia lastrear uma emissão...

— Não. Não devemos confundir alhos com bugalhos... O ouro... será o ouro por São Paulo. Um apêlo aos paulistas para que despejem alguma coisa de suas arcas, que se despojem dos sinais caros como as jóias de família, mesmo as alianças... Eu, para começar oferecerei a minha.

— Os anéis de formatura... As medalhas de curo...

— Perfeitamente... Tudo isso tem o valor do símbolo... e o valor monetário que auxiliará as despesas incommensuráveis da guerra... Os bônus serão o sistema regulador...

Baixo e forte, com o cabelo cortado à escovinha, o banqueiro ostentava uma esmerada elegância de vestuário e uma educação de gestos que um monóculo coroava. Um contínuo fardado veio trazer uma salva de prata onde luziam chicharinhas inglesas. O café passou forte, negro e licoroso. Nesse momento, o ancião que tinha bigodes e um ventre roliço batendo contra a mesa, exclamou, dirigindo-se ao da sua direita:

— Não senhor. A Divina Comédia é outra coisa! Passa um sôpro de Deus! É o espírito do Guia!

MARCO ZERO

São Cristovam tomara de novo a palavra. Mas o telefone ressoou a um canto. Uma secretária veio atender e chamou:

— Dr. Lobo!

Um homem desleixado de cabelos lisos caindo sobre a testa, dirigiu-se ao aparelho.

— Temos que assumir uma responsabilidade definida, exclamava o banqueiro. Eu declino da minha, se os chefes militares não garantem o êxito do movimento.

— A revolução será vitoriosa porque é no fim do ano.

O moço desleixado falou melosamente, despedindo-se ao telefone.

— Um beijo... mande um...

A figura decisiva de Robério Spin ocupava o primeiro plano.

— As revoluções se processam como os meteoros...

— A russa foi em janeiro...

— A exceção confirma a regra...

— Foi em outubro... corrigiu o advogado.

O velho falava sobre Virgílio. Exclamou alteando a voz:

— E' outra coisa... Shakespeare não tem sentido nenhum... Uma humanidade cegada pelos instintos... Não tem altitude...

São Cristovam citava Goethe. Pádua Lopes furioso disse ao vizinho mudo, mostrando o relógio de pulso:

— Estamos aquí há duas horas, ouvindo uma conversa fiada. Como é possível garantir o êxito de um movimento dirigido por cretinos dêsse talante?

Então, o professor Albornós que tinha uma calva que descia, vinha até à dentadura, afirmou:

— Precisamos encarecer o sentido de justiça da revolução. São Paulo humilhado! São Paulo preterido! São Paulo...

Parara à procura de adjetivos. São Cristovam prosseguiu:

— O meu espírito de disciplina...

Pádua Lopes exclamou para o vizinho:

— A Ditadura entra aquí, toma tudo e corta essas cabeças!

O outro, com a cara vermelha, enterrado num sobretudo preto, disse:

— Cabeças? Aquí? Você sabe porque o general em chefe não manda ordem de marcha sôbre o Rio? Quer vir pessoalmente para lançar um novo sistema de ortografia. Mas só se entende falando porque "guerra" êle escreve com "j"!

Pádua Lopes teve um acesso nervoso e gritou:

— Meus senhores, há um caso grave a decidir! O comandante da vanguarda paulista é um coronel. Êle poderá decidir da vitória, descendo de surpresa com os paulistas sôbre o Rio de Janeiro. O comandante em chefe está ainda em Mato-Grosso e pode demorar. Isso vai trazer um atraso da maior gravidade. Julgam os

MARCO ZERO

senhores que o Coronel pode tomar o Rio sem as ordens do general?

Houve uma surpresa. Robério Spin ia falar mas a cabeça emburrada de Albornós ocupou o primeiro plano:

— Nós nos batemos pela ordem e pela lei!

— Logo, concluiu São Cristovam, as ordens devem ser emanadas da autoridade suprema...

— Somente dela...

— Do general.

— Onde já se viu um coronel passar por cima de um general?

Pádua Lopes, acendera um cigarro.

Robério encerrou com um "speech" a reunião dos conspiradores. O moço desleixado estava de novo ao telefone pedindo beijos. O velho gordo levantara-se e ria-se.

— O Dante — é insuperável, meu amigo!

Pádua Lopes disse ao homem de sobretudo:

— Perdemos a guerra.

Havia ainda pontas de luz na parda noite clareada. Os operários saíam das casas tiritantes, alcançavam-se nas esquinas de lama. O fogo fagulhava no fogão aceso dos Frelin.

Dona Idalina enrolada num chale tinha preparado o almoço que Irmo levaria para a fábrica dentro de um pão.

O velho Jácopo entrou tresnoitado.

— Teve notícias?

— Leonardo foi prêso... com a camarada Parede.

— Vamos sair daqui. A reação está agindo.

O operário Plaumburn e Pacova desviaram-se da multidão que se aglomerava entre lampiões quebrados, para assistir à ocupação militar dos trens.

A noite caíra cheia de estridores e de gritos.

— A cavalaria vai tomar conta da Praça... Fecharam as porteiras...

Deram a volta, seguiram ao longo de uma fábrica. A uma esquina, um carro apagado os esperava com gente dentro.

Evitando o trajeto normal, os militantes comunistas seguiram na direção da Penha.

— Vocês não se conhecem? O tenente Odilon da Fôrça...

Uma figura ossuda de mulato vestia um capote militar.

— O companheiro Ortiz do Antimil...

— Onde vamos?

— Para o Pleno que o Partido convocou.

MARCO ZERO

O esqueletinho parecia esvair-se nos braços de Carmela Venâncio.

— Filho! Filho meu!

— Entrega êle na mão de Deus!

— Leva ao Seu Vicente. O curandeiro fais milagre!

O quarto atulhava-se de gente.

Crianças vieram avisar que a rua estava cheia de soldados.

Um tenente magro, de cáqui, apareceu à porta. Dois civís armados o seguiam.

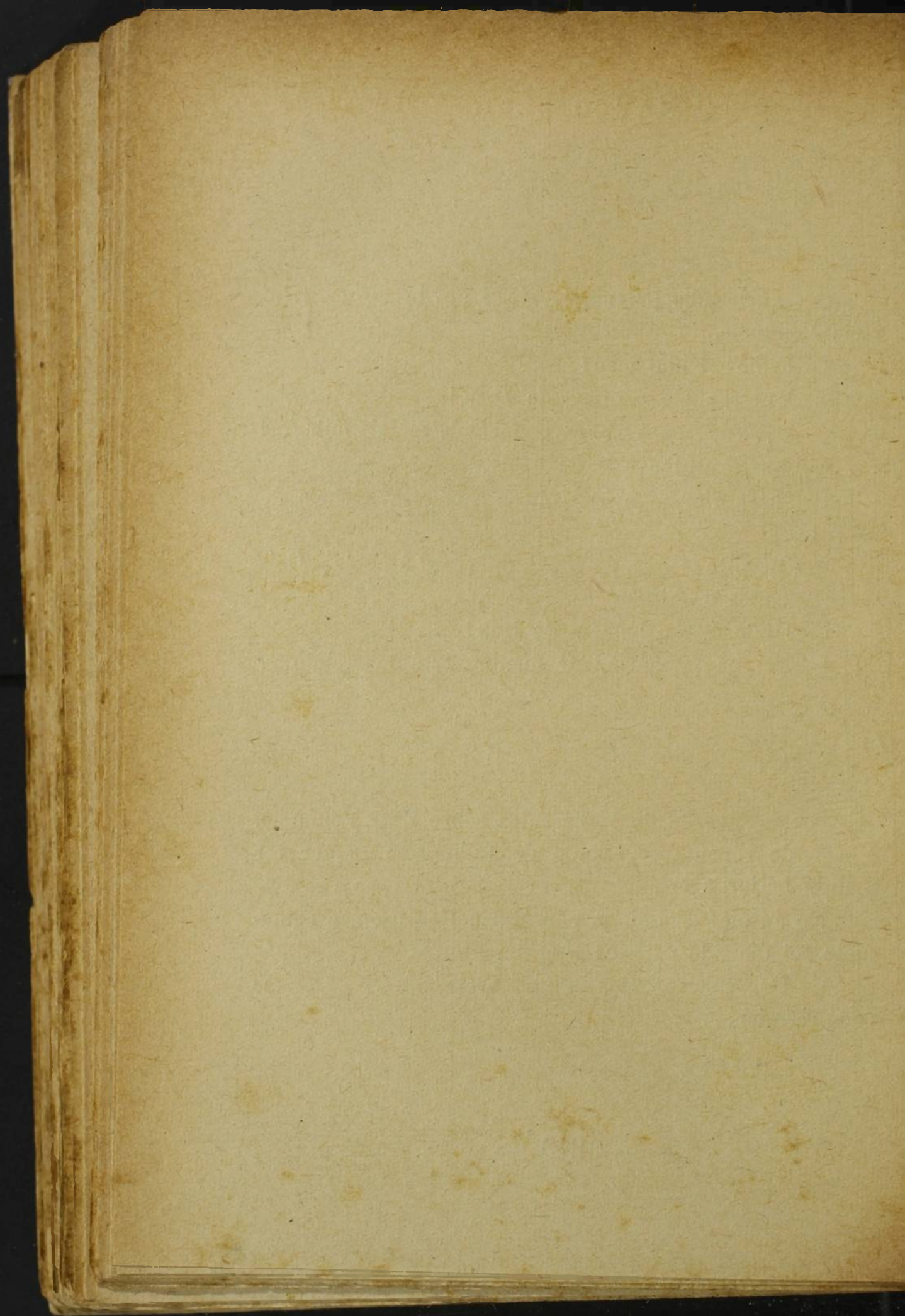
— Onde está o homem do Box?

— Foi na farmácia. O menino está morrendo...

A mão pesada da fôrça caíra sôbre Zico Venâncio. Via-se de repente segregado de tudo, sem sequer ter podido beijar a criança, comprar o caixão.

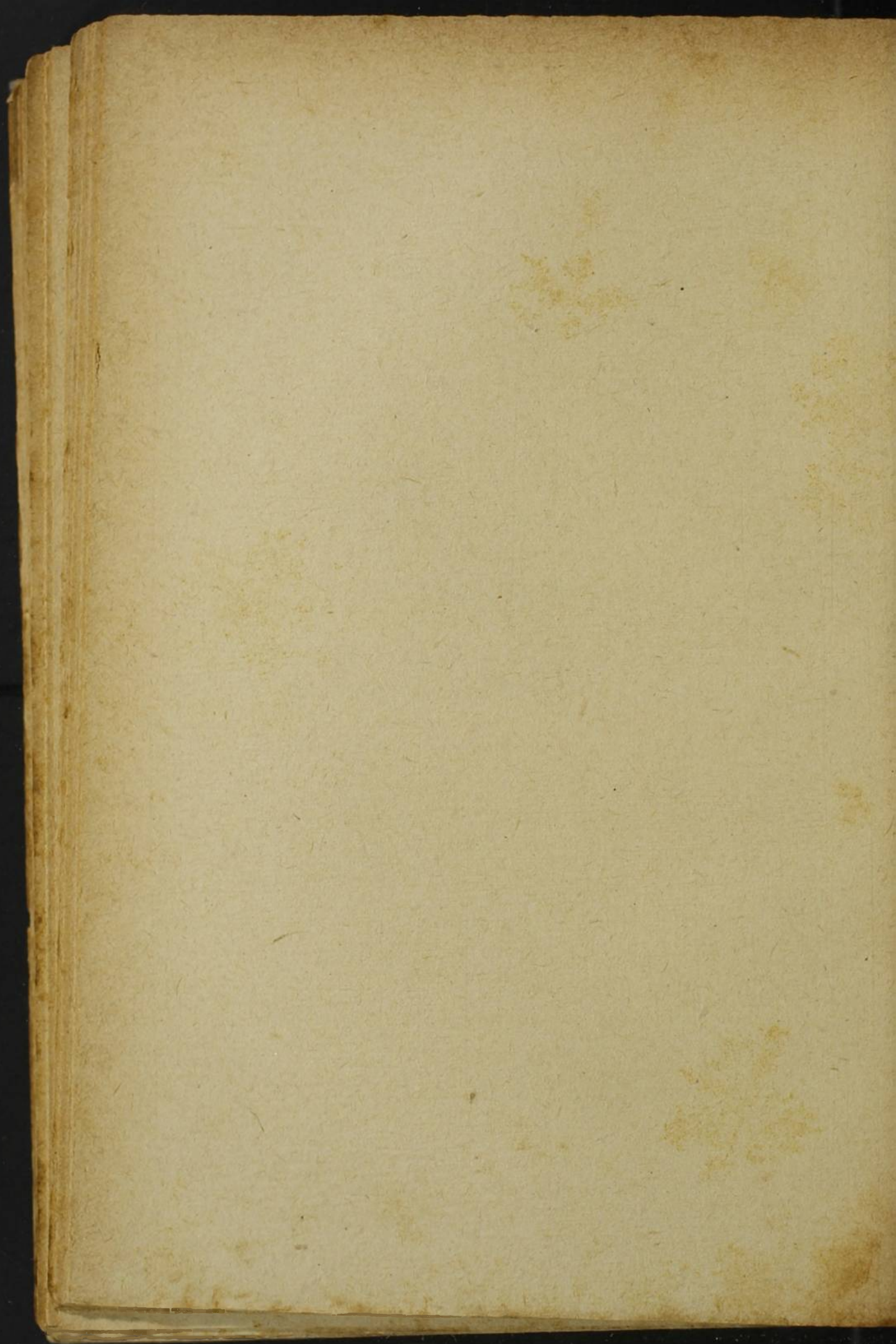
No automóvel guiado por Mario Ferguson, o comunista foi dizendo para os seus detentores:

— Os senhores são da alta sociedade... Deviam compreender...



CAPÍTULO V

Os Latifundiários em Armas



— Ficou com São Paulo!

A notícia corria, agitava a capital, o Estado, o Brasil. O governador Pedro de Toledo encabeçava a revolução.

Na cozinha ladrilhada, Afonsina, enorme, as pernas abertas, teve um riso da bôca de dentes separados, sob as fitas amarelas dos cabelos. Entrara da rua, de chapéu.

— A cidade tá ansim de gente! Musica tocando. O generá a cavalo! O governadô inté aderiu. Ôta véio bôo! Vamo nos Campos Elíseo dá um quebra-costela nele!

O médico grisalho de óculos, não lhe quis dar mais nenhuma explicação.

— Se o senhor não mandar fazer as análises que eu pedí, não adianta vir cá.

Idílio Moscovão, gordo, inerte, o chapéu na mão grossa, permanecia de pé no consultório.

— E' romatismo que eu peguei na lavage do café...

— Já lhe disse que não é nada disso.

— No inverno brabo da Formosa, a coloniada não queria entrá no lavadô. Eu ficava azêdo: — Isso é

frio? Súcia de vagabundo! Qué vê como eu entro? Arregaçava as carça...

O médico teve um gesto amigo.

— Vá fazer as análises que eu mandei. Depois volte. Quem sabe se não é nada?

Começara de há muito, o esconde-esconde em torno do doente. Anastácia queria certificar-se, aterrada. Quando êle se anunciava prometendo renovar a incestuosa amizade, ela escrevia carta expressa: — “Não venha porque será inútil. Estarei incomodada no dia da tua chegada. O “Jaú” está chegando”. O “Jaú” era o avião paulista que fizera a travessia do Atlântico, que prometia chegar, não chegava e vinha de repente. — Quantos Jaú ocê tem por mês? perguntava o sherife. E ela apelava depois para a moral. Voltara à religião. Não havia coisa mais linda na vida. E o filho grande, que estava no colégio? O Babá!

Idílio passou a ser vigiado como um criminoso.

Quantas vezes ela sustava a respiração atrás de uma porta de quarto, o nariz em bico, ouvindo as suas passadas que a procuravam pela casa. Êle impacientava-se, chamava inutilmente, urrava atoa no porão, onde a briga com Lucinda estourava. Esta é que fazia os curativos penosos e aturava o monstro inchado.

MARCO ZERO

Viajou mais uma vez. Nessa noite Anastácia desceu ao porão e disse que andava desconfiada da doença de Idílio. Ante a palavra terrível, Lucinda soltou gritos.

— E' preciso separar tudo, senão pega.

— Vamos mandar internar êste diabo!

— Êle cura, disse Anastácia, mas é preciso internar logo.

— E quem é que paga?

— O govêrno, ora essa!

A classe estava de pé. A professora friorenta, no capote cinza de botões metálicos, falou:

— O nosso Estado é que sustenta o Brasil. O formidável Estado de São Paulo tem sido maltratado e desprezado pelo resto dos brasileiros que precisam dele para o Brasil. Vocês acham justo? Pois agora S. Paulo reagiu. Fêz uma revolução, exigindo que o ponham no lugar que êle merece e que êle conquistou, no lugar que é dêle. Quer ser o primeiro e será! Para isso os nossos soldados vão lutar. Partem certos da vitória. Encorajados por uma causa justa e por um ideal grandioso. Nós que não podemos lutar ao lado dêles nas trincheiras, vamos levar aos que partem, as nossas flôres e as nossas palmas. Vamos dizer-lhes que aquí ficamos lutando na retaguarda, trabalhando por êles, para o engrandeci-

mento do nosso Estado, pela glória de São Paulo. Viva São Paulo!

Um grito estrugiu como para saudar um gol conquistado nas grandes partidas entre Bartira e Jurema. A criançada juntava-se deixando aos brados as carteiras.

— Hoje não tem aula. E' guerra! E' guerra!

Jesué dos Santos agarrou um japonezinho pelas calças e fazendo a mão de revolver, berrou:

— Pum! Pum! Pum!

A diretora Dona Anastácia Pupper entrou de pince-nez, apertada num vestido amarelo de lã, dizendo que os soldados precisavam de agasalho.

Um grito organizou-se de repente.

— Para a estação! Todos na estação!

Eufrásia Beato exclamou juntando as crianças:

— Vamos levar lanche, santinho, flor, pros soldados!

O Grupo Escolar esvaziou-se. Fora, o professor Barnabé procurava inutilmente formar uma fila de meninos.

No rádio da venda fronteira, estourou um discurso. Depois os tambores e os clarins da marcha París-Belfort cresceram no ambiente guerreiro. Dona Anastácia deu um viva fino a São Paulo.

— Todo mundo está com lágrimas nos olhos!

MARCO ZERO

A estação coloria-se de bandeiras paulistas. O pata-mar estreito sob o telheiro de zinco, aberto para uma clareira de sol, mal continha a população agitada pela guerra. Ante o trem fumegante, repleto de soldados e civís, as crianças procuravam manter filas festivas. Um negro pôs para fora da janela um sorriso desmesurado.

— Agora é hora, cabocrada! Quero vê quem aguenta!

Vivas a São Paulo estrugiam nos vagões tumultuosos. Insultos ao Ditador, ameaças e dichotes, eram repetidos do tender ao último carro. Um apito longo cortou a manhã sertaneja. Mulheres choravam dizendo adeus aos revolucionários. Bandeirinhas em preto, branco e vermelho agitaram-se e num instante de alvôroço, a pequena locomotiva de cabeça de balão, deixou vagarosamente a plataforma levando o comboio militar.

Um velho de olhos vidrados com as perneiras trocadas, descobriu o índio Cristo num fundo de banco do trem que corria.

— Senhores militares! Êste sujeito profanou a lei alcoólica. Tá vestido de jurado, no meio dos veterano do alambique. Fica condenado a bebê água minerá!

O carreiro da Formosa estava metido num colarinho duro, de gravata nova, a fatiota preta dos domingos. Um negro, mostrando os dentes de teclado, interveiu.

OSWALD DE ANDRADE

— Pra sê bisorvido precisa pagá dois litro de pinga!
Houve uma festa em redor.

— Pá-a-a-aga!

O velho exalava um bafo tenaz de cachaça. Agarrou
o Cristo pelos ombros.

— Ocê veste farda?

— Me dá que eu visto!

— O tenente te dá quando chegá em Santos.

Vozes gritavam:

— Tá bisorvido! Vivoô! Pága a pinga!

Passavam de mão em mão garrafas cheias. De repente formou-se uma briga. O fácies movediço do preto que fanfarronara na janela, fixava outro que fechava a carranca.

— Ocê arrespeita o Chiba! Sô sanfonêro!

Um sargento gordo exclamou:

— Não quero bagunça aquí! Nós vamos para a guerra de São Paulo!

— Adonde é a Casa do Sordado? Eu me alistei por causo da bóia.

O índio Cristo que tinha a cara de coatí numa roupa folgada de voluntário, respondeu:

— Lá tem tudo de graça! Hô! Hô!

— Ocê sabe que eu sou tenente? Tenente Chiba! Num tô brincano. Ocê já sabe quantos eu comí no facão?

MARCO ZERO

Na guerra, quem come mais no facão é que é tenente, capitão, inté generá!

Passavam diante de uma lojinha de turco.

O caboclo entrou e pediu um alfinete de fralda. O negociante quis cobrar um tostão.

— Tá lôco! Nós temo em revolução. Sordado não paga.

O preto avançou para o homem.

— Eu requisito inté tua muié!

Seguiram ás risadas. O Cristo tirou do bolso uma medalhinha de santo.

— E' do Bão Jesus de Jurema. Eu vou te condecorá, Chiba.

— Tenente Chiba! Finca aquí na peitaria. E' a primeira medáia que eu ganho nessa guerra!

Na residência familiar ocupada pela mobilização, Xavier procurou pelas salas concorridas até encontrar duas senhoras conversando num sofá. A mulata moça estava num tailleur azul escuro. A outra magra tinha um resto de beleza no rosto abatido. Puxara os cabelos para cima e movia grandes olhos inquietos. O homem moroso abaixou-se para elas, fitou-as como para se lembrar e falou o recado. A mulata espantada fê-lo confirmar.

— Mas escute seu Xavier, como é que isso pode ser? É um absurdo!

Ele permanecia curvado, u'a mão no encosto do sofá, olhando longe. De repente, disse:

— Vou servir chôpes aos soldados.

Os voluntários formavam grupos. Vestidos de caqui e de verde, com perneiras largas, botinas apertadas, cinturões caídos. Senhoras vistosas e moças ágeis serviam e falavam incansavelmente.

— Bolinhos de bacalhau! Tire mais uma sanduiche! Olhe, naquela bandeja são balas de côco!

Xavier fazia passar animadamente através das madrinhas de batalhão, os copos de cerveja cheios, brilhantes de espuma. Os soldados reclamavam. — Tem muito colarinho. Não sou coronel!

De repente, uma moça rosada do frio gritou:

— Abaixo os sem-vergonha!

Um grito estrugiu, unificou a Casa do Soldado.

— Viva São Paulo!

Uma senhora baixinha tinha os cabelos despenteados ao lado do marido alto, sêco, o pince-nez montado num grande nariz. Mostrando uma mulher gorda à mulata que procurava se aproximar de Xavier, um soldado velhusco informou:

— Aquela tem três filhos no front, Dona Rosalina.

— Eu tenho o meu marido, o capitão Jango, da Fôrça. E Dona Sinhá tem o filho único!

A senhora magra sentiu os olhos enevoados de água. Rosalina explicou, de lado:

MARCO ZERO

— Olhe que desafôro! O senhor acredita? Sabe o que fizeram prá Dona Sinhá? Coitada! Pois o filhinho dela fugiu de casa. Com dezesseis anos. Quis por fôrça tomá parte na revolução. Ela dizia: — Meu filhinho, eu beijo a terra prá você não í... você é uma criança ainda! Foi pra rua pra ver se cercava êle no batalhão. Êle escapou, pegou o trem andando. Ela então, coitada, entregou a Deus, se conformou. E depois veio aquí oferecê serviço pra Dona Guiomar Junquilha. Sempre uma costurinha, um doce... ajuda. Pois o senhor sabe o que essa malvada mandou dizê? Que ela não podia ter filho na revolução porque não era casada. Pros diabo! E' assim que se trata uma mãe?

Ante o nome poderoso da Junquilha, o militar velho permaneceu mudo. Xavier lentamente distribuía chopes. Vendo a mulata gesticular disse:

— Não adianta estrilar, meu comandante falou, tem de obedecer.

— Quem é seu comandante?

— E' Dona Guiomar.

Um grupo alvoroçado de senhoras penetrou na sala com pacotes e caixas de cigarros à procura dos afilhados de guerra.

Umbelina Formoso, trêmula, num vestido claro discutia com outra, baixa, borrada de pintura:

— O capitão é meu!

O recrutamento intensificara-se.

Eram onze horas da noite. O tenente Lírio de Piratininga deixou o "bureau" militar. A sentinela perfilou-se. Estava nas proximidades da Avenida Paulista. Foi andando a pé. Atravessou o Largo do Paraíso. O asfalto deserto parecia maior entre as residências senhoriais. Sob a iluminação farta não se via um transeunte. De repente, uma gritaria se elevou, cresceu. Um caminho vinha em disparada. Passou atroando. Levava homens armados e bandeiras. Um outro apontou atrás, depois outro. Eram voluntários que atravessavam a capital para se juntar às linhas de frente. No dia seguinte seria a sua vez.

— Napoleão começou tenente!

Quindin convidara para o almoço dois companheiros de armas. Claudio Manuel recusava-se a partir. Era em princípio contra a guerra. Umbelina fôra escolhida para madrinha de soldados entre dezessete e vinte anos. Na parada militar que ia ser a batalha santa do café, a fazendeira tirava as côres mais vivas do seu velho guarda-roupa, enfaixava as gorduras, calçava os sapatos

MARCO ZERO

Luiz XV, punha um chapéu de flôres e aba larga e aparecia na Casa do Soldado, num besunto de ruge e de baton. Uma sombrinha alta, fragrante de perfume, parecia Flória Tosca na ópera de Puccini.

Afonsina comentava: — Isso é cara que se apresenta na rua? Ispanta inté os corvo! Vô jogá na centena da vaca!

Ficava resmungando na cozinha. A velha gastara quarenta mil réis num cachecol. O soldado risonho que subira com ela as escadas para ver a vista do terraço, trazia-o ao pescoço.

A criança, ao primeiro sol da cozinha látea, hiberna, ficava sentada num banco de palha riscando e soprando atenciosamente palitos usados de fósforo. Na parede, a ceia de Cristo balançava ao furacão de Afonsina passando como um elefante sôlto.

— A guerra vem aquí e mata nós tudo, não é nêga?

Belica respondia, acenando a cabecinha loira com um riso da garganta que parecia sarcástico.

O telefone ressoava. Era Umbelina, desde cêdo na Casa do Soldado.

— Disse que é pra tirá na conta da venda, duas lata de biscoito, dos mais fino. Agaranto que é pra oferecê pros afiado! A conta tá por aquí!...

Os olhos arregalavam-se sob a cabeleira rala, amarela e dispersa.

— Nessa casa ninguém perde tempo! Se eu pudesse, também pegava meia dúzia dêsses frango pra ensiná.

Na cozinha solar ficava o riso da criança.

A guerra podia levar-lhe até um braço. Mas aquele macarrão ficava. Lirio tocou instintivamente no bolso da calça, o pacote trocado de notas que havia recebido para os serviços de organização e a primeira despesa de sua gente. Três contos de réis. Até o braço esquerdo êle consentiria em perder por São Paulo. Agora não tinha nenhuma vontade de ver as velhas. Nem aquela mulata literária, cretina, que lhe escrevera. Quando voltasse, sim! A manga sem braço balançando à frente de seus homens heróicos, num cavalo branco, entre palmas e flôres, pelo Triângulo central de São Paulo... Diriam:

— E' o Napoleão negro!

Um pingo de mólho de tomate tinha lhe borrado o peito da túnica verde-clara, justamente no lugar em que esperava colocar a medalha da vitória. Mau agouro! Levantou-se, molhou o guardanapo na água do copo e foi para diante de um pequeno espelho que pendia da parede do reservado.

Era sempre assim quando o triunfo se anunciava. Pensou nos Abramonte. Nesse momento entrou afobado nos óculos pretos, o sargento Epaminondas.

— Pronto, seu Tenente Piratininga!

— E o Olavo Bilac?

— Que Olavo? Não tem nenhum Olavo.

— O batalhão.

MARCO ZERO

— Aha! Os home? tá tudo aí.

— Onde acampou?

— Junto do barranco, aí na frente.

— Já tem fardamento?

— Não sinhô. Vai arrecebê no Largo de São Francisco.

— Veja lá se êles fogem!

— Não tem perigo. O senhor não pagô nada...

Lírio de Piratininga fez o outro ir esperá-lo fora e ficou limpando a mancha da túnica. O esforço em ser alguém... Aqueles inuteis e vazios anos de Jurema! Agora sim... Jurema tinha os olhos nele. Era um lutador vitorioso. Era alguém! Deu uma olhada fina nas botas lustrosas que calçava. O espelho reproduzia por partes sua alta estatura fardada. Estava no fundo, inquieto. Devia ter bebido outra coisa. Na guerra é pinga que se bebe. Não sabia atirar, nem entendia nada de guerra. Mas comandante não atira. Onde já se viu? Lera um livro... Os generais morrem na cama...

Era o momento da apresentação à sua tropa. Havia alguns brancos recrutas no batalhão organizado de improviso. Como o receberiam? Êle era um Rebouças! Mais de uma vez, sua gente se fizera respeitar pelos próprios reis e imperadores. Exagerando o peito, sumindo o ventre, têsô quanto podia, seus passos ressoavam pelas longas veredas do sítio aprazível e silencioso. O Epaminondas sumira novamente. — Vira-lata!

No bar, à saída, havia gente conversando mas ninguém viu o seu porte marcial. Faltava-lhe um chicote.

Quis voltar. Ver a impressão que causava. Com um chicote faria farol. Não lhe tinham dado espada. A rua poeirenta ia estragar tudo. Inutilmente procurou Epaminondas e seus homens. Sentia-se humilhado. Teria que andar naquela poeira. Esperava que ao seu aparecimento no portão do Parque, os homens perfilados e entusiásticos que com êle iam morrer por São Paulo, fizessem continência, apresentassem armas. Um automóvel capenga vinha vindo. Fê-lo parar.

— O senhor não viu os meus soldados?

— Lá atrás do bambú tem uma porção de gente.

Irritado, foi procurando caminho pela beirada das cercas. Um ruído de vozes chegou-lhe.

— Cabo Epaminondas !

Os óculos pretos surgiram de trás do bambú.

— Onde estão os voluntários paulistas?

Epaminondas apontou com um gesto. Êle aproximou-se e deu de cara com duas dúzias de homens murchos e amuados que se vestiam com os mais desconexos resíduos da indumentária paisana. Desmoralizava-os uma atitude de displicência, cinismo e miséria. Estavam jogados na barranqueira. Uns de bruços no chão de capim, outros deitados de cara para o céu, outros os mais numerosos, sentados, o queixo nas mãos, as pernas dobradas. Ninguém se mexeu.

Êle então deu três passos e berrou:

— Viva São Paulo!

O grito ecoou sem resposta. O comandante fitou o cabo. Epaminondas gritou:

MARCO ZERO

— Viva!

Do grupo dois ou três repetiram frouxamente a aclamação. O tenente Piratininga perfilado avançou no seu alto porte.

— Soldados! Vós sabeis porque o batalhão se chama Olavo Bilac? Porque Olavo Bilac era um grêgo!

Ou pelo fato de entenderem negro ou porque gostassem da palavra, uma leve aragem animou os homens híbridos.

— Viva Olavo Bilac!

Um grito unido ressoou. Alguns recrutas puseram-se de pé.

— Vós ides ser contemplados com meio sôlido de campanha. Cabo!

Aclamações entrondaram. Uma mulher que ia ao longe, apressou os passos aconchegando uma criança nas saias.

— E' a guerra! minha filha.

As janelas fremiam de bandeiras. As paredes de cartazes. O centro juntava gente curiosa e surpresa.

Na cidade mobilizada, um grilo fazia funcionar o sinal vermelho do seu semáforo urbano, dirigindo os veículos amontoados, desengarrafando os movimentos do trânsito. A campanha ressoava fazendo estacar e seguir automóveis, caminhões, carroças e bondes.

De uma barata azul que fôra obstada em sua corrida pelo sinal fechado, saltou um moço oficial numa farda brilhante. Outros espiavam de dentro do carro.

— Seu cachorro! porque que você tem de dar sinal para parar a minha barata?

O grilo num gesto, mostrou caminhões e carroças que seguiam atrás de um bonde prêso ao fio elétrico.

— Fique sabendo que eu te prendo! Você sabe com quem está falando?

Dentro do carro os outros riam debochadamente.

Voltou ante a satisfação dada pelo guarda que fêz estacar a linha de veículos para deixar passar a barata. Subiu, partiu rápido na direção do Largo de São Francisco.

— O tenente disse que quando ouvir tocar o hino nacional nem que seja numa vitrola rachada, pára a guerra e bate continência!

O troço bisonho de recrutas, marchou, na poeira das ruas de Santo Amaro. Entre mulatos empalamados, velhos imprestáveis, moços do campo que se moviam duros e imprecisos com um cobertor enrolado a tiracólo, Lírío era um padrão da América fina. Estava na porta do Bar, cercado de curiosos.

MARCO ZERO

Gente desocupada, grupos de moços, famílias, espiavam das janelas e das portas o espetáculo. Os homens haviam estacado em linha. Epaminondas gritou:

— Agora os senhores têm mais meia hora de descanso. Nessa meia hora podem comerem, podem beberem e podem passearem!

Daquela edificação haviam saído os homens mais eminentes do Brasil. Os estadistas do Império, os fundadores da República. Três nomes de poetas refulgiam na velha fachada colonial. Era a Faculdade de Direito de São Paulo. Dalí explodira o movimento na hora zero de 9 de julho. Convergiam para seus pátios, civis fardados, grupos saíam com diretivas e ordens.

— Você sabe porque nós estamos brigando? Porque o Getúlio não passou por esta casa...

— Vamos fazer êle assistir umas aulas do Pagé antes de ser fuzilado.

Por corredores e salas de aula, um redemoinho de estudantes militarizados, de profissionais do Fórum, de velhos bachareis aglomerava-se, discutia. Um homem moreno e grisalho estava parado junto às arcadas conventuais e conversava com o condutor da barata.

— Vai tudo bem. Desta vez liquidaremos os inimigos do Direito Romano.

— Onde estamos concentrados?

— Quitaúna.

— Escute, Alcides. Vá a Higienópolis. E' preciso requisitar o colégio das freiras. Diga à Madre Superiora que o nosso batalhão não é de cafagestes. Não tem trabalhadores.

— Requisito já!

O moço enérgico e baixinho tinha um rosto bonito de adolescente. Passou por sôbre um monte de mochilas e armas e chamou dois outros.

— Temos que ir ao M. M. D. C. São as quatro iniciais dos primeiros mortos que a Ditadura fez aquí, em 23 de maio. Vamos conquistar as freiras primeiro!

Deixando os torvelinhos do centro, a barata azul guiada pelo tenente Magnólia, galgou a direção silenciosa do bairro aristocrático.

Um caminhão que a precedia parou bruscamente.

— Estúpidos!

No meio da rua um velho num sobretudo, tendo numa braceira as côres paulistas, erguera uma bengala. A barata avançou, ia atropelar o importuno que fazia estacar o trânsito da guerra. Mas o rapaz breiou.

A barata ladeava o caminhão. Passou pelo setuagenario mobilizado.

— Viva São Paulo!

MARCO ZERO

Os degraus do sobrado estalaram. João Lucas descia da mansarda. Atravessou as salas fechadas. Seu porte avultava numa túnica de oficial, o rosto debonário. Iluminou a copa, foi tirar queijo da geladeira para fazer um sanduiche. Afonsina que entrara do quintal, perguntou ao moço se queria que fizesse uma omelete. Ele recusou automaticamente.

A velha fazendeira descera também de seu quarto para ver quem era.

— Você não partiu ainda Jango? Bentinho apareceu gelado. Não podia mais de canseira. Quaes são as notícias?

— Temos que nos bater sozinhos.

— Virgem Maria! As coisas pra acontecer não custam!

— São Paulo foi traído.

— Que aflição!

— Minas e Rio Grande nos abandonam...

Afonsina, enorme, de branco, estourou em lágrimas levando à boca e aos olhos molhados, um prato de ovos que trazia na mão. Deixou a copa onde o silêncio voltava.

— Seu avô nessa idade, fazendo de lanterninha numa esquina, com frio. Enganaram que vinham render. Teve que comer linguça numa venda.

A Junquilha estacou no corredor da casa rica. Ubaldo enlaçou-a. Ela ficou pequenina nos braços gigantescos do filho. Não dizia nada.

— Mamãe! Eu não quero deixar você...

— Meu filho! Homem não é para ficar em casa...

Um ruído de corneta rachada acordou o bairro residencial. Um menino trazia ao ombro um pau de vassoura. Outros seguiam-no, batendo numa lata velha. Populares estacavam.

— Você está lindo fardado!

— Vou te dar um cachimbo.

— Não. Prefiro um lenço de París.

Os presentes choveram. Os cuidados também.

— Não vá se resfriar, Quindin!

— Leve um tubo de aspirina!

MARCO ZERO

Na grama de Quintaúna, bandos de namorados “tête-a-têtes” de noivos, juntavam-se trocando carinhos e cigarros. Quindin rosado na sua farda limpa estava numa roda de vestidos claros sob capotes e cabeças descuidosas. Ao lado um par discutia:

— Na volta...

— E se eu não voltar?

Ele olhou-os num sorriso silencioso. Piscou para as garotas chics. Depois teve uma pena enorme de si mesmo.

— *Krieg ist Krieg!* Pulga é pulga!

— Ponha naftalina dentro das meias!

O Tenente Piratininga surpreendeu-se no meio da gente desconhecida que com êle penetrara aos trancos no penúltimo caminhão. Estava ao seu lado, sentado num caixote, um homem quieto. Sob o largo chapéu cow-boy, êle distinguia na lua fria de julho, uma barba começada no soldado corpulento. Vinha dêle um cheiro estranho. Já o vira não se lembrava onde. Mas tinha certeza de que não viera no comboio militar saído aquela manhã da gare sertaneja de Bartira. Os seus soldados que havia acantonado numa pensão do Bom Retiro, tinham vindo com êle num trem de gaiolas, depois se dispersado pelas dependências de uma fazenda. No tropel do acordar no meio da noite, com a ordem imediata de partida para a frente de combate, desfize-

ra-se o bando de pobres diabos que êle juntara fornecendo bóia, cigarros e dinheiro para combater a Ditadura.

A longa fila de caminhões marchava de vagar e sem luz. Lírio sentiu-se de subito possuído de um vago receio. Não fôssem cair de repente numa cilada das tropas do Getúlio Vargas! Eram terríveis canga-ceiros, gente dos sertões de Minas e da Baía. Os caminhões enfileiravam-se em quarta velocidade roncando. O farmacêutico prestou atenção e ouviu o oficial que ia na boléia conversar com o chofer.

— Tenho medo que essas matas estejam cobertas de inimigos...

— Magine se dê um tiro aquí!

Pensou em travar conversa com o barbado do caixote, mas ao sacolejar do caminhão numa curva, a sua voz não chegou a se precisar. Pigarreou com energia e conseguiu dizer ao companheiro de armas:

— Está começando a guerra!

Uma voz arenosa saiu de dentro do ponche e do chapéu.

— Eu que ví os comêço. Ôta mão certera. Foi um tiro só, aquí na garganta. O besta pois a cabeça pra fora. Inté parou a guerra. A paulistada saíro todos correndo da trincheira pra acudí o morto e os ca-

MARCO ZERO

rioca do outro lado garraro espiá. Esquecero de dá otro tiro. Ninguém tava costumado!

Aquela voz e aquele linguajar não lhe eram estranhos. Mas distraíu-se pensando que nas guerras antigamente a contenda acabava com o primeiro morto. O diabo é que desta vez, se fôsse assim, quem ganhava era o Getúlio.

— Nós precisa tirá êsses fia-da-puta do govêrno! Então é coisa que se faça chegá o ponto dos paulista tê que queimá os cafesá carregado, isso nem é jeito de vida...

Lírio perguntou quem tinha sido a primeira vítima da revolução.

— Foi um professor meio troxa lá pras banda da Jurema. O Barnabé!

— O senhor é de lá?

— Não sou.

O Tenente procurou em vão identificar o barbado que agora pusera de pé o fuzil.

Parecia que qualquer coisa de anormal se passava na estrada. Os caminhões haviam estacado de repente. Gente descia.

Entre os voluntários que recebiam o pagamento da primeira bóia junto a um estábulo, o organizador do batalhão Olavo Bilac não encontrou nenhum dos seus

comandados. O baiano que contratara com êle a arregimentação, sumira também.

Quando recebia o café morno e açucarado numa caneca de lata, aproximara-se dêle o índio Cristo da Formosa com o preto hercúleo do trem.

— Vocês são gente da Jurema?

— Semo sim.

— Vocês viram meu batalhão? Dispersou tudo com a pressa...

Nesse momento atravessava o campo o barbado de chapelão.

— Vocês conhecem aquele sujeito alí?

— Não, fêz o Chiba.

— Uai! Tá me parecendo que eu conheço... Ho! Tá barbado que nem um Jerusalém! E' nhô Idílio que foi feitô da Formosa. Quaji não conhecia.

Tinham sido conduzidos à noite para as linhas de combate e ouviram os primeiros tiros longínquos de um canhão ditatorial. Lírio confessava a si mesmo que era uma besta. Devia ter procurado outro lugar, onde houvesse menos barulho e onde pudesse evitar um encontro talvez fatal com o capanga dos Formoso. Ou se engajado como farmacêutico na Cruz Vermelha. Em vez de ter formado aquele batalhão fantasma.

MARCO ZERO

Divididos em pelotões, os homens foram conduzidos, na neblina do dia que começava, para trincheiras improvisadas ao longo de um riacho. Fechavam o setor de fessas naturais, barrocas, aguadas e copoeirões.

Olhou para todos os lados e não viu sombra de inimigo. Na distância, lobrigou o perfil chapelado de Idílio Moscovão.

. Havia um canhão rolante. Dava um tiro frouxo aquí, indo dar outro lá longe. Pareceria ao inimigo que os paulistas tinham baterias.

Os soldados descansavam nas trincheiras, preparando matracas para fingir de metralhadora.

O que tinha um bigode ralo sob um capacete novo de aço, falou:

— Eu estava de sentinela na esquina com um fuzil sem cartucho, quando passou a mulata. Eu batí atrás. Quando eu voltei, o capitão avançou para mim. Eu queria explicar, mas êle berrou: — O senhor vai fazer uma faxina! Vai lavar o pátio! Eu respondi: — Lavar o chão? Está louco. Lá em casa eu pago uma criada para fazer êsse serviço. Êle quis me prender, eu já estava com raiva e gritei: — Tira êsses galões e vem cá pra ver como eu te racho a cara! Eu não me alistei nesta merda pra ser prêso!

No escritório da Administradora Junquillo, Xavier sentado, olhava o correr dos dias vadios que a revolução trouxera. Ninguém fazia negócios, eram poucos os que pagavam, ninguém recebia. Só se transacionava em bônus. O moço de bigode ouvira o rádio. Os paulistas avançavam.

— Mais um dia! No Rio!

Ele permanecia quieto fitando a janela.

— Houve uma revolta no Rio Grande...

Nas manhãs, a correspondência volumosa de outra era feita de prospectos e cartas circulares. Com um maço de jornais e os envelopes entreabertos ele passava a divisão de madeira. Dona Paula levantava os olhos claros das contas, examinava e atirava fora.

— Só vem anúncio! Hoje veio para o senhor!

Xavier ficou com a carta, zanzando depois de ter lido o enderêço simples: Snr. Xavier... A secretaria baixou a cabeça, continuou a examinar o arquivo. Ele dirigiu-se à toilette para abrir sozinho o envelope. Primeiro uma página dobrada e dentro um recorte em papel crepon azul. Na folha branca havia uma frase escrita. Leu. Releu.

— Ninguém não veste saia. Paulista não veste saia. Paulista não tem medo de careta!

MARCO ZERO

Voltou com aquilo no bolso. Seus olhos meudos afastaram-se sem compreender. Ficou com o fâcies ave-lhantado de repente. Fitava a janela. Dentro do bolso guardava uma sainha de papel.

A vida militar aproximava da natureza aqueles homens saídos de escritórios e oficinas. Houve uma reação de animalidade jovial nas leis de urgencia a que obrigava a trincheira. Mas ao cair das primeiras noites escuras e geladas, uma noção de responsabilidade pessoal estimulou o grupo perdido que os tiros de inquietação acordavam.

Um soldado perguntou a outro:

— Aquela moça que estava na estação era sua irmã?

— Minha noiva.

Outro contou:

— Aquela velha que ficou chorando era minha mãe.

O silencio cresceu até que um soluço de homem se desafogou no fundo do abrigo.

Batia a uma porta, tó-tó-tó, tenaz e rápida, a mão da metralhadora. A vida inconciente enlaçava-se à

guerra, voltava no meio sono do soldadinho deitado sobre o capote. Duas estrêlas verticais subiam no céu frio sobre a trincheira. Deus empinava um papagaio de luz.

— O Cruzeiro do Sul!

Quindin sentia longe os cuidados que carregava nas costas... a sua casa... Como uma lesma carrega um caramujo. — Sua avó tá chamando. Tó-tó-tó...

Criança conservara os cabelos em cachos. Tinha querido ser pianista. A mãe fechara os olhos verdes, fôra de roxo no caixão. O Major que era Major como êle era Quindin desde o nascimento, vendera o piano para pagar uma dívida. Kermesse para a igreja, festas, tranças. A Pichorra brigava, beijava. O primeiro namôro fracassado. A Afonsina dava-lhe dôces. — Não quero que ninguém negue nada pro Quindin! Êle não tem mãe. Tó-tó-tó. Afonsina masturbava-o para fazelo dormir...

Os dois universitários afastaram-se para a frente com o oficial que comandava o pelotão de reconhecimento. Longe dos barulhos da campanha, sentavam-se agora debaixo de um jequitibá isolado numa clareira.

— Você se chama Jaert, mas não é estrangeiro.

— Chamo-me Carlos de Jaert mas, podia assinar Silva ou Carvalho.

O interpelante era um grandão de óculos por onde uma miopia exagerada procurava devassar os arredores. Tinha cabelos ralos e compridos que jogava para trás.

— Estou aquí de raiva. Arranjei um lugar num caminhão e vim para a frente sem dar satisfação a ninguém. Sou engenheiro mas é preciso pistolão para ser técnico nesta guerra.

Arrancou uma moita de capim. Carlos de Jaert estava deitado de comprido o rosto ao sol.

— Estamos aquí fora do tempo, fora da história.

— O diabo é que a História do Brasil de repente desembesta como um despertador quando aparecem êsses aeroplanos que a Ditadura arranjou. E a gente que podia estar debaixo desta arvore tanto no século XVIII como na era das Descobertas, verifica que existe de fato o cidadão Getúlio Vargas.

Deitaram-se, um ao lado do outro.

— Você tem razão. Se não fôsse essa companhia, essa péssima companhia de soldados, nós poderíamos estar aquí em qualquer século. Mas a história do mundo anda dentro de nós e com ela o nosso tempo. Vivemos fechados nela como o feto no claustro materno, vivemos dentro da consciência atual e dela não se sai senão para a loucura.

— Como é o seu nome inteiro?

— Jack de São Cristovão. Sou sobrinho do banqueiro. Meu pai que já morreu, tinha admiração por uma peça que o ator Dias Braga levava por aí no começo dêste século "Jack o estripador". Sempre a memó-

ria intervindo. Agora sou um número. Até que fique sendo, o que é provável nesta guerra bandida, "Jack o estripado". Eu tinha esquecido que era o soldado 644 do 2.º Regimento do Batalhão Tibiriçá. Veja como o tempo realmente não interessa, o que interessa é a consciência dêle. Já leu um romance alemão, "A Montanha Mágica"? Aí tem um estudo...

— Você está fora da matemática clássica... comigo!

— O tempo só existe quando qualquer acontecimento o torna presente e atual. Que importa uma imagem fotográfica projetada sem luz? Ninguém a vê. O tempo é assim, precisa ser iluminado. Então num minuto a gente vive o conteúdo de séculos. Ai de nós se não houvesse essas compensações!

— Para muitos o tempo é ainda é a luz iluminadora. A existência do tempo físico estaria fora da história do homem, seria anterior a êle, como Deus. A própria luz...

— Eu sei que depois de Einstein, o tempo é uma dimensão. Um continuo quadridimensional de espaço — tempo, a vida!... Mais nada! Eu tenho uma teoria nova. Todas as hipoteses são válidas hoje no campo da física... O tempo é o desgaste. Olhe, eu tenho a convicção de que isto é uma teoria minha, mas aqui no Brasil não se toma nada a sério, quanto mais uma controvérsia desta natureza! Eu digo que o tempo é o contrário do espaço. E' a dimensão negativa. E' tudo que nos nega e destroe, desde o pêndulo até a namorada e o credor...

MARCO ZERO

Carlos de Jaert riu.

— Você para ser importante devia ter nascido antes de Einstein, de Bergson e do romancista do tempo — Proust. Aliás, eu tenho também uma descoberta. O nosso Machado de Assis já falava na duração particular das felicidades e dos suplícios, falava do “tempo não marcado”, dos “relógios do céu”, e afirmava que a “eternidade tem seus pêndulos”. Que grande mulato!

— Na equação de Einstein, veja, o tempo aparece com o sinal negativo. Estamos aqui parados, perdemos a noção espacial e por isso ganhamos tempo.

Carlos de Jaert sentara-se no capim.

— Com essas subtilezas tôdas eu fiquei com fome. Tinha uma máscara mediterrânea e sorria com dentes fortes. Berrou no silêncio do campo:

— A bóia! Quem paga a bóia?

Das árvores vizinhas, um grito avolumou-se:

— A bóia! Quem paga a bóia?

Os soldados levantaram-se aos grupos. Os dois rapazes aproximaram-se.

Reclamavam a presença de Idílio Moscovão.

— Ficou... O barbado ficou!

— Ele é que sabe fazer feijão gostoso.

Um oficial informou que havia cozinheiro na tropa mas que não tinha nada para cozinhar.

— Vamos comer o cozinheiro!

— Vamos pôr um carioca na panela!

O bando de paulistas fôra-se afastando pelo caminho do mato, para terminar o reconhecimento e afinal perdera todo contacto com a guerra. Estavam sem nenhuma provisão. Dentre a bicha de homens cansados que os uniformes igualavam, uma voz falou alto:

— De repente os cariocas vêm aí! Êles são mais de mil, nós somos quarenta.

Continuavam a marcha espectantes no mistério do campo que os capoeirões cobriam.

— São ordens.

— Mas até quando vamos andar?

— Olha aí uma ponte!

Um ribeirão quase sêco espraia-se entre pedregulhos brancos. Árvores dobravam-se sobre êle. Os soldados desceram, de roldão, até as margens líquidas, beberam a água gelada na concha das mãos. Um tirou a roupa, penetrou gritando na minúscula correnteza... Outros seguiram-no. Estavam agora deitados na ribanceira. Um soldado magro disse para o outro:

— Estou louco para sair dessa joça. Mas ainda não encontrei condução.

Outro contou:

— Vi um tenente morto à facadas. Que impressão horrível!

MARCO ZERO

— Domingo tivemos onze baixas, fora os feridos e os desaparecidos. Imagine dia de semana!

— Você conhece aquela anedota do português que estava passeando em Niterói?

— Onde? perguntou o rapazinho.

Quindim que estava ao lado explicou:

— É a cidade em frente ao Rio. A gente atravessa de barca para ir lá.

— Eu não conheço o Rio.

— Nem vai conhecer...

— Um português estava passando o domingo em Niterói, quando um sujeito nervoso o abordou e disse: — Olhe seu Manuel, eu estou chegando do Rio, sua casa na rua da Assembléia está pegando fogo e sua mulher morreu. O português foi correndo para a estação marítima, saltou na primeira barca que ia saindo. Quando ia em meio da baía, deu uma risada... — Ora, iéssa é boa! Pois eu não me chamo Manuel, não sou casado e nem tenho casa. — Nós aquí somos que nem êsse português.

— É verdade... Agora estou vendo que não me chamo Manuel...

— Corneta, tambor, rádio, discurso, madrinha, depois tiro, carrapato, fome... É essa a passeata ao Rio de Janeiro...

Alteara-se o sol, prolongando a manhã de neblina que orvalhava o silêncio grave do campo.

Um repouso inédito depois do tumulto da guerra tomara conta daquele pequeno bando de homens arma-

dos. A guerra os havia esquecido e êles haviam esquecido a guerra. Um simples atalho os tinha conduzido à paz de uma partida de campo. Deslocados do espaço das operações militares, êles se viam subitamente deslocados no tempo.

Um ronco longínquo fez levantar a primeira cabeça descuidada.

— Um avião!

— Tá louco!

Motores trabalhavam o céu distante desigualmente. Os soldados silenciosos atiraram-se aos barrancos sob as árvores procurando buracos e saliências na terra. Um ronco maior precisou-se, passou perto. Sereno, alto, um avião vermelho dirigia-se para o sul. Outro seguia-o de longe. Os homens permaneciam alí, deitados no campo sujo. A manhã firmava-se anunciando o sol do meio-dia.

Chuparam limões amarelos e azedos.

— Veja como o homem está inteiramente no coletivo... disse Jack de São Cristovão. Nenhum de nós teria procurado se arranjar com os recursos da selva americana. Precisamos de um tenente senão morremos de fome e sede.

A bicha de soldados tendo à frente o oficial comandante, encaminhava-se por uma vereda procurando vol-

MARCO ZERO

tar e atingir a base. Tendo tropeçado num comoro que se desfez sob a sua larga botina ferrada, o engenheiro, endireitando o fuzil a tiracolo, falou:

— Nós estamos fora do nosso caminho. Esse cafezal não estava na rota.

Alguém disse:

— A estrada não é essa. Desnorteemo...

Os atacantes desembocaram repentinamente por entre os arbustos. Era um roldão de homens hercúleos e maltrapilhos. Estavam descalços e bem armados. Pareciam cangaceiros. Atrás vinham outros gritando.

— Vamo bebê a sangue dêles!

— Polista fia da puta!

Ante o inesperado do assalto, o tenente que comandava a pequena tropa parada ergueu os braços, entregou-se. Carlos de Jaert no capote cinza tinha os olhos razos de água. Atrás dêles, Mateus Beato soltou um grito assustado e inútil. Um tiro ecoou. Um inimigo gigantesco derrubou Quindin, que deu de novo ao gatilho do revolver.

Na sala da fazenda iluminada por um lampeão, dezessete homens de São Paulo foram desnudados um a um. O grupo de sentinelas nordestinas conversava.

— O castigo pra êsses puto, é enrabá!

Um oficial entrou, pequenino, de óculos. Dirigiu-se aos prisioneiros.

— Meus compatriotas pólistas! Nós estamos popando vocês porque somos da mesma nacionalidade. Admiramos o heroísmo dos pólistas. Mas nosso dever será cumprido. Como cristão e brasileiro eu reprovo a guerra. Mas vocês são muito mitido a sêbo e precisa apanhá!

Um rapaz de bigodes ralos com um capacete de aço, gritou:

— Senhor capitão, eu sou um estudante da Faculdade de Direito. Nós tomamos armas por São Paulo e preferimos a morte à derrota. Queremos ser fuzilados!

— Seu moço se acarme... entre na fila!

— Viva São Paulo! gritou o rapaz fitando os companheiros.

Os homens vestiam as calças esfarrapadas e sujas dos nordestinos. O oficial da Ditadura, concordou despedindo-se, batendo nas costas de um.

MARCO ZERO

— Todos têm família e vieram enganados. E' isso mesmo.

— Vocês aquí têm passarinho diferente. Lá no Nordeste é só chechéo...

— É o rouxinol ou a cotovia...

— Eu sinto falta do chechéo...

Sôbre os dois homens sentados, a lua era uma fantasmagoria. Da camisa de meia bem cavada, vinha um cheiro de trabalho do campo.

— Reduzino...

Os olhos vivos no rosto brônzeo e glabro de adolescente fitavam Quindin. Uma cicatriz levantava ligeiramente o lábio grosso.

— Você é um rapaizinho desabusado!

— Que foi isso?

— Caí do cavalo chucro na cêrca de arame. Pegá potro... A perna também... Aquí em cima...

— Como é lá na sua terra?

— Dinheiro nenhum, mas fartura demais.

— E aquí na campanha?

— Tem dia sem bóia nem café.

OSWALD DE ANDRADE

Na neblina azulada da noite ficou para trás a corcunda do monte redondo. Três árvores ramalhavam na barranqueira sôbre o riacho. Depois flócos encavoados barrando a lua. A uma abertura, a extensão silenciosa da guerra.

A madrugada pincelava de vermelho os píncaros gelados. A madrugada vermelha recortava os píncaros frios.

— Fica aquí! Não, eu não quero! Eles me fusilam... se descobrem... que você me soltou!

— Um companheiro conseguiu fugir...

Os soldados rodearam o rapaz que chegava desarmado na trincheira paulista.

— Quindin!

— Pensamos que você tinha morrido.

— Você fugiu?

— Caimos prisioneiros.

— Como é aquilo lá?

— Não sei nada. Não deu para ver... Fomos andando para fazer o reconhecimento, paramos e caímos numa cilada. Cada cangaceiro enorme! E' um batalhão comandado por uma santa do Nordeste. A primeira coisa que fizeram foi tirar a nossa roupa. Eu não conseguia dormir. Ontem à noite afastei-me do acampamento. Vim vindo e caí aquí.

O rapaz brônzeo estirou-se como um animal. A noite cheirava capim molhado.

Tinham-se encontrado entre as trincheiras, no recanto combinado que o mato escondia.

Quindin examinou ao luar do capoeirão, e escapulário torcido e sujo, no pescoço do nordestino.

— E' do Sinhô do Bonfim...

Mostrou ao outro uma medalhinha de Nossa Senhora Aparecida prêsa a um fio de platina.

— E' a alma de João Pessoa que conduz a nossa gente. Por isso é que ganha.

— Eu já contei a você que a Ditadura não presta.

Nesse instante uma metralhadora pipocou na distância. A lua sumira. As metralhadoras cantavam agora em pleno rendimento.

— Eu acho que é a banda de música da Santa que está brigando...

Iam separar-se nas vizinhanças das trincheiras de novo sossegadas.

— Uma coisa eu queria li pidí. Gravá com tinta um coração pegando fogo... do lado de seu peito...

Quindin passou a sentinela adormecida. Procurou o lugar convencionado. Contava os passos. Parava.

— Reduzino!

O homem estava deitado esperando-o. Êle notou a palidez, a sujeira do sangue coalhado na cabeça imóvel. Tocou as perneiras duras. Viu o orificio da bala na testa do amigo.

Uma cortina esfarrapada de nuvens encarvoava a lua nítida sôbre os matos. Os soldados paulistas levantaram-se escutando.

— É cachorro louco?

— Não. E' gente!

— Que será?

— É Beethoven.

O ganido cobria a extensão, subia, ganhava a lua espetacular em eclipse. Dois homens pularam da trincheira, foram buscar o vulto perdido que se aproximava.

— É paulista? Pede a senha!

— É você, Quindin!

— Que foi? Você está ferido?

MARCO ZERO

Aquela parada intermina, do trem fúnebre, sôbre os trilhos molhados e luzidios, não tinha mais fim. Seriam duas horas da tarde. O tenente Piratininga ia pôr a cabeça para fora e xingar a mãe do maquinista. Um balanço imprevisto o fez bater o queixo na vidraça fechada do combóio.

— Eu acabo morrendo também! Dois dias sem almoço!

Os carros recuaram. Pararam de novo num desvio e de novo ficaram.

Lírio suspirou violentamente e atirou-se à poltrona cômoda, donde via o féretro do sanfoneiro Chiba colocado ao centro do vagão.

A família hesitou em atravessar a rua. Um automóvel businava. Tinham chegado em frente á Estação do Norte. O largo atropelado sempre de veículos, com a continuação da guerra, perdera o seu trânsito ofegante. Nas portas, soldados e curiosos estacionavam. Jeremias Moncorvino tomou o braço de Eufrásia, esguia nos sapatos altos, no casaco claro, passou para a frente segurando na mão de Genuca que se agarrava à Geralda. A gare tinha os pátios vazios. Um guarda de boné passava.

— Pode nos informar a que horas chega o trem da frente?

— E' naquela plataforma, podem entrar...

Jeremias muita vez a quisera esganar por causa de um baton. Agora dava-lhe o braço. Rosalina tinha partido de táxi para o Quartel General afim de obter a confirmação da desgraça. Tinham vindo esperar o corpo do capitão Jango da Fôrça, caído na frente Norte.

O Major Dinamérico Klag berrou com Afonsina que chorava no avental e foi para o quarto passar uma escova nos bigodes. De longe vinham os lamentos da cozinheira. Êle pôs-se a assobiar a marcha fúnebre de Chopin. Parou contristado.

— Vai sê um tormento nesta casa! Que injusticia! Viu? Aquelas cavargadura de carioca! Coitado de seu Jango! Não tem pé-me-dóe que me segure. Eu vou vê êle, na estação.

— Vaca brava!

Todo o dia o rádio anunciara: caíu heroicamente na frente de combate... Os velhos estavam na fazenda com a Pichorra, Dona Vitória e a Belica. Inútil trazer o cadáver para casa... para ouvir os escândalos primitivos da Afonsina e excitar a curiosidade dos vizinhos! O corpo de Jango iria diretamente para o necrotério. Um dos filhos fôra embora por causa do avô. Êle nunca consentiria... Era contra a guerra. Foi buscar o chapéu e a capa no hall.

Ao penetrar na plataforma, viu aquela moça bonita ao lado de Jeremias Moncorvino. O rosto moreno de Eufrásia emergia choroso do seu corpo advinhado num vestido de listas sob o capote cinza. Que estaria fazendo ali aquele palhaço velho ao lado de uma garota daquelas? Reconheceu a outra que tinha aparecido dias atrás na casa dos Formoso. Era a Noralda. Crescera intempestivamente procurando esconder os seios nascentes numa postura forçada de corcunda. Devia ser Eufrásia que muitas vezes êle pusera no colo, em criança nos tempos da Veva. Dirigiu-se até o fundo da estação, voltou. Haviam-no visto. Os olhos de Eufrásia brilhavam. Jeremias riu, sem chapéu, nos dentes sujos.

— Vocês vieram receber o corpo de Jango? muito obrigado.

Dona Anastácia Pupper surgiu de pince-nez por detrás do grupo. Trazia uma porção de papéis na mão enluvada.

— Coitada de dona Umbelina! E o coronel!

— Estão na Formosa.

— Malditos! Logo o Jango. Tão forte, tão bonito, tão distinto, tão cavalheiro...

Eufrásia teve vontade de soltar um grito.

— Eu rabisquei umas linhas apressadas...

Era evidente que aquelas pessoas não tinham vindo ali para receber o humilde capitão da Fôrça Pública ligado aos Moncorvino. Eufrásia tinha-se agarrado à irmã. Jango não lhe mandara uma carta. Não tinha notícia nenhuma.

A gare começou a ter a afluência das horas de chegada de comboio da frente de combate. Gente bem trajada apareceu, as senhoras em preto, de véu.

Duas lágrimas desceram, pararam no rouge das faces de Eufrásia. A cabeleira negra dividida por uma risca de lado, caía em cachos. Os lábios sob o baton pareciam exagerar-se. Disse de repente:

— Eu acho que há um engano. Quem morreu foi o capitão Jango, marido da Rosalina... Ela foi ao Quartel General.

— Como? indagou o Major.

Dona Anastácia adiantou-se:

— Não, Dona Eufrásia, foi o filho do Major.

Dinamérico Klag sentiu que o queriam espoliar do herói da guerra paulista. Dona Anastácia prosseguiu:

— O rádio falou bem claro: o capitão Jango da Formosa...

— Não! exclamou Jeremias. Da Formosa não disse. Eu ouvi. A gente passa o dia inteiro ouvindo as noticia da vitoria no radio da venda...

Eufrásia fitava os trilhos que se perdiam ao longe, entre fumarentas composições de combóios. A Afonsina apareceu num vestido azul, de chapéu. Dir-se-ia

MARCO ZERO

uma senhora da sociedade. Ao seu lado, chorando num lenço, chegava a Rosalina num tailleur muito justo.

— Vamo vê quem é dos dois Jango...

Gente abeirava-se. Muito lento o trem apontou. A locomotiva cobria-se duma bandeira paulista.

O cabo gordo e enérgico, não deixou que se abrissem os féretros desembarcados.

— Não precisa mexê. Caixão abre no necrotério.

— Mas a família quer ver! disse D. Anastácia.

— São ordens. Vamos!

O major interpusera-se.

— Perdão, é preciso abrir. Quero ver meu filho.

Gente juntava-se. Um oficial aproximou-se.

— E' preciso abrir o féretro. O cabo está procedendo incorretamente...

— Como incorretamente? Tenho ordem de evitar êsses freges de choradeira aquí. Abala o moral cívico. No cemitério que é lugar de chorá!

O oficial atencioso ouvia a explicação exaltada de Dona Anastácia, quando se fez um claro. Seguido pela família de luto, distinta e silenciosa, outro esquife aproximava-se. Soldados prestaram continência.

Estava aberto o caixão.

A diretora avassalante ergueu-se recompondo o pince-nez sôbre o nariz em bico. O Major afastou-se:

— Não é o meu defunto!

Deram lugar aos Moncorvino.

Assim não chegaria nunca a ser deputada! Quando ia orar ante o sacrifício de um paulista de estirpe, acontecia aquele engano!

O caixão de zinco permanecia aberto, num cheiro de formol. As botas sujas de barro, a farda em sangue, a cabeça destampada pela metralha, um soldado da guerra paulista. Tinha nos braços cruzados as insignias de capitão da Força Publica.

— Porcaria de revolução!

— Fique quieta Rosalina!

Contiveram a mulher desfigurada, amarrotada de repente.

— Respeite a bandeira paulista!

— Eu rasgo tudo! Dou banana!

O Genuca abriu num chôro convulso. Seguraram a mulher.

MARCO ZERO

— Ai que horror! Dizem que Deus existe! Que desilusão! Como eu fico agora, gente! Meu filho está sem pai!

Seis homens haviam levantado a ataúde. Sobre êle descansava a bandeira de listas pretas e brancas.

— Tenha coragem! Foi por São Paulo!

— Porque que mataram meu marido? Que horror! Nunca mais hei de me consolar! Pra que que fizeram isso! Êle era tão bom para minha família!

Os gritos da mulher subiram na tarde. O coche funerário partia, levando atrás os Moncorvino.

D. Anastácia Pupper permanecia na plataforma.

— Será que o negro vai ficar sem sepultura? gritava o tenente Piratininga, moreno e alto na farda. Homens acorreram para o último carro.

Quando o caixão de Chiba apareceu carregado dificultosamente, a Diretora do Grupo de Bartira fez estacar o cortêjo.

— Meus senhores! Sinto-me arrepiada! Sou entusiasmo da cabeça aos pés! Quisera ser homem para lutar por São Paulo. Penso que seria capaz de ir à frente do batalhão, com todo o garbo, dando tiros. Trocaria de todo coração, as minhas saias pela farda rutilante! Oh! como não hei de sentir dentro do peito o coração pulsar emocionado diante de um bravo? Sin-

to uma pontinha de vontade de vingança rugir dentro de mim! Haveremos de vencer na certa o Caim! Viva São Paulo!

— Morre?

— Não sei. Veio em estado de coma.

— Quem é?

— O tenente Jango da Formosa.

No guante da organização paulista, o colégio das Irmãs desertado à pressa pela aproximação da guerra, transformara-se num hospital de sangue, ordenado e limpo. Luzes discretas, corredores encerados, campanhas surdas e o passo cauteloso dos voluntários da enfermagem.

— Chegaram dois soldados atingidos por estilhaços de granada. Morreram durante a noite. Um oficial veio de maca num caminhão. Estava estraçalhado. Durou ainda duas horas. Não pudemos despí-lo.

A noite progredia nos gemidos dos quartos, no sussuro das enfermarias. A indústria paulista tinha um setor prestimoso na indústria hospitalar de guerra. Na pequena sala que fôra a Diretoria, D. Guiomar Junquillo

MARCO ZERO

dava ordens, recebia notícias, distribuia serviços. Contrataria Alexandrina por 70\$000. Era a copeira da noite para o prédio inteiro. O ajudante Argelin tinha que dar conta de quarenta feridos e três aleijados recentes. As enfermeiras deviam ter cada uma o seu material. seringa, termômetro, para não haver confusão.

— Melhorou o João Lucas?

— Melhorou.

— Então não se avisa a família?

— É melhor que ela venha na convalescença.

A diretora notou num caderno. O médico saíu.

Argelin comentava no corredor com a copeira.

— As boas vem pros ferido. Prá nois da enfermagem é só estrepe que aparece. Ih! veio uma onte! Noiva de um tenente! Mas o trôxa foi morrê. Ela não podia levá boa impressão da guerra. Fiquei azêdo.

Alexandrina lamentava-se:

— Amanhã é domingo e eu tenho que ficá o dia todo nesse inferno. Assim eu dô o fora.

Era sardenta, solar, ocultando em preto os grandes seios. Tinha o luto recente da mãe que um bonde pegara em S. Paulo.

— Dia de saída das enfermeira é farra na certa. Voltam tôdas amassada com o peito caído, com a bunda de lado. Você vai vê!

Dois convalescentes brigavam por causa da única chaise-longue que havia no hospital. Assediado de gorgetas, Argelin prometia a ambos arranjá-la.

— Está no quarto do capitão do M. M. D. C. Dê-xá êle distraí que eu trago. Digo pra bigodêra que o doente não precisa mais.

A bigodeira era a Junquilha.

O soldado expirara na amputação da perna. O Argelin saiu da sala de operações. Irmãs entraram.

A enfermeira chefe observou para o médico moço:

— Todos falam que querem morrer, mas quando chega a hora ninguém quer. A morte deve ser uma coisa pau...

Argelin entrou na copa.

MARCO ZERO

— Diacho, sentí um calafrio quando peguei no péso da perna... isso não se fais. Prefiro o circo.

Sentou-se a um canto, no avental sujo. Foi ler “A princesa seduzida” que Alexandrina lhe emprestara.

A figura óssea e recurva de Cláudio Manuel procurou desembaraçar-se dum grupo histórico que o cercava em pleno Triângulo central de São Paulo.

— Vista saia...

— Com muito prazer...

Eufrásia Beato penetrou no edifício cinzento do Automóvel Clube. Esperou numa ante-sala deserta onde havia pinturas enormes na parede. Um garçon atencioso dissera-lhe que o capitão Rego Diniz viria atendê-la. Estava no barbeiro. Duas moças elegantes com um bibí de guerra passaram rindo, olharam-na e saíram. Ela esperou. Homens vinham conversando. O mais moço numa farda rútila de oficial, adiantou-se perfilado. Trazia o ar das altas atmosferas, distinto e polido.

— Minha senhora...

— Precisava ter notícias do tenente João Lucas Formoso... Ele está na frente Norte. Não chegam cartas...

— A senhora é parente dêle?

— Não senhor...

O rapaz sorriu compreensivo.

— Me dê o seu nome e enderêço.

— Pra que?

— Preciso saber.

A professora no capote claro deu as costas, chamou o elevador.

O oficial exclamou para as duas garotas que voltavam.

— Mulher de soldado!

Eufrásia ia pelas ruas anormais onde grupos comentavam as notícias da guerra e moças gritavam: — Vista saia! Levava o olhar de desprezo das garotas ricas de bibí, do Automóvel Clube. Ela nunca pudera ter uma pele quente, um chapéu direito, uma meia fina. Se bem que a Minervina a aconselhasse sempre a se vestir com luxo e usar perfume estrangeiro. Sua elegância era feita de trapos. Só tinha aquele amor. A uma vitrina, viu um vestido branco. Pensou no seu vestido de noiva, que não tivera... Toda moça sonha com um vestido branco para casar.

MARCO ZERO

Os olhos persuasivos voltaram-se para o Major.

— A casa de tia Licórnea parece uma loja de vidrilhos. Está vazia. Só tem uma negrinha tomando conta. Com a revolução ela foi para o sítio e me pediu para dar uma olhada de vez em quando.

O táxi parou em frente a um sobrado. O Major seguiu Eufrásia por uma escada escura que conduzia ao primeiro andar. Ao fundo, um rádio anunciava um sabonete. O homem sentou-se na sala sôbre um tamborete estofado e esperou que a moça voltasse.

Natural que êle se perdesse no alcoolismo e frequentasse o mundo sem limites da teosofia!

A criadinha abriu a porta trazendo numa bandeja rendada o café. Os olhos apelativos vinham atrás. Eufrásia despira o capóte cinza. O Major sentiu que da blusa de organdí brotava a valsa de Brahms que o rádio tocava na sala de jantar.

Um gemido ritmava longamente a noite hospitalar. Das enfermarias onde homens diziam palavrões, subia um chulé de febre. A lampada do corredor velava dia e noite. O éter dos remédios inundava os corredores,

escapava das enfermarias e dos quartos, enroscava-se nos telefones.

A porta que tinha o número 15 moveu-se. O farmacêutico Piratininga no avental de linho, levantara-se na sombra. A Irmã da noite veio desejar que Deus fizesse breves os padecimentos do tenente João Lucas Formoso.

A bala amassara o capacete e raspava os ossos da cabeça. Depois da operação o ferimento fôra considerado em evolução favorável. Jango não podia andar, nem sequer se mover nos travesseiros encastelados por detrás de seus ombros. Uma dor de cabeça tenaz lembrava-lhe a trincheira. Um dos enfermeiros que o tratavam era o português do litoral sul. Aparecera depois o mulato Piratininga e todo um mundo identificado da capital passava naquele caleidoscópio da retaguarda. Médicos, feridos chegados da luta, senhoras da Cruz Vermelha.

A Junquilha viera duas vezes visitá-lo.

MARCO ZERO

— Não mandei avisar sua gente por não saber se você suportava o ferimento.

— Não mande dizer a ninguém... exclamou dificultosamente.

No segundo encontro que o Major teve com a moça no sobrado vazio de Licórnea, foi recebido na escada.

— Trouxe a você a resposta. Falei com um amigo importante do M. M. D. C. e êle acha que se pode dar uma colocação imediata ao seu pai, como justa recompensa pelo desastre sofrido. Ele foi cabo eleitoral do P. R. P.

Ela o conduziu para a sala e pouco a pouco, nos seus silêncios espaçados, na sua abstração da conversa o visitante percebeu que a moça tinha os olhos magoados e a voz chorosa.

— Você ainda está triste por causa da sua irmã?

Eufrásia não conteve as lágrimas. Êle aproximou-se carinhoso, sentou-se ao seu lado no sofá, tocou-lhe a cintura perfeita, as ancas firmes, o busto fragil.

— Você é infeliz?

As lágrimas caíam, paravam no rouge das faces afogueadas.

— Essa bôca de espuma do mar é feita para o riso...

A Beato estava muda, longe do madrigal. O seu desejo era saber de Jango. Não tinha nem um retrato dêle, nem uma carta até agora... Seu estado de saúde definira-se tragicamente. Tinha vontade de fugir de casa, não voltar mais. A morte do cunhado despejara os Moncorvino dos seus últimos grãos de feijão. Mateus Beato fôra feito prisioneiro. Com certeza estava no Rio. Jeremias tomava bebedeiras espetácules. Queria dar de cacete na cabeça da Lindáurea porque ela gritava. Eufrásia exigia inutilmente que todos se contivessem diante da irmã doente: — Mato logo duma vez! gritava o velho. As crianças urravam apavoradas. No fim do dia estavam todos machucados ou loucos.

— Eu queria sair daqui, ir para uma fazenda me tratar. Estou muito fraca.

Bateram ligeiramente à porta. Era a negrinha do café. O barulho do rádio entrou com ela, invadiu tudo de sonoridades e de trompas.

O Major propôs de repente:

— Você quer, eu posso levar você para a minha fazenda...

— Eu sou um Rebouças! Na dura!

— Não me faça rir, Lírio. Eu não devo...

MARCO ZERO

—E' serio. Sua família sabe... As três meninas que me criaram é que me falaram quando entrei no Liceu.

— Aquelas velhas de cem anos só sabem da virgindade delas!

— Elas afirmam que eu sou bisneto torto do velho Rebouças.

— Não há negro sabido que não seja um Rebouças, prosseguiu Jango pausadamente. O fato é que fomos traídos, traídos até por você.

Lírio sentara-se a um canto sôbre a cadeira de rodas.

— Você é monarquista, saudosista, amigo pessoal de ... Pedro II e da família imperial. Porque se meteu na revolução de São Paulo?

— Não tenho culpa de meu batalhão pirar. Não foi o único. Depois, eu fui até citado na ordem do dia. Tomei uma trincheira. E' verdade que eu estava com medo daquela facínora que vocês criaram lá na Formosa me pregar um tiro nas costas. Minha guerra foi mais com êle do que com os cariocas.

— Quem?

— O Moscovão. Além de tudo está doente. Aquilo é lepra. Vê lá se eu ia dormir na trincheira com um morfético.

— Quem te disse isso, Lírio?

— Eu sou farmacêutico. Conheço essa doença.

— Ora, você quer se justificar...

— Justificar! O negro está sendo vendido nesta guerra! Protestei energicamente. Enquanto nós dá-

vamos duro nas trincheiras, as mãis negras estavam sendo despejadas dos cortiços do Piques e da Bela Vista. Me contaram que elas apareciam com os filhinhos esfomeados, de trouxa e cacareco, na delegacia. E ninguém tomava providência. O negro se batendo, morrendo... E a família...

Jango riu.

— Quando é que negro foi família?

— Por isso que eu não voltei pr'essa merda! Fui buscar meu sobretudo no Palácio da Justiça. Tinham roubado. Estrilei. Fui prêso. Como sou farmacêutico, me deixaram vir pra Cruz Vermelha. Inda tentei formar um batalhão. O "Martins Fontes." Cheguei a ir ao Palácio. Imagine quem estava rodeando o governador? Só almofadinha fardado! Dêsses que não querem ver a guerra nem de longe. O velho estava dormindo na cadeira, sonhando com a ilha de Santa Helena... Perguntava: — Vocês têm algum boato bom?

— Você brigou com o Idílio em vez de brigar com o Getúlio?

— E briguei com os pretos também. Veja se eu não tinha razão. Na sociedade dos negros reclamaram o dinheiro que o capitão Lupércio tinha me dado. Pois eu paguei o sôlido adiantado pra aqueles sem vergonha que fugiram. Nem o cabo Epaminondas eu achei mais!

O ferido ajeitou-se nos travesseiros. O mulato ria.

— Como foi. Êles te passaram o couro?

MARCO ZERO

— Eu dei o estrilo com o Juventino. Êle me chamou de covarde. Eu disse que êle havia vendido a negrada que estava morrendo na frente pros fazendeiros. Berravam. E o dinheiro? O dinheiro? Eu gritei... — Mas me tapearam! Um bando exaltado me fechou num quarto e ameaçou de tirar a minha vida. Virou tudo tempo de escravo. Parecia a senzala. — Bota a faca na barriga do nêgo! Foi preciso eu falar bonito. — Companheiros! Vocês estão alcoolizados! Comecei a fazer verso... Os pretos ficaram hesitantes. — Vocês são o esquife da nossa raça! Aí abriram a porta. Mas lá fora encontrei um safado que se pôs a me invetivar: — Você é o produto do concubinato da senzala com a Casa Grande! Ficou taco a taco. Soltei um decassílabo, depois um alexandrino, levei muito tapa e ponta pé e fui saindo. A humanidade é assim. Crucifica sempre os Cristos...

— Você é Cristo fula. Mulato claro. Que que você tem que se meter com os negros?

Lírio levantara-se no avental.

— Ainda hei de ser lider de minha raça...

— E Jurema?

— Rifei aquela terra desgraçada!

Houve visitas espantadas pelos corredores e um atabalhoamento cauteloso de quarto que se desocupa. O

cadáver do rapaz saiu de maca. Uma moça de preto ficou zanzando, reunindo objetos. O necrotério da garage, abriu-se, encheu-se de gente curiosa.

Sussuravam-se diálogos infindáveis na penumbra das enfermarias, junto às camas alvas e silentes. Um fraturado chorava alto.

Uma freira entrou correndo na copa. Ensopou algodão em álcool, levou correndo para uma moça que tivera uma vertigem.

O grupo juntara-se no corredor olhando.

— Tinha dezenove anos. Portou-se como um herói!

— Que pena!

— E a mãe?

— Vai alí, é aquela baixinha...

— Coitada!

MARCO ZERO

A enfermeira enfeitada como uma boneca, fazia as sobancelhas ante o espelho de um quarto vazio, almo-fadava os cabelos. Era a sua saída de folga. Barreava de baton a boca casta. Desceu rapidamente para o quintal arborizado. Um médico barbado esperava-a.

Surgira uma turma de estudantes de medicina para reforçar o quadro cirúrgico. Para fazer a mão nos feridos. Argelin passou correndo como um palhaço.

— Fiz um curativo formidável. Puz um esparadrapo daqui!

— Os paulistas continuam avançando. Sossegue! Jango estava cansado de escutar. Tinha notícias exatas por Lírio de Piratininga que estivera com soldados recém-chegados da frente.

— Estão avançando na direção do Martinelli...

Já podia dar passos pelo quarto. Mas ficava horas sentado, ouvindo a pulsação do próprio corpo e a cabeça que doía.

Argelin berrava possesso.

Saindo da sala de operações, Anjo Leite entrara na copa atrás dêle e cautelosamente colocara-lhe no bolso do avental um pedaço de rim de operado. Depois, fazendo-se distraído, lhe pedira um cigarro.

— Brincadeira de português!

Jango arranhava levemente a cabeça enfaixada, dolorida.

— Coça? Tá sarando! Ah! uma cocera a gente se arregala todo. Quano chegô a cocera eu dô arta. Vá gozá em casa!

O farmacêutico entrou no seu grande avental.

— Argelin, o médico interno está te chamando.

— O que êsse bandido qué?

— Acho que quer o teu sangue.

— C' é besta!

— Por São Paulo, meu bem!

— Meu sangue tá pôdre.

MARCO ZERO

Os enterros lá em baixo se juntavam, saíam às vezes sem ninguém, outras com flores e acompanhamento, rumo à estação. Convalescentes e visitantes espiavam das vidraças. E militares faziam continência.

Mas os saimentos, como a chegada de novo feridos das trincheiras, não paralisavam a vida do Moloch hospitalar. As tontinhas contratadas, onde se encontrassem, na copa, no escritório, nos corredores, davam-se tapas entre risos. O médico barbado continuava espianando as saídas da enfermeira que chamavam “a bela da copa.” E freiras recalcadas e mudas paravam olhando os convalescentes peludos, vindos da batalha. Sacudiam as cabeças expressivas.

— Conforme o pêso de outro eu desmaio, foi dizendo Argelin pelos corredores. Tive que tirá o capitião do quarto. Ficou mais pesado depois de morto. Era um balaio, rapais! Cento e cinquenta quilos. Andei escorregando no encerado com o bicho. Fiz uma fôrça! Agora tenho que descansá dois dia. Passeá nas água luminosa.

Encontrou Anjo-Leite que se encaminhava para a cozinha.

— Você acredita em Deus?

— Pois eu sou Anjo, cumé que não hei de acreditar?

O português piava para a copeira que servia o lanche.

— Olhe, as suas calças estão caindo.

Argelin gritou:

— Um cabelo no café.

— E' do saco.

— Do saco de quem?

A copeira espirrou barulhentemente o líquido que engulia.

— Do saco do açúcar.

— Está faltando remédio.

— Merda! exclamou a Junquilha.

A enfermeira estupefata esperava. A bigodeira soltou de novo o palavrão.

— Ouviu bem?

O forde conduzindo o Major e Eufrásia passou no escuro enlameado do caminho.

MARCO ZERO

O ocaso perlustrou de árvores de esmeralda o fim do dia turvo. E de repente abriu-se para os milhões de estrêlas brasileiras o azul noturno. Havia umidade no ar límpido e sereno. Começaram trovões inesperados ao longe. E grilos cantavam nos cantos. E sapos e bichos nos campos.

A umidade adensou-se em nuvens que borravam de água e carvão as estrêlas quietas. Uma lua fantasmal rebentou sôbre as árvores estáticas. O céu palpitava de mundos sôbre a serra silvestre, inconquistada.

— Cada sêr, cada entidade aquí como num mundo em criação é o que é. Aquí o princípio de identidade se desenvolve até o finito. Nas cidades, isso só acontece no fundo das penitenciárias onde um ladrão é mais que um ladrão, pois é um ladrão punido! Um assassino já deu tudo o que tinha a dar, até a própria arma... Aquí existem a violência e a afirmação. Da mata nasceu a catedral. Aquí, no amor só existe o amor. Você veja como na cidade se degrada o amor. Porque unir dinheiro e amor? A cidade é o dinheiro, a floresta é o amor. O amor de Deus sobre todas as coisas!

Eufrásia coçava-se levemente.

— Aquí tem carrapato?

No silêncio um grilo de contoneira tomou conta do mundo.

— Tem. Carrapato, jacaré, cobra, febres e a gata do mato. Estamos no Brasil. E no meio disto tudo, o português. O português que ficou outra coisa. Que ficou essa coisa — nós dois!

O Major levantara-se. Saiu para o terreiro, na noite azulada onde as estrêlas olhavam. As árvores próximas pareciam negras e recortadas. Das barrocas e dos açudes subia um grito do mato, feito do coaxar mais variado dos sapos, do trilar dos insetos. De tudo vinha um anseio enorme. E as serranias fechavam-se, pareciam encostar-se para dormir.

As tardes entristavam em cinza, sem notícias da cidade, sem notícias de Eufrasia. Os rádios esguelavam vitórias e retiradas. Uma deflexão passava naquela retaguarda sensível. Apitos de trens apressados acordavam a noite de horas sinistras. Caminhões e ambulâncias evacuavam feridos das linhas quebradas da frente. E às sete horas o hospital acendia as suas luzes laças de ante-sala da morte.

Jango chegou dificultosamente até à porta. Havia uma correria. Era preciso entrar no quarto do morto, que fôra fechado para a desinfecção. As enfermeiras fugiam, mas as freiras zangavam, ordenando. Era preciso retirar o formol e abrir as janelas. Tinha chegado uma batelada de feridos que não deviam esperar. Duas, três decidiram-se de cambulhada com Argelin. Foi então um tumulto de sufocações exageradas, olhos ardidos, excessos de tosse.

MARCO ZERO

O Major sorveu o martelo de pinga.

— A vida, essa estúpida necessidade! Aquí ao menos não encontro opinião que contrarie a minha. O silêncio concorda sempre... como um morto.

— Não tem medo da mata?

— O que me preocupa não é a mata, é a minha tribu urbana. Sempre detestei a casa, os deveres, o beijo nas crianças, o dinheiro das despesas. Sempre quiz viver nú, debaixo de uma figueira. Você não?

Eufrásia murmurou:

— Eu tenho medo de ficar aquí!

— Porque? Por causa da verdade com que as coisas aquí se apresentam?

Um lampeão fraco iluminava o rancho do Major, punha sombras no seu rosto, próximo dos cabelos soltos de Eufrásia. Êle se dobrou mais num ar de convicção veemente. A moça sentada a um banquinho, ia notando os dentes enegrecidos e cariados, donde brotavam apóstrofes, num cheiro de pinga.

Um escândalo estourou entre duas enfermeiras enciumadas.

— Esse anel não é de prata nada.

— É sim, foi o doutor que me deu.

— É chumbo.

— Chumbo o que, sua polaca!

— Polaca é...

Pronunciou uma imundice.

— Que é isso? interveiu a Irmã.

— Comigo é assim! O doutor deu essa porcaria pra ela e pra mim cinquentão.

Argelin aproximou-se.

— Ota sorte! Achei uma nota em cima do armário...

— Onde?

— No quarto do morto. Ota dez mirréis bonito. Primeira herança que eu ganhei!

João Lucas Formoso empurrava as noites. As piores horas eram as da madrugada, quando a escuridão de fora persistia e êle sentia partida a última prestação do sono agitado. Eufrásia talvez estivesse grávida. E ele, ferido, sem poder fazer nada. Nem mesmo podendo lhe mandar um pouco de dinheiro.

MARCO ZERO

— Sô católico de relijião esprita. Já fui muitas vez no “Centro”.

A Miguelona ergueu os óculos de ouro.

— Mas ocê é índio de verdade? Quando ti piguei drento do guarda-roupa, pinsava que ia saí um índio nú co as pena na cabeça, que nem na ópera da Aída. Ocê farlô pra mi qui éra índio. Ia te pregando um tirro! Donde já se viu escondê ansim dos ôtros? Se não fôsse a Lamparina latí eu ia drumi co ocê sim sabê...

Antonio Cristo ergueu a bôca desdentada e o nariz de animal sob a fogueira dos cabelos.

— Eu tava quereno disapertá da guerra.

— Como é lá na tríbula?

— Deisque o padre me laçou eu num vortei mais lá. Lá só tem sór e lúá.

— Num tem instrumento de trabáio? O govêrno prá gente num dá. Dá pros índio. Vô roba' um dia! Ocês brasilerada num sabe o valô que tem a terra!

O casebre estava a cem metros do rio. A velha pôs-se a mexer o fogo. De costas parecia um monge num capote marron passado sôbre a camisola de riscado que arrastava na lama fresca. Pisava os grandes pés ósseos sôbre chinelos de borracha, verdes e estragados. Tinha uma calote de pano esbranquiçado no cocuruto.

— Eu tô aprendeno quanto que o mundo é grande!

— É mais inorme da terra!

— A essa hora, o tenente Chiba já virô sorvete de café, no cemitério.

— Cumé qui foi?

— O nêgo comeu aço às treis da madrugada. A prosa dêle era só brigá, matá, passá na faca. Na cintura dêle tinha um baita garruchão. Eu faço, eu aconteço. Tava cum raiva proquê não tinha sanfona prá tocá.

— Arranjá boa faca, í preste mundo comprano briga, as muiérada gosta! Eh! Inda mais surdado! Surdado é trem ruím! Diz que bate co pé no morto!

— Hô! Hô. Morto é quí nem porco, galinha.

A Miguelona exclamou:

— Difunto é sempre difunto!

Um fluido vindo da água desmanchava a mata. Havia vãos pesados de aves, assovios próximos, como avisos.

— O pai dêle já era criminoso. Matô um de cada nação: um íntaliano, um japoneis, um ostriáco... Quano chegô no portugueis, a polícia segurô, deu 30 ano. Êle nasceu arçassino. Entrô na guerra praquê era fanático a matá. Se viesse sombração, matava tamém. Queria forgá. A fôrça já tava fugino. Nós chegemo no bairro a meia noite. Nós tinha corrido trinta quilômetro. Êle disse que ia dá um chero na Tervina. Ela tava fazeno café, o marido tava fora. Êle começô contá que uma veiz uma moça peituda não quiz dá confiança; prá dexá ela defeituosa, tirou prá

MARCO ZERO

fora o peito e passô o facão. Tomô 4 ano de cadeia, mas a moça ficô andando de banda.

— O marido pigô êle cóa Tervina?

— Num vi. Só vi o cabocro gritá: — Cambada de molecada, minha muié coano um cafézinho e chega aí êsse cachorro, passa o braço. Pensa que cabocra é puta dêles! O negro estava lá estirado no rancho.

— Vamo tarrafeá? A rêde deve tá bulino de pexê!

— Mermo sem pêxe aquí tá bão.

A saparia agora disparava num côro que cobria a terra. Uma estrêla faiscou no fundo da caudal. A voz da Miguelona cresceu sôbre a canoa.

— Os polista perdeu a catinga nessa guerra!

A lâmpada de azeite no quarto. A mulher deitou-se.

— Ocê nunca comeu véia?...

Silêncio do homem.

— Véia bem feia que nem eu?

Desde a primeira hora crescera no índio um ódio contra aquele concorrente gordo, preto e de pêlo liso que se rojava na cama alta da Miguelona. A cadela sacudia inutilmente um toco de rabo amável, cada vez

que o via, olhando-o doce como se entendesse vencer-lhe a aversão. Inútil. Aquela mancha negra sôbre a colcha de rendas grossas, eletrizava-o. Êle não gostava do preto, côr de assombro e dos mistérios do mato. Estava com a vassoura na mão. Tôda a sua figura pequena, irônica e ameaçadora se eriçava.

— O pasto aquí é bão, ein?

Coloria-se vagamente de um vermelho de urucúm, a pastinha mal repartida e foga, os dentes falhos na frente, as pernas cambadas e magras terminando nos grossos sapatos que a velha lhe dera para o trabalho.

A Miguelona rodava pelo terreiro.

— Enquanto non cabá a revolução non chamo niguê pra trabáia aquí. Se era no rancho de cima, tinha dose. Aquí non quero pruguê êles cái no divertimento do rio. Tá lôco! Á minha custa ninguê péga pêxe!

Apezar do nome com que fôra batisado, e mesmo sabendo melhor o português que o guaraní, o índio Cristo permanecia o selvagem anterior à domesticação. Enfesava com a Lamparina.

— Te rebento. Safa da cama!

Era alegria para êle matar, fôsse gente ou bicho. Um dia... até a velha ia! No mato era assim...

— Safa diacho!

A mestiçagem o descera de qualquer tribu brasileira de Mato Grosso, onde os salesianos iam buscar crianças para a catequese. Costumava referir que êle mesmo fôra trazido por um padre do acampamen-

MARCO ZERO

to. Mas isso provavelmente fazia parte do seu estado teatral, equívoco e fantasista. Até êle, para efeitos, de esmola e vadiagem, havia chegado, a glória indianista de José de Alencar. — Eu sô guaraní! A Miguelona emendava: — É Perú qui chama!

Na Formosa, para onde a Ciana o trouxera garoto de criação, diziam que era filho de índia com preto. E contavam que sua tribo mansa despresara os instrumentos de trabalho enviados pelo govêrno e abandonara as terras que lhe haviam sido dadas por lei para não pagar impostos. De posse de perneiras e chapelões, haviam se dispersado levando para as cidades e fazendas os nomadismos ancestrais.

Na cadela o índio Cristo, sentia o inimigo ideológico. Era a fauna reduzida e fiel. A traição biológica e a degradação de tôda noção de liberdade.

Ameaçava de morte aquele animal tornado gente, gramatizado, aquela inversão amável da zoologia e da floresta.

— Um dia te dô um azeite, Lamparina, quí inté ocê apága!

A Miguelona ao voltar do rio, encontrou uma tarde, a cachorra ensanguentada, ganindo num canto.

— O que quí ocê fiz?

— Êste diacho num presta. Num dá siná de gente. Ela estragô tudo meu cantêro!

— Dêxa ela, cuitada.

— Tá gorda. Num sabe nem latí.

A Miguelona por debaixo das saias era uma menina.

— Vamo se acasá no padre?

— Te dô pancada, véia foguetêra!

— Ocê trabáia e eu vô passeá.

Enternecia-se.

— Diga, ocê acasa?

— Só se ocê mandá imbora a Lamparina.

— Té dô uma mordida!

O índio pensou primeiro em jogar a cachorra no rio. Mas sabia que ela se salvaria nadando. Não queria perder o saco. Preferiu abandoná-la numa rua de vilarejo. Atirou-a violentamente para fora, num chute.

— Vai carpí café, desgraçada!

Alta noite acordaram Jango para colocar na outra cama do quarto, um avião que destroncára o pé numa aterrizagem forçada.

MARCO ZERO

- Não sabia que você era capitão, Kana!
- Japuese precisa tudo, non?

Haviam atingido uma forçada intimidade. Um médico viera relatar os serviços do aviador. Chegara a sobrevoar o Rio de Janeiro num pequeno aparelho de treinamento dizendo sempre que aquilo era inútil.

- Porque inútil?
- Desde comêço, São Paulo já peredeu.
- Porque?
- Non firme munto. Non dexa jogá bomba.
- Você queria bombardear o Rio?
- Garantido... Japuese joga bomba... Non aqueredita nada.
- Mas vocês acreditam até em fatasma!
- Munto non presta país sem fantasma!

Jango pensava na mística com que os amarelos recobriam o seu feudalismo econômico.

- O colono que vocês mandam para cá é um escravo.

- Japão grande cooperativa, dono imperador.

Kana permanecia quieto, o pé enfaixado enorme sobre o leito de ferro. Seu rosto enigmático pareceu de

repente querer exprimir milhões de coisas. Mas calouse pondo um palito na boca, o pijama entreaberto.

Ficava risonho de repente como um capitão vitorioso.

— Você está à disposição não de São Paulo, mas de Yamato Damashi, isto é, do Grande Japão. Você não passa de um capítulo de luxo da espionagem amarela. Há outros na guerra paulista. Outro dia explodiu o laboratório químico onde se trabalhava com fulminato de mercúrio...

— Munto pra canhão... non?

— Veja como você sabe! Pois bem, morreu o químico e ofereceram-se doze japoneses que estão fabricando o explosivo com a mais moderna das técnicas, chuveiro, cabinas isoladas, capas de borracha... São técnicos de guerra do Estado Maior Japonês...

— Quem foi que disse? quem foi que disse? Doze... munto mentira, munto mentira... Tudo são parantadores de batatinha, non? Noroeste, pescadores litoral... non? Japão tudo já xabe guera!

No silêncio hospitalar, o japonês olhava o ar fino através de uma janela aberta. Todo o seu sêr tendia à integração no sentido da pátria. Na liberdade azul daquele mesmo ar, êle saberia servir o Grande-Japão. Havia de sentir um dia na guerra pulsar com o motor do aparêlho o seu coração reto e mecânico como se os mesmos cilindros perfeitos pertencessem ao aviador e ao avião. Jango exclamava:

— Vocês precisam é levar uma surra!

MARCO ZERO

— Japão garantido ganha guerra mundial.

— Vocês têm que bater a China, a Rússia, os Estados Unidos...

— Vence os três!

— E toma conta da terra!

— Non, garantido non. Japão non quer tera. Só ordem... non?

— A ordem amarela... Pouco antes da Revolução eu vi no cinema um record... A armada americana atravessou o canal do Panamá em 48 horas.

— Nós toma aquilo em 24...

Um ruído de carrinho. Reconduziam pelos corredores um homem barbado e hirto. Saía do açougue ofuscante da sala de operações. Em torno dêle, aquela gente de branco, enfermeiras e Irmãs, o envolviam como um algodão em marcha cautelosa. Jango voltou para junto do japonês.

— Vocês querem reproduzir a Idade Média... A Idade Media deu a catedral de Chartres.

— Chartres non adianta sem paraquedismo munto. Japão Chartres com avião bomba, submarino munto...

— Essa concepção da vida é boa, sobretudo nas selvas do Pará, em Mato Grosso e no litoral paulista... Eu prefiro a colonização individual através da bala e da blenorragia.

Uma boca enorme e ardente envolvia a sua. Eufrásia navegava desconchavada pelo êxtase. Estava de pé.

O Major conseguira retirar um bico de seio rosado do corpinho. Ela urrou, encostada à parede do rancho. Sentia-se de novo esmagada pela boca imensa. As coxas afrouxaram sob a pressão do joelho. Um calor de mucosas subia. Ele tinha uma cara de assassino.

— Venha para a cama!

Mas ela desvencilhou-se e pôz-se a chorar.

— Não! Não me faça odiá-lo e me odiar! Não! Não.

As vezes uma dor lancinante agarrava o ferido, acuava-o a um canto da cama. Não tivera nenhuma noticia de Eufrasia. Sua avó, se soubesse, estaria ali. Sua irmã, sua tia... Mas era ela que ele queria rever. Que estaria pensando dele?

MARCO ZERO

Achava que a dor era da ferida enxuta. Não. Não era. Era de dentro. Saía deixando o aviador sentado. Quem tratava Kana era Anjo Leite. Lírio quisera fazer-lhe o primeiro penso mas o japonês recusara.

Jango procurava misturar-se aos serviços do hospital. Voltava golpeado, exausto. Trazia nos ouvidos o gemido das enfermarias. Pensava na morte. Porque não ficara no campo de batalha? Era o inevitável fim humano. Isso tornava-se uma idéia segura, inflexível que êle prolongava olhando as luzes da vigília..

A manhã diluía em tecnicolor, ao sol espetacular que nascia sôbre as retidões da mata. Um ronco cantou, encheu serra e vale, como um grito esfomeado de onça.

— É a gata!

Jango queria se evadir daquele cenário de agonia, onde gemidos, torturas e brados cortavam a noite pálida.

Voltava lentamente às formas comuns da vida. E um súbito mêdo em tornar ao seu mundo anterior o oprimia. Os primeiros passos no quarto, depois lá fora

no jardim ou pelos corredores do hospital, tudo tomava um aspecto angustioso para o corpo amolecido pela febre e pelo repouso longo. O primeiro sapato calçado, a primeira gravata posta, os primeiros contatos com a gente tinham sido como iniciações dolorosas. Deitou-se aconchegando o cobertor sôbre os lençóis e uma opressão imensa o atacou na insônia. Eufrasia...

— É a gata. Eu mato ela e você...

Dois olhos de brasa avançavam lá fora na escuridão sem limites. Um horror aconchegou-a ao corpo do homem sentado na cama estreita do rancho.

— Eu fui até às terra do Majó, contou o índio.

— Ele tava lá?

— Tava cuma moça bunita no rancho. Eu ví.

— Fia da puta. O que ocê farlô? Num disse qui tava aquí comigo?

— Tá lóco. Ele mi isfolava... Eu falei qui vinha arretirando coas fôrça do tenente Jango da Formosa pruquê a guerra tava acabano. Ele num si dá cô fio dêle. São uma famía brigado. Vô contá pra Ciana!

— O Majó aquerditô?

MARCO ZERO

Passaram do serviço do terreiro aos serviços calmos do rio. A noite caía. O céu de novo palpitou sobre a terra silvestre.

— Eu fico co ocê véia, praquê eu gosto dêste mato. Inté parece o mato grande.

— Divertimento aquí é pigá carrapato. Em roda do tinterro fica os macho. Qué entrá!

As estrêlas pingavam sobre as árvores espaçadas em tôrno do rancho. A Miguelona sentenciou:

— Cagá no mato, bebê água no riberô, metê na berada do caminho. Num tem vida melhor do mundo!

Eufrasia e o Major haviam à noite, atingido Bartira, de regresso da serra.

Muraoka arranjara para ela um quarto unico.

No escuro leito da pensão japonesa, a voz de Jeremias chegava-lhe. — Sua broaca! Porque ocê não vai embora? Fica aí vendendo carne verde. Meu genro foi se embora, ocê fica! Pega um turco rico, logo! O Major tinha o mesmo hálito do pai. No rancho da serra quando ela lhe dissera que era rico, a resposta tinha sido pronta: — Diga aonde está o dinheiro que eu vou já buscar! Ela não viera alí por dinheiro. Talvez tivesse vindo por Jango. Fazia sempre o contrário do que pensava.

OSWALD DE ANDRADE

O Major dormia num salão com outros viajantes acossados pelo fim da guerra. Sôbre uma mesa haviam ficado duas máquinas de escrever e uma de calcular, faturas, papéis e arquivos. Aquilo parecia um quartel da ocupação japonesa. Na noite cheia de claridade, a hospedaria de romance tinha conversas e pequenos barulhos. A lembrança dela visitava-o. Ouvia-lhe a voz: — Você disse que eu ia te amar e você não! — Você disse que eu sabia o que me esperava aquí na serra!

Ele não a deixava desde a madrugada.

Um sapato ficara revirado sôbre o leito.

— Estou grávida de Jango!

O olhar do Major caminhou, fixou-se nela. Estava a cavalo sôbre uma cadeira de palha. Um gôsto de morte veio-lhe à garganta. Teria que usar de sua arma. Usaria... A carga de soluços cessara. Mas a soma de irremediável estava alí, entre ambos, êle e o filho.

Eufrásia disse através do lenço rendado.

— Eu quero me matar... Mas antes desejo contar tudo como foi a Jango...

MARCO ZERO

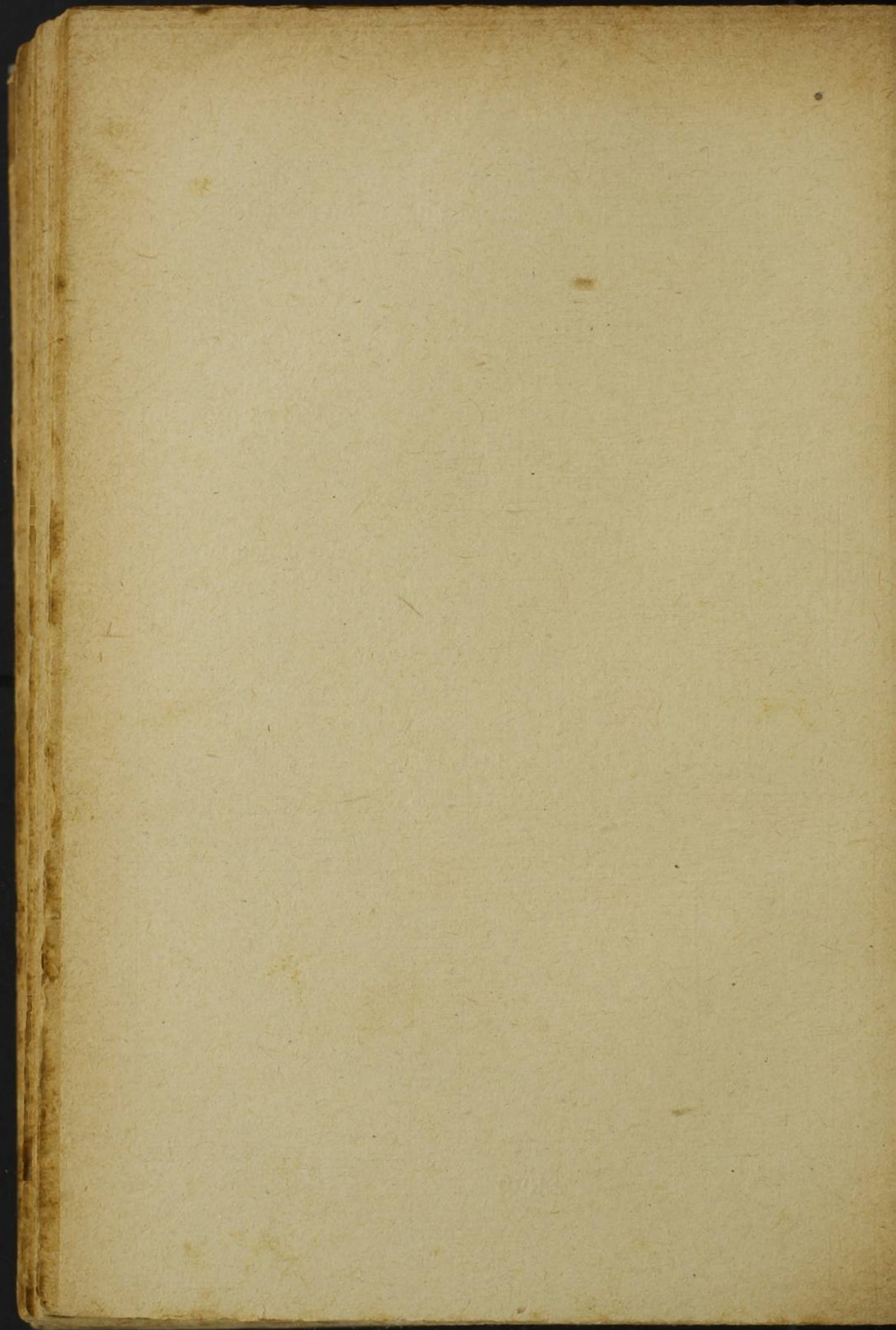
São Paulo tinha sido vencido. Ele não! O tenente João Lucas Klag Formoso tivera alta. Tinha na lembrança o corpo de Eufrásia. Aqueles dias perdidos, face a face com a morte, haviam revigorado seus direitos primordiais. Que importava... Dera a São Paulo a contribuição de seu integramento anônimo na batalha, desde a primeira hora. Em Bianôr, Queluz, Vila Queimada. A recordação precisava-se no grito raivoso do oficial: — Atirar a 1.500 metros! A 800 metros! Não vira mais nada. Haviam-no trazido de maca para um automovel.

Não sabia dos ultimos defensores da posição. Tinha ressuscitado. Entre médicos e freiras desconhecidas, para viver. Como uma planta. Acendeu a lâmpada velada. Estava só. Kana regressara a São Paulo.

Que horas seriam? Tocou o botão da campainha. Anjo Leite custou a aparecer num avental comprido.

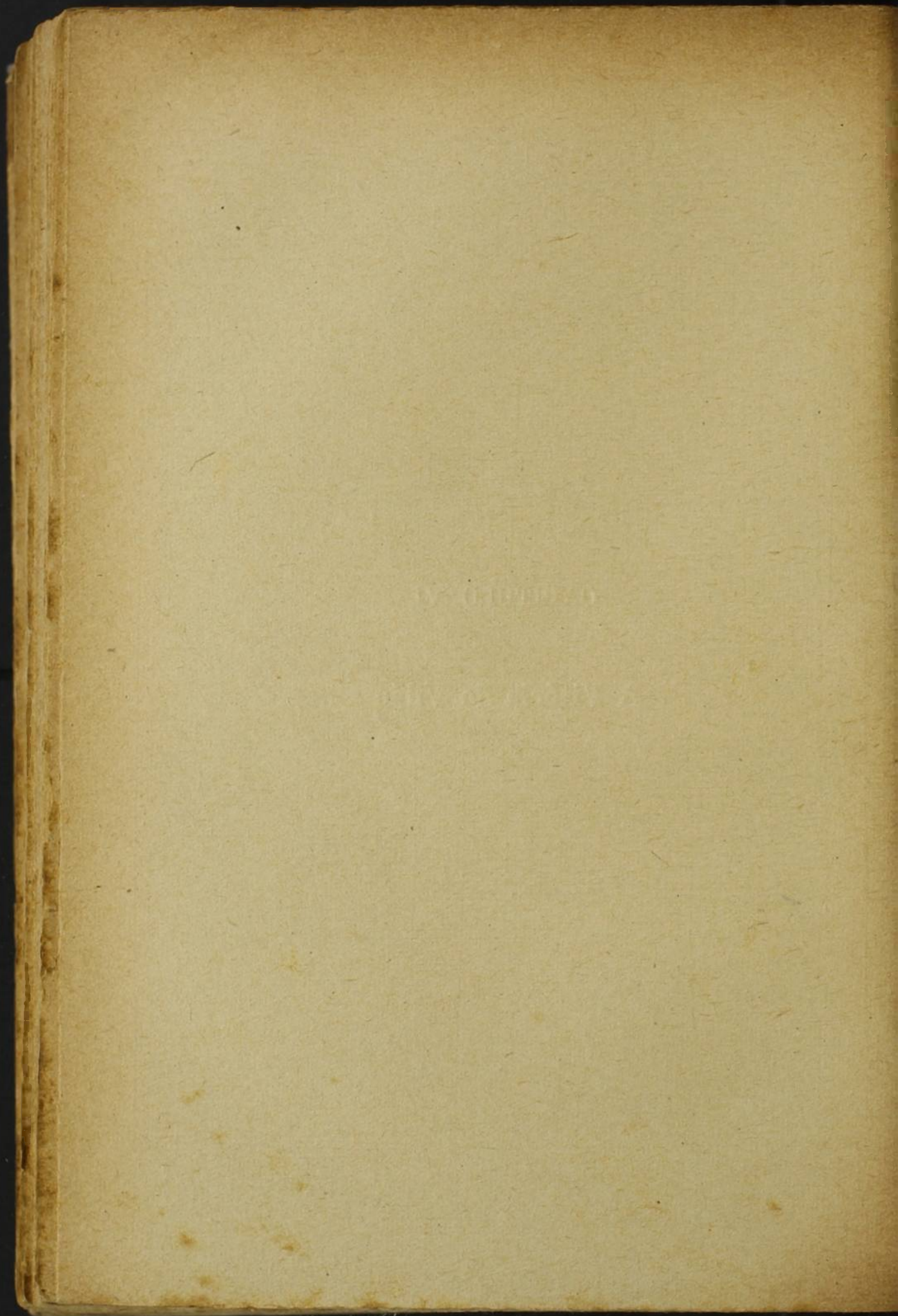
— Você tem notícias do litoral?

— A Ciana não voltou mais lá...



CAPÍTULO VI

A Vitória do Vilão



— Eu não posso montá a cavalo...

— Porque?

— Tô tudo encaroçado na perna.

— Dêxa vê.

Idílio Moscovão arregaçou a farda para o preto Lazo, na manhã que começava sobre o acampamento.

— Isso é lepra rapaiz... Eu tenho uma prima Ricô ansin... Tá no Santo Ângelo...

Os soldados sentavam debaixo da figueira ramalhante.

— Onde é quí já se viu? Cai bala, corre! Cai bala, corre! É só pirá.

— No comêço me deu uma tremedera. Mas agora costumei e não quero outra vida.

— Ói, disse Moscovão, se polista corrê outra veiz, nois atira neles.

— Atira!

— Eu se pudé, chumbo aquele tenente mulato, é um porcaria. Ói, vamo fazê arvo nêle?

— Vamo... é só encontrá...

— Brucutú!

A peça da fuzarca deu um estouro chôcho na direção dos ditatoriais. A guarnição que Idílio comandava tinha dezenove homens e as últimas granadas.

— Brucutú!

Do grupo de soldados amontoados na crista do monte, partiu uma risada coletiva. Moscovão tossiu grosso de lado.

— Eu acho que desta vez, o tiro pegô na bôca do canhão dêles.

Com aquele constipado que não passava mais, sua voz tornara-se cavernosa. Havia uma semana, êle comandava a bateria paulista, isolada pela guerra. Distribuiu homens de cem em cem metros e conseguira levar a peça da fuzarca até o coração do inimigo.

— Brucutú!

Sentado a um cômodo, Moscovão coçava o nariz.

— Antes eu tivesse ficado junto lá co'a peça da fuzarca na mão dêses marvado. A gente adquire amô na bicha que nem fôsse gente.

MARCO ZERO

Inutilmente tinha pedido refôrço para salvar o canhão.

Granadas assobiavam. Um homem caíu dando gritos... Lá longe, nas cidades e nas gares festivas do embarque, as mocinhas falavam nas glórias da guerra.

O cafezal fôra incendiado durante a noite. Êle e o preto Lazo partiram a descoberto, arrastando-se na terra encarvoadas. Balas os acompanhavam na encosta.

— E' mió arretirá! Ninguém não aguenta.

Tinham atingido a trincheira. Não havia comida. Abandonaram a posição na noite avançada.

A fazendinha estava tão bem arrumada que parecia sair do verniz de uma caixa de brinquedos. Os dezanove soldados pararam sujos, extasiados. Um estábulo vazio brilhava no teto claro, no chão de cimento, nas repartições pintadas.

— E' mió sê vaca aquí que gente nôtra parte! Tem luz elétrica, tem tudo aquí! exclamou Lazo com as sentinelas separadas dos dentes.

— Quanta fruta perdida! disse um soldado.

— Vamo avançá?

Idílio olhava a depredação desvairada e estúpida dos bananais ajardinados.

Uma mulher de chapéu de palha apareceu no fundo de uma vereda. Vendo os soldados, fugiu.

— Aquela alí é cabaco. Aquí tudo é cabaco! Vai dá trabáio...

Assustados pela presença do grupo humano, bandos invisíveis de periquitos gritavam nos lençóis da névea. Tudo parava abandonado num arranjo de bom gosto que contrastava com a guerra.

— Vale a pena sê vaca aquí. Tem casa!

A manhã firmara-se. As construções da granja recentemente carpintada, luziam no meio verde-negro das plantações. Até as fôlhas dos arbustos pareciam envernizadas de fresco.

— Tá travancado de pimentão e bage! Vai vê que isso aí é do japoneis.

— Romba a porta!

O soldado robusto preparou a peitada e as tábuas frágeis da casa campestre voaram para dentro, fazendo recuar trancas e malas.

— Vamo fazê fogo, gente!

Moscovão mandara buscar um menino sujo e grande para perguntar quem tinha cortado os trilhos da estrada de ferro nas vizinhanças.

MARCO ZERO

— Foi a fôrça que veio aquí...

— Que forlça o que! Foram ocêis, seus cabocro de merlda!

Um homem de meia idade, moreno e ossudo, aproximou-se entre dois soldados.

— Ocê tem sítio? interrogou Idílio.

— Tenho mas num presta.

— Longe daqui?

— Quatro quilômetro a pé.

— E' bão por lá?

— E' bãozinho inté...

— Onde é que tem venda aquí?

— No raiá.

— E' bão?

— De vivência é bão.

— De quem é essas terra?

— Do Coroné.

— E prá lá?

— Também é do Coroné.

— Puxa.

— Tem muito chão.

— Quem?

— O Coroné.

Os soldados haviam abandonado a granja modelar e procuravam a serra. Acamparam numa plantação de

algodão e amora. Atingiram logo um renque de casebres de sapé. Era o arraial. Apareceram timidamente homens brônzeos e enormes. Tinham o pé descalço, espalmado e duro. Estavam todos de chapéu de palha e calça riscada. Moscovão berrou para êles:

— Não quero bagunça aquí!

Caipirinhas poteladas esquivavam-se na frente dos casebres. O preto reclamava:

— Aquí não tem hoter! A mió coisa que tem na guerra é hoter. A gente chega, garção vem si rindo, tudo de branco, perguntá o que é que qué.

— Avança, pega, cerca, negrada!

— É um carioca!

O porquinho revirou no tiro de fuzil, ganindo como gente ferida. O preto Lazo acabou o bicho a cor-nhadas.

— Mais um inimigo pra panela. Cadê o facão? Trais o facão!

Jogou alí mesmo as miudezas abertas do animal ainda quente. Lavou-o no riacho. Depois veio fazer um foguinho prestimoso.

Os retirantes descansavam na manhã da mata.

— Farta sar.

— Sar fáis mar.

MARCO ZERO

Apenas tostado o animal foi feito em pedaços e devorado pela tropa.

Lazo estava tomando a fresca num capinzal, à beira da estrada. Dois caipiras vinham vindo. Um dêles era abobalhado e grande. Chamavam-no Furmino. Açou-se do soldado falando esganadamente:

— A porlquinha fugiu.

— Deve estar no mato.

— Pois num tá. Deis esta minhã que as minha ermandade tá fazendo precuração da porlquinha. Mecês escuite as nossas arrecremação.

O soldado largou um estrondo e pôs-se a urinar. Depois ficou tudo quieto. O sol era uma bola vermelha.

De repente, do lado da estrada, metralhadoras abriram um barulho cerrado. Ordens de comando juntaram os soldados. Estavam envolvidos numa ferradura de fogo.

Moscovão gritou para Lazo:

— Vamos arresistí?

— Não adianta valentia, nós não temo arma.

— Sarve quem pudé!

- Que barulheira é essa?
- Acho que não é inimigo...
- Avança a senha!

Destroços de um batalhão paulista vinham retirando. Estavam acossados pelos soldados da Ditadura. Houve uma confraternização rápida e no cair da noite a fôrça unida sumiu na direção sul.

- Depois de 300 tiros o meu fuzil entortô.
- E' bom prá pegá veado na curva...
- O negócio não tá sôpa não! Quarqué dia viro desertô...

Um voluntário cuja barba tinha um chumaço branco exclamou:

- Eu atiro, atiro, e não acerto nunca.
- Você atira a esmo!

Sentado entre mochilas e fuzís um homem contou:

— O comandante fugiu. Era um coronel de óculos. Nós íamos com tropas de refôrço mas encontramos a estrada entupida com cinco caminhões revirados e capotados no chão, fumegando. Ele não esperou nada, pegou dois cavalos e pirou. Se não fosse êsse tenente da Fôrça nós não estávamos aquí.

Outro soldado explicava:

— Nós ocupamos uma fazendola e requisitamos mantimentos. A vila tinha sido arrasada pela artilharia...

Distribuíram-se sentinelas desde as primeiras horas, pois sabia-se que os ditatoriais estavam próximos. O dia se processou sem alarme, mas à noite, tiros de inquietação, vindos de todos os lados restabeleceram a presença do inimigo. Tinham-se aberto trincheiras até uma lagoa que constituía a defesa do acampamento.

Na noite acordada, os homens falavam baixo.

— Nós chegemo de noite no quarté, êles fecháro o caminhão no pátio da garage e não quizéro deixá pirá. O tenente berrô: — Se quisé vortá, vorta a pé! O caminhão fica. — Nós temo pronto! — Vocês vão prá frente, de lá vocês vórta. O chofer era o Tico e tava com sono. Levaram os mortos pro cemitério e encheró o caminhão de sordado com fuzir e metralhadora e déro órde prele tocá. Eu ia na boléia com o Tico. Êle quaji joga nós tudo da serra abaixo.

O Tico riu com a bôca enorme.

— Eu tava com sono! Não tinha dormido duas noite. Apertava os óio, machucava pra vê se passava. Quar o quê! Ronquei no volante. Ôta sono gostoso! O caminhão ia em quarta, estava cheio ansin. De re-

pente eu só ouvi: — Para! Para! Sentí o revôrve do tenente encostado no meu peito. — Te mato ocê traidor!

O negro retomou a odisséia.

— Depois nois chegemo numa vila. Arrequisitemo tudo as coisa de um turco. Tinha tudo na venda. Parecia que nenhuma fôrça tinha passado por lá! Até um enxová de casamento. Coitado do home! Esvasie-mo a caixa. Eu trouxe um terno. Foi o que me sarvô. Vendi por vinte mirréis. E pra rematá pusemo fôgo na casa.

— Para que? perguntou um voluntário.

O preto olhava. O seu rosto abriu-se em dentes fortes:

— Brincadera de sordado.

Das 15 às 18 horas, o combate fuzilou. O conjunto da tropa afrouxou a resistência e pouco a pouco, deixando entre gritos homens varados e homens caídos, deslisou dificultosamente ao longo da via férrea. Na estação um barulho contínuo espedaçava as vidraças. Designaram-se vinte homens para proteger a retirada noturna. Os arroubos do canhão ouviam-se no meio do tá-tá-tá das metralhadoras pesadas. Balas assoviavam. Granadas e estilhaços de schrapnel atingiram as paredes esburacadas.

MARCO ZERO

A tropa internara-se na charneca. Estava sem comando e sem comunicação. O tenente que ameaçara de meter bala na cabeça de quem olhasse para trás, tinha desaparecido. Os tiros cessaram completamente. Uma légua em tórno, só havia lama para deitar. Moscovão estendeu a manta e fez travesseiro das botas imundas.

— Não arretiro mais. Não quero arretirá. Fico dando tiro sozinho.

— Precisa de um químico aquí.

— Pra quê?

— Prá transformá palha em bife...

Na manhã começada, a tropa reconstituiu-se. Pagaram a bóia. Era uma concha de feijão e outra de farinha.

Chuvas caíram do céu pardo. Matas despenteadas ensombravam o charco dos caminhos. E o inimigo reapareceu numa perseguição calculada e contínua.

Era difícil opôr qualquer resistência. Depois de uma escaramuça que durou até o meio-dia, as munições tinham sido abandonadas. Os soldados sem comer saíram curvados sob o fuzil, tiritantes no aguaceiro. Tomaram por uma estrada limosa e estreita. Um ferido e um doente eram conduzidos em padiolas improvisadas. Pouco a pouco amorteceu e perdeu-se longe o estrépito das metralhadoras. Mas ouvia-se ainda o canhão.

Moscovão tomou o braço do preto Lazo que dormia a seu lado.

— Ocê não viu uma cara?

A noite caíra sôbre a marcha. Correu que estavam perto de uma fazenda. Imundos, esfaimados, os homens sentiram uma esperança. O inimigo sumira. Foi dada ordem de parada junto a uma porteira. Na noite chuvosa, evacuaram-se os inutilizados e distribuíram-se sentinelas. Um grupo aglomerava-se junto aos morões quebrados.

— Não arretiro. Eu quero ficá aquí!

Idílio estava sentado na terra, cercado dos companheiros da peça da fuzarca.

MARCO ZERO

— Tô cuma gorfada de gêlo nas costa!

Moscovão não podia com o próprio corpo. Sob o barulho de lata da mochila, esperava ainda, que o acabassem com um tiro bem dado.

— Sobe morro, desce morro, sobe morro... A cara não me dexa...

Levava uma granada na mão.

Amanheceu chovendo de novo. Pagaram uma caneca de café e quatro bolachas. Mas ao anoitecer foi dada a ordem de cessar o descanso e a marcha recomeçou. Um caboclo aparecera trazendo a notícia do inimigo. Enterrados até o joelho, um depois do outro, os soldados atravessaram um sumidouro glacial. Ouviu-se de repente um ronco de avião. Tinham atingido um campo raso. Havia uma capoeira próxima. Correram para lá, e ficaram até noite velha esperando.

— Por perdê o caminho já passemos duas veiz com água prús peito!

Ninguém mais pagava a bóia. A tropa desmuniada reduzira-se a cem homens realizando uma tragédia andarilha. Nunca mais queriam parar. Depois de um

OSWALD DE ANDRADE

sono inquieto fincavam os músculos estragados no lodagal e no frio da retirada.

— Esse barro!

Uma voz no meio da noite cavernosa bradava:

— Cuidado negrada. Inimigo na retaguarda. Avança pra frente!

Era o morfetico que comandava.

— Esse barro não acaba mais!

Os homens pararam.. Aquelas luzes na noite indicavam para os soldados um fim de caminhada. Era uma pausa afinal. Uma cidade inesperadamente anunciada no horizonte do mato bravo.

Embrutecidos nas perneiras eternas, sem meias, os pés sangrando nos sapatos rasgados, a camisa caqui tornada preta, barbados, com os cabelos descendo pelo pescoço, os homens penetraram pela manhã na vila mal acordada. Moscovão era o último. Mancava fechando a retaguarda.

MARCO ZERO

No largo central onde árvores ramalhavam, em frente à igreja, juntava-se gente. Os sinos tocavam. As botas faziam um ritmo surdo no chão. Êles passaram saídos de um pôço de lama.

No edifício vazio do Grupo Escolar só restava um troféu — a bandeira paulista. Os homens despidos lavavam inutilmente as camisas encardidas. Enxugavam-se nús ao sol, estendiam as fardas rotas. Restos de outros batalhões, acampavam também.

— O barbado está prêso...

— Porque?

— Prenderam êle no cabelereiro. Era leproso. Foi fazê a barba. Um capitão que sabia segurô o bicho.

O moço voluntário teve um vômito seco.

— Que foi?

— Nossa Senhora! Quanto feijão eu não comí cozinhado por êle!

— Você bebeu cachaça no mesmo cantil! Era um pneumático de automóvel que êle carregava cheio de pinga!

Anastácia Pupper entregara-se inerte ás ânsias do antigo feitor da Formosa, na própria cama da irmã, fazia mais de um lustro, quando ainda era mocetona. O cunhado jurara matá-la e enchia-a de presentes e dinheiro. Comprara então para ela uma casa a prestação. O filho crescera no colégio.

— O Babá vem aí nas férias!

— Que que tem? Fica tudo em família. Minha muió não presta.

Tímida, morena, esguelhada e magra, só ela, Lucinda não sabia. As duas filhas do casal, Linda e Sarita, haviam percebido sempre. Quem se oporia à vontade cangaceira de Idílio Moscovão? Uma noite em que seus passos bêbados procuravam a amante pelo sobrado, ela lhe gritara com a voz de castanholas, estridente, erguendo os braços: — Cachorro, ordinário, eu te dou uma bofetada! Dominára-o daí por diante.

Sarita quando soube que o pai estava leproso desabou no soalho como uma boneca. Foi um corre-corre. Voltou lentamente, muito pálida, os grandes cabelos loiros em flocos.

— E' preciso avisar a Higiene...

Anastácia inesperadamente grudara-se a Lucinda soluçando. Tirara o pince-nez molhado do nariz em bico. Sarita prosseguiu com a voz débil:

MARCO ZERO

- Tem que ser transportado para o Santo Ângelo.
- Coitado!
- Coitada de você mamãe!

Ele permanecia no porão em frente à mulher que chorava baixo no avental. O seu amor por Anastácia crescia espantosamente.

— Como é que você foi panhá isso?

— Estô num estado miseraver. Eu queria ficá na guerra. Faiz muito tempo que eu desconfiava.

Depois de um silêncio exclamou:

— Deus não quis! Foi aquele negro fio da puta da Farmácia de Jurema que me denunciô!

Tinha a voz desconhecida e grossa como avariada, o rosto inflamado nas falhas da barba. Ergueu a calça da farda suja que ainda trazia. Mostrou o furúnculo duro que não se resolvia ao longo das pernas.

— Ocê qué vê aquí?

Abriu a camisa. Uma sarna grossa roía o tronco musculoso.

— Ocê vai me visitá no asilo? Se ocê não fô ninguém vai... A Anastácia não vae...

O fogo crepitava no fogão negro da cozinha. Lucinda escaldou uma xícara e tirou um café requentado do fundo de um bule verde. Idílio tomou sem sentir o gole quente, numa caneca de alumínio velha.

OSWALD DE ANDRADE

— Se pudesse, eu ia pidí esmola prêsse mundo!

Na rua Direita, um moço elegante dizia para um grupo:

— Eu pirei e fiz muito bem. Fui só para gozar uma trincheira. Queria ver o que era a guerra. Mas achei muito páu dormir ao relento, comer fora de horas. Depois ninguém me mostrava o inimigo. Vim na boléia de um caminhão. Tomei o trem. Vejam que faro eu tive!

O bar do Automóvel Clube parecia um velório. A madeira negra das mesas redondas e do balcão enorme acentuava-se naquela luz mortuária que descia das lâmpadas elétricas para bater no zinco lívido e nos cristais. Ao canto, o tenente Magnólia que descrevera durante semanas a avançada dos paulistas em Bianor, a resistência em Queimada, a vitória em Burí, a luta em Amparo e por fim as ferozes estrepolias do trem blindado, estava murcho, os braços cruzados sôbre a farda elegante. Rodeavam-no caras tristes, caras indiferentes, caras sombrias.

MARCO ZERO

— Foi uma pena terem nos retirado daquele setor paradizíaco, onde a guerra não havia chegado. Lá é que se via o espírito cívico!

A outra mesa, um homem quarentão cismava diante de um uísque. Duas rugas coroavam o olhar negro e insolente. Um oficial vistoso penetrara no bar. Ache-gou-se:

— Estamos perdidos, Fontes.

— Você teve confirmação?

— É o fim. Entraram por Campinas.

O capitão Rego Diniz afastou-se. Foi ter à mesa de Magnólia.

Num instante desenrolou-se na cabeça do engenheiro Máximo Fontes, que comandara os transportes de guerra, o panorama inteiro da campanha paulista. A derrota fôra obra dos chefes militares e dos chefes políticos. Ficava daquela experiência a certeza da eleição da gente do planalto. Os paulistas tinham sido os mesmos de quatrocentos anos atrás. Os seus gestos desabridos eram impolutos e iguais. Que importava a derrota, se São Paulo continuava seguindo a indicação da sua geografia, setecentos metros acima do Brasil? O oficial voltou-se Perguntou ao homem cismarento:

— Se você tiver que depor, que é que vai dizer?

— Farei tudo para ser fuzilado.

— Eu também! Garçon, uísque!

— O Joanito foi comigo. Partiu alegre, tão forte. Ficou lá em pedaços. Morreu a facão.

— Onde está meu filho?

— Você viu o Chico Oliveira? Ficou no chão com o globo ocular virado para fora.

— E o Bernardino? Chegou de maca!

As gares enchiam-se desde cedo, de mães ansiosas, de pais aflitos, de noivas e irmãs. Os trens chegavam irregulares, abarrotados. Uma gente humilhada e ríspida desembarcava.

— Não tínhamos munição.

— Não tínhamos armas...

E a justificativa escoava por tôda a parte: — São Paulo foi traído! De casa em casa, de rua em rua, os mesmos diálogos sucediam-se: — Imagine! Você não ouviu? E os jornais? Era tudo mentira! São Paulo não podia ter perdido! — Como? Mas essa gente tem ou não tem responsabilidade? Mentir assim!

Com a roupa rasgada, costuras abertas, a barba crescida, soldados enegrecidos de sujeira, descalços, saíam das refregas. Vinham exhaustos, aéreos, sem perceber a extensão do desastre.

MARCO ZERO

— O Luiz? Foi uma granada. Espatifou a mão.

Um abalo sacudia a coletividade paulista que até a véspera fôra mantida na tensão da vitória. Um mundo de gente nervosa, assustada, correndo de casa em casa. As vezes um batalhão completo desembarcava com comando e com ordem. Os soldados do interior perdiam-se pelas ruas desconhecidas da capital, procurando abrigo, comida e banho. Os primeiros oficiais da Ditadura atingiam a cidadela vencida, altivos e distantes. E a soldadesca inimiga ocupou com armas e cavalos os quartéis vazios. Promoviam-se desordens nas ruas cheias. Nas salas de comando e de govêrno ditavam-se ofícios e preparava-se o exílio dos responsáveis pelo movimento. Presos abarrotavam os presídios e as delegacias transformadas. Mas às vezes a uma esquina agitada de rua a mulher paulista juntava-se hiante e resoluta.

— Viva São Paulo!

Os soldados deixavam o pátio agitado da estação do Norte.

— Eu acho impossível. São Paulo tinha tudo: fôrça, dinheiro e razão!

— Qual o que, rapaz! Gaucho é forte, come carne! exclamou o mulato Piratininga.

— A Fôrça é que traiu! disse um terceiro.

— Não diga besteira. Eu é que sei o caso direito, fez Lírío. Como é que ela podia aguentar sozinha? Injustiça! Os políticos iam buscar os filhos nas trincheiras. Estavam todos com sinusite, precisavam operar! Não houve é comando! Nem armas! Enquanto ficaram discutindo aqui, o João Alberto ocupou a serra!

O farmacêutico despira o avental de enfermeiro e tomara de novo a farda que lhe restava da revolução. Despediu-se. Estava barbeado e limpo. Mas era apenas um soldado, um soldado negro de uma causa perdida. Antigamente, na terra brasileira, em tempo de calamidade, o negro se impunha, fundava uma autoridade mágica. Só lhe restava agora a origem feudal, a origem bastarda. Fôra sempre um moleque de criação dos brancos. Um tumulto o envolveu na escada. Empurravam um velho que protestava com a boca desdentada. Um soldado gritou:

— Não desacata não!

— Eh! Eh! Estou vendo. Não posso ver?

— Seu animal. E' para o seu bem!

— Só soldado pode ficar aquí.

Um grupo de grilos possantes mantinha a ordem, evacuando gente das plataformas.

— Com licença... Arreda!

O velho Jácopo Frelín foi levado à fôrça para o Largo. Lírío que se encontrava perto dêle indagou se tinha se machucado.

— Não. Tomei um cafézinho, um mata-bicho e estava vendo... Natural... Todo mundo quer ver o

MARCO ZERO

fim. Esses vagabundo de grilo veste uma farda e pensa quí é gente! Eu sou um popular curioso. Além disso eu sou sobrinho de um general, general médico!

Ante o menor incidente doméstico, a campainha do jardim, uma barata na noite quente ou um prato que se espatifasse no ladrilho da cozinha, as “três meninas” se juntavam, se agarravam nervosas e inquietas, como se as ameaçasse uma catástrofe vinda daquele poderoso e desconhecido mundo exterior, onde havia mulher atôa e taxi de praça. Na casa antiga da Rua Vitória, entre baixelas, os móveis escuros e as janelas fechadas, só se ouviam de quando em quando sôbre os tapetes os passos sutís e perfumados de um sacerdote. Dois medos as preocupavam: cogumelo na comida e gatuno debaixo da cama. Incêndio também. A Belinha que era a do meio, passava a noite escutando.

— Não pude dormir. Imagine se pega fogo na casa!

A mais velha era para a menor uma menina de dez anos tomando conta de uma de dois.

— Você já bebeu o seu leitinho, Maroca? Vamos deitar! Você se constipa!

O maior desaforo que conheciam, a expressão máxima da contrariedade disseram juntas quando a cozinheira veio contar que São Paulo tinha perdido a guerra.

— Que massada!

A menor que sofria da barriga, exclamou:

— Eu vou ao banheiro.

— Coitado do general! Acho que êle morre de desgosto! comentou a mais velha.

De repente, ouviram um barulhó. Parecia ser no jardim. Foram espiar juntas pela persiana.

— E' gente!

— Eu acho que é gatuno!

— Estou ouvindo a respiração.

O mulato fardado que não encontrava a campainha, bateu grossas palmas.

Estavam vivas porque eram tementes a Deus e precavidas. Com 79 e 73 anos as duas primeiras. A última completara 68 janeiros. Eram solteiras e virgens. — Graças a N. S. da Aparecida! Recomendavam à criada: — Por causa dos micróbios, você lava a louça duas vezes, uma na água quente! A mais velha sofria de varises. A segunda tinha reumatismo. As criadas não paravam na casa com o asseio exagerado. A negra da cozinha contava que as três punham joelheira para rezar em frente do oratório: — Só farta espora! Levavam das 6 às 9 se vestindo para sair. Punham cinta de borraça de todo lado, menos a Belinha que era uma tábua. Contavam o grande acontecimento de sua vida:

MARCO ZERO

— Nós fomos outro dia ao teatro.

— Um benefício.

— A favor da Santa Casa.

— A peça estava muito bem representada!

— Felizmente de noite não tem cachorro louco na rua...

De repente, a Tudinha virou-se para Lírío que comia baba de moça.

— Adulador! você não veio aquí quando foi para a guerra.

— Quebrou o carro onde eu estava. Tive que embarcar o batalhão às pressas.

Procurou o guardanapo, limpon os beiços largos. Fêz grandes abanos para falar dos tempos bicudos, da guerra vencida, da situação penosa de Jurema. Aceitou mais baba de moça.

— Sou rico de honestidade.

— Nós já criamos você. Deus nos deu essa sina e êsse encargo. Cumprimos nossa missão na terra.

De repente as três perguntaram juntas:

— Você se casou no religioso?

— Casei.

A mais velha afirmou:

— O casamento civil é uma mancebia.

Lírío não pôde esconder o embaraço quando lhe falaram da espôsa. Acabou contando que o sogro brigara com êle.

— Por causa da Farmácia:

— E ela?

— Ficou do lado do pai.

As três exclamaram:

— Não há nada mais bonito que a harmonia de um lar!

A mais velha contou:

— A lavadeira também brigou com o marido. Mas ela é pior que êle.

Belinha perguntou a Lírio:

— Você conhece o marido dela?

Tudinha interrompeu dizendo:

— Foi aqui em frente à nossa porta.

Depois contaram que as apólices não valiam mais nada e foram para o quarto. De lá Lírio ouvia: — Tí, tí tí, tí, ... Seria possível que nem uma nota de vinte, oferecessem a um soldado de São Paulo sem vitória, sem saída e sem futuro? Nas apólices nem pensava mais. Iam deixar tudo para a Santa Casa. Só gostavam de aleijado!

— Deus lhe dê boa sorte!

— Abra uma farmacia aqui!

— Você tem a saúde que é a melhor fortuna, Lírio!

A noite agitava-se na ocupação militar. Tôda sua infância estapeada de órfão do Coração de Jesús surgiu no presente. Um bando de chacais o devorava. O soluço grosso tomou conta do peito do negro. Um homem que passava, parou olhando.

MARCO ZERO

A casa suntuosa do Jardim América enlutou como se tivesse morrido gente. Ante uma imagem, Maria da Graça de joelhos, os cabelos loiros sôbre as espaldas orava fervorosamente. Abriram a porta. Era Ubaldo.

Estava num traje de esporte.

— Uma mala depressa! Que dê mamãe?

— Saíu, foi à casa de Tio Totó. Você não sofreu nada?

— Corre, me dá uma mala, estão pegando paulista! A criadagem atarantou-se. Trouxeram tudo.

— Até logo, dá um beijo em mamãe. Vou para a fazenda. De lá escrevo.

O chofer fez a curva da aléa ajardinada.

Robério Spin não acendera a luz do pequeno quarto que dava para a estrada de rodagem. Sentado no enxergão miserável, os grandes óculos animando a altura esquelética, em pijama, esperava que o viessem prender. Realizara enfim alguma coisa de inesperado e sensacional em sua vida. Era um rebelde que fugia. Transformara-se num personagem de filme. Jim Bulldog. Um herói que talvez ficasse mais na imaginação histórica do

futuro do que o sêco rábula do planalto. Aquela corrida ilegal do defensor do Direito, do elaborador de leis, trazia-lhe uma inédita sensação. Era um gesto catártico em que tôdas as suas energias encolhidas haviam despertado de um grande sono. Que importava ser colhido nas malhas da Ditadura? Ser prêso! Teve um movimento enérgico dos ômbros magros. Fumava um cigarro sôbre outro. Não eram os havanos dos palácios e das Secretarias de Estado. Nem mesmo os cigarros distintos que mandava preparar. Era um maço que lhe oferecera o chofer. O seu sistema nervoso comprometera-se. Era um velho que já não dominava os próprios movimentos trêmulos.

Um ruído de automóvel na estrada o perturbou. Atirou-se na direção da janela apagada. Ficou olhando estático e gelado as luzes que subiam na direção da chácara. Viriam fuzilá-lo. O auto mudou a marcha para a segunda, passou rente da cêrca, perdeu-se para além do portão. Mas parou. Voltava procurando. Um homem desceu, bateu palmas. Ele estava preso. Ia se entregar á Ditadura. Perguntou quem era. O japonês Kana parava no portão. Trazia-lhe um recado avisando-o de que o avô estava à morte.

A chacara amanhecia no azul.

MARCO ZERO

Esperavam o carro anunciado a cada barulho de motor. Um moço ergueu molemente os braços no pequeno jardim que circundava a casa. Era Carlucio Spin, irmão de Robério, segregado por ele junto ao velho como enfermeiro. Consequira na vespera comunicar-se com o japonês. Penetrou pelas salas desertas com grandes oleografias de santos enquadradas nas paredes e foi encontrar na antiga cadeira de vime, a figura balôfa do velho colono da Formosa. Estava inchado, enorme na barba branca, irregular e mal feita. Parecia um balão deformado. A sua cegueira procurava através dos óculos inúteis. Deu a mão trêmula ao neto sem saber a quem dava. Dizia entrecortadamente:

— O Berito!... Quando vai chegar o Berito?

— Vem já, babo...

Aonde o levaria o chofer de confiança de Alberto de Melo que puzera à sua disposição a Packard? Confiava em Kana. Fôra seu empregado antes de servir o Conde.

Era noite ainda. Do céu quente descia uma luz de estrêlas malsãs. Apenas numa ponte um soldado de fuzil tinha detido o carro. Rápida verificação no interior. Nem cigarros elle tinha mais... Apenas o revólver esguio fazia um bolo desacostumado no bolso trazeiro da calça. O soldado deixara passar o veículo fino.

Ele largara ao arbítrio do japonês a direção da fuga. O ciclo vitorioso de sua vida encerrara-se. Agora o martirológio político completar-lhe-ia a figura. Teve outra vez um movimento nervoso de ombros. O carro desliza num comêço de estrada asfaltada. Não teria sido o seu fim muito mais inglório, se o seu avô tivesse permanecido na Formosa? Passaram um vilarejo que acordava na madrugada. Aquele caminho parecia lembrar-lhe qualquer coisa. Os faróis do automóvel empalideciam na manhã começada. O chofer apagou-os. E o carro foi entrando por um desvio selvagem na direção de uma chácara que se estendia entre culturas numa baixada. O foragido fêz estacar.

— Você está louco? Você está me levando para a casa de meu avô?

A guarda tinha sido reforçada no Pátio do Colégio, onde metralhadoras descansavam.

A Secretaria da Justiça estava movimentada de oficiais e soldados. A um canto um grupo de senhoras de pé em silêncio. As vezes enxugavam os olhos.

Os exilados políticos iam partir para o destêrro desconhecido.

— Viva São Paulo!

O grito levantou-se, ecoou.

Êles desciam as escadas, quietos e dignos.

MARCO ZERO

Um tenente da Ditadura avançou de pistola em punho para as paulistas.

— Não quero galinhagem aquí!

O silêncio se impoz.

— A ver! A ver!

Uma francesa pequena e perfumosa, com um ar de cozinheira em domingo, pôs para cima o nariz arrebitado. Felicidade Branca reconheceu a rival. O Conde Alberto de Melo passava na sua pequena estatura. Passava Robério Spin. Passava Círo de S. Cristovam com a cabeça alva, Pádua Lopes, Marialva Guimarães e Máximo Fontes. Os automoveis, os faróis apagados, esperavam com guardas e secretas nos fundos do edifício.

Leonardo Mesa e Pancrácio Fortes haviam saído juntos do Gabinete de Investigações.

— Que panorama!

— Eu já comí cadeia no Paraná. E' pior!

Nos primeiros contactos com os subterrâneos das prisões paulistas, o militante sentira um destino. Tinham-no jogado com dez homens num porão escuro, donde distilavam fêzes pelo teto. A privada entupida e aberta. Um caldo ralo de feijão para comer. Soldados sádicos derrubavam com sôcos os presos inermes nos pátios. E ante aquele bando desconexo, alguns comunistas, vários partidários da Ditadura, outros

vagabundos, ou inocentes da cidade, a sua ligação se estabelecera profunda com a causa por que estava ali. As suas convicções enraizaram-se. Era preciso modificar o mundo... Em passos assustados, os dois homens dobraram uma travessa da rua Santa Efigênia.

— Porque nos soltaram?

— Sei lá!... Dizem que foi um oficial do exército. A revolução acabou. São Paulo perdeu.

— Tudo isso já se passou na Rússia dos czares, na Alemanha do Hohenzolern, disse Pancrácio.

Seus passos apressavam-se. Um receio vago os tomava de que viessem atrás, para de novo jogá-los num fundo de cadeia.

Leonardo deixou o outro num bonde do Jabaquara. Tomou a direção do Braz, atingiu cautelosamente um enderêço conhecido.

Para evitar suspeitas, a casa estava inteiramente aberta. Na primeira sala cozinhavam. Era um casal de judeus. Lá dentro no quarto dos fundos, dois companheiros discutiam sentados a uma cama de ferro. Em frente a êle estava num capote um oficial da Fôrça Pública. O camarada Rioja relatou o seu mês de prisão que sofrera. Fôra detido na Penha, quando preparava com uma companheira, manifestos destinados às trincheiras paulistas.

— Soltaram a gente por pura demagogia!

Êle estava ansioso mas não dizia nada. Não sabia o que se passara com Maria Parede. Perguntou por ela.

MARCO ZERO

— Foi prêsa quando colocava uma bandeira vermelha nos fios da Light.

O militar falou com a voz pausada. Era o tenente Odilon, do Antimil.

— Esse canalhinha com uns outro grão-finos, uns porquera que nunca tomaram parte em combate, todos lustrosos nas bota, de capote novo, queriam que nós da Fôrça continuasse a sofrer. Queria retirá para S. Paulo e continuá a guerra no Estado que nem a Coluna...

— Que nem a Coluna Prestes? berrou um magro avelhantado. Eles não sabem o que foi a Coluna e o martírio da Coluna.

— Escorei os tar. Ouví calado. Mas recusei. Meus home não ia sê mais trôxa dos fazendêro paulista. Basta os que morrero! Ele quis estrilá mas viu o chumaço que a pistola fazia na minha cintura. Ordenei que meus home passasse primeiro e desarmeí o batalhão.

— Quem foi que ajudou o Getúlio?

— A América. E' o comércio tomador de café de Nova York.

— Somos escravos.

— Mas uma coisa marca esta fase, o Partido Comunista trabalha pela liberdade.

O velhote exclamou:

— Eles não sabem o que foi a Coluna! Pegar uma estação de chuva em Mato-Grosso! Carrapato, berne e cangica! Combater com rifle de matar anta! Sem comida, sem dia seguinte, sem nada! Eu fiquei cego!

Os galos pareciam cantar debaixo da terra. O velho pôs-se a escutar imóvel no leito largo do casal. Entre os silêncios da noite, ouviu um apito obscuro de trem em manobra, um bonde que recolhia. Depois, pôde apreender batidas apagadas num relógio de igreja. Três horas. Êle mesmo impunha-se aquela flagelação de ficar sem movimentos horas a fio, como se a morte já tivesse tomado conta de suas carnes geladas. Antigamente era o alvorôço da partida para a caçada nas madrugadas das fazendas. Veadeiros, trompas e homens a cavalo. Um pernilongo cantou. Sabia que não dormiria os seus scnos reparadores de outros tempos. Era um velho. São Paulo tinha sido esmagado pela Ditadura. Que seria dêle? Que seria da velha que arfava fracamente nos lençóis a seu lado? Acabariam pedindo esmola pelas ruas. Tinha-se completado a ruína do cafeista. Completava-se a obra dos usurários que o haviam vencido. Envenenado de saudades, no estridor das busina, passariam aturdidos nas ruas os seus 70 anos de cultivador da terra do planalto. O café era êle. Um produto do latifúndio, uma cultura de largas terras. O café tinha que ser arrancado do solo como êle. Exigia como êle os grandes terreiros, o benefício e a independência. O mundo enlouquecido delapidara-o de tudo. Restava-lhe aquele caco de companheira. No fundo de sua lembrança

MARCO ZERO

ça, uma concertina tocou. Era a sanfona do italiano que ele assassinára na mata. A gaita do moço troleiro voltou na noite evocativa. Aqueles rodeios, aqueles fioreados. Bento Formoso virou-se para não ver a mulher.

Na madrugada indecisa, um homem atravessou cautelosamente a cozinha da casa, passou os corredores, parou escutando diante da escada que ligava o hall térreo à sala de costura do andar superior. Chegara ao quarto que dava sôbre um lado do jardim. Bateu pancadas leves. A casa continuava silente e adormecida. Bateu mais forte. Houve um arrastar de chinelos e a luz suave coloriu um roupão rosa. Com os seios saltando da combinação justa, a moça pôs os dentes alvos e os olhos verdes para fora.

Falavam baixo.

— Pichorrinha...

— Imagine se sua mulher descobre! Meu pae te assassina!

Mesmo vestido, o corpo dele sentia totalmente o corpo da moça enlaçada. De repente, Pichorra desprenheu-se, sibilou como uma cobra:

— Pancrácio! Não! Você foi contra S. Paulo! Saia daqui! Saia! Eu grito!

O silencio voltou à casa apagada.

— Não quero mais tutú de feijão, quero vitória-régia!

Estavam ambos no quarto de dormir dos velhos, no sobrado dos Formoso. O oratório espiava na sombra. O Major tinha os olhos vermelhos.

— Mas meu filho. Você disse outro dia que essa moça era uma prostituta. Como é que agora você quer se casar com ela?

— Você, prefere que Jango se case, minha mãe?

Os olhos cansados do homem grisalho tomaram-se de vida.

— Jango é moço. Tem tôda a existência diante dêle... Eu... Se ela fôr uma prostituta, eu salvo Jango. E a salvo... Faço dela uma senhora!

— Meu filho, não! Você já foi tão desgraçado no primeiro casamento! Não tem pena de seu filhinho louco?

— Mãe. E' um problema essencial para a minha vida. Um problema que você não entende... Tôda a minha reeducação para a vida depende de Eufrasia.

Umbelina teve um assômo de energia.

— Você viveu sempre na lei dos sem lei... Essa moça não pode entrar na nossa família...

O Major sentara-se a um banquinho côr-de-rosa estofado.

MARCO ZERO

— Nossa família... Os médicos sabem que nós somos os Atreides de Jurema...

As vozes chegavam soturnamente de cima. Jango em civil esperava no salão sem saber quem conversava com a avó no quarto. Estranhava aquele sussurro contínuo. Talvez tratassem do transporte de Quindin para o Sanatório Pinel. Olhou-se no espelho do porta-chapeus. O cabelo, cortado rente, deixava ver a cicatriz da bala. Sentia-se sem vontade de subir.

As vozes haviam cessado. Felicidade Branca ficaria com Umbelina. Eram já oito e meia da manhã. Ela prometera vir cedo. Do quarto do fundo, onde o doente permanecia velado pela Afonsina, um grito invadiu o sobrado silencioso. O rapaz achou-se no corredor. Chamavam-no.

— Jango!

Êle voltou-se. Não havia percebido o pai na sala de jantar. Com um gesto de compunção para o quarto de Quindin, o Major fê-lo sentar-se no sofá colonial.

— Jango. Eu quero explicar a você... Vou ser franco... Eu vivia no limiar do instinto... Hoje minha vida depende de uma mulher... Eu vou me casar com ela. Ela consentiu. No dia seguinte, talvez seja o retratamento, o ciume... a corneação... ela não tem raízes mas eu a aceito... Você vai deixá-la!

O bafo de pinga precisou-se. Cresceu na voz que parecia sair da infância. — Perfile-se menino! Uma revolta inteiriçou-se nos pulsos, na cabeça do moço. Os

dedos enclavinhados na camisa do Major não podiam mais se abrir.

— Me atire com o mosquetão. Eu te abenço. Mas eu amo Eufrasia...

Um choro descera pela escada. — Afonsina! Acuda! Eles estão se matando! A fazendeira entrou lívida, machucada de lágrimas, no penhoár desalinhado sobre a camisola de dormir. Afonsina atrás correu gorda, com um lenço amarrado no pescoço:

— Que é isso? Carma! Não vê que o Coroné já tá que nem pau de galinhêro?

O rapaz fitava o Major que se levantara frouxo nas pernas. Umbelina colocou-se entre os dois:

— Jango! Ele é seu pae. Pelo amor de Deus!

— Eu não sei nada. Não vi... chorava Afonsina na cozinha.

— Eu te passo fogo se você não me disser a verdade.

— Ouvi falá... negocio da professora...

— Ela esteve na serra?

— Assim me disseram...

Jango voltou para a sala de jantar. Estava sentado em frente a Felicidade Branca que chegara. A

Jeremias Moncorvino surgiu na sala limpa e arranjada sobraçando enormes embrulhos. A Zefa perguntou:

— Que é isso? Uai!

Era o Livro Vermelho dos Telefones, folhinhas velhas e almanaques de farmácia.

— E' boas-festa.

— Non é fim de ano.

Êle acordara às quatro horas. Como não podia dormir mais, desceu de bonde para a Estação da Luz. Comprou um bilhete da cobra e revendeu a um passageiro apressado. Viera bebendo pelos botecos até Sant'Ana. Aí tinham-lhe dado num armazem aqueles presentes.

— Vô mandá um postar pro conde Matarazzo, êle cai com cinquentão... Não perde nada. Aumenta cinco réis na farinha...

A manhã ia luminosa e leve. Eufrasia sentia-se pior. A hemorragia não cessara. Olhou o pequeno crucifixo da parede e uma oleografia de São Pedro emquadrada sobre o seu leito. Bem dissera a parteira que era muito tarde e não podia se responsabilizar... Jogada no travesseiro, tinha uma côr de limão amarelo e sentia as orelhas despegadas do craneo. Talvez morresse sem rever Jango. Todo o asco do mundo era pouco...

MARCO ZERO

Jeremias no outro quarto, começou:

— Cadê o cabeça-chata? Tá contente de S. Paulo perdê a guerra?

— Ele que paga o aluguer. Pelo menos trabaia, não é como ocê...

— Se ocê me chamá de parasito eu vô no delegado e digo que ocê é cafetina...

Um canto elevou-se da cozinha.

— Quem-foi-que-inventou-o-Brasil?

Era a Lindáurea que costurava.

— As criança não póde ficá morando co'essas cadela!

Riu exagerado pelos dentes sujos.

— Êsses fio nem meu são!

A Zefa fixou-o indignada, os olhos escancarados, redondos.

— Então ocê é corno! Enfia a viola no saco seu atôa, bota o chapéu na cabeça e vá pro ôio da rua! Dêxa vim o padre que eu te mostro! A Eufrásia tá doente!

O velho olhou irônico.

— Ela agora é grão fina, não trabáia mais. É da suciadade!

Vinha um batido de roupa do tanque do quintal.

Quindin dera entrada no sanatório. Felicidade Branca fôra com êle. Não avisara o Coronel Bento Formoso. Ao menos êle não deixaria a paz da fazenda, para ser golpeado d'aquelle geito.

No seu quarto quase sem móveis Umbelina rezava ante o oratório familiar. O céu cristão do Brasil abria-se em setim azul. Ao fundo, sôbre um pequeno pedestal de madeira, havia uma Custódia de prata antiga. Era o sinal do mistério, o ponto de partida para o infinito que refulgia na sombra. Dêle emanava a certeza de que aquele anedotário de imagens miríficas de todos os aspectos e de todos os tamanhos, participava de um mundo sobrenatural e recondito. Essas mesmas imagens — um Cristo cacheado, os olhos em sangue da flagelação, prontinho para a cruz, um S. José descomunal com um lírio ao ombro como se partisse para uma batalha de flôres, a Nossa Senhora acrobática na sua vitória sôbre o mundo enlaçado de demônios — elas não teriam ação se não fôsse a presença vivificadora da Custódia e o seu comando místico. Tôdas as impurezas desmaiavam perante aquelle símbolo material do incognoscível. Ante ela, Umbelina conversava com Deus como Moisés no Sinai e desgastava as suas aflições diárias. Pedir graças e convencer o outro lado da terra de que o Coronel Bento Formoso precisava de reforma para as suas letras, sem o que as fazendas seriam executadas com a derrota de S. Paulo. Para o sacro objeto, seus murmúrios brotavam como rosas de desespero.

MARCO ZERO

— Salvai Jango e o meu filho que vai cair no abismo. Fazei com que êles abandonem aquela furrucana!

Diante da resumida capela que os resplendores das imagens inflamavam e a chama da lâmparina de azeite engrandecia na noite do quarto grande e silencioso, a velha desenvolvia a trama das súplicas. Às vêzes de pé, os braços entreabertos como ante um assalto de gangsters, o seu corpo agigantado pendia implorando a intervenção de Nossa Senhora, ao fundo, à direita. A luz do morrão deixava na penumbra seu rosto agoniado onde fulgiam os olhos da mocidade longínqua. Que Deus unisse a família desgraçada que tinha agora um menino louco, enlouquecido na trincheira paulista.

Um vômito histérico inundado de bilis ensopou o travesseiro e o lenço de seda rendado que Umbelina tinha nas mãos.

— O Bentinho tem que entregar esta casa para os credores. Êle sempre foi um moleirão. Somos obrigados todos a voltar para Formosa. Êles se atiram!... A culpa é do Bentinho. Se ao menos tivéssemos tomado o partido do Getúlio! Êsse velho é um criminoso... Vida filha da puta!

— Credo em cruz! Num diga isso sinhã, fêz a Duviges que entrara trazendo um copo de água de melissa. Mecê num sabe que Deus castiga?

A latifundiária caíu em soluços como uma coisa sôbre a cama larga donde rosários negros pendiam. Cristo flagelado sob a coroa, no alto da coluna de gesso, conservava uma paciência de santo que não compreende. Umbelina fixou os olhos inundados na Custódia de prata antiga que cintilava. A luz da lamparina de azeite extinguia-se na noite do quarto. A criada saíu.

Todo mundo já batia palmas antes de começar.

Não havendo lugar na platéia do cinema Pedro II, Xavier procurou uma frisa. Sentou-se ao lado de gente desconhecida. Era um casal. O marido pusera-se a rir do filme heróico. Depois enervara-se. Insultou a fita, e o cinema modesto. Falara baixo mas como se fôsse para êle ouvir: — Que bobagem! Vamos embora!

Aquele brutamonte não sentia o benefício emocional dos Oestes. No cinema o público anônimo ia desfogar o que longamente sofria lá fora.

O teatro popular e urbano, tinha para a coletividade espectante, um sentido catártico. A vida podia ser injusta em casa, mutiladora e prêsas nos cenários do trabalho, mas no Pedro II a fita saía dos limites da visão para resolver as mais ocultas reivindicações do indiví-

MARCO ZERO

duo. Tôda aquela gente, adultos e crianças, sentava-se conduzida pelos programas sensacionais, onde mocinho e vilão se defrontavam como na vida. E o vilão caía sempre vencido. No espírito dos fracassados restava a esperança de que o mundo se transformasse daquele jeito. A tela processava o castigo final dos brutos, dos tiranos e dos bandidos. O cow-boy era uma transfiguração do Anjo esmagando Satan.

Bobagem! São Paulo perdera a guerra. Bobagem pensar que o mocinho venceria sempre... Naquela tarde da friza vacilara pela primeira vez no mundo a imagem invulnerável do mocinho. No cérebro de Xavier queimara-se de repente o celuloide encantado de Tom-Mix. O vaqueiro heróico que vingava os sofredores não mais substituiria nos refolhos do coração, os símbolos primitivos e vingadores das religiões e das morais. Do alto do seu cavalo o mocinho não mais criaria os horizontes necessários à certeza de que o mundo era perfeito e a justiça intangível.

— Seu Xavier conte aquela fita!

— Pensavam que era um navegante, mas era um pirata! Imagine o que aconteceu prá noiva do capitão. Veja se êle tinha razão!

Todo o mundo ria e aprovava. Êle não mais contaria as fitas nos aniversários granfinos dos Junquilha onde era admitido na intimidade das flôres, dos vinhos e dos cristais. Agora uma iñterrogação o afligia ao penetrar no escuro da sala repleta onde aprendera a beber o quotidiano justicador e bravio. Estava envenenado o seu lenitivo. A brecha alargava-se.

— Bobagem...

Xavier entrou. Estava escuro. Naquele público de meios homens, de novo um desejo latente de justiça social se precisava. Uma população de malogrados, de adultos físicos paralisados em infância psíquica, realizava-se através do filme, nas façanhas incríveis, nos salvamentos miraculosos da heroína. Os tímidos, os oprimidos, os sem coragem de ação, desembocavam de novo alí seus desejos de vinditas. Mulheres saídas do coldcreme e da pintura de Max-Factor, vestidas e calçadas pelos sub-figurinos de Patou e Lanvin. Homens encanecidos na praça, rapazes do comércio, casais com filhos, tôda aquela gente disparatada, unificava-se na ânsia, na torcida e nas lágrimas do Oeste. Tom-Mix salvava ainda para êles o sentido degradado da vida.

MARCO ZERO

Um riso líquido, nervoso, sacudia a platéia. A torcida crescia, serenava, crescia outra vez. Ao seu lado uma menina agitada deixou ver para fora da saia rodada um coxão de moça.

— O leão! Agora é o leão!

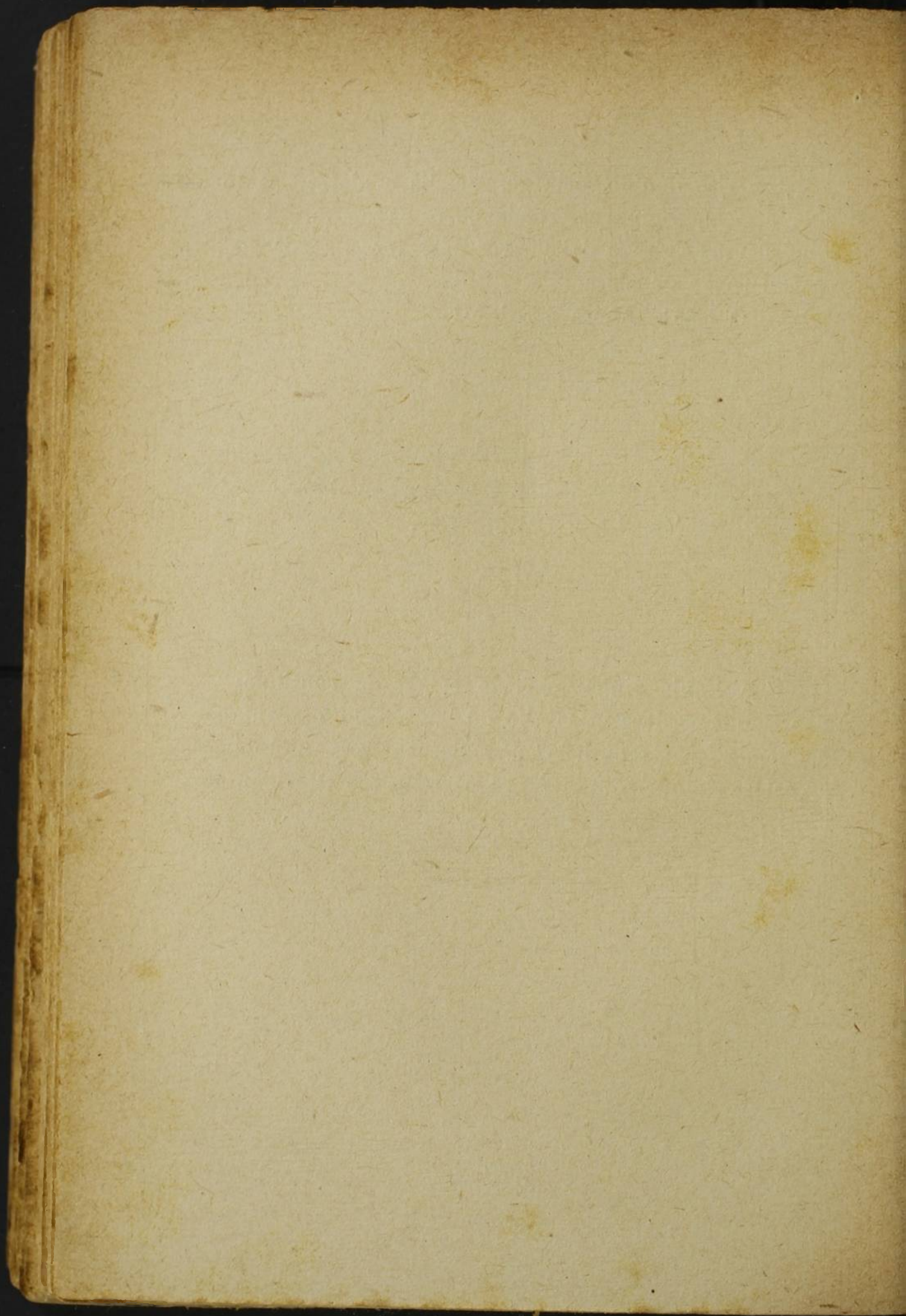
Entre duas garotas um velho sorria sem dentes.

— A moça morreu! Coitada!

— Vai continuar...

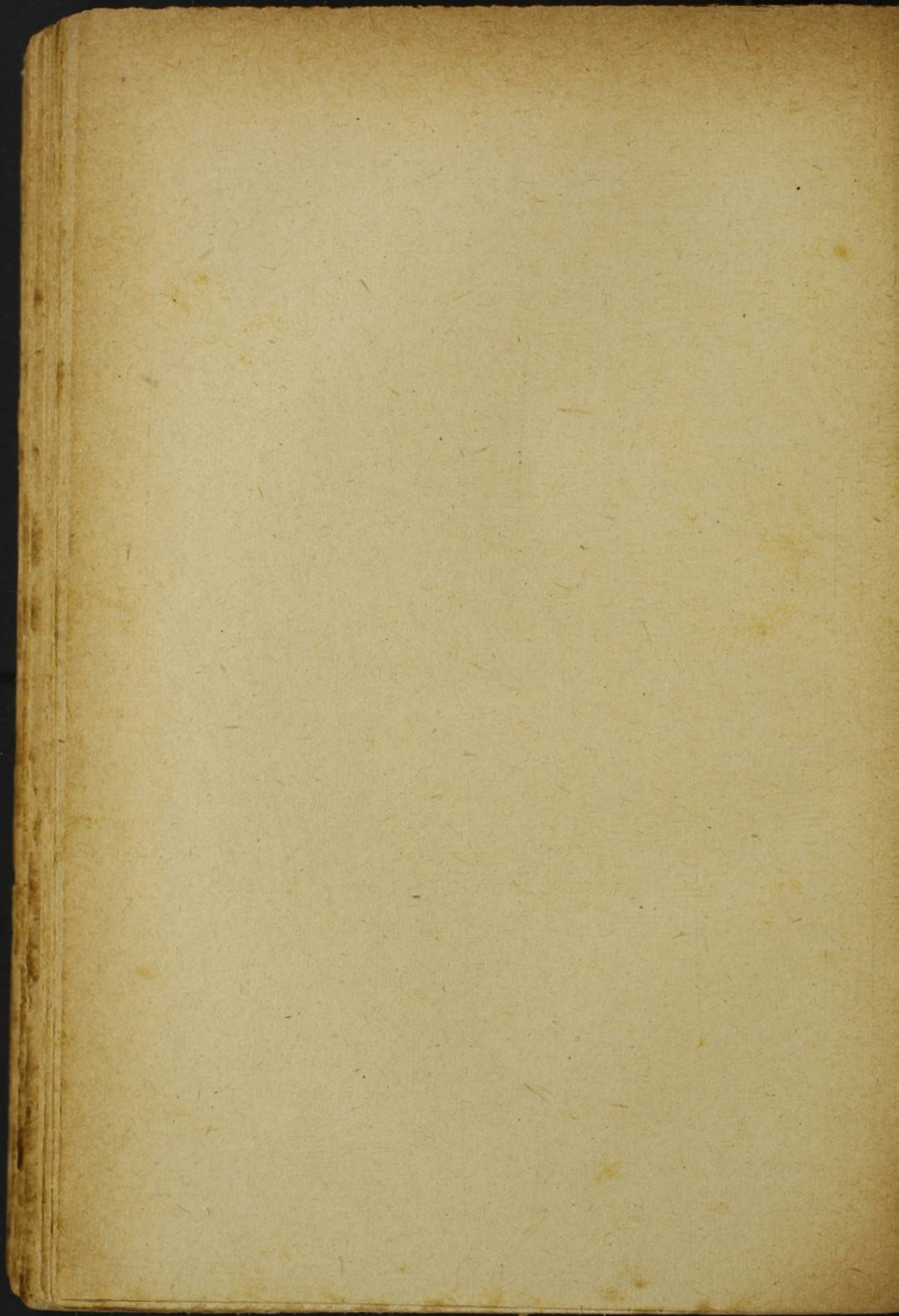
Xavier saíu. Pela primeira vez, não foi diretamente para casa. Atravessou o Anhangabaú deserto e luminoso. Sentou-se a um banco frio.

São Paulo tinha morrido e não ia continuar... São Paulo perdera. Do alto do seu cavalo, o plantador não mais criaria os horizontes dos cafezais, necessários à certeza de que o mundo era perfeito e o Brasil intangível.



CAPÍTULO VII

Pro Brasilia Fiant Eximia



A paisagem fluvial de matos baixos anunciou o arraial. Chegaram até à canoa sons de sinos rachados e a uma curva maior do rio, apareceram lanchas oblongas de grandes rodas e chaminés. Havia motores no estuário e da costa vinha o barulho rouco e igual do oceano largo.

No caminhão noturno os romeiros se apinharam.

— O caixote não guenta, Belarmino!

— Tem gente demais.

— Ninguém num há de í a pé!

Risadas estouravam.

— Ocê devia ficá cós véio!

— Véio é ocê.

— Devia í só os moço.

— Mecê que tá véio. Ninhuma moça num óia mais mecê.

— Piscano, óia sim!

O riso acabou num barulho do motor posto em movimento. O chofer passou o carro para a segunda velocidade.

Na estrada boa apressou-se o balanço daquela gente apinhada. Iam todos cai não cai.

Mendigos e romeiros misturavam-se no mesmo aspecto doente. Revezavam-se nas escadas da igreja hospital. Pediam esmolas ou beijavam o santo na mesma confusão de resignada miséria. Um homem claro de óculos, parou diante do grupo que vestia garrulamente. Perguntou quantos eram.

— Sêmo seis ermandade. Coz morto, dezóito; fôro pro céu. Tudo maridage.

A cabocla que falava, acrescentou:

— É sina.

Os outros confirmavam:

— É sina.

— Só si fô sina...

— Vocês foram ao têrço?

— Nóis não veio pra assistí têrço. Têrço tem lá.

— Vocês sambam?

— Nóis não semo sambero.

— Deus o livre.

— Credo! Cruz credo!

— Nóis num é dessa.

— O que é que vocês vieram fazer?

— Visitá o São Bão Jesús, e festá.

Um caboclo acrescentou:

MARCO ZERO

— Oiá e passeá na rua.

O homem claro prosseguiu:

— Gostam de festa?

A cabocla que chamava Tude, disse:

— Inté num tá peórl!

Informaram:

— Ela casô co primo. Teve dois fio ceguinho.

Concluíram:

— É sina.

— Só si fô sina.

A praça sêca e terrosa estendia-se cercada de barraquinhas onde a gente se apinhava. Na multidão um homem atarracado ergueu a voz, berrou numa língua espanholada e forte:

— Olha o jôgo caipira...

Quem mais bota, mais tira!

Falava imperativo para o ajuntamento que se formara ante a mesa dividida em quadradinhos numerados onde uma roleta mecânica esperava. Fê-la rodar.

— Aquí todos ganha! Marque o jôgo!

Um serraçumano afirmou boquiaberto:

— Agora eu pego o jaburú.

O estropiado queria ver. Torceu o corpo penosamente até se levantar na perna destroçada.

Bestavam no chão poeirento, serragumanos, bêra-corgos e caipiras entre fotógrafos ambulantes, camelôs e ciganos.

Um sujeito comentou:

— O bispo é pió que japoneís. Vende santo, troca óleo e ganha inté no vidro vazio.

Em tórno de um homem que expunha em leque os dentes estragados, a multidão fechava um círculo ansioso.

— Meus senhores, se um dos senhores acorda altas horas da noite com uma formidável dor de dentes e põe no rosto uma nota de conto de réis, nada adianta. Mas se tiver na gaveta do criado-mudo, o Bálsamo Africano, em dois, três minutos fica curado e dorme outra vêz. Vamos fazer uma experiência, meus senhores? Não haverá entre o respeitável público quem esteja com uma formidável dôr de dentes? Que se apresente!

Da turba apinhada, um mulato gordo se destacou. Tinha um ar de saúde, mas franzia a cara.

— Estou com uma dor de dentes danada!

— Pois esfregue isso que cura.

O camelô passou-lhe um tubo côr de rosa.

Comentavam em redor:

— É maromba dêle!

— Gente. Será?

MARCO ZERO

— Fica congelado o dente.

Enquanto esperavam o efeito do remédio, o homem do unguento gritou para o céu:

— Zepelin! Zepelin!

Todos levantaram a cabeça e nada viram senão o azul faiscante. Mas o camelô aproximara-se da caixa, onde uma cobra preta e amarela parecia dormir e anunciou:

— Dona Filomena vai dansar um tango argentino.

A cobra mexeu na caixa. Um mudo que olhava fez grandes sinais para explicar que a cobra não moradia. O mulato, aproximou-se.

— Passou a dor?

— Passou.

O pau d'água foi encontrar o cego que ia na direção da Matriz pela mão de um menino. Insistia em querer ouvir uma toada. O outro negou-se. Não sabia nenhuma.

— Deixa de fazê de besta, cégo. Canta!

A voz do outro mundo falou pelos olhos baços:

— Porque o sinhô me amola? Eu não tô fazendo nada pro senhô.

O bêbado sentenciou:

— Cada esmolero deve tê uma cantiga. Já disse...

Na Buick vermelha que um chofer corado conduzia substituindo Ubaldo no volante, mãe e filha recostavam-se no banco de trás.

— Você já passou o Kana quantas vêzes? indagou Maria da Graça.

Ubaldo ao lado do condutor, deu um muchocho.

— O Kana é um bom chofer lá no Japão. Aquí leva poeira.

— Olhe, êles vêm aí!

— Toca, Minho.

A Buick acelerou a marcha na estrada amarela entre matas. O chofer japonês do Conde Alberto de Melo diminuíu a velocidade da Packard brilhante que conduzia.

Entre Felicidade Branca e Dona Candinha Agripa, ligeiramente escaveirada num vestido preto, sob um chapéu de girl, ia um senhor moreno e gordo, pondo para cima um focinho bestial sob os óculos de vidro sem aro. Ao lado de Kana, o Conde tinha um ar esportivo de excursão. Parecia menor no paletó cintado.

— Este Ubaldo faz questão de transformar numa corrida de automóveis uma romaria piedosa.

Kana sorria.

MARCO ZERO

— Será que seu Ferrol já terá chegado com a promessa? indagou Felicidade Branca.

— Ah! já! Ele veio de naviozinho. Vocês vão ver a promessa de cêra que eu mandei fazer em Roma, uma maravilha!

— É uma perfeição mesmo.

— Representa São Paulo? indagou no meio das senhoras, Totó Agripa que tinha a voz doce e clara.

— Representa São Paulo com a cabeça decepada. É um símbolo. Há de ficar na sala de milagres do Bom Jesus de Jurema, para lembrar às gerações vindouras que São Paulo foi decapitado... Suspirou significativamente. Mas ressuscitará!...

— Você devia também pagar a promessa, disse com voz sumida Dona Candinha ao marido.

— Promessa de que?

— De minha cura.

— Ora! Você nunca se curará. Não se trata. Tiróide, nefrite, radiculite, piorrêia...

Esperou uma aprovação admirativa. Apenas Felicidade Branca o olhava atenciosa e educada. Dona Candinha sumiu no peito do vestido.

— Colite, reumatismo articular...

Nesse momento o Conde ergueu-se no banco da frente.

— Uma sucurí!

Kana acelerou a marcha na direção da cobra imensa e verde que se esticava na estrada, ao sol. Totó também procurou levantar-se penosamente. As rodas pas-

saram sôbre o animal, belo como se tivesse saído de uma vitrine de museu. Kana estacou, fez marcha-ré. Então, do fundo da miséria física de Dona Candinha partiu um grito horrorizado.

— Que é isso?

O chofer conseguira atingir de novo a serpente parada, mas ante o tumulto dos viajantes, estacou o carro. A cobra moveu-se e desapareceu num abismo vegetal da estrada.

— Milagre!

No automóvel de aluguel que haviam contratado em São Paulo, Umbelina Formoso e o Coronel tinham os joelhos desaparecidos num velho plaid escocês. Em sua frente duas risadas alacres enchiam os banquinhos movediços. Aos ouvidos da prima, Pichorra falou pausadamente.

— O marido da gente... depois que casa quer ver tudo, tudo!

Antes que Umbelina dissesse qualquer coisa berrou:

— Tudo, vovó!

A fazendeira estava num vestido domingueiro, os sapatos de verniz.

— É pecado não ter modos. É venial mas é! Vocês estão pecando. Precisam se confessar!

MARCO ZERO

As risadas continuaram no carro que seguia cauteloso e barulhento a Packard do Conde. A avó amuou-se.

— Não sei quais são as intenções dessas meninas na festa. As minhas são servir a Deus! Confessar e comungar.

Foi um corre-corre. Haviam chamado Padre Agui-naldo, com urgência de Santos, e Monsenhor Palude que estava de férias em suas terras, foi também con-vocado.

O vigário de Jurema recusava-se a officiar a festa. Tinha que tomar parte no côro, reger a música e o can-to. Na vasta sacristia ecoaram as palavras de Dom Lu-na entre rendas:

— O Beato anda mesmo avariado...

Até o sermão êle se recusava a fazer. Encarrega-ram o sacerdote italiano. Monsenhor Palude hesitava em falar. Depois, a sua especialidade era o sermão de encontro na Semana Santa. Tinha um cliché patético. Todo o mundo abria a bôca e chorava ante os dois an-dores nas noites lunares. Isso não cabia na festa de Jurema...

— Não sou orador... Só se falo sôbre Freud...

— Está louco homem? Não chega o Beato?

— É... ando lendo...

OSWALD DE ANDRADE

Sacudiu a cabeça alva onde o nariz enorme sorria.
— Leitura de velho!

À porta de um hotel, um sujeito alto e encaroçado de varíola, contava a um grupo:

— A família desesperada que tinha a menina perdida de maleita, juntou os vizinhos e andaram carregando a doente, sete léguas no pé véio. Chegou aí ontem às 11 horas do dia sem comer nem parar. Fizemos uma padiola e atravessaram o rio e não quiseram pagá o barqueiro porque o dinheiro que traziam era da promessa...

Um velhote falou para outro:

— É promessa de gente de cima da serra...

— É sim, são serraçumanos...

— A doente morreu.

O cego que estava pedindo água numa porta juntou-se a outro magricela de cache-col maravilha. Tinham-se aproximado da matriz. O menino-guia afastou-se. Foi dar um chute na bola de meia.

— Onde foi que mecê ficou cego?

MARCO ZERO

— Já era ruim da vista. Na guerra de 24, uma granada explodiu. E você?

— O doutor disse que foi sífilis hereditária. Uma arage ajudou...

— Bom Jesús de Jurema há de curá!

Juntavam-se a um bolo de pobres sentados à porta da igreja nos degraus da velha escadaria.

— O padre que devia ajudá a gente, trapaia tudo.

— Tudo tá ruim. De primeiro, alejado e cego viajava de graça, agora paga.

Um moço que tinha o pé enorme enfaixado aproximou-se cuidadosamente.

— O que você tem? perguntaram.

— Um gorpe de ar que deu. Estuporô o pé.

— Porque você não trabalha?

— Sofro do coração. Depois...

Esquivava-se.

— Sofro do estâmo...

— Talvez mecê possa ao meno fazê argum servicinho leve. Ocê num tá tão mar...

— Quar o que! Num posso jantá nem armoçá nas hora certa com os otro. É do estamo.

Falavam da religião. Seu Albano explicava que tinha entrado na "Língua de Fogo".

— É o pae tencosto!

— Pertencoste que chama.

— É falá no Espírito Santo, dá uma tremedera em toda gente, ataque nas crianças, chôro...

— Deus te livre...

— É bão.

Na sala encerada do hotel, dois moços de medalhinha na lapela penetraram depressa. Um homem magro de olhinhos espantados, nas chinelas barulhentas veio-lhes ao encontro.

— Seu Totó está ainda no quarto lendo jornal.

Sentaram-se na sala vazia, aberta para o azul, por grandes janelas. Num canto de mobília colonial, um pianista discutia com uma moça de vermelho.

— Eu só toco quando insistem! Não sou arroz doce de festa!

— Sabe, disse um dos recém-chegados de aspecto deliquesciente no tom loiro do rosto, estivemos com o Bispo. O negócio encrencou mesmo. Ele berrou que o romeiro que viesse com bonecos de cera, havia de levar o dêle. E sabe ainda o que êle disse? o Ubaldo ouviu: — Cristo não vai nessa onda! Cera!

Ubaldo Junquilha abria os olhos claros, grandes.

— Falou que era preciso confessar e comungar! Todos! Os de fora também, nós, ou então não aparecessemos na igreja. Nem pintados de ouro.

— Você também, seu Ferrol!

MARCO ZERO

— Ignorante! fêz o que estava de chinelas. Imagine, o Conde trouxe aquela obra-prima da Europa. Para isso valeu o exílio.

— Você já viu?

— Foi eu que retirei da Alfândega de Santos. É um busto inteiro de S. Paulo, com a cabeça cortada... na mão. É de cera finíssima. Vocês vão ver como êle há de entregar o voto pessoalmente a D. Luna. O Conde tem mania de lidar com gente malcriada!

Seu Ferrol fazia uma cara de fuinha e expunha em tom expressivo como nas grandes ocasiões:

— Depois, além de tudo, trata-se de uma transação pessoal com o Bom Jesús de Jurema. Não tem nada de padre no meio. O conde é capaz até de dar uma entrevista aos jornais.

Esperavam que Antônio Agripa descesse para comunicar-lhes a repulsa do Bispo aos votos de cera trazido pelos fiéis na tradição da romaria. O Conde ia se levantar tarde.

— A religião, sentenciou ainda Seu Ferrol, é uma comodidade para os ricos, um consôlo para os pobres e uma fonte de renda para os padres. Que mais êles querem? Ninguém deve sair do seu setor. Êsse é o meu modo de pensar.

O povo atravessava o Largo, afluía para a igreja de Jurema. Famílias davam esmola, entravam persignando-se. Surgiu à porta da igreja uma discussão. Tratava-se de saber entre os mendigos, qual era melhor — a amizade ou o dinheiro.

Seu Albano recitou cantando:

Dinheiro e amizade
Pesando numa balancia
O dinheiro nunca chega
Onde amizade alcança!

Inda hai gente que diga
Que amizade vale mais
Porque não considera
O bem que o dinheiro faiz.

O aleijado Zeca concordou:

— Pode até não gostá da gente. Mas vendo dinheiro na mão, dá comida, posada, tudo!

Então o cego magricela de cachecol maravilha e que tinha uma voz maviosa, disse:

— Em primeiro lugar está a educação moral. Minha mãe sempre dizia: — Chega-te à boa árvore, boa sombra te cobrirá.

— Seu Albano produziu um muchocho de desprezo cético.

— Meu pai era o contrário. Me dizia: — Quando ocê vê gente chorando perto d'um difunto, jude a chorá!

MARCO ZERO

O mavioso que escutava na sombra dos olhos abertos, detalhou o que era a educação moral.

— Precisa num sê lingudo. Todos trata bem. Dá comida, esmola...

Nessa deixa, precedida pelas tranças loiras de Maria da Graça e pelo atletismo completo de Ubaldo, a viúva Junquillo passou de preto, numa pele rica. Enjoada, deixou cair um resto de bolo de carne esfarinhado que trouxera envolto em papel, nas mãos côncavas e pedintes de Seu Albano. Os cegos perceberam. Cheiravam a comida. O que tinha recebido viu-se acossado por um pernetas. Mordeu a iguaria que o outro tomou depressa e pôz na boca. Agora o aleijado ria desdentado, a cara cheia de farinha. O magricéla protestou:

— Essa senhora devia ter distribuído igualmente. Lambusado de sua boca não quero. Sou cego mas sou limpo.

Um anão gordinho, de olhos saltados, espiava a guloseima.

Seu Albano ofereceu:

— Tome tudo!

Houve um jogo de generosidade.

— Eu não sou pobre soberbo. Mas não me dê tudo, não.

O cego de voz maviosa comentou:

— Esse aleijado é águia!

Nesse momento surgiu à porta da igreja a figura grandalhona e velha de Dom Luna, a boca de bagre

esguelante de impropérios. Coroinhas seguiam-no. Num gesticulação de açoite, expulsou os mendigos que descansavam na escadaria da matriz.

O cego mirradinho, que nunca tinha visto a “caridade do dia”, estava na soleira, perto dêle. Em vez de sair, penetrou atropelado na igreja e bateu de cara na porta enorme de vidro, enquanto seu guia procurava fugir. O estropiado levantou-se e correu para o largo, num ritmo duro da perna, exclamando:

— Essa é a primeira missa que êsse diabo reza aquí!

— Não admito que vocês fiquem aquí de cadeira! Malandros! — Vagabundos! Vendilhões do Templo!

— A cadeira dos pobres é a soleira da matriz! commentou o homem bexigoso de palheta, que parara.

Uma velhinha treme-treme chegou por último ao ajuntamento onde o estropiado esperava ao lado dos cegos. Disse pausadamente:

— Dexe estar. Deus enxerga. Êsse bispo há de saí por riba da igreja!

— Faça que paga! murmurou o aleijado que trazia pela mão o anão grotesco. Deus nunca faiô. Êle tá oiando!

Gente afluía. Pobres e ricos. A missa começara.

MARCO ZERO

Houve um silêncio repentino. Monsenhor Palude surgiu no púlpito, entre rendas. Persignara-se. Sua forte voz ecoou pela igreja:

— O' quí doloroso encontro! Jesú fitava a mãe dêle! E Maria fitava Jesú. Tudo por causa dos peccadore. Jesú não pode gostare dos fié qui vão jogá e se esbriagá nas venda e discuida dos deveres sagrado, para com Deus... Iguar a mulhére de Cananéa qui só cuidava do corpo, meus irmó, não lembrava da arma, o único tesôro que vale perante Jesús!

Tratava-se da mulher de Caná, da Bíblia, mas a geografia religiosa, ilustrava-se de mais um milagre. Ninguém conhecia Caná, na Palestina, mas os fiéis conheciam Cananéa no litoral-sul de São Paulo. Monsenhor Palude gesticulava, batia os punhos.

— O' quí doloroso encontro!

Até os cegos choravam. Os beracorgo estremeciam nos pés rapados das estradas. Cristo descera do altar para o invisível encontro que precedia o Calvário nas noites de lua.

— Veja o sangue que escorre nos braço da vérge-ne-máe! E ninguê qué dá esmola prá êle quí sarva as nossa arma! E porque? Porque a arma vile dos home se afastó de Jesú qui nê a mulhere de Cananéia!

Aquela gente primária, homens fakirizados pela pinga, à beira dos córregos pestilentos, serraçumanos ativos, comadres de chitão, sírios nômade e italianos velhos, via crescer o sentimento de culpa da humanidade inteira até as abóbadas extravasantes da nave.

— Vija ísta dór! É vocêis qui faíz!

A cabocrada, chorava, Monsenhor também. Perorou patético.

— Prá Jesús precisa de tê un'entusiásmo qui empórga, un' emporgamento qui seduse, una seduçó qui infláma!

Era tanto trocadilho emendado que os cegos da porta pensaram que êle recitava um soneto.

— Un'inflamaçó qui dá dinheiro! Dinhéro! Dinhéro! Dinhéro pra Jesú Cristo!...

— Mas isso é coisa que se faça, seu Anjo Leite? Me boliná dentro da igreja durante o sermão de Monsenhor! Riu, tossindo no lenço azul.

— Que é que tem? Ora iéssa... passare a mão perto da Iáfrica... Lá onde o diabo deu aquela machadada...

Andavam juntos pelo largo.

— O que que ocê qué de mim...

— Molhare o bico na gordura...

— Já tô enjoada dessas molhadela...

O português baixo e truncado, tinha os bigodes grisalhos sob o chapéu desabado. A mulata Rosalina riu com todo o corpo, num casaco chumbo de largo botões sôbre o vestido claro e as sandálias altas.

MARCO ZERO

— Bota a gente logo numa cama...

— Pois então, bamos! Quero ver o teu botão, morena.

Tinham chegado ao espaço entre duas barraquinhas de feira, na praça. Ante a excitação do homem, a mulata respondeu terna.

— Dou, dou tudo, tá dado...

— Mas adonde?

Salim Abara, bexigoso, apareceu à porta do seu empório improvisado. Vendo o casal gritou:

— Compra mantó. Dá presente brá ela. Custa cento cinquenta. Mandô fazê comenda. Dexe satenta! Gravata milacondento. Terninho brá menino dez miréis!

O português desviou a mulata pelo braço. O negociante exclamou:

— Sem bargunha. Num ruspeta festa Nosso Sannhur!

— Turco de merda! Você não concorda?

Atravessaram as ruas aglomeradas de peregrinos, dirigiram-se para os fins da cidade.

— Lá perto do rio. Há de se dar um jeito...

Por tôda a parte encontravam gente no dia azul. Tinham atingido as margens do Jurema. Afastaram-se do pôrto fluvial onde uma balsa recebia um caminhão.

Mas os abarracamentos prosseguiram. Ciganos de roupas coloridas em maravilha, azul, preto, verde, côr de tijolo.

Sob um telheiro esquartejavam um boi.

Subiram por detráz das casas da cidade. Em baixo, nos sacovões, o Jurema de água escura, procurava velhas rotas na direção das montanhas roxas que longe o sol acendia. Tomaram atalhos silvestres. Iam desembocar na praia das pedras, mas dois soldados vinham subindo pelo trilho.

— Se regalemo de vê bunda de preta!

Rosalina parou.

— Eu não vou lá.

— Porque?

— Tá cheio de gente se lavando... Eu não sou preta...

O português não acedeu.

— Mas aonde? Quem paga quer ser servido.

— Só pode sê depois...

Tinham voltado pelas ruas até o Largo numa frouxidão indecisa. A mulata hesitava em conduzir o homem ao seu quarto.

— Onde você está hospedada? Eu vou lá.

— Então espera! Espera aí neste lampeão que eu vorto neste dez minuto. Eu arranjo.

Rosalina ainda olhou para trás, afim de verificar se o português a seguia e apressou os passos na direção da casa que alugara com a Miguelona, à saída da cidade.

MARCO ZERO

Sabia das brigas dos dois. Mas isso se passara havia mais de ano. Exporia o caso. Quem sabe? Encontrou a italiana, magra nos óculos, frigindo pastéis, sôbre um fogareiro de carvão na porta.

— Eh! gritou a velha. Minha filha, não fazemo nada nesta festa? Você arranja um coroné, sinó precisamos vortá de carro de prêso.

— Encontrei um português, mas não trusse, êle porque você encrenca. Convidei êle pra tomá um chá conosco, mas depois pensei...

— Porque eu vou encrencá?... Se êle paga!... pois tamo aquí pra que? Pra vendê tudo. Você já sabe. Quem não tem dinheiro, morre que nem cobra na estrada...

— E' seu Anjo Leite...

A velha voltou os óculos para a mulata, parou de mexer a gordura quente.

— Prefiro que você durma cô defunto!

— Difunto não tem futuro...

— Si êle vem aquí dô um tirro nele...

— Ocê qué que eu perca a freguesia?

— Ponho vidro moído no pasté e dô prele. Portuguesa é resistente. Ingole o vidro. Um veneno precisa!

OSWALD DE ANDRADE

— Depois que meu marido morreu na guerra, eu fiquei do mundo acabado.

A mulata vinha dengando ao lado de Anjo Leite que desabara mais o chapéu. Haviam convencionado que a italiana não aparecesse.

— O govêrno não te pagou a indenização?

— Pagou nada. Eu é que preciso pagá as conta... Não é que nem ocê que achou véia rica prá casá...

Batinas e guarda-chuva pretejaram ao sol da rua, endurecida de lama. Vinha na frente a alta estatura de Dom Luna, a cruz de ouro balançando no peito largo sôbre a faixa roxa.

— Aquí, só falta água, luz e esgôto. O resto tem!

Riram amavelmente os sacerdotes. Gente gulosa se agrupava para beijar o anelão do prelado.

— O vigário onde está?

— Ensaizando de novo no coro. Insiste em fazer a manca cantar...

— E' avaria grossa.

Monsenhor Palude disse, achegado ao Bispo.

— Encrencou comigo onte de noite. Falou que a Igreja esta errada. Precisa de festa, cantoria, barraca prá chamar os fiéis. Stá certo. Mas não pra levare o dinheiro de Jesú Cristo. Prá trazere, si!

MARCO ZERO

— Ele anda com umas teorias, fala em tom de seleta! — “Este panorama é o Brasil. A legalidade da miscingenação... A igreja foi sábia quando protegeu com sua indulgência o índio...”

— Falou que o maior escândalo do século foi que a Igreja perdeu o operário... Stá certo. Mas em contrário ganhou o capitalista... Fiz um bom negócio.

Dom Luna acariciava as garotas de cabelos soltos que lhe vinham beijar a ametista.

— Teze anos! Já comungou?

Na terra das ruas, iam japoneses e sírios, negros e maxiliares largos de índios. Um cego na calçada exclamou:

— Oh! corações generosos que passais!

Dom Luna penetrou com seu bando negro no hotel. A sala de visitas estava vazia. Um empregado correu atarantado, avisando. O bispo vinha visitar os romeiros ilustres.

— Você não fala, nada, pelo amor de Deus. Você é muito exaltado!

O Conde passou a escôva no cabelo gomoso, ante o guarda-roupa de espelho.

— Ah! falo. Ele há de ouvir. Falo! há de ouvir. Falo tudo! Parece um boiadeiro! Onde já se

viu? Eu fui vítima de um milagre... de um autêntico milagre.

Umbelina seguida do marido, ajoelhara para beijar o anel episcopal.

— Pobre do Senhor Bispo! Tanto incômodo! Que honra!

O prelado dizia ao dono do hotel de pé, atencioso, num chinelo rasgado.

— Quem não segue a religião dos seus antepassados, então não tem caráter, nem palavra, nem ideal!

— Nem nada, concluiu Monsenhor Palude.

O Bispo acrescentou dirigindo-se especialmente aos velhos.

— É o que o católico sabe fazer. Falar mal de seus ministros. Esse pecado é o maior de todos. Vai ver se o protestante fala.

— Não fala, disse Umbelina. Fala só da imagem.

Dona Guiomar Junquillo entrara pomposa como um préstito. Encarou o prelado num olhar que faria encostarem-se nas paredes empregados e fâmulos. Mas Dom Luna enfrentou-a. Parecia que uma chispa faria explodir o duelo. Ubaldo estava ao lado da mãe, atlético mas simplório a cara sem drama. A senhora aproximou-se, beijou o anel. Num casaco esportivo e cintado, todo reverências e sorrisos, surgiu na sala o

MARCO ZERO

Conde Alberto de Melo. Atrás, numa postura reservada, quase solene, a espôsa mais alta que ele.

— Sim senhor. Grande procer! sorriu o bispo.

— Vim cumprir os meus deveres para com o Bom Jesús.

Sentaram-se todos em roda do prelado que tomou a cadeira de balanço puxada pelo Conde.

— Estamos satisfeitos com a festa, estas romarias são confortadoras não há dúvida. Mas é preciso que não sejam o que têm sido, uma festividade pagã. Cheia de bugigangas, onde o povo gasta as suas economias. Todo o donativo desviado da Cúria não constitue obra de fé. Só a Deus deve ser encaminhada a espórtula piedosa.

Monsenhor Palude interveiu:

— Temos que mandar dinheiro pro Bom Jesús lá de Roma. Lá também tem.

— Para os pobres, há as caixinhas. O pobre de porta de igreja é geralmente um perverso, afirmou o Bispo.

O Conde apoiou.

— Trata-se realmente de um abuso. Pois há tanto asilo...

O Bispo levantou-se, possante.

— Resolvemos acabar com as imundíes do baracão. E mesmo as promessas... Essas pinturas de hospício das salas de milagre. Êsses braços de cera...

Deu o anel a beijar primeiro a Junquillo, depois à Felicidade Branca, ao Conde, aos velhos reverentes. À saída esbarrou no casal Agripa que chegava afobado.

Trocou breves e dignas gentilezas. Pela rua terrosa, o bando negro partiu.

O Conde disse:

— Que amabilidade! E' de fato um grande prelado. Um diplomata. Acaba cardeal!

Padre Aguinaldo ia de casa em casa.

— Êsse frango serve!

— Pobre de minha galinha. Lá vai no leilão.

E na noite começada da barraca de prendas, um homem de lenço xadrez no pescoço, gesticulava bandejas, leitões, bolos de senhoras, rutilantes de papel de seda.

— Quanto me dão por esta prenda? Quem quer? Um bolo de nozes preparado por Dona Josefina Abramonte... A Senhora Prefeita! Dez mirréis? Deez mirréis?

Batia o martelo.

— Tenho aquí uma chupeta!...

Grandes risadas no meio do povo.

— Uma belíssima chupeta oferecida por Dona Conceição.

Um grupo festeiro conversou baixo, interveiu. O leiloeiro perguntava:

— Como? Para o... Sim senhor... Para o Coronel Marelão mamar... Dez mil réis?

O latifundiário alvo berrou:

MARCO ZERO

— Vinte pro Venâncio!

— Vinte mil réis pra seu Venâncio mamar... na chupeta de D. Conceição! Vinte mil réis!

— Trinta pro Coronel!

— Cinquenta!

A competição extremava-se. O Coronel lançou duzentos mil réis. O concorrente desaparecera do grupo, enquanto o leiloeiro batia a martelo, entre gargalhadas agressivas.

A voz nítida continuou:

— Agora, meus senhores... Tenho uma mandioca... oferecida pelo Prefeito Abramonte... Quanto me dão pela mandioca de Seu Nicolau?

— Cinco mil reis!

No deserto terroso de um canto, um bombo chamou roucamente, uma cuíca respondeu. Um caracaxá pôs na noite do barracão um som chorado de lata e grãos de milho. Então dos aglomerados do escuro uma extravagante seleção se juntou. Mulheres moças e velhas, restos de farda, trapos limpos e lenços imundos, recomeçaram o vai-vem como na vida. Dois negros místicos, um de barba, outro jovem salmodiaram:

— Dexá o samba serená!

Corpos rolavam de pé no tapete construído da dança. Mulatas copulavam de pé na masturbação coletiva

da dança. Uma máscara repuxada em gaforinhas hirsutas entreabriu os olhos cerrados onde alumia uma luz baça de gôzo.

— Dexa o samba serená!

— Com a morte do capitão Jango, eu fiquei boba. Os médicos não davam conta de meus nervoso. Não podia ouvir barulho. Pensava que era os tiros que deram nele. Até hoje não me conformo. Sou uma descrente!

A italiana exclamou:

— Mas o govêrno devia de pagá o montépio, sordado é sordado!

— São Paulo perdeu... e tudo encrencou. Até agora eu não consegui nada. Ninguém quis me ajudá, porque diz que na Estação eu queria rasgá a bandeira. Pudera! Aquela dor de vê êle no caixão, cos botão da farda arrancado, os tampo pra fora da cabeça!

— E o Miranda?

— Prometeu mundo. Queria era eu. Minha família ficou na miséria. A Eufrásia adoeceu, teve de ir para Campos numa chácara. A tia Licórnea arranhou um pouco de dinheiro por mês e ainda ajuda na comida do John Gilbert. Tivemos que mudá pra quela lama do Canindé. As crianças não têm roupa, ficam roxas.

— O padre não dá nada?

MARCO ZERO

— Não tem pra êle! Andou pulando no cafezal com bala de gaúcho em cima. Se êle soubé que eu estou aquí assim, me excomunga.

— Puta duma guerra! Felizmente já passou um ano. E o português? Vê se êle ajuda a gente na poss da terra do Pedrão que o Majó propôs de dividí. Não fui o xirife Idílio que matou o Pedrão. Êle tava em São Paulo naquele dia.

A Miguelona varrera a casa pobre, aberta para o quintal de terra. Deu uma vassourada num gato.

— Sua família parece porta de tinturaria! Você é mulata, e Eufrásia é branca, inté índio tem! Índio non presta par nada! E' só fama!

— Foi por causa de um samba que me perdí. O Miranda não queria que eu fôsse na festa do Carandirú. Eu fugí. Quando cheguei tinha perdido a voz de tanto sambá. Desgraça dá nisso. Tava cochilando atoa. Êle perguntou: — Onde é que você esteve? — Nos quinto do inferno. Vortei. Tô aquí. — Meteu muito? — Muito. — Não quero mais nada de você, negrinha fedida!

Rosalina tirou o casaco azul de quatro botões. Os frutos da terra balançavam no corpinho transparente. Foi até à janéla entreaberta, cantarolou:

Depois que perdeu o Miranda,
Oi a Lina como anda!

— Você devia i do divogado.

— Não adianta. Um dia eu fiz um escândalo. O que adiantou? Meu pai me disse. — Vai vendê bilhete

OSWALD DE ANDRADE

de loteria na rua! Eu fui vestida de viúva. Cheguei na rua 15 e sentei chorando na sargeta. Gritava — Oi o porco! 70 é o porco! Uma gentarada me rodeou. Eu tirei o jornal que falava da morte do capitão Jango. — Eu não preciso tá mentindo, meu marido morreu na guerra de São Paulo e eu fiquei sem recurso com um filhinho! Me levaram pra polícia central e depois prometeram que o govêrno ia dar ajuda. Foi lá que eu conheci o Miranda.

— Porque você disobedeceu êle?

A voz de Rosalina elevou-se na manhã cheia de sol.

— Não bebo pinga
Não bebo nada
Bebo sereno da noite
Orvário da madrugada!

A mãe habitava no fundo do cortiço. Ela não tinha trocado aquela afeição por nenhuma outra. Não trocaria por ouro algum da terra. Nem pelos diamantes das corôas reais! A mãe que no começo não dormia até ela chegar e que depois de viúva, quando a vida a levava para longe, passava noites brancas, sem pegar os olhos, cuidando na criança que o vento da desgraça fazia rodopiar. A mãe que nunca lhe faltara com um pedaço de pão na miséria, nem um chá, nem um consôlo na doença! Que amor no mundo podia se comparar àquela ternura ligada que prendia os dois seres desgarrados pela fortuna? Quem substituiria o carinho

MARCO ZERO

dos olhos sujos da velha Zéfa quando ela chegava amarfanhada pelos dias de derrota. Tossiu longamente.

Duas em duas horas, a mulata trazia um macho. Reclamou uma bacia. A Miguelona negou. Fôsse se lavar no rio.

— Eu não posso mais de sujera...

— Guenta minha filha. Prá botá fijô na panela, percisa levá de tudo tamanho!

Apareceu um fascista gordo na porta, vendendo guarda-chuva. Declarou que Mussolini era o maior homem do mundo. Que tinha salvo a Europa. A Miguelona protestou, disse que o Duce tinha sido anarquista e depois traído a pátria. O fascista estava rubro de cólera.

— Porco dio! Êle tirra dinheiro dos capitalista prá judá os operário.

— Tirra prá ele! gritou a Miguelona que se pôs de novo a frigir pastéis.

Rosalina, que escutava na cama com Anjo Leite, levantou-se investiu para o guarda-chuveiro. Travou-se uma discussão. O português berrou da porta:

— Manda o Mussolini me coçare os culhóis!

O fascista quis brigar, mas Rosalina voltara ao quarto. E a Miguelona ameaçou-o de jogar gordura quente. O homem berrou andando:

— Português de merda!

Dois jogadores de roleta vieram pedir um colchão.

— Custa dez mirréis e inda com titica de galinha, disse a velha.

OSWALD DE ANDRADE

Uma procissão de caipiras, tabaréos, roceiros e devotos invadiu a casa para pedir água.

— Não vô largá o serviço pra servi voceis.

Rosalina reclamou:

— Água não se nega.

Até podia ver no meio daquela multidão Jesús Cristo. A Miguelona era uma animala que não acreditava em nada.

— Como não acredito! Acredito na comida qui dá sustância.

Continuava doirando os pastéis no frigideira, sôbre o fogareiro de carvão. Alguns romeiros aproximaram-se.

— É pasté premiado. Tem cheque dentro.

— Quem sabe sinóis tira o prêmio?

— Sai agorra! Vai vê.

Já tinham comido dez. Hesitaram. Chegou um terceiro.

— Sou eu que tiro.

— Vai vê, sai no úrtimo.

Tinham-se acabado os pastéis. A Miguelona decidiu:

— Argum de vocês enguliu o premio.

Ao centro do largo, na poeira, um grupo vistoso de negros representava no meio do povo. Era a Congada.

— Está faltando o Carlos Magno!

MARCO ZERO

Homens de ponche de pé, cá e lá, representavam o poder — a distribuição de bençãos e assombros. Carlos Magno demorava-se na estação. Veio chegando. Era um velho mulato magro, pé pra dentro, capenga da guerra do Paraguai, trazia uma espada na mão. Colocaram uma cadeira no centro ante a massa espectante, descalça e calçada, num silêncio entusiástico. A fieira de negros uniformizados fechava alas em tórno do palco de chão, onde outra cadeira abandonada significava o cavalo de Ferrabraz. Perto, o pai-de-Santo gordo e um mulato violeiro, desempenado e moço que era Roldão. O zabumba começou.

No batuque, destacava-se indo vindo, um dansarino de braços hirtos, ao longo do corpo flexível, mas tendo longe hierático o tambor que estrondava nos paus. Sob o busto interigo, o rosto espasmado e quieto na mortalha de palha do chapéu, as pernas dansavam, volteavam, conduziam, viravam a estátua hirta e tocante. Outros seguiam-no atrás, em volteios, em meneios, com sons de corda e de tambor. O preto macumba, gordo como um sacerdote, chapéu preto, capote preto, cachinê, a cara para o alto num êxtase de bochechas largas e dentes alvos entreabertos, maestrou, ritmou, balançou como uma batuta humana. Súbito apitou. A caveira de Carlos Magno iniciara as falas, perguntando ao marinheiro negro em frente, se via alguma coisa.

— Não vejo não, nem terras de Espanha, nem areias de Portugá!

Olhava os quatro cantos do mundo num canudo gigante. Depois como o outro insistisse, viu “três donzelas debaixo de um parrerá”.

Nunseicomo, Ferrabraz, rei de Alexandrina, appareceu oferecendo ao espadaudo Imperador mal-em-pé, coisas de péssima intenção para obter Catarineta, filha dêle.

— Não quero, turco infié!

— Te darei tanto ouro que ninguém pode contá. Te darei castelos e terra!

O outro refugava. Êle então ofereceu uma coisa visível e atual.

— Um chalé!

— Não quero, turco atrevido. Num quero chalé. Turco de prestação.

Mas a Idade Média africana súbito restabeleceu-se na deformação e no canto.

— Eu sou Berrabraz! Rei de Alexandrina!

Começou a dizer desafôro sentado a cavallo na cadeira.

— Êsse Carlos Magno, home covarde e sem fé. Cadê êle?

Carlos Magno chamou o violeiro Roldão e mandou dar um pega no tal.

— Chame os moço! Tem o Seu Oliveira, o João da Canôa.

Os doze pares vindos dos úteros da França africana mexeram-se de estímulo. Houve uma justa inicial, enquanto Berrabraz esbravejava. Seu Oliveira que era

inexperiente mas afoito, preparava-se para a liça. Um músico avisou o rei de Alexandrina.

Berrabraz e Seu Oliveira achegaram-se face a face, espada a espada, em maravilhas de antigo entrevero. Pernas abertas, nas calças brancas, os dois negros hercúleos trotavam na terra. A música tinia, batucava; todos se moveram em derredor. O negro sacerdotal estático maestrava o corpo imenso da dansa. Gritavam.

— Garra. Garra êle!

Quando o insolentíssimo Berrabraz tombado em sangue, caiu aos pés de Carlos Magno do Paraguai, êste saiu da modorra e gritou:

— Joelha, nêgo fia da puta!

O Embaixador de França appareceu do outro lado, de bonézinho municipal e cachecol sugerindo um tratado de Versalhes. Cantaram.

— Eu tinha confiança
No reis de França

Os homens de ponche que distribuíam assassinatos e dinheiro, recebiam a própria consagração nos cigarros grossos de papel.

Dom Luna, na casa episcopal, ia começar o jantar planturoso com Monsenhor Palude. O vigário tardava.

— Acho que é sífilide herdada que deu nele...

— Talvez uma paixão. Essa tal soprano! As necessidades dessa puta da matéria!

— É. A filha do Prefeito. É divorciada.

— Viu como êle define a vitória da Ditadura? Diz que é a volta do Jesuita das missões do Sul para abater o Bandeirante.

— É boa! É!

Padre Beato entrou nervoso, desculpando-se. Oram em silêncio. Sentaram-se à mesa posta. Uma mulata dengosa serviu um dourado faiscante. O vigário foi o último a comer.

Enquanto mastigava, seus pensamentos estendiam-se ao panorama histórico do Brasil. Aquele bispo facundo que estava alí a sua frente, era bem o símbolo do Papado. Êle ao contrário era o jesuita. Não tinham consentido que êle se alistasse nessa cavalaria magra do Senhor que soubera deixar para trás o passado e largara nas mãos de outras ordens o próprio túmulo do Cristo, afim de militarmente organizada, lançar-se à conquista do futuro. Na Ásia os jesuitas tinham lutado, não pela Palestina mas pelo Oriente longínquo. Tinham vindo ao Brasil. Fundado o Império de Deus sôbre as almas esquivas do gentio. Mas o Papado muita vez hesitara. Costumavam os paulistas enfeitar de côres heróicas o bandeirismo que não passára no começo duma caçada econômica à mão-de-obra reduzida pela mística jesuita. Podiam falar mal quanto quisessem do índio. O seu aniquilamento no serviço da Pátria.

MARCO ZERO

Com Solano Lopes o pequenino Paraguai mostrara bem ao mundo o que valia a disciplina emanada do braço jesuita. Durante cinco anos resistira às maiores potências da América latina.

— No que está pensando, Padre Beato?

— No bandeirante.

— Que idéia! fez Monsenhor Palude.

— Uma idéia vinda com a derrota dos paulistas nessa revolução. O bandeirante teve o seu canto de cisne. O jesuita voltou dos seus pagos do Sul e tomará conta do Brasil.

O Bispo serviu-se de leitoa. Num cerimonial espremeu limão, exigiu pimenta, torresmo e farinha.

— Comida de preto. Muito boa!

A cabeça de Padre Beato subiu um velho rancor. O preto. Fôra êle que constituiu a solução da luta colonial atrás da mão-de-obra. Mas enquanto o índio permanecera o grande aniquilado que o misticismo de Loyola exigia, o preto fôra o produto da colonização individualista e corrupta do colono. A diferença histórica era fundamental. O negro esfacelava-se na miscegenação. O índio permanecia. O índio era êle, servo de Jesús Cristo. O negro dera Lirio de Piratininga!

O Conde acendeu um charuto maior que ele. E vagava pelo hotel, esquecido no tabagismo. As senhoras

sairam para a igreja deixando as meninas que se recusavam acompanhá-las. Maria da Graça fôra impedida ãe ver as primas. A mãe dissera-lhe: — Não e não!

Pichorra talvez não andasse sozinha pela Jurema popular, e festiva. Induzia a outra. Chodó num impulso tomou-lhe o braço. Partiram pelas ruas animadas.

— Vamos ver o cinema. E' aquí.

Na luz mal apagada da tela o galã subia, descia ao sabor da focalização irregular. No rascar da máquina insegura, o vilão cambalhotava. Parara o espetáculo para brochar de água o pano branco. Quando a fita recomeçou no escuro, a mocinha ficou andando sem cabeça. No queima-quebra-estrala, enquanto Pichorra sufocava o riso, Chodó dava gargalhadas grossas.

— Vai haver um bailão! Nós precisamos ir de qualquer jeito.

Tinham chegado ao Clube. Sem dar confiança ficaram espiando pela porta. A assistência nos bancos de pau era um circulo mudo e assombrado. Meninões adormeciam nos colos barrigudos, sôbre antebraços musculosos feitos no trabalho do campo.

O médico sanitário ia dansar um tango com a senhora do Juíz. Um japonês afirmou que aquela dança era costume lá do Japão. Um quadro de impaludados espiava pela janela acêsa. Soaram os primeiros trancos da Cumparsita. A dama esquelética torceu-se num desenho animado que a estatura do moço fixava no meio da sala como um diâmetro. De repente o cavalheiro ar-

rumou uma patada forte no soalho e ela parou de es-
pernear. A orquestra estacava, ia voluteando, terna e
cínica. Deu um arranco. Êle então atirou-se das aí-
turas, ficou um ângulo reto. Apanhou longe a perna,
arrastou-a para o corpo acompanhando a lentidão das
cordas. Depois de um elétrico troca-troca de túbias, ela
ergueu a perninha, como um cachorro no poste e juntos
subiram do solo numa expressiva pausa. Repartiram
angulosos, espaçados nas notas. Chodó deu um grito
e saiu correndo com a Pichorra atrás. Gente olhava as-
sustada.

— Não posso! Não posso com êsse negócio de não
sair, de ter que dar contas. A fraulein é uma cachorra!
Eu então não sei o que faço? Quero chave da porta!
No dia de meus anos em maio, exijo dessa avarenta.

— Não fale de sua mãe! exclamou a Pichorra.

Penetraram no hotel.

Começavam os fogos. Sairam num fracasso de es-
trondo, irregulares, arrastando-se num chiar morto que
irritava.

— Ó, que lindo!

Pichorra e Chodó abraçavam-se ao lado do Conde
e dos outros hóspedes distintos, sentados em cadeiras de
palha.

Serpentinas de luz descoloriam falhando, recomeçando penosamente. E ficava um barulho de frigideiras acesas. Viravam em sentido contrário rodinhas eternas até largar o último rastilho iluminado. Rodavam então no escuro, perante a multidão alucinada.

— Tem mais! Agora é o Bom Jesús!

Um painel estourou. Era uma capela. Primeiro as luzes brancas subiram, desenharam o frontespício e a cruz. Depois, dentro, uma figura amarrada coloriu-se, tentou representar o padroeiro de Jurema. Mas ficou fumaçando, incompleta. Apenas no alto, a coroa de espinhos se aclarou. No grupo de romeiros elegantes, em frente ao hotel, Pichorra e Chodó tiveram risadas inconvenientes. Umbelina pusera-se de pé para pedir uma graça. Estava indignada com o fracasso da apoteose mística.

— Desafôro do fogueteiro!

Os padres seguiam o bispo paramentado na missa acessa e cantada.

A antifona ergueu-se nas cordas dos violinos. Pela porta da igreja entrava o sopro do mar. O grito das crianças replicava na nave. Houve um estouro de foguete lá fora. Entre os apertões dos fiéis, Tida Dea-dermino era um pote de pinga sôbre os pés nús, enlameados dos caminhos. Olhava baço o povo que locuple-

MARCO ZERO

tava infinito o templo. Viu num milhão de velas, o Bom Jesús flagelado e chorou de mansinho.

O Conde Alberto de Melo naquele amor de fraque trazido do exílio em París, teve vontade de cometer um crime. Se visse o sacristão reclamava. Estava indignado com aquele sujeito careca que em sua frente se abanava assim em plena igreja. Tinha distraidamente fixado os olhos na condessa que rezava. Na volta da Europa encontrara-a com os cabelos oxigenados e as sobrancelhas de Marlene Dietrich. No vestido elegante ela parecia uma chucrute loira. Os cânticos dos padres sucediam-se aos cânticos do côro. Eram para êle uma mensagem do Todo Poderoso, uma mensagem de Deus. Aquilo nutria-o. Só a civilização cristã poderia produzir tantos afagos. Deus permitira aquele milagre. Um ano atrás, a derrota, a prisão e o exílio, hoje sob as bençãos de Deus, o fraque e as eleições... Aquele povo que estava alí bestificado pela religião e sujo pela miséria, seria o pedestal de sua completa vitória. Darwin tinha razão. Quem vencia era o mais forte. Percebeu um pouco atrás o chofer japonês. Kana parecia um Buda. E os olhos do Conde se fixaram de novo em Felicidade Branca. Bonito casal. A Condessa lavada de perfume e ajoelhada no vestido côr de vinho

parecia um quadro. — Coroa de espinho pra avó. A campainha tocou e êle baixou a cabeça.

Dom Luna levantara-se do sólio onde estava sob o docel episcopal. Umbelina cerrou mais os lábios na sua oração predileta:

— “Cruz de Jesús Cristo me proteja contra os perigos! Que ela faça eu poder contra quem me assalta; cruz de Jesús Cristo me livrai da tentação; afastai de mim os maus pensamentos; que quando o demônio meu antigo inimigo a veja em mim se afaste e fuja de mim!”... Havia esquecido o resto da prece. Então com a vóz baixa de chorar exclamou para o Bom Jesus: — Tende piedade de meu filho. Êle vive na serra bebendo pinga. Quando falta pinga tira urina numa caneca e bebe. Outro dia esteve em São Paulo. Queria dinheiro e eu não tinha. Eu precisava passar a noite toda acordada, conversando com ele. Queria matar minha neta... ela pula a janela de noite... Continuou trêmula. — Cruz de Jesús Cristo estende o teu poderoso manto sôbre os negócios do Bentinho... A hipoteca da Formosa... o café... Meu neto Jango virou comunista, Quindin tentou suicidar-se... Eu fiquei sofrendo do coração...

Procurava inutilmente com os olhos o marido. O Coronel acoitara-se impassível, no meio do povo.

No coro a orquestra de cordas estrugiu. Houve uma sensação. D. Ludovica ia cantar. Os primeiros acordes da Ave-Maria cresceram no órgão. A alma da manca saiu pela garganta, pelos dentes, tomou conta da igreja. O porte de Lírio de Piratininga acenava com o sobretudo claro no fundo dos incensos... Tivera uma confiança integral nele! Foi um susto. A orquestra abafou depressa o ganido falso conduzida pela batuta irretorquível do vigário maestro. Dom Luna olhou para o côro e murmurou: — Ainda mando enforçar essa gata esprimida! Ludovica chorava.

Dona Filomena Abramonte persignou-se na tribuna de honra. O Prefeito, ao seu lado, sumira.

Haviam colocado um alto falante na torre para a entrada da procissão o encerramento e a benção. Sob a batuta invisível de Padre José Beato, vozes femininas, vozes grossas, vozes infantís entoaram o canto.

— Ben...di...to!...

Um guincho de soprano alteou-se na noite.

— Louvado seja... O Santíssimo Sacramento!

A custódia gigantesca nas mãos do Bispo virava resplandecente sôbre o povo. As campainhas ressoa-

ram. A banda metalizou os primeiros orgulhos do Hino Nacional. As estrêlas pareciam descidas do céu para faiscar nas insígnias das barracas. Ante os andores eretos, os estandartes baixaram. Um soldado bateu uma continência instintiva. E a lua surgiu.

Naquele bar de encruzilhada, um moço de capa, que descera, esperou sentado a uma mesa de madeira. Vieram trazer-lhe um café ralo e açucarado. Em outra mesa dois homens do campo, provavelmente passageiros da jardineira que ia passar, conversavam.

— Eu não arquedito em nada.

— Não tem nada, é só bestera.

— Só arquedito numa coisa que eu ví. Eu ia uma noite de lua pra estrada e a toucerinha de cana começô a dansá na minha frente. Era o tar sací.

— Que nada! inlusão de mecê.

— Não, o sací exeste.

Leonardo Mesa pensava que a festa de Jurema atrapalhara todos os seus planos de propaganda. Pagou o café, rasgou em pedacinhos a carta que trazia do líder Piratininga, para em nome do Rebouças-Club abordar o médico instalado em Bartira que era negro também. Iria à Formosa, ver Jango.

Que significava a religião? Homens descidos de tôda a parte, vindos de longe, para buscar alívio e estí-

MARCO ZERO

mulo numa igreja. O sentido social de tôdas as religiões vinha naquela constatação de que a vida se paralisara por vinte léguas em redor de Jurema, porque pobres e ricos, aventureiros e desherdados, partiam na direção de um espetáculo onde o incognoscível tomava feições terrenas. O incognoscível era Deus e Deus era a sociedade posta em mito. Naquele retardo bucólico do Brasil, a religião do Cristo ainda parecia um benefício presente. A luz persistente de uma estrêla já morta, de um foco extinto. A igreja do Cristo que presidira à formação das sociedades do Ocidente e formara as coletividades medievais, havia se apartado da luta como um negociante que realiza seus lucros e se retira à vida privada. A igreja beneficiada pela burguesia, subornada por ela, abster-se de comparecer ao tremendo debate do mundo contemporâneo.

Ignora el gemido de la parturienta
Ignora el mistério de la espiga
El hombre vestido de blanco

Hoje, mitos novos e vitoriosos fluíam da vida política. O irracional desembocado sem peias das malhas individualistas do capitalismo. O fascismo! O troglodita debatendo-se num último alento às portas da socialização. O ressentimento que a igreja causara afastando-se do mundo vivo não havia chegado ao Brasil. Era ainda o Cristo pobre e milagreiro da Galiléia para quem afluíam os caminhões dos romeiros. desconsolados pela

vida árdua. Como negar sentido a essas concentrações onde homens e mulheres iam buscar o apôio que lhes não dava a existência cotidiana? Religar, unir. Reunir. Uma nova religião abria-se para o mundo, saía das catacumbas para o tumulto da Àgora e com certeza para os morticínios de amanhã.

Os caipiras haviam se levantado.

— O sací não existe.

— Ésse eu ví.

A jardineira parou. Leonardo tomou o último lugar.

O marxista imaginava as transformações que o Brasil ia sofrer com a queda do latifúndio e o esfacelamento da monocultura. A mística daquela massa compacta que assistia anualmente á festa do Bom Jesús de Jurema, sofreria com a derrocada.

Já com a revolução do ano anterior, 32, anêmico revide do fazendeiro instalado secularmente no planalto — o paulista mudara. Tinha saído de casa. O caminho era o entrosamento anunciado no ritmo que a história humana impunha. O Brasil... As proximidades econômicas do latifúndio, as proximidades étnicas do negro, do índio e do europeu medieval, tudo isso iria no roldão de um dia novo. De um dia industrial.

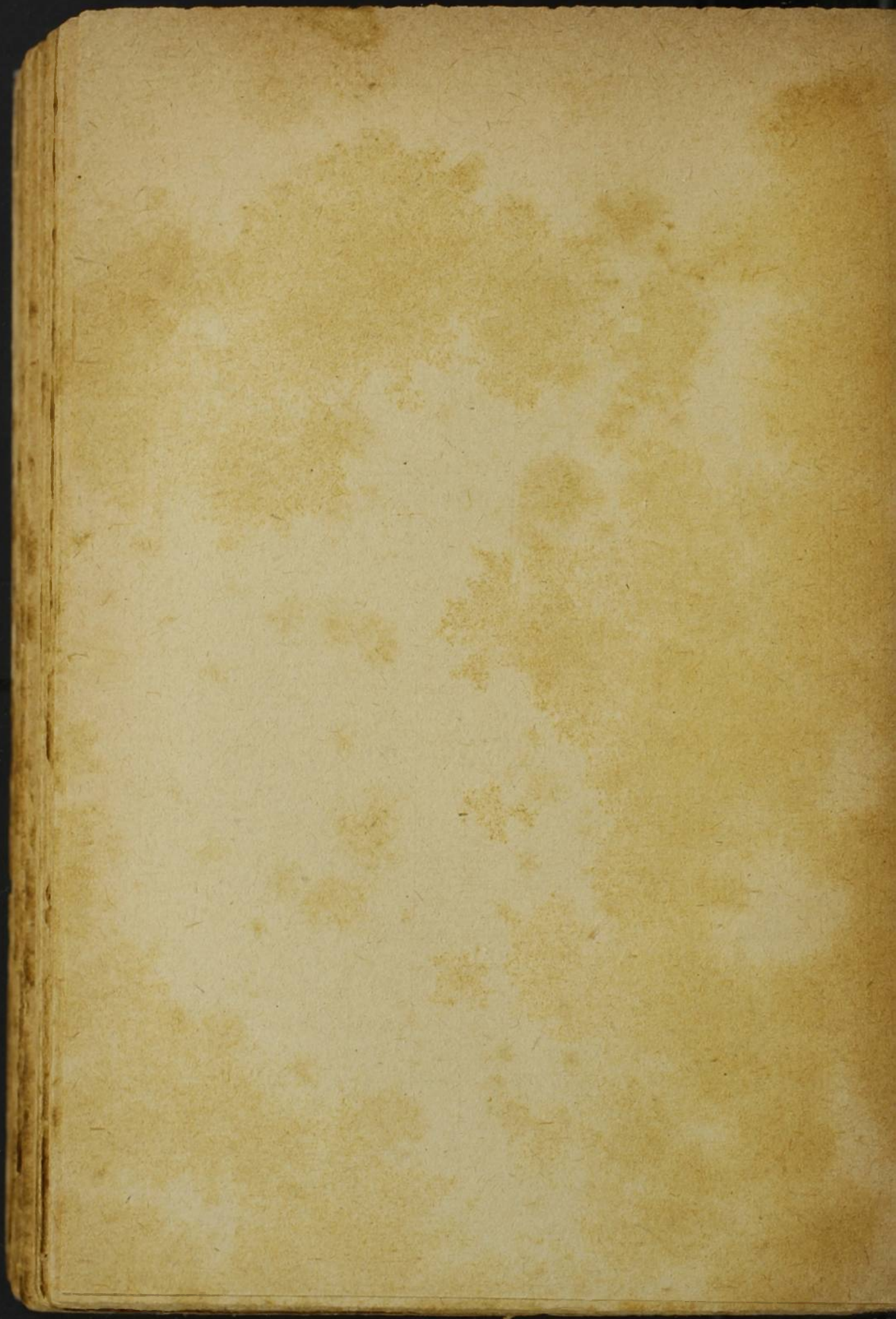
A jardineira batia a estrada larga, subindo, descendo, por entre sementeiras e paisagens. Os versos de Lorca continuaram a lhe vir à bôca:

Que se cumpla la voluntad de la tierra
Que da sus frutos para todos.

O ROMANCE PARTICIPA DA PINTURA, DO CINEMA E DO DEBATE PÚBLICO. MAIS QUE DA MUSICA QUE É SILENCIO, É RECOLHIMENTO.

"MARCO ZERO" TENDE AO AFRESCO SOCIAL. É UMA TENTATIVA DE ROMANCE MURAL.

"Marco Zero" foi iniciado em 1933. Os seus primeiros cadernos trazem essa data. O presente volume foi realizado em 1942.



★ *Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda., à rua Conde de Sarzedas, 38, S. Paulo, para a Livraria José Olympio Editora, em outubro de 1943.*

19944

*Acaba de ser publicado o
monumental trabalho de*

SILVIO ROMERO

*História da
Literatura
Brasileira*

EM SUA TERCEIRA E ÚNICA
EDIÇÃO COMPLETA

5 vols. in-8 — Com cerca de 2.000
páginas

OBRA INDISPENSÁVEL EM QUAL-
QUER BIBLIOTECA, AINDA QUE
REUNA AS EDIÇÕES ANTERIORES,
EM VIRTUDE DO ABUNDANTE E
PRECIOSO MATERIAL

(PERTO DE 1.000 PÁGINAS)
ACRESCENTADO NESTA EDIÇÃO

Dirigiu e prefaciou a publicação
definitiva desta obra — que consti-
tue a maior fonte da história literá-
ria de nossa terra e que foi incluída
na Coleção Documentos Brasileiros
— O Prof. Nelson Romero, filho do
mestre sergipano.

HISTÓRIA DA LITERATURA BRA-
SILEIRA, denominada por ARTUR ORLAN-
DO “*A catedral do pensamento brasileiro*”,
achava-se esgotada há mais de 30 anos.



LIVRARIA
JOSÉ OLYMPIO
EDITORA

Sobre Oswald de Andrade e sua obra

Sabe emocionar e sabe torturar como os russos.

Carlos Drummond de Andrade

E' o Bernard Shaw do Brasil.

Waldo Frank

Irremediavelmente poeta.

Manoel Bandeira

Moralista.

Anibal Machado

Um incendio em marcha.

Ronald de Carvalho

Tem o tumulto de Tutan-Kamen sob as areias dum aparente amadorismo.

Ribeiro Couto

Com o "Pau Brasil", marcou definitivamente uma epoca na poesia nacional.

João Ribeiro

Os "Condenados" ocupariam no Brasil uma posição analoga á que ocupa na França *Madame Bovary*. E' o fim de uma certa concepção do amor, é o ponto final de uma epoca que começa com Machado de Assis.

Roger Bastide

Os "Condenados" são o livro de uma geração.

Astrogildo Pereira

A meninada deve seguir o Oswald.

Antônio de Alcântara Machado

Dos que mais hão de marcar.

Tristão de Atayde

A prosa mais inteligente em lingua brasileira.

Vinicius de Moraes

A figura mais caraterística e dinamica do movimento modernista.

Mario de Andrade

O maior escritor brasileiro.

Jorge Amado



Livraria JOSÉ OLYMPIO *Editora*
Rua do Ouvidor, 110 — Rio de Janeiro